This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

C56.8
R45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

C56.J
R45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

TERCEIRO ANNO

TOMO DECIMO SEGUNDO

STANFORD LIBRARY

RIO DE JANEIRO
Sociedade — Revista Brazileira
31, TRAVESSA DO OUVIDOR, 31

1897

325043

ASSOMBRAMENTO

(HISTORIA DO SERTÃO)

I

A' beira do caminho das tropas, num taboleiro grande, onde cresciam a canella d'ema e o páu santo, havia uma tapéra. A velha casa assobradada, com grande escadaria de pedra levando ao alpendre, não parecia desamparada. O viandante a avistava de longe, com a capella ao lado e a cruz de pedra lavrada, ennegrecida, de braços abertos em prece contricta para o céu. Naquelle escampado onde não ria ao sol o verde escuro das matas, a côr embaçada da casa suavisava mais ainda o verde esmaiado dos campos.

E quem não fosse vaqueano naquelles sitios iria sem duvida estacar diante da grande porteira escancarada, inquirindo qual o motivo porque a gente da fazenda era tão esquiva que nem ao menos apparecia á janella quando a cabeçada da madrinha da tropa, carrilhonando á frente dos lotes, guiava os cargueiros pelo caminho afóra.

Entestando com a estrada, o largo rancho de telha, com grandes esteios de aroeira e moirões cheios de argollas de ferro, abria-se ainda distante da casa convidando o viandante a abrigar-se nelle. No chão havia ainda uma trempe de pedras com vestigios de fogo, e, d'aqui e d'acolá, no terreno acamado e liso, espojadouros de animaes vagabundos.

Muitas vezes os cargueiros das tropas, ao darem com o rancho, trotavam para lá esperançados de pouso, bufando, atropelando-se, batendo uns contra os outros as cobertas de couro crú; entravam pelo rancho a dentro, apinhavam-se, giravam impacientes á espera da descarga, até que os tocadores a pé, com as longas toalhas de crivo enfiadas no pescoço, falavam á mulada, obrigando-a a ganhar o caminho.

Porque séria que os tropeiros, ainda em risco de forçarem as marchas e aguarem a tropa, não pousavam ahi? Elles bem sabiam que á noite teriam de despertar quando as almas perdidas, em penitencia, cantassem com voz fanhosa a encommendação. Mas, o cuyabano Manuel Alves, arrieiro atrevido, não estava por essas abusões, e quiz tirar a scisma da casa mal assombrada.

Montado em sua mula queimada frontaberta, levando adestro seu macho crioulo por nome «*Fidalgo*»— dizia elle que tinha corrido todo este mundão, sem topar coisa alguma, em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressado, de medo. Havia de dormir sózinho na tapéra e ver até aonde chegavam os receios do povo.

Dito e feito.

Passando por ahi de uma vez, com sua tropa, mandou descarregar no rancho com ar decidido. E emquanto a camaradagem, meio obtusa com aquella resolução inesperada, saltava das sellas ao guizalhar das rosetas no ferro batido das esporas; e os tocadores, acudindo de cá e de lá, iam amarrando nas estacas os burros, divididos em lotes de dez, Manuel Alves, o primeiro em desmontar, quedava-se de pé, recostado a um mourão de braúna, chapéu na corôa da cabeça, cenho carregado, faca núa apparelhada de prata, cortando vagarosamente fumo para o cigarro.

Os tropeiros, em vai-vem, empilhavam as cargas resfolegando ao peso. Contra o costume, não proferiam uma jura, uma exclamação; só, ás vezes, uma palmada forte na anca de algum macho teimoso. No mais, o serviço ia-se fazendo, e o Manuel Alves continuava quieto.

As sobrecargas e os arrochos, os buçaes, a penca de ferraduras, espalhados aos montes; o surrão da ferramenta aberta e para fóra o martello, o puxavante e a bigorna; os embornaes dependurados; as bruacas abertas e o trem de cozinha em cima

de um couro; a fila de cangalhas de suadouro para o ar, á beira do rancho — denunciaram ao arrieiro que a descarga fôra feita com a ordem do costume, mostrando tambem que á rapaziada não repugnava acompanhal-o na aventura.

Então, o arrieiro percorreu a tropa, correndo o lombo dos animaes para examinar as pisaduras; mandou atalhar á sovela algumas cangalhas, assistiu á raspagem da mulada e mandou por fim encostar a tropa acolá, fóra da beira do capão, onde costumam crescer as hervas venenosas.

Dos camaradas o Venancio lhe fôra malungo de sempre. Conheciam-se a fundo, os dois tropeiros, desde o tempo em que puzeram o pé na estrada pela primeira vez, na éra da fumaça, em trinta e tres. Davam de lingua ás vezes, nos serões do pouso, um pedação de tempo, emquanto os outros tropeiros, sentados nos fardos ou estendidos sôbre os couros, faziam chorar a tyrana com a toada doida de uma cantilena saudosa.

Venancio queria puxar a conversa para as coisas da tapéra, pois viu logo que o Manuel Alves ficando ahi tramava alguma das delle.

— O macho lionanco está meio sentido da viagem, Só Manuel.

— Nem por isso. Aquelle é couro n'agua. Não é com duas distancias desta que elle afrouxa.

— Pois olhe: não dou muito para elle urrar na subida do morro.

— Este? não fale!

— Inda malhando nesses carrascos cheios de pedra, então é que elle se entrega de todo.

— Ora!

— Vossemecê bem sabe: por aqui não ha boa pastaria; acresce mais que a tropa deve andar amilhada. Nem pasto, nem milho na redondeza desta tapéra. Tudo que sairmos d'aqui, topamos logo um catingal verde. Este pouso não presta: a tropa amanhece desbarrigada, que é um Deus-nos-acuda.

— Deixe de poetagens, Venancio! Eu sei cá.

— Vossemecê póde saber, eu não duvido; mas na hora da coisa feia, quando a tropa pegar a arriar a carga pela estrada, é um vira-tem-mão, e—Venancio p'r'aqui, Venancio p'r'acolá.

Manuel deu um muxoxo. Em seguida levantou-se de um surrão onde estivera sentado durante a conversa e chegou á beira

do rancho, olhando para fóra. Cantarolou umas trovas e, voltando-se de repente para o Venancio, disse:

— Vou dormir na tapéra. Sempre quero ver si a bocca do povo fala verdade uma vez.

— Hum, hum! está hi! Eia, eia, eia!

— Não temos eia, nem peia! Puxe para fóra minha rêde.

— Já vou, patrão. Não precisa falar duas vezes.

E d'ahi a pouco veiu com a rede cuyabana bem tecida, bem rematada por longas franjas pendentes.

— Que é que vossemecê determina agora?

— Vá lá á tapéra emquanto é dia e arme a rêde na sala da frente. Emquanto isso, aqui tambem se vai cuidando no jantar.

O caldeirão preso á rabicha grugulhava ao fogo; a carne secca chiava no espeto e a camaradagem, rondando á beira do fogo, lançava ás vasilhas olhares avidos e cheios de angustias na anciosa espectativa do jantar. Um, de passagem, atiçava o fogo; outro carregava o ancorote cheio d'agua fresca; qual corria a lavar os pratos de estanho, qual indagava pressuroso si era preciso mais lenha.

Houve um momento em que o cozinheiro, atucanado com tamanha officiosidade, arremangou aos parceiros, dizendo-lhes:

— Arre! tem tempo, gente! Parece que vocês nunca viram feijão. Cuidem de seu que fazer, si não querem sair d'aqui a poder de tição de fogo!

Os camaradas se afastaram, não querendo turrar com o cozinheiro em momento assim melindroso.

Pouco depois chegava o Venancio, ainda a tempo de servir o jantar ao Manuel Alves.

Os tropeiros formavam roda, agachados, com os pratos em cima dos joelhos e comiam valentemente.

— Então? perguntou Manuel Alves ao seu malungo.

— Nada, nada, nada! Aquillo por lá, nem signal de gente.

— Uuai! é esturdio!

— E vossemecê pousa lá mesmo?

— Querendo Deus, sózinho, com a franqueira e a garrucha, que nunca me atraiçoaram.

— Sua alma, sua palma, meu patrão. Mas... é o diacho!

— Ora! pelo buraco da fechadura não entra gente, estando bem fechadas as portas. A resto, si fôr gente viva, antes della me

jantar eu hei de fazer por almoçal-a. Venancio, defuncto não levanta da cova. Você ha de saber amanhan.

— Su'alma, sua palma, eu já disse, meu patrão; mas, olhe, eu já estou velho, tenho visto muita coisa e, com a ajuda de Deus, tenho escapado de algumas. Agora, o que eu nunca quiz foi saber de negocio com sombração. Isso de coisa do outro mundo, p'r'aqui mais p'r'ali — terminou o Venancio, sublinhando a ultima frase com um gesto de quem se benze.

Manuel Alves riu-se, e, sentando-se numa albarda estendida, catou uns gravetos do chão e começou a riscar a terra, fazendo cruzinhas, traçando arabescos. . . A camaradagem, reconfortada com o jantar abundante, tagarellava e ria, bolindo de vez em quando no guampo de cachaça. Um delles ensaiava um rasgado na viola; e outro — namorado talvez — encostado ao esteio do rancho, olhava para longe, encarando a barra do céu de um vermelho enfumaçado e falando baixinho, co'a voz tremente, á sua amada distante...

II

O escampado se anoitára, e com elle o rancho e a tapéra. O rolo de cêra, ha pouco aceso e pregado ao pé-direito do rancho, fazia uma luz fumarenta. Embaixo da tripeça, o fogo estalava ainda. De longe vinham ahi morrer as vozes do sapo-cachorro, que latia, lá num brejo afastado, sobre o qual os vagalumes teciam uma trama de luz vacillante. De cá se ouvia o resfolegar da mulada, pastando espalhada pelo campo. E o sincerro da madrinha, badalando compassadamente aos movimentos do animal, sonorizava aquella grande estensão erma.

As estrellas, em divina faceirice, furtavam o brilho ás miradas dos tropeiros, que, tomados de languor, banzavam, estirados nas caronas, apoiadas as cabeças nos serigotes, com o rosto voltado para o céu.

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E pouco a pouco, todos aquelles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande patria, suffocados pelas mesmas

saudades, unificados no mesmo sentimento de amor á independencia, irmanados nas alegrias e nas dores da vida em commum, responderam em côro, cantando o estribilho. A principio, timidamente, as vozes meio veladas deixaram entre ouvir os suspiros; mas, animando-se, animando-se, a solidão foi se enchendo de melodia, foi se povoando de sons dessa musica espontanea e simples, tão barbara e tão livre de regras, onde a alma sertaneja soluça ou geme, campeia victoriosa ou ruge traiçoeira—irman gemea das vozes das féras, dos roncos da cachoeira, do murmulho suave do arroio, do gorgeio delicado das aves e do tetrico fragor das tormentas. O idyllio ou a luta, o romance ou a tragedia viveram no relevo extraordinario desses versos mutilados, dessa linguagem brutesca da tropeirada.

E, emquanto um delles rufando um sapateado, gracejava com os companheiros, lembrando os perigos da noite nesse ermo — consistorio das almas penadas — outro, o Joaquim Pampa, lá das bandas do sul, interrompendo a narração de suas proezas na campanha, quando corria á cola da bagualada girando as bolas no punho erguido, fez calar os ultimos parceiros que ainda acompanhavam nas cantilenas o cearense peitudo, gritando-lhe:

— Ché, povo! Tá chegando a hora!

O ultimo estribilho:

Deixa estar o jacaré:
A lagôa ha de seccar!

expirou maguado na bocca daquelles poucos, amantes resignados que esperavam um tempo mais feliz, onde os corações duros das morenas ingratas amollecessem para seus namorados fieis:

Deixa estar o jacaré:
A lagôa ha de seccar!

O tropeiro apaixonado, rapazinho esguio, de olhos pretos e fundos que contemplava absorto a barra do céu ao cair da tarde, estava entre estes; e quando emmudeceu a voz dos companheiros ao lado, elle concluiu a quadra com estas palavras, ditas em tom de fé profunda, como si evocasse maguas longo tempo padecidas:

Rio Preto ha de dar vau
Té p'ra cachorro passar!

— Tá chegando a hora!

— Hora de que, Joaquim?

— De apparecerem as almas perdidas. Ih! vamos acender fogueiras em roda do rancho.

Nisto, appareceu o Venancio, cortando-lhes a conversa.

— Gente! o patrão já está na tapéra, Deus permitta que nada lhe aconteça. Mas, vocês sabem: ninguem gosta deste pouso mal assombrado.

— Escute, tio Venancio. A rapaziada deve tambem vigiar a tapéra. Pois nós havemos de deixar o patrão sózinho?

— Que se ha de fazer? Elle disse que quer ver com seus olhos e havia de ir só porque assombração não apparece sinão a uma pessoa só que mostre coragem.

— O povo conta que mais de um tropeiro animoso quiz ver a coisa de perto; mas, no dia seguinte os companheiros tinham de trazer defuncto para o rancho, porque dos que dormem lá não escapa nenhum.

— Qual, homem, isso tambem, não! Quem conta um conto acrescenta um ponto; eu cá não vou me fiando muito na bocca do povo; por isso é que eu não gosto de pôr o sentido nessas coisas.

A conversa tornou-se geral e cada um contou um caso de coisa do outro mundo. O silencio e a solidão da noite, realçando as scenas fantasticas das narrações de ha pouco, filtraram nas almas dos parceiros menos corajosos um como terror pela imminencia das apparições.

E foram se amontoando a um canto do rancho, rentes uns com os outros, de armas aperradas, alguns e olhos esbugalhados para o indeciso da treva; outros, destemidos e gabolas, diziam alto:

— Cá por mim o defuncto que me tentar morre duas vezes, isto tão certo como sem duvida — e espreguiçavam-se nos couros estendidos, bocejando de somno.

Subito, ouviu-se um gemido agudo, fortissimo, atroando os ares como o ultimo grito de um animal ferido de morte.

Os tropeiros pularam dos lugares, precipitando-se confusamente para a beira do rancho.

REVISTA

BRAZILEIRA

A statica social resume-se no duplo pensamento da independencia e do concurso. Mas, este concurso, que caracteriza os seres vivos, se assignala em Sociologia não tanto no espaço, quanto no tempo. E, quer sob um, quer sob outro aspecto, a magestade do espectaculo humano, que tanto deslumbrou o philosopho,[1] que, mais do que nenhum outro, poude contel-o em suas meditações, se nos depara no livro de Spencer amesquinhado, nos estreitos limites dos movimentos de um qualquer protozoario.

O materialismo não podia exibir-se em maior estreiteza, do que fal-o no livro de Spencer. A preoccupação do escriptor é toda ella concreta; subordina o estudo do mais complexo dos phenomenos á mera descripção dos seres, fugindo assim á difficuldade em abstrair em assumptos, que demandam vistas de elevado descortino. O organismo social reduz-se assim a nucleos differentes e discontinuos, qual a serie hierarchica dos entes zoologicos.

Quer se admitta a hypothese de um só nucleo social, quer a de muitos, de que se componha a humanidade, não altera a Sociologia os seus ideaes. Cabe-lhe desvendar as relações de coexistencia ou de successão entre os factos da collectividade. Mas, para isso, ella tinha de assentar no campo dos phenomenos, os seus arraiaes de observação.

E' mister, pois, respeitar-lhe a autonomia das inducções, as quaes só poderiam ser apanhadas na contemplação da propria historia da humanidade.

O materialismo, desconhecendo a independencia inductiva dos phenomenos, quanto exagerando-lhes a subordinação deductiva, tenta explicar factos mais nobres pelos de ordem mais grosseira. Emquanto o espirito humano conquistava os dominios inferiores da ordem universal, claro é que se devesse chocar a realidade ambicionada, com a dignidade irreductivel. Para que a philosophia abrangesse num só ponto de vista o saber abstracto, foi inevitavel que o materialismo fundasse a arrojada synthese objectiva, unificando a sciencia mediante phenomenos de ordem inferior, como sejam os da fórma e do movimento.

A necessidade philosophica de liames, quando os que o catholicismo estatuira já se desfaziam, a tendencia scientifica ao descortino

---

[1] Augusto Comte.

da realidade, determinavam o momento historico para as vistas ousadas de Descartes. O desenvolvimento mesmo da sciencia, porém, a partir de Newton, já vinha decepcionando essa synthese, quando em prol da dignidade dos phenomenos superiores a mesma metaphysica protestava. A's tentativas mecanicas de Boerhaave, por exemplo, em Biologia, oppunham-se com resistencia as concepções espiritualisticas de Stahl.

Essas pretenções, porém, que a própria evolução despertava, caem hoje por impertinentes, desde que o espirito scientifico alastrou-se pelos dominios superiores do mundo real.

A synthese objectiva, que ainda hoje se debate em discussões inuteis, disfarçada sob o rotulo de monismo, é tão van, quanto despida de originalidade. Velha e estafada metaphysica, ella apenas consagra o exterminio de todo labor inductivo da humanidade. E, si é dado a qualquer das sciencias inferiores explicar pelas suas leis, as que lhe pairam acima, seja por exemplo a Biologia, quanto á Sociologia e á Moral, justo era conceder iguaes direitos á Chimica, e, assim por diante, até o materialismo algebrico, o mais legitimo, havendo-se firmado que toda a noção de qualidade é convertivel na de quantidade. E, si admittissemos mesmo que um grupo de leis inferiores fosse applicavel á todos os phenomenos, pondo de lado a differença de complexidade, a impossibilidade de deduzir sempre, tornariamos inevitavel, mesmo como base de realidade para essas applicações, o estudo irreductivel de cada ordem de factos.

A sciencia não visa reduzir phenomenos; ella descobre-lhes as relações, as leis. E' na previsão que consiste o ideal scientifico, em cuja limpidez se nos reflecte o mundo, que nos cerca. O que o sabio busca é esse accordo entre uma previsão interna e um resultado exterior, a um tempo, submissão e orgulho do nosso cerebro. A sciencia, portanto, resume em sua constituição mesma o dualismo fundamental entre o mundo e o homem, consequencia das fatalidades logicas, que regem o nosso cerebro.

Toda a noção encerra duas realidades: uma *objectiva* e outra *subjectiva*; o espectaculo e o espectador, d'onde o relativismo dos nossos conhecimentos. A posse, porém, absoluta da realidade é um sonho ontologico: nos aproximarmos della tanto quanto baste ás nossas necessidades de toda a ordem, é tudo o que possamos aspirar.

Fica assim ao nosso cerebro, nesse espaço que póde mediar entre a realidade e a concepção, uma certa liberdade, a qual lhe permitte não só os artificios logicos, de que a sciencia se utiliza, mais ainda, as engenhosas fantasias, com que nos encanta a poesia. Toda a elaboração mental traduz um resultado da organização cerebral, peculiar a nossa especie. Si o exterior fornece-nos os materiaes, só o interior póde enfeixal-os, modelando-lhes a fórma. As sciencias soffrem assim a reacção da nossa constituição moral, como supremo arbitro dos seus elevados destinos. E os conhecimentos colhidos nas que são inferiores, vêm fundir-se no regaço da que desvenda as leis que regem o ser que as elabora.

E' o subjectivismo relativo o que caracteriza a san philosophia moderna.

O absolutismo individual desfaz-se no relativismo collectivo. Esse immenso resultado só podia advir da conquista do homem social e moral pela sciencia. Banindo, pois, as pretenções do objectivismo materialista, tão absoluto quanto a propria theologia, fica assente que toda a sciencia provém: 1°, das bases deductivas, preparadas pelo que lhe é inferior; 2°, das inducções, que lhe são proprias.

Scindida assim a ordem universal em inorganica e organica, cabem os conhecimentos abstractos dentro de dois grandes compartimentos: a Cosmologia e a Sociologia, dando-se a esta a Biologia como preambulo, e por destino a Moral. O espirito scientifico penetrou por methodos diversos nesses dois dominios.

Quanto ao primeiro, o homem, parte minima em meio do espectaculo universal, não abrangeu o conjunto, partiu das partes para o todo, o methodo foi essencialmente analytico; quanto ao segundo, é o opposto que prepondera; o homem, em sua unidade, é o objectivo; o methodo é synthetico. São as grandes faces que se impõem nas sciencias organicas, ás quaes serão talvez vedados insignificantes detalhes.

A Biologia fundou-se no estudo das relações geraes, entre os diversos seres, e entre orgãos e funcções dos organismos, a despeito do muito por fazer, quanto ás relações mais especiaes, anatomo-physiologicas. A noção do ser vivo é concreta. A vista do conjunto preside a procedencia da analyse, que tende sempre a preparar uma recomposição melhor. Esse modo synthetico de ver se mostra melhor ainda em Sociologia em que as contemplações do

phenomeno historico em seus grandes aspectos, poderia só dispor o espirito á pesquiza de leis relativas aos factos de natureza mais especial. Póde-se, entretanto, affirmar que as sciencias da natureza viva ainda não se acham bem assimiladas mesmo por espiritos que se julgam emancipados.

A Biologia mesma reduz-se ainda ao conjunto da historia natural dos seres vegetaes e animaes, pezar do quanto se lhe tem tentado adornar o aspecto, mediante hypotheses imaginosas, e uma vasta giria. Esse espirito vulgar, que assim cogita da sciencia da vida, ainda não apanhou a noção de lei levada á esses dominios; o estudo dos phenomenos considerados em um ser qualquer.

A fundação da Biologia abstracta importou em duas operações fundamentaes:

1.ª Estatuir as relações geraes entre os phenomenos vegetaes e animaes. Estas resumem-se no luminoso dualismo de Bichat: a vida vegetativa e a vida animal; uma mais simples, mais geral, commum a todos os seres; outra mais complexa, mais especial, peculiar aos seres animaes. Completa-se este esboço physiologico pela concepção anatomica da decomposição dos orgãos em tecidos, estreitadas assim ainda mais as relações entre actos e agentes.

2.ª Levar as relações entre orgãos e funcções aos actos psychicos.

Assim concebida, a Biologia garante-nos a base objectiva indispensavel para o estudo da ordem social.

Essa dependencia entra na fatalidade universal que, por toda parte, submette o que é mais nobre ao mais grosseiro. Tomando, porém, as coisas pelo lado subjectivo, cabe ao mais digno reagir sobre o inferior, regulando-o. No organismo individual, por exemplo, si a vida vegetativa é a base da existencia espiritual do homem, compete a esta regular a primeira, pela intelligencia e o sentimento, adaptando-a á nobreza dos nossos destinos.

E' da Sociologia que emana o verdadeiro espirito systematizador da Biologia. Apanhadas assim essas relações, infere-se que as leis sociologicas não podem ser deduzidas das que regem o organismo individual.

Verdade é que as condições staticas da sociedade derivam da natureza dos seres. Mas, a mera physiologia bastaria, quando muito, para esclarecer os factos collectivos, inherentes aos animaes

inferiores, mesmo da classe dos mammiferos. Esse tentamen, porém, fallece diante da complexidade humana. Reduzir o homem social, sobre o qual pesam as camadas historicas, a um resultado directo de sua natureza physiologica, seria tentativa identica, e muito mais inexequivel ainda, a de aceitar a phase extrema do desenvolvimento individual, como sequencia directa do estado inicial, abrindo mão das phases intermediarias. Entre o homem biologico e o homem social interpõe-se a humanidade.

E os sociologos materialistas, na impossibilidade sentida de deduzir a evolução social das condições physiologicos fundamentaes, fazem ainda preponderarem os dados secundarios, taes sejam os caracteres nacionaes, fruto elles mesmos do grau de civilização; ou então fazem da estreita noção de raça o centro capital de suas explicações faceis. E' mister sentir profundamente que o homem é mais forte no tempo do que no espaço. Os embaraços objectivos á regularidade da ordem humana, segundo resai dos ensinamentos de Augusto Comte, vão-se eliminando ante a acção tacita e magestosa do passado.

As differenças de climas, de raças se apagam sob as camadas seculares, nas quaes se firma cada vez mais a irrevogabilidade do imperio da morte. A mesma acção individual, como a dos estadistas, retardando ou accelerando a evolução, vai perdendo de intensidade na razão directa da força reguladora dos mortos; desfaz-se melhor nos resultados collectivos do tempo.

A Sociologia é, portanto, uma sciencia independente; e só ella enfeixa os destinos das elaborações abstractas, que a precederam.

A verdadeira arte, como a verdadeira sciencia do homem, é o proprio homem. Todo o progresso tende em sua resultante ideal para o nosso aperfeiçoamento moral. A noção de progresso se nos antolha assim mais subjectiva do que mesmo a de ordem.

Como esta, elle tambem refere-se ao mundo e a nós mesmos: as modificações comportaveis pela nossa constituição e a nossa situação: a *industria do homem, e a do mundo*. Comprehende-se, porém, que aquella domina esta, que aperfeiçoar o agente, reverte em melhorar todos os seus actos. Fóra do relativismo humano, toda a modificação na ordem exterior, redunda em simples mudança.

O que para nós é progresso, torna-se em grave perturbação para outras especies. A sabedoria humana desenvolve a ordem universal ao imperio de nossas necessidades: physicas, intellectuaes e moraes.

Tomando ainda a evolução como resultante das modificações expontaneas, que no tempo a ordem social experimenta, as leis que a regem, é claro, são subjectivas.

A Sociologia perscruta no tempo a evolução da intelligencia, da actividade e do sentimento. Todas as modificações que se passam na trajectoria humana resumem-se no modo de interpretar a ordem universal (explicar o mundo e o homem); no modo de agir sobre esta ordem, subordinada essa dupla evolução ás tendencias moraes de nossa especie.

O naturalismo metaphysico, porém, transportou essa noção relativa de evolução para o mundo exterior, tornando-a assim absoluta.—E' o dogma da creação que no fundo impera nessa doutrina, por mais que os seus sectarios procurem-n'a disfarçar mediante o titulo pomposo de *Naturalismo evolucionista*. Resurge o optimismo absoluto nessa parodia do theologismo, em que a natureza substitue Deus.

A selecção natural surge desde então uma sorte de expressão cabalistica entre os alchimistas da historia natural, perscrutadores dos mysterios da natureza viva.

O materialismo transformista enxerga um factor capital de evolução nesse labor lento, pelo qual a natureza prepara o ganho de causa a uns seres sobre outros, na luta pela vida: seria uma selecção identica ás que o homem realiza das raças que elle cruza, mediante modificações artificiaes. Neste caso, porém, dá-se de facto uma selecção; mas esta, dirigida na linha dos interesses humanos: é selecção para o homem, ao passo que as especies, que lhe são submettidas, soffrem as mais das vezes perturbações graves em sua natureza fundamental, quer quanto a existencia individual, quer quanto á successiva ou procreativa. [1]

Os naturalistas, armados assim de chave para tudo decifrar, pretendem tudo explicar na natureza: porque um passaro tem a aza azul, porque um outro animal tem cornos, etc. — Herbert Spencer

---

[1] V. Blanchard, *La vie des êtres animés*.

discutindo ainda a insufficiencia dessa pretensa selecção, se nos antolha um vulgar metaphysico. O escriptor inglez inda prefere em alguns casos á *selecção*, que é remedio para outros, as modificações das structuras resultantes das modificações das funcções; os dois factores se debatem. [1]

Um caso para o qual a selecção seria sufficiente é, por exemplo, um dos phenomenos a que se dá o nome de mimetismo. A natureza por exemplo adorna um ser com as roupagens que o confundam com o meio, furtando-o assim ás vistas dos que o procurem devorar. Seja um coleoptero; a natureza levou o seu capricho a confundil-o com uma gota de orvalho. Mas, succede que o gosto humano se desperta, pela nossa tendencia idealizadora, diante do quadro (porque essa relação entre o insecto e a gota de orvalho somos nós quem estabelece) e o animal é colhido e sacrificado. A qualidade que o devia proteger entrega-o ao inimigo, do qual a natureza não cogitou: é sempre o homem a fazer-lhe concurrencia, intelligente de mais para deixar-se illudir por ella.

Para alguns naturalistas, segundo lemos algures (e si não nos falha a memoria foi no livro de Romanes: «Intelligencia dos animaes») Darwin com a selecção natural—constituiu-se o Newton da Biologia. E' difficil, sinão impossivel, perscrutar nesses espiritos o que se deve entender por — *explicar* no sentido philosophico do termo.

O fim da sciencia é prever: prever e explicar, é, no fundo uma e mesma coisa; quer um, quer outro caso consiste em ligar, si bem que as leis de harmonia se prestem melhor a explicar, e as de successão a prever; quer um, quer outro caso consiste em dar entrada a um phenomeno qualquer numa lei mais geral. Prever, convem á qualquer das phases da continuidade, pois, cabe-nos aqui perceber um phenomeno, independente de sua exploração directa, mediante relações com outros já conhecidos.

---

[1] A modificação de structura pela funcção funda-se na lei do exercicio. Esta, porém, tem limites que o Lamarkismo desconheceu; assim como imaginou necessidades creando faculdades, em vez de excital-as, quando a organização primitiva o permitte; necessidades, sem tendencias primordiaes. Apezar disso, que relações pode-se estabelecer entre a lei do exercicio e a selecção? O Darwinismo não passa portanto do Lamarkismo, apenas mais metaphysico — sem a justificativa nem o merecimento do illustre autor da hypothese.

Foi o que succedeu pela assimilação da lei do peso á da gravitação universal.[1] Mas é mister deixar firmado que, assim como nem sempre é dado prever, não nos é permittido tudo explicar; e si o nosso cerebro ultrapassa os limites, que nos deve traçar uma submissão digna, despenha-se fatalmente no abysmo do incognoscivel, no mundo das causas, no optimismo theologico.

Os trabalhos de Lamarck estabeleceram as relações entre a expontaneidade dos seres vivos e as fatalidades do meio. A modificabilidade vital exagerou-se de facto no espirito do illustre naturalista, donde a concepção transformista.

Todo o ser vivo póde de facto experimentar modificações nos limites da sua resistencia normal; toda a existencia portanto suppõe um equilibrio entre o organismo e as condições do meio; restabelecer este equilibrio sempre que um ser se encontra cercado de circumstancias novas, mediante modificações organicas, é em que consiste a adaptação. A theoria das raças de Blainville funda-se nessas relações: differenças vitaes devidas a influencias locaes, lentamente accumuladas pela herança, até o maximo correspondente de variação organica.

Essa modificabilidade, porém, que augmenta, na razão directa da complexidade dos seres, encontra limites, transpostos os quaes o ente succumbe.

O principio relativo das condições de existencia, transformação logica do dogma absoluto das causas finaes, o qual resurgiu num tom metaphysico sob a expressão de *determinismo* (Cl. Bernard), acha-se assim systematizado, após os estudos da Lamarck e de Blainville e os trabalhos philosophicos de A. Comte.

Foi dentro do absolutismo da doutrina evolucionista—que a progressão dos seres zoologicos na escala hierarchica foi transformada

---

[1] O proprio Darwin fluctuando entre os limites de variação que comporta o espirito metaphysico, segundo se aproxima mais da theologia ou do estado positivo, dá a selecção natural, ora como força intelligente, ora como sendo a natureza producto e acção combinados de muitas leis naturaes, isto é, como termo abstracto, representando phenomenos, *cujas leis são desconhecidas*.

Dada porém a confiança com que os naturalistas empregam-na, é claro que o que domina nelles é o conceito theologico. Compare-se com a gravitação. (V. Darwin, *Variação das plantas e dos animaes*; Spencer, *Principios de Moral e de Sociologia*.

de simples instrumento logico, abstracção commoda para facilitar a especulação, em lei objectiva, real.

Classificar é por toda a parte um processo identico: em Geometria ou em Biologia. Esta sciencia, porém, abre ao methodo natural horisontes, como nenhum outro dominio especulativo. Além da reunião dos seres em grupos naturaes, se permitte aqui, como suprema tendencia, collocal-os em série hierarchica, em direcção ao typo humano, não só os casos conhecidos, como tambem os possiveis. Prendendo assim relações e analogias, chega-se a destacar as propriedades anatomo-physiologicas dos organismos, mas só com relação aos que o seguem, e como tambem aos que os precedem.

Expressão philosophica da Sciencia, a classificação não poderia ser mais absoluta do que ella. Na hierarchia—objectivamente considerada—Herbert Spencer collocou a Sociedade. Não se sabe ao certo em que grau da escala, por isso que elle descobre analogias e semelhanças entre o organismo social e os zoologicos de qualquer região da série, conforme as difficuldades em que se debate. Certo é porém que o sociologo inglez vê na humanidade uma multidão de nucleos, no tempo e no espaço, em série identica á biologica desde o protozoario Bueshmen, por exemplo, até o vertebrado inglez, ou antes, a Inglaterra com Camara dos Communs e caminhos de ferro e os fios telegraphicos: cerebro, arterias e nervos!

Dr. Paula Lopes

(*Continúa*)

A ESCOLA DOS MARIDOS

COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO, DE MOLIÈRE.

Traducção representada no Rio de Janeiro e em Lisboa.

PERSONAGENS

SGANARELLO, ARISTO — irmãos.
ISABEL, LEONOR — irmãs.
LISETTE, ama de Leonor.
VALERIO, namorado de Isabel.
ERGASTO, criado de Valerio.
UM COMMISSARIO.
UM NOTARIO.

A scena passa-se em Paris.

ACTO SEGUNDO

SCENA VIII

SGANARELLO, ERGASTO, VALERIO.

Sganarello (que se julga só).

Por este decreto real
Dos vestuarios interdito
Acha-se o luxo. Bemdito
Seja tão justo edital!
Alliviados os maridos
Ficarão por este meio
Que das mulheres um freio
Põe aos constantes pedidos.

Veja a *Revista* de 15 de agosto e 1 de setembro.

Lavrou dois tentos o rei;
Nunca lhe dôam as mãos:
Mas para nós, cidadãos,
Melhor seria esta lei,
Si, além da tafularia,
Rigorosa prohibisse
O namoro e a peraltice
Que reinam tanto hoje em dia.
Eu comprei um exemplar
Deste edital de mão cheia,
Para que a Isabel o leia
E o possa até decorar.
Em terminando a costura,
O nosso entretenimento
Será deste documento
A proveitosa leitura.

(Vendo Valerio).

Olá, senhor moço louro,
Depois de lição tão grande,
Duvido ás vizinhas mande
Novas cartas de namoro!
Ao discernimento alheia
Julgou me fosse a pupilla,
E que pudesse embail-a
Com quatro lerias e meia...
Mas da carta e do regalo
O caso que a Isabel fez
Deve, creio, de uma vez
Por todas desenganal-o.
Ella me ama, e nada esfria
Inclinação tão sensata.
Noutra porta, amigo, bata;
Pregue noutra freguezia.

Valerio.

Diz bem, meu caro senhor;
E tantas e tão reaes
Vantagens não fazem mais
Que arrefecer este amor.
Eu faço um triste papel,
Papel de doido estupendo,

Si lhe disputar pretendo
O coração de Isabel.

Sganarello.

Inda bem que o reconhece.

Valerio.

E, creia, não ousaria
Com tanta... tanta energia
Disputar-lh'o, si soubesse
Que o meu coração sensivel
Teria em sua pessoa,
Não um concurrente á tôa,
Mas um emulo temivel.

Sganarello.

Acredito.

Valerio.

Agóra, nem
Mesmo espero um doce olhar,
E cedo-lhe o meu lugar
Sem um queixume.

Sganarello.

Faz bem.

Valerio.

Cumpro da sorte as vontades.
Demais a mais, o senhor
(Não é fazer-lhe favor)
Tem tão bellas qualidades,
Que, juro, não me amofina,
Mas dá-me satisfação
A delicada affeição
Que lhe consagra a menina.

Sganarello.

Percebo.

Valerio.

Deixo-lhe a praça;
Mas imploro-lhe, submisso,
Um derradeiro serviço
Que me suavise a desgraça.

Peço-lhe diga a Isabel
Que, si ha mezes no meu peito
Palpita por seu respeito
Coração terno e fiel,
Jamais houve amor tão puro,
E nunca em lembrança teve
Coisa que mesmo de leve,
Pudesse offendel-a, juro!

Sganarello.

Vá lá.

Valerio.

Que, se dependesse
Do meu alvedrio, esposo
Solicito e carinhoso
Em mim acharia.

Sganarello.

Vê-se.

Valerio.

Já que o senhor teve o dom
De captival-a, que faço?
Cedo a tamanho embaraço,
E desappareço.

Sganarello.

Bom.

Valerio.

Mas que não julgue um momento,
Nem por sombras, que os seus tantos
E tão divinos encantos
Saiam do meu pensamento,
Pois, seja qual fôr a sorte
Que Deus me dê neste mundo,
O meu amor casto e fundo
Só terminará co'a morte.
E si, apezar desse amor,
Renuncio a seduzil-a,
E' que amo tanto a pupilla
Como venero o tutor.

Sganarello.

Falou assisadamente,
E eu vou d'aqui direitinho
Dar-lhe o recado, vizinho,
Que é respeitoso e innocente;
Mas, si quer viver em paz,
Faça o que eu digo, e agradeça:
Tire, afinal, da cabeça
Tão absurdo fataeaz.
— Adeus.

Ergasto (a Valerio).

Oh, que paspalhão!

SCENA IX

Sganarello.

Coitado, pobre coitado
Não tem cura o desgraçado:
E' todo amor e paixão!
Mas quem lhe mandou, emfim,
Tentar, com tanta affoiteza,
Tomar uma fortaleza
Já conquistada por mim?

SCENA X

SGANARELLO, ISABEL.

Sganarello.

Jamais houve namorado
Que ficasse tão sentido
Por ver assim devolvido
Objecto á bella mandado.
Não ha palavra que pinte
A magua que elle sentiu...
Quasi a chorar me pediu
Te repetisse o seguinte
Apaixonado aranzel:
Que si ha mezes no seu peito
Palpita por teu respeito
Coração terno e fiel,

Jamais houve amor tão puro,
Pois nunca em lembrança teve
Coisa que, mesmo de leve,
Te offenda, e acrescentou: « Juro ».
Disse mais: si dependesse
Do seu alvedrio, esposo
Solicito e carinhoso
Nelle acháras; reconhece
Que eu te captivei, e, á vista
Desse tamanho embaraço,
Não quer dar nem mais um passo
E renuncia á conquista.
Mas não julgues um momento
(Por elle falo) que tantos
E tão divinos encantos
Saiam do seu pensamento,
Pois, seja qual fôr a sorte
Que Deus lhe dê neste mundo,
O seu amor casto e fundo
Só terminará co'a morte.
E si, apezar desse amor,
Te deixa ficar tranquilla,
E' que ama tanto a pupilla
Como venera o tutor.
Ora ahi tens o que lhe ouvi.
Coitado! até já o estimo!
E' moço honesto. Lastimo
Se apaixonasse por ti.

Isabel (á parte).

Do meu peito as pulsações
Não me enganavam, bem vejo;
Elle tem puro o desejo,
E as melhores intenções.

Sganarello.

Que dizes?

Isabel

Digo-lhe: E' feio.
Que o meu noivo assim defenda
Um seductor sem emenda,
Um homem que eu tanto odeio!

Si sou devêras amada,
Comprehenda esse parvalhão
Que tanta perseguição
Me escandaliza e me enfada.

Sganarello.

Mas si o misero ignorava
O amor que tu me protestas
E as intenções mais honestas
No coração incubava?

Isabel

Ora quero que me diga...
Faça favor de o dizer:
E' honesto acaso querer
Raptar uma rapariga?
E' honesto — diga! responda! —
Andar tecendo os pausinhos
Para arrancar-me aos carinhos
Do meu noivo? Que hedionda
Seria a minha existencia,
Si a supportal-a obrigada
Eu fosse, após consummada,
Tanta e tão negra impudencia!

Sganarello.

Oh! pois elle...

Isabel.

E' bom saber,
Senhor, que esse mentecapto
Premedita por um rapto
Arrancar-me ao seu poder!
Não sei por que bruxarias
Veiu elle ao conhecimento
De que o nosso casamento
Se fará por estes dias.

Sganarello.

Esta agora!

Isabel.

Eu, que sou eu,
Só hontem soube da data,
Porque noticia tão grata
Hontem, só hontem, m'a deu
Vossa mercê. Impedir
Pretende (a tudo se atreve!)
Esse consorcio, que deve
As nossas almas unir.

Sganarello.

Curas por informações...

Isabel.

Repita: o senhor Valerio
E' tão honesto, é tão sério...
Tem tão puras intenções...

Sganarello.

Acho uma coisa exquisita
Tamanha deslealdade!

Isabel.

Essa longaminidade
O atrevimento lhe incita.
Eu tenho que, si inda agora
Lhe houvesse roncado grosso,
Não veriamos o moço
Pôr as manguinhas de fóra.
Depois de se lhe entregar
A regeitada cartinha,
Elle disse a alguem que tinha
A intenção de me tirar
De casa. E está convencido
Aquelle grande idiota
De que o affecto que me vota
E' por mim correspondido;
Que imploro ao céu de mãos postas
A nossa união desfaça,
Desejando ver — tem graça! —
Vossa mercê pelas costas.

Quando presentes os dois
Elle — pudera! — disfarça,
E representa uma farça,
Rindo á socapa depois.
Tem labias, tem, porque, em summa,
Convence-o quanto elle diz.
Que mulher mais infeliz
Ha neste mundo? Nenhuma!
Por ser honrada e discreta
Faço tudo quanto posso,
E é livrar-me do tal moço
A minha mira secreta;
Mas da virtude os dictames
Em vão escuto e medito:
Dos Valerios não evito
Os artificios infames!

Sganarello.

Nada tens que recelar!

Isabel.

Energicas providencias
Contra taes impertinencias
Deve o meu noivo tomar;
Porque si, immediatamente,
Embora a violencia empregue,
Libertar-me não consegue
Daquelle grande insolente,
Desappareço d'aqui,
Sem lagrimas, sem lamurias,
Pois, meu senhor, para injurias
Bastam quantas recebi.

Sganarello.

Querido amor, não te afflijas!
Vou soltar a taramella!
Ha de ouvir boas aquella
Vergonha dos sevandijas!

Isabel.

Diga a esse homem abjecto
Que com patranhas não conte,
Porque eu sei de boa fonte
Do seu ignobil projecto.
Que novas astucias arme!
Leval-o-emos de vencida!
Pois que já estou precavida,
Duvido possa raptar-me.
São preciosos os momentos:
Convém não perder nenhum;
Saiba o tratante um por um
Quaes são os meus sentimentos!

Sganarello.

Bom!

Isabel.

E si elle não quer ser
A causa de uma desgraça,
Duas vezes não me faça
A mesma coisa dizer!

Sganarello.

Deixa-o commigo. Vai... vai...

Isabel.

Saiba, para seu castigo,
Que tudo quanto lhe digo,
Tudo d'aqui dentro sai,
E não dos labios sómente.

Sganarello.

Bom; podes ir descançada:
Não me esquecerei de nada.

Isabel.

Vou esperal-o impaciente.
Não se demore. Bem sabe
Que um momento em que o não veja,
Por mais rapido que seja,
Me faz soffrer. Não se gabe.

Sganarello.

Podes ir, meu cherubim.
Vais ver que não me demoro.

SCENA X

Sganarello.

Deus de bondade, eu te imploro
Que m'a conserves assim!
Dentro em meu peito se grava
A memoria deste dia!
Eis a mulher que eu queria!
Eis a esposa que eu sonhava!
Assim deviam ser todas;
Mas aqui o mulherio
E' leviano e vadio,
Não tem juizo, — umas dondas
Que em logares concorridos
Fazem, mais tarde ou mais cedo,
Ser apontados a dedo
Os seus honestos maridos!

(Vai bater a porta de Valerio)

SCENA XI

VALERIO, SGANARELLO, ERGASTO.

Sganarello.

Fazedor de falcatruas
De amor, appareça!

Valerio.

Olá!
O que o traz de novo cá,
Meu amigo?

Sganarello.

Asneiras suas.

Valerio.

Minhas?

Sganarello.

O senhor Valerio
Muito bem sabe ao que alludo.
Julgava-o joven sisudo,
Mas vejo: não tem criterio.
Quando está na minha frente
Mostra bom senso e reserva;
Dando-me as costas, conserva
Uma esperança latente;
Ser brando e suasorio eu quiz;
Mas deste modo a mostarda,
Meu caro senhor, não tarda
A me chegar ao nariz!
O amigo não se envergonha,
Sendo mancebo educado,
De haver mentido, e mostrado
Nesta questão tanta ronha?
Tirar de casa pretende
Uma menina solteira!
Não vê que desta maneira,
Sendo ella uma noiva, offende
A Deus?

Valerio.

Quem na cachimonia
Lhe metteu essa tolice?

Sganarello.

A Isabel tudo me disse.
Negue! vá! sem cerimonia!
Ella lembrar-lhe mandou,
E o faço com toda a calma,
Que o eleito de sua alma
Quem era já lhe mostrou.
O projecto — coitadinha! —
De raptal-a estomagou-a!
Ella prefere uma boa
Morte a deixar de ser minha!

Isto acaba muito mal,
Nós perdemos a paciencia,
Si tamanha impertinencia
Não tem um ponto final!

Valerio.

Se é certo haver ella dito
Quanto aos seus labios acode,
Nada mais esperar póde
O meu affecto maldito!
Tudo... tudo terminou...
Isabel que lhe pertença,
Porque eu respeito a sentença
Que ella contra mim lavrou.

Sganarello

Na sua cara adivinho
Que convencido não está;
A propria Isabel virá
Desenganar o vizinho.
Vou chamar minha pupilla
E o senhor verá ou não
Si acaso o seu coração
Entre nós ambos vacilla.

SCENA XII

ISABEL, SGANARELLO, VALERIO, ERGASTO.

Isabel.

A' minha presença o trouxe?!
Mas com que intenções o fez?
Quer desculpal-o talvez...
Ou — quem sabe? — talvez fosse
Para que, emfim, nós possamos
Galantear á vontade,
Tendo toda a liberdade
De dizer que nos amamos!

Sgnarello.

Não é isso, Isabelinha:
Este senhor namorado
Presume que o teu recado
Foi todo de invenção minha.
Julga esta alminha vaidosa
Que por esperteza minto,
Si meiga por mim te pinto
E por elle desdenhosa.
Porém tu mesma a castanha
Has de quebrar-lhe na bocca,
Destruindo a illusão louca
Que ha tanto tempo o acompanha.

Isabel.

Tantos esclarecimentos
Têm se lhe dado a fartar,
E o senhor finge ignorar
Quaes são os meus sentimentos!

Valerio.

Tudo quanto o seu tutor
Me disse, por seu mandado,
Meu espirito maguado
Encheu de surpreza e dor;
Duvidei, vaidoso embora,
Daquelle aresto supremo
Que do meu amor extremo
Decide, minha senhora.
Causou-me tanto interesse
E mal tamanho me fez,
Que ouvil-o mais uma vez
E' natural pretendesse.

Isabel.

O aresto, que tanto o opprime,
Não devia surpreendel-o,
Pois de uma noiva modelo
Os sentimentos exprime;
E é tal e tão grande a sua
Justiça, que, sem maldade,
Vou neste instante a verdade
Expor-lhe aqui nua e crua.

Que o senhor saiba desejo,
E espero que se convença:
Aqui, na minha presença
Dois individuos eu vejo;
De sentimentos distinctos
São elles ambos origem,
E do meu peito dirigem
Desencontrados instinctos.
Um delles, terno, solicito,
Dos sonhos meus doce objecto,
Inspirar-me soube o affecto
Mais carinhoso e mais licito.
O outro, ai! coitado! em troca
De uma importuna affeição,
Tem toda a minha aversão
E os meus rancores provoca.
A presença do primeiro
Feliz, alegre me torna,
E de sorrisos me adorna
O coração prazenteiro;
Mas o segundo... o segundo,
Si acaso o vejo, me inspira
De horror — que digo! — de ira
Um sentimento profundo!
Ver-me ao primeiro ligada,
Eis o meu sonho querido;
Ter no segundo um marido?
Antes morta e sepultada!
Já mostrei aos dois galantes
Meus sentimentos quaes são;
Desta horrenda situação
Devo sair e quanto antes;
Vendo as coisas neste pé,
E' de urgencia que o amado,
Pondo nisto o seu cuidado,
Desengane ao que o não é;
E que um ditoso hymineu
Me descaptive, afinal,
Deste tormento mortal
Que nunca ninguem soffrea!

Sganarello.

Descança, que, desta feita,
Te descaptivas.

Isabel.

Eu creio:
E por esse unico meio
Posso ficar satisfeita.

Sganarello.

Satisfeita has de ficar.

Isabel.

Bem sei que não é decente
Uma donzella o que sente
Com tal franqueza explicar...

Sganarello.

Ora qual!

Isabel.

Porém... á vista
De tantas contrariedades,
Por tomar taes liberdades
Não posso ficar malquista.
Não me faz enrubecer
Que eu estas coisas revele
Dos dois presentes áquelle
Que meu marido vai ser.

Sganarello.

Que juizinho ella tem!
Eu sou devéras ditoso!

Isabel.

Trate o meu futuro esposo
De provar que me quer bem.

Sganarello.

Quero estreitar-te nos braços!

Isabel.

E o hymineu se conclua,
Que em breve minha alma á sua
Deve unir em doces laços!

Apraza-lhe receber
Neste ditoso momento
O meu serio juramento
De ser sua até morrer.

Abraça Sganarello e, sem que este o veja, dá a mão a beijar a Valerio.

Sganarello.

Meu Deus! o bem que isto faz!
Ai! ai! quanto ella me quer!
Descança! minha mulher
Em pouco tempo serás!
(A Valerio.)
Então? já está satisfeito?
Já fez como São Thomé?
Diga lá: é ou não é
Por mim que bate o seu peito?

Valerio.

Mais clara não póde ser
A exposição, minha rica
Senhora, pois ella indica
O que me resta fazer.
Livre em breve ficará
Do amoroso sem ventura
Que fez tão triste figura
E tanto enfado lhe dá.

Isabel

Não adivinha que immensa
Satisfação me vai dar!
Já não posso tolerar
Tão detestavel presença!
Tenho aqui dentro de mim
Tanto rancor concentrado...

Sganarello

Oh! oh!

Isabel.

Está contrariado
Por me ouvir falar assim?

Sgnarello.

Não... mas é que... ó pequena,
Tu nada mais adiantas...
Tu lhe tens dito hoje tantas,
Que até já lhe tenho pena!
Um homem, dois homens bambos
Deixam, crê, palavras taes!

Isabel.

Eu devêra dizer mais
Estando em presença de ambos.

Valerio.

Não diga mais: é bastante!
Succeda o que succeder,
Livre em tres dias vai ser
De um homem tão repugnante.

Isabel.

Veremos.

Sgnarello.

Creia que o estimo,
E sinto profundamente...

Valerio.

Oh! consolar-me não tente;
Bem vê que me não lastimo.
Reconheço que esta dama
Para com ambos foi justa.

Sgnarello.

Isso foi.

Valerio.

Pouco me custa
Fazer o que ella reclama.
Adeus.

Sagnarello. (a Isabel)

Tu foste cruel!
As dores quasi que tomo
Por elle!

(A Valerio).

Abraça-me. E' como
Si o abraçasse a Isabel!

(Abraça-o)

SCENA XIII

ISABEL, SGNARELLO

Sganarello.

Coitado! causa-me lastima!

Isabel.

Ora! sua alma, sua palma!

Sganarello.

Eu tinha uma nuvem n'alma,
E tu, menina, tiraste-m'a!
Do hymineu pelas delicias
Não mais esperar devemos;
Em paga dos teus extremos,
Dou-te a melhor das noticias:
Amanhan mesmo, ó casar!

Isabel.

Como?!

Sganarello.

Estar soffrega deves,
E, por pudor, não te atreves
De regosijo a saltar.
Eu, que todos os cuidados
Em te conhecer hei posto,
Bem sei que pelo teu gosto
Já estariamos casados...

Isabel.

Mas...

Sganarello.

Vamos já preparar
Tudo para o casamento.

Isabel, (á parte).

Santissimo Sacramento,
Como é que o hei de evitar ? !

FIM DO SEGUNDO ACTO

(*Continúa*)

ARTHUR AZEVEDO

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza; seus factores historicos e prehistoricos

VIII. — Os Wisigodos

(*Continuação*)

Na grande partilha, a Hespanha coube aos Wisigodos. As invasões anteriores de Alenos, Vandalos e Sueves são simples episodios historicos, sem valor para os resultados geraes da civilização e particulares da formação dos povos da peninsula e de suas instituições. Por isso passamol-as por alto.

Qual era, entretanto, o estado de cultura de povos tão progressivos e ousados? O fanatismo latino, peculiarmente entre gentes apaixonadas como somos os Brazileiros e Portuguezes, tem o velho habito de pintal-os como uns quasi selvagens, alguma coisa de parecido com os Pelles vermelhas da America. E' um desses absurdos grosseiros que não merecem refutação.

Custa a crer que tão levianas affirmativas sejam ainda hoje feitas á conta de um tão distincto ramo da raça aryana, possuidor de uma notavel mythologia, de uma poesia epica, apenas inferior á de Homero, de uma linguagem abundante e harmoniosa, de boas

Veja a *Revista* de 1 de janeiro, 1 e 15 de fevereiro, 1 de abril, 1 de junho, 15 de julho e 15 de novembro de 1895 e de 1 de outubro, 15 de novembro, 15 de dezembro de 1896 e 1 de setembro de 1897.

qualidades praticas para o governo, dotado de assombrosas faculdades de assimilar a civilização, uma gente que já no tempo da conquista possuia um homem como Theodorico, e, pouco mais tarde, contaria um espirito como o de Carlos Magno, para não falar em Othon e Frederico-Barba-Ruiva, que são mais chegados a nós. A alta capacidade civilizadora dos Germanos é um facto que os seus progressos posteriores tornaram evidente.

Temos agora neste assumpto o grato prazer de ceder a palavra a nosso velho amigo, o saudoso barão de Tautphœus, o sabio mestre de algumas gerações de Brazileiros.

« Os allemans, deixou elle escripto, são o unico povo civilizado que, desde o seu apparecimento na historia, nunca perdeu a independencia; nunca conquistador estrangeiro lhes impoz sua lingua ou suas leis; nunca o desenvolvimento natural, espontaneo foi-lhes interrompido e alterado por força alheia. Mostraram-se sempre muito accessiveis ás idéas de outros povos mais adiantados em civilização humana, adoptaram os dois grandes resultados moraes da vida dos povos antigos, elaborados no repouso dos dois primeiros seculos do imperio romano, o christianismo e o direito civil; mas adoptaram-nos livremente e não tardaram em adaptal-os á sua indole e ás suas necessidades espirituaes. Na época em que os Romanos entraram em contacto com os povos germanicos, estes já possuiam alguns rudimentos de civilização. Conheciam e praticavam a agricultura, sabiam forjar armas de bronze e de ferro e tinham uma organização social e politica regular, na qual podemos reconhecer distinctamente o germen e o principio fundamental da monarchia limitada, que ainda hoje rege quasi todos os povos germanicos e germano-latinos.

« Devemos figurar o seu estado social analogo ao dos Gregos no tempo da guerra de Troya, como nol-os pinta Homero. E' esta propriamente a phase épica na vida dos povos progressivos, e, com effeito, os historiadores romanos que melhor conheceram e descreveram os povos da Germania, Cesar e Tacito, referem que os Germanos costumavam em suas festas e antes de entrar em combates, cantar poesias, umas religiosas e mysticas, outras épicas e heroicas. Aquellas eram hymnos em honra ao seu Deus nacional, *Thuisco* —, do qual o povo allemão deriva seu appellido — *teutsch*, (tuitsch — na pronunciação do dialecto allemanico, duitsk — no

dialecto baixo allemão, da Westphalia e da Hollanda), e do filho delle, *Manus*, o fundador mythico da raça germanica. Nos cantos heroicos celebravam suas façanhas guerreiras e as dos seus chefes. Estes cantos eram de caracter historico; Tacito conta, por exemplo, que longo tempo depois da morte de Arminio, os gloriosos feitos deste grande libertador da Germania eram cantados por seus gratos compatriotas.

« Os Germanos já conheciam nesta época a arte de escrever e possuiam um alphabeto proprio, similhante em parte ao grego e em parte ao phenicio; porém empregavam seus signaes alphabeticos, chamados *runas*, unicamente para fins religiosos, para formar com elles uma especie de oraculos e agouros afim de conhecer a vontade dos deuses e os acontecimentos futuros. Nunca escreveram suas poesias, não tiveram a felicidade de possuir, como os Gregos, um Homero, cujos cantos se tornassem immorredoiros pela propria divina belleza. Não temos noticia positiva da existencia de taes poesias entre os Germanos do II e III seculos; porém quando vemos que, em épocas muito menos poeticas, todos os acontecimentos que agitaram e impressionaram fortemente o povo allemão, como, por exemplo, as lutas dos Suissos contra os duques D'Austria e de Borgonha, as longas guerras entre as cidades livres e a nobreza, os movimentos da época da Reforma, produziram uma verdadeira alluvião de poesias propriamente populares, tanto narrativas como lyricas e satyricas, e que o mesmo aconteceu até nos prosaicos tempos modernos em que todos os factos, que interessavam o povo allemão, as ultimas revoluções interiores de sua patria, ás guerras recentes contra os Dinamarquezes e os Francezes, deram origem a um grande numero de toscas poesias populares, nascidas na tenda dos soldados e nas feiras da aldeia, não podemos duvidar de que naquelles tempos antigos, quando a poesia era a unica expressão dos sentimentos, a indole poetica da raça germanica tenha acompanhado com seus cantos todas as phases da vida nacional. A propria abundancia de taes poesias, que tiravam seu interesse unicamente da actualidade dos factos a que se referiam, devia fazel-as cair em esquecimento, á proporção que outras novas se produziam, e na memoria do povo conservavam-se unicamente aquellas que tinham maior importancia pratica, por contarem as genealogias dos reis e das grandes familias, ás quaes a propria existencia das tribus estava ligada.

«Todavia o habito de exprimir o pensamento por um modo determinado, de observar um rhythmo certo e a fórma poetica propria dos Germanos—, a alliteração,— devia necessariamente dar a lingua maior flexibilidade e tornal-a propria para acompanhar e exprimir todos os movimentos da intelligencia. Isto aconteceu principalmente entre os Godos, a mais brilhante de todas as tribus germanicas, a mais adiantada em civilização, e a mais prompta em apropriar-se das vantagens da cultura romana. Desde o III seculo elles adoptaram a religião christan e possuiram não sómente uma grande serie de poesias historicas, cujo teor é em parte reproduzido por seu historiador Jornandes, como tambem leis escriptas. O idioma dos Godos estava, pois, bem preparado para a grande obra que seu bispo Ulphilas emprehendeu no IV seculo, a saber, a completa traducção da Biblia; e é admiravel a maestria com que elle soube desempenhar esta difficillima tarefa. Como o alphabeto runico, de que os Godos até então se serviam, era muito incompleto, Ulphilas preencheu as faltas com letras gregas e latinas, que soube adaptar mui habilmente aos sons da lingua gothica. Tomou como texto para o antigo testamento a versão dos setenta, e para o novo testamento um texto grego, que em varias partes diverge de todos os manuscriptos actualmente conhecidos. Sem fazer a menor violencia á indole de sua lingua materna, o sabio bispo soube achar ou crear palavras apropriadas ao grande numero de idéas e objectos novos para os Godos que se encontram na Biblia e acompanhar em toda a sua traducção com fidelidade quasi literal o texto grego. Assim este grande homem creou para seu povo um modelo perfeito de prosa, na qual se mostra toda a riqueza e flexibilidade da lingua germanica. Ulphilas era Wisigodo; mas a sua Biblia foi igualmente adoptada pelos Ostrogodos. Este esperançoso começo de desenvolvimento literario da lingua germanica não deu fruto, porque a raça gothica, depois de conquistar a Hespanha e a Italia, abandonou o uzo da lingua materna, antes que a sua literatura nascente podesse ganhar influencia sobre os outros povos germanicos. Mesquinhos restos desta literatura chegaram até nós. O mais importante é o celebre *codex argenteus*, escripto com letras prateadas sobre pergaminho côr de purpura. Este curioso manuscripto foi durante a idade média conservado como um precioso thesouro na bibliotheca episcopal de Mayença, durante a guerra dos trinta annos foi roubado pelos Suecos e existe na

bibliotheca da universidade de Upsala. Contém sómente uma grande parte do novo e pequenos fragmentos do antigo testamento. Outros fragmentos da Biblia e de uma parafrase dos evangelhos foram em nosso seculo descobertos em Milão e em Roma em palimpsestos, todos oriundos do antigo convento de Bobbio. Apezar de serem tão pouco estensas, estas reliquias gothicas são importantissimas, não sómente para a historia da lingua alleman, como para a linguistica em geral, porque formam um élo essencial na classificação phenotica e grammatical das linguas aryas. »[1]

Bem se vê que a povos assim dotados pela face da capacidade intellectual, e peculiarmente ao ramo gothico, um de cujos garfos veiu estacionar nas Hespanhas, não assentam as objurgatorias tão do gosto de certa classe de fanaticos.

A conquista dos Wisigodos na peninsula hispanica é facto capital para a comprehensão da moderna historia daquellas regiões. Depois do elemento iberico e do romano foi aquelle que mais influiu na organização e no caracter dos povos ali residentes.

Depois da grande invasão de 406, estabelecidos os Burgundios numa parte da Gallia, e passados os Alanos, Suevos e Vandalos á Hespanha, o imperador Honorio, que não quizera tratar com o famoso chefe dos Wisigodos Alarico, que tomou e saqueou Roma, entendeu-se com Ataulpho, successor do terrivel barbaro, e incumbiu-o de ir combater na Gallia os inimigos do imperio. Foi assim que os Wisigodos vieram a occupar vasta região do sul da França, d'onde lhes foi facil passar á Hespanha, que foram conquistando pouco a pouco, aos Alanos, Vandalos e Suevos, e aos proprios Romanos, que ainda alli possuiam varias provincias. O dominio Wisigotico, mais ou menos disputado a principio por aquelles adversarios, dilatou-se depois incontestado por toda a peninsula até ao começo do seculo VIII. Durou pouco mais de duzentos annos. Seguiu-se a invasão arabe e a monarchia wisigothica ficou circumscripta ás Asturias, d'onde partiria opportunamente o impulso da guerra de reconquista. Nós não temos que fazer aqui a historia exterior, por assim dizer, da conquista e da monarchia Wisigothica; basta-nos deduzir dos factos a sua lição philosophica. Temos já dito e repetido varias vezes que os

---

[1] Tautphœus, *Origem e desenvolvimento da lingua alleman*, pag. 15 e seg.

Iberos, os Romanos e os Wisigodos são os mais fortes elementos do povo e da cultura dos hespanhoes.

Os Celtas occupam o segundo plano. Mas que differença entre a conquista dos Iberos, dos Celtas, dos Romanos e a dos Godos! Aquelles, depois de vasto predominio, deixaram-se senhorear successivamente uns pelos outros; não assim os Wisigodos que, investidos pelos Arabes, deixaram-se imperfeitamente submetter, não desanimaram e vieram mais tarde a rechassal-os da peninsula. E é por isso que na moderna constituição dos povos peninsulares é mister contar com esse poderoso factor. Não foi embalde que povos germanicos vieram sentar-se na Italia, na Gallia, na Britania e na Iberia.

Onde essas gentes validas, progressivas e singularmente intelligentes, fizeram casa, resultados muito sérios, ficaram para vantagem do futuro.

Resta-nos descrever suas leis, sua organização politica e social nas Hespanhas.

Os Wisigodos foram possuidores de tres ordens diversas de legislação: leis especiaes para os homens de sua raça, codigo a parte para os subditos de origem romana, codigo commum para os subditos da monarchia, depois que as distincções entre os dous povos se tinham apagado pela acção do tempo e por uma politica sabia e previdente. Por essa simples enumeração, nota-se logo a differença entre a indole liberal e tolerante das gentes germanicas e o genio despotico e compressor dos Romanos.

Estes não cediam o seu direito no intuito de inutilizarem o direito alheio, que consideravam nullo. Aquelles amavam de preferencia o caracter pessoal das leis, e deixavam a liberdade e o interesse fazer espontaneamente o seu caminho.

Foi o grande conquistador Eurico (466-483) quem primeiro fez redigir o velho direito de sua nação.

A legislação para os subditos romanos é a famosa *Lex romana Wisigothorum*, conhecida tambem pelo nome de *Breviarium Alaricianum* ou *Breviriarum Aniani*. Alarico II (484-507) foi quem ordenou esta compilação a uma commissão presidida pelo Conde de Gojaricus em 506. As cópias foram ratificadas pelo referendario Anianus. Foi principalmente tirada do *Codex Gregorianus*, do *Codex Hermogenianus*, do *Codex Theodosianus*, das *Sententiæ Pauli* e das

Constitutiones imperiales. «Este documento, escreve A. Berthelot, é muito curioso, porque a comparação que se póde fazer entre elle e os seus originaes, especialmente com o *Codigo Theodosiano*, mostra o que se teve de retirar como inutil e improprio para a situação nova. As disposições relativas ás dignidades, aos privilegios, ás honras desappareceram quasi e o mesmo se deu com as relativas ás finanças. O *Breviario de Alarico*, conservado e propagado por muitos manuscriptos, forneceu excerptos a muitas leis barbaras, aos editos merovingios, aos capitulares, aos canones dos concilios. Contribuiu immensamente para assegurar a perpetuidade do direito romano até ao renascimento do XII seculo.» [1] Falando desse notavel feito de Alarico, pondera Guizot muito sensatamente: «No norte da Gallia, emquanto as leis barbaras cessavam de ser costumes e tornavam-se direito escripto, as leis romanas perdiam sua força de conjunto e convertiam-se em costumes; no meio dia ao contrario, ellas conservaram-se leis escriptas e guardaram muito mais prestigio; influiram mais nas leis barbaras. Parece, á primeira vista, que essa dupla legislação deveria ter por effeito manter a separação das duas nações; contribuiu, ao envez, para a fazer cessar.» [2]

Com o andar dos tempos, as legislações de Eurico e de Alarico se foram aproximando e fundindo num corpo novo de codificação; porque o trabalho legislativo continuou, especialmente nos tempos de Leovigildo (569-585); nos de Reccaredo I (585-601), que fez uma compilação em 350 capitulos; nos de Sisenando; nos de Chindaswintho, que fez, em 642, compor um codigo em 12 livros e 570 artigos, confirmado por seu filho Receswintho (649-672); nos de Ervigio; até que Egica em 693, no decimo sexto concilio de Toledo, fez publicar a collecção, que é hoje conhecida sob o nome de *Codex* ou *Lex Wisigothorum* ou *Forum Judicum* e tem dado lugar a inumeras discussões sobre o saber-se quem foi o verdadeiro autor das leis mais antigas que nelle se encontram. Neste debate tomaram parte Bluhme, Merckel, Helfferich, Stobbe, Walter, Ginoulhiac a favor de Reccaredo; Gaupp e Hänel, por Eurico; Pétigny e Herculano por Alarico II, o mesmo que promulgára o *Breviario* que tem seu nome. E' uma discussão demasiado complicada, parecendo-nos

[1] *Histoire Générale*, de Lavisse et Rambaud, I, 100.
[2] *Histoire des Origines du Gouvernement Representatif*, I, 340.

mais conforme aos factos a opinião que attribue a Reccaredo a collecção do velho direito wisigothico aproveitado na moderna codificação. Quer isto dizer que o velho direito para o uso dos subditos de raça germanica, codificado á parte desde Eurico, ampliado por Leovigildo, fôra de novo reformado em dias de Reccaredo, sendo a collecção deste que serviu de nucleo ás codificações posteriores. « As reformas realizadas no periodo de (642-672) tempo de Chindaswintho e Receswintho) reduziram a uma legislação unica as relações juridicas das duas raças co-existentes na Peninsula, *cada uma das quaes se regulava anteriormente por leis proprias, reunidas em collecções especiaes.* Para os hispano-romanos vigorava o *Breviario* de Alarico, e para os godos o seu direito privativo colligado tambem numa compilação, cuja existencia se tornou um facto incontestavel perante a historia com a descoberta de antigas constituições dos Wisigodos num palimpsesto, que, tendo pertencido ao mosteiro de Corbie, passou para a bibliotheca dos benedictinos de Saint-Germain-des-Prés, e d'ahi para a bibliotheca real de Paris. Devem-se aos maurienses os primeiros estudos do palimpsesto e a Frederico Knust, em 1839, a decifração que Bluhme deu á luz da imprensa em 1847 e novamente em 1872. »[1]

Dos tres principes, a quem se attribue o nucleo de leis antigas subsistente no *Codex Wisigothorum*, o menos provavel que tenha sido seu autor, é Eurico, não só, porque dellas proprias consta que eram obra de um principe filho de um legislador, o que não era o caso daquelle rei, como porque ali se encontram transcripções de trechos do *Breviario* de Alarico, que Eurico não podia conhecer.

Pelo que diz respeito ao autor do *Breviario*, si é verdade que era filho de legislador, parece que não póde lhe pertencer a gloria de mais outra obra legislativa do valor das *Leges Antiquæ*; porque nestas ha evidentes signaes de catholicismo, o que não era de esperar de tal principe, ariano impenitente. Além disso, pondera Ginoulhiac, fôra preciso admittir que as *Antiquæ* foram redigidas entre a promulgação da *Lex romana Wisigothorum* em 506 e a morte de Alarico em 507, e é pouco provavel que nesse tão curto intervallo aquelle rei, ameaçado constantemente por Clovis e seus

[1] Gama Barros, *Historia da Administração em Portugal*, I, pag. 11

francos, tivesse tido tempo e idéa de mandar redigir e promulgar uma lei nova para os Wisigodos[1]. O que aliás, accrescentamos nós, era inutil havendo o trabalho recente, mandado organizar por seu antecessor.

E', pois, sensato recuar tal obra para mais tarde, até Reccaredo, o rei que preenche todos os requisitos exigidos pelo codice: era catholico, filho de legislador, elle proprio tambem legislador, e podia, sem contrasenso, citar o *Breviario* de Alarico. Mas esse debate pouco valor tem para nosso alvo. Trataremos antes do valor intrinseco da legislação wisigothica. Qual a organização politica desse povo? qual o estado social das pessoas e da propriedade? qual o conceito do crime e da pena?

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*)

---

[1] *Histoire Générale du Droit Français*, 228.

REVISTA DAS REVISTAS

DECADENCIA DA POESIA

(NINETEENTH CENTURY — *Poetical decadence*, Professor Courthope).

Courthope é o mesmo autor do artigo sobre expressão poetica, de que dei aqui um extracto.[1] O de hoje é o terceiro da serie *Vida na Poesia*; e não menos notavel que os outros. Ha de lembrar-se quem me leu, do ponto de vista em que o autor assentou o seu estudo. Ficou estabelecida a distincção de dois elementos constitutivos da poesia: o universal e o individual. «O universal consiste no que de frequente se chama Natureza; é o que naturalmente fornecem á concepção do poeta as forças exteriores; as fontes de inspiração provenientes da religião, da tradicção, da civilização e educação do paiz a que elle pertence; a geral atmosphera mental da época em que elle vive; a lei commum da linguagem em que elle compõe. O elemento individual é o que usualmente se chama Arte; incluido tudo o que procede do genio do poeta, e o que concorre a criar a fórma ou molde caracteristico em que é expressa a idéa universal.»

Essa distincção é importantissima para a intelligencia do presente trabalho. Do grau de concurrencia e equilibrio dos dois elementos na obra poetica, serve-se Courthope para concluir a sua qualidade e a sua força vital. Ainda aqui é illustrativo o simile já apresentado entre a poesia e a especie humana. A vida organica de ambas depende da conjuncção harmonica da alma e do corpo, da idéa e da fórma.

Como a especie humana, a poesia percorre varios estadios da existencia; tem infancia, virilidade, decadencia e morte. Nas épocas historicas já extinctas é facil a apreciação desse percurso de vida. Vê-se como ella apparece, como se desenvolve, como ascende gradualmente ao ponto culminante, e como depois, tambem gradualmente, vai descendo, até que morre.

Na épica da Grecia, por exemplo, Homero que representa o zenith da arte, é precedido pelos rapsodos anonymos, tem por successores os

[1] Veja a *Revista* de 1 de agosto.

literatos do periodo alexandrino; e estes têm seus epigonos em poetas como o Pseudo-Musaeus. O drama poetico na Inglaterra, desenvolvido pelos predecessores de Shakespeare, culmina com este, e logo declina com Massinger, e expira com as tragedias rimadas de Dryden e Lee.

Inferindo destas e de outras observações, todas convergentes, Courthope formula uma lei de progresso e declinio, commum a todas as bellas artes. «Na infancia da poesia ou da pintura o elemento universal de vida predomina sobre o individual; as concepções imaginativas do homem, como se vê na obra de Giotto e Chaucer, são mais fortes que os seus recursos de expressão technica. Na virilidade da arte ha um perfeito equilibrio dos dois elementos oppostos, como revelam as obras de Rafael, Sophocles e Shakespeare. Na decadencia da arte, o individual sobreballança o universal: chega-se á phase, ou de maneirismo insipido, exemplificado nas pinturas de Carlo Dolci e da poesia de Rogers; ou de exagero violento, como se encontra nas pinturas de Miguel Angelo Caravaggio, e em tragedias como as de Seneca e Nathaniel Lee.»

Cingindo-se ao declinio da poesia, Courthope indaga os symptomas que a denunciam, e recorre para illustral-as aos periodos que já a critica definiu como decadentes. Considera o assumpto sob tres aspectos: o declinio do universal nas épocas de decadencia poetica; o exagero do individual nessas épocas; a abdicação pela sociedade do seu direito a julgar nas questões de Poesia e Arte.

Primeiro symptoma de decadencia: declinio do universal. — A poesia grega, que abrange todos os generos, é a mais abundante em exemplos. *Edipo Rei* de Sophocles, na opinião da pluralidade dos criticos, é a obra culminante da tragedia grega. A fórma incipiente é o Côro; a obra intermedia, de um desenvolvimento superior, é a de Eschylo. O Côro é a original manifestação do culto de Dionysio; a sua instinctiva juncção aos mythos produz o drama grego. O universal predomina sobre o individual.

Em *Agamenon* e *Eumenides*, o curso da acção se define melhor e todavia o elemento religioso ou didactico ou universal é tão poderoso que o Côro ainda é a parte mais importante em toda a estructura do que os proprios actores. «*Edipo Rei* primeiro apresenta o perfeito equilibrio entre a Natureza e a Arte; o moral da peça exprime-se principalmente pelos meios da acção. A piedade e o terror desperta-os a tragica ordem em que succedem os acontecimentos; a elevação a que o heroe sobe pelo seu genio e sabedoria antes da grande peripecia a que é exposto; a ironia que faz todo o horror da situação apparente aos espectadores, ao passo que a pessoa mais affectada está inconscia da verdade; a subita ruina que o envolve pelos peccados antecedentes de outros mais do que pelos seus proprios — tudo isso se acorda tanto com o sentimento religioso da

Grecia quanto as doutrinas do Côro nas tragedias de Eschylo; é, porém, mais harmonico com a natureza do drama como fórma de arte poetica. »

Ao tempo de Euripedes começa a decadencia. O estado da atmosphera ideal mudou; a crença religiosa diminuiu no poeta e no auditorio; e a transformação mental produz a modificação na fórma dramatica. Subsiste o Côro, mas não é mais o instrumento do culto, é um mero recurso poetico. A fabula não é concebida no intuito de destacar o moral, mas para ostentar o engenho do poeta na construcção da intriga ou outra sorte de habilidade artistica.

Na epica, a *Iliada* de Homero e a *Argonautica* de Apollonius Rhodius, offerecem o contraste entre a obra da virilidade e a da decadencia. « Uma das mais impressivas caracteristicas da poesia de Homero é a riqueza e a variedade de seus materiaes, a natureza universal do seu interesse. O poeta é a um tempo theologo, estadista, moralista, e particularmente, pintor. Raro é o objecto na natureza que elle não represente; e todavia tão completo é nelle o equilibrio entre o universal e o individual, que cada uma de suas concepções está disposta na mais justa relação nos fins da arte. Os exquisitos toques emotivos, que parecem proceder instinctivamente da narrativa; os sublimes golpes de rhetorica, tão proprios á occasião; as detalhadas descripções que corporificam o verdadeiro genio da pintura — tudo isso é adaptado a levantar, a humanizar, a ajudar o progresso da acção. Muda o caso em Apollonius. O mestre de quem Virgilio tanto aprendeu, não era um pequeno poeta; mas o que é nelle excellente raro vem da universalidade do interesse humano que abunda na *Iliada*; quasi tudo procede da engenhosidade do artista. Não ha na *Argonautica* uma só passagem de emotividade natural, uma só reflexão geral ou observação universalmente verdadeira, um só esforço de rhetorica que agite a alma. Todos esses elementos desappareceram da vida da epica; o que resta é o genio da pintura. As descripções de Apollonius são admiraveis, quer elle pinte os symptomas externos do amor em Medéa, quer exalte uma scena de aventura romantica. São a obra de um grande pintor. Entretanto, ainda aqui não se eleva ao nivel de Homero. Este muita vez dá largas á sua imaginação, em meio da rapida narrativa, elaborando um simile; mas nunca o faz sem que o simile realmente illustre a acção. Apollonius admirava e imitava a maneira de pintar de Homero, chega a ser mesmo mais pinturesco que o proprio Homero; mas entre elles ha esta differença, que o poeta da Alexandria introduz similes que nada illustram, meramente por effeito da pintura. »

Courthope cita apropriados exemplos, de um e outro poeta, contrapondo-os e fazendo resaltar o fundamento da sua asserção. Pena é que a natureza destas resenhas não permitta a transcripção delles, que realmente esclarecem muito a distincção.

As historias literarias de Roma e Inglaterra offerecem parallelo á marcha da poesia na Grecia. O genio poetico latino sobe com Lucrecio e Catullo até Virgilio, de quem começa a declinar, com Lucano até Ausonio. Lucrecio é abundante em energia nativa, mas deficiente em arte. Virgilio apresenta o perfeito equilibrio entre o universal e o individual. Em Ausonio o elemento universal tem quasi desapparecido: e o seu poema *Mosella* está nesse particular para *Georgicas* na mesma relação que a *Argonautica* para a *Iliada*. E' um poema encantador, mas cujo encanto procede inteiramente da pintura de paizagens; ao passo que *Georgicas*, a par das suas bellissimas pinturas, está cheio do genio de acção e do espirito imperial de Roma.

«Na Inglaterra, como em Athenas, a idéa originaria da tragedia provém da religião nacional. As tragedias de Shakespeare são desenvolvimento directo das peças thaumaturgicas e moraes, exactamente como as tragedias de Eschylo e Sophocles são os resultados finaes da evolução do drama iniciado nas rudes exhibições feitas por Thespis no festival de Dionysio. Assim tambem o objecto da tragedia. No drama attico a latente idéa universal dos maiores tragicos é o infortunio, necessariamente perpetuado nas familias e povos como castigo do peccado hereditario. Na tragedia shakespeariana a idéa fundamental é o infortunio, produzido pela fraqueza e corrupção da vontade humana; e esta idéa de conflicto entre bem e mal, natural consequencia da fé christan, é o principio de que decorre a acção de todas as antigas peças thaumaturgicas e moraes. Pode-se pois dizer que essa foi a idéa universal da tragedia no espirito do povo inglez, e que, nesta ou noutra fórma, ella sobreviveu no theatro de Inglaterra emquanto floreceu o drama poetico. Depois da Restauração, ao reviver o theatro, essa idéa fundamental desapparecera. Escreviam-se peças para encorporar alguma idéa abstracta de amor romantico, ou de honra, ou de monarchia absoluta, favorecida pela côrte, mas não indigena no espirito do povo. O elemento universal no drama poetico estava extincto; e assim o proprio drama, sem mais fundamento, definhou tambem.»

O mesmo succede na epica ingleza. Os elementos contrarios — que compunham a idéa de acção epica — ecclesiastico, cavalheiro, civico, christão e pagão — só acharam a fórma consistente e intelligivel no *Paraiso Perdido*, em que Milton lhes deu a unidade ideal. *Faery Queen* é o molde do ensaio, em que Spencer, seculos antes, procurava fundir esses elementos, sem conseguir a fórma justa de expressão organica e o exacto equilibrio poetico, alcançado por Milton. Depois do *Paraiso Perdido*, degenerada a idéa universal da epica, a epopéa desapparece.

Segundo symptoma de decadencia, exagero do elemento individual. — E' a consequencia necessaria do primeiro. A degeneração do sentimento poetico na sociedade traz a negligencia e incredulidade do publico para

o que está alem e acima delle; e o poeta procura mais e mais encher a lacuna da imaginação com a novidade na arte. E' o que succedeu a Euripedes no theatro grego. Os mythos, que haviam constituido o assumpto da tragedia, não tinham para elle, nem para a grande parte do seu auditorio, uma realidade moral, e só subsistiam como materia para elaboração dramatica: esta qualidade era para o poeta a principal. Nem todos tinham sido utilizados na poesia anterior: os que haviam escapado aos seus predecessores, Euripedes escolheu-os para as suas peças. Mas para tratal-os rebuscou maneira nova, supprindo a falta da natureza ideal da situação tragica, pelos effeitos theatraes, fazendo personagens miseraveis e aleijões e esfarrapados, e reduzindo o mytho, quanto possivel, ao nivel da vida actual. Mas Euripedes era um grande poeta, e a sua arte ficou restricta aos devidos limites pelo sentimento do universal ainda sobrevivente no auditorio.

O exemplar mais frisante do exagero individual é Seneca. As suas peças, escriptas não para serem representadas, mas para serem lidas, firmavam-se sobre os mythos antigos, que eram de todo vãos para o autor e para o publico. O intuito de Seneca era ostentar as suas faculdades poeticas em emulação com os tragicos gregos, fazendo o que elles não tinham feito. Escolhia os mesmos themas, os mesmos typos, e exagerava-os. Phedra é tratada com instincto tragico por Euripedes, que lhe dá um caracter nobre e digno. Seneca fal-a horrivel. O seu *Edipo* ainda é peior; o exagero do poeta romano leva-o a imaginar um encontro e um dialogo entre Edipo e Jocasta. Hercules nas *Trachinias* de Sophocles morre envenenado por uma tunica, que lhe manda Dianira, sua esposa, julgando rehaver seu amor por influxo do philtro de que a impregnara. O heróe, em meio do medonho soffrimento, espera a morte com animo varonil; e tudo quanto Sophocles lhe põe nos labios é:

« Vamos, meu coração! empedernido pelos soffrimentos, antes que esse mal remorde, põe á tua bocca um freio de ferro, e comprime teus gritos, para supportares com alegria, por mais penivel que seja, esta ultima prova. »

Seneca, no *Hercules Aeteus*, suppõe que a tunica é enviada por Dianira, num momento de ciume insano, com o fim de matal-o. Alcmena, mãi do heróe, exhorta-o a morrer corajosamente, e Hercules responde, para dizer que não chora nem se queixa, com um palavreado cumpridissimo. Ao que Courthope observa: « Si elle pretendia ficar calado, para que tantas palavras? Ausencia de inspiração, exageração de arte! »

Terceiro symptoma de decadencia poetica: abdicação pela sociedade do seu direito a julgar em materia de arte e gosto. — Esse direito é livremente exercido em todos os grandes periodos de producção poetica: em Athenas, eram os espectadores que conferiam premios aos poetas; em Roma era o critico, representando o sentimento da communidade, Quintilius

Varo, por exemplo, que podia dirigir o gosto do poeta, dizendo-lhe: «Corrije isso e aquillo», porque ambos partilhavam a mesma idéa universal.

Nos periodos de decadencia, quando desapparece o sentimento universal de lei em arte, o artista introduz as innovações que quer; o individual torna-se despotico, e como todos os despotas, fortifica-se instinctivamente com uma salvaguarda, que são os admiradores fanaticos e as *coteries*. Na época de Alexandria a de Callimacho poude impedir a audição do poema de Apollonius; na Italia as academias literarias decretavam os meritos dos poetas; na França, sabe-se a influencia do circulo de Mlle Scuderi, e o das Preciosas, cujo ridiculo Molière eternizou.

Na sociedade moderna vê-se que a presente tendencia creadora em todas as fórmas de arte se oppõe á tradição. O movimento preraphaelista na poesia e pintura Inglezas; o dos symbolistas em França; a revolução effectuada na musica por Wagner, todos, arrogando-se como factores da arte do futuro, accordam num ponto: a ruptura com os principios artisticos do passado. A sociedade não os julga; os grupos dominam; e entre elles e a sciencia ha completa opposição. Essa opposição deu lugar ao celebre livro de Max-Nordau — *A degenerescencia*, em que os artistas modernos são desapiedadamente tratados. Courthope faz apreciação desse livro, e sem negar-lhe o devido valor, conclue, com commentarios muito justos, que o processo critico do publicista allemão é falho e mau, exagerado e em muitos pontos inscientifico. O processo do autor inglez é outro.

«O que se deve fazer é, por um methodo de inducção da experiencia e observação, avaliar as qualidades de prazer que os artistas modernos offerecem á imaginação da sociedade.

Está verificado que todos os poetas, cujas obras deram ao mundo prazer duradouro, seguiram um modo universal de concepção e se conformaram a certas leis invariaveis de expressão; ainda mais, que a obra de todos os poetas produzida em periodos de decadencia se distingue por outras caracteristicas tambem universaes. Tem-se portanto o direito de, julgando qualquer poema moderno, inferir que elle, não encerra o principio de vida duradoura, si é concebido ou expresso de modo fundamentalmente diverso do dos grandes poemas universaes; e que, si reproduz os symptomas particulares da decadencia, já apontados, é provavelmente fruto da decadencia poetica.

A poesia franceza é a que mais se presta á applicação desse processo; pois, que em França os chefes da nova Escola defendem as innovações no terreno da logica.

Um delles, Mallarmé, diz que «*nomear um objecto é destruir tres quartos partes do prazer de um poema.*» Conclue-se d'ahi que a nova Escola concorda com a antiga em affirmar que o fim da poesia é produzir prazer da imaginação; mas tambem que Homero quando nomea á raiva

de Achilles, e Milton a perda do Eden, como assumpto dos seus poemas, destruiram tres quartas partes do prazer que podiam ter produzido.

Diz ainda Mallarmé que: «o fim real da poesia é a suggestão. Symbolismo consiste no emprego artistico do mysterio, consiste em evocar, pouco a pouco, um objecto de modo a indicar um estado da alma, ou inversamente, escolher um objecto e destacar delle um estado de alma por uma serie de decifrações.»

Pouco claro. Recorramos á *Arte poetica* de Verlaine: este poema encerra muita idéa encantadora, que só podia occorrer a um homem de genio; e é pena que esse genio tenha sido não raro mal usado.

...nous voulons la Nuance encore
Pas la Couleur, rien que la Nuance!
Oh! la Nuance seule fiance
Le rêve au rêve et la flûte au cor.

Um pouco obscuro tambem. Mas da poesia toda transparece o seu pensamento: o é que se não deve escolher assumptos definidos; o que se quer em poesia não é expressão mas suggestão, tintas neutras, e não cores positivas.

Oppõe-se, pois, ao preceito:

Cui lecta potenter erit res
Nec facundia deseret hunc nec lucidus ordo.

E ainda o outro principio de Horacio «*Denique sit quidvis simplex dumtaxat et unum*», na opinião de Verlaine, não produziria o effeito que o poeta latino desejava. E porque? Porque Horacio e Verlaine miram produzir prazer de differente especie.

Horacio quer agradar a imaginação com idéas, criando uma illusão de vida organica idéal, traçada com toda a clareza da esculptura, mas animando-a com a inspiração da sympathia humana. Mallarmé e Verlaine procuram por meios de linguagem metrica evocar modos da alma. Horacio quer produzir prazer que satisfaça o philosopho: o prazer desejado por Verlaine é a intoxicação do comedor de opio. Uma idéa pratica gozam-na como um objecto de belleza gerações successivas *semper, ubique, ab omnibus*; a maneira da alma individual é gozada como as exhalações da droga intellectual que lhe dá a vida.

Os symbolistas francezes oppõem-se pois aos poetas classicos nos seus fins e meios; mas estão de pleno accôrdo com os fins e os meios dos poetas da decadencia.

Outro distinctivo. Toda poesia classica reflecte de modo idéal a vida activa da sociedade em que é composta. A *Iliada* respira no seu heroico estylo o espirito da Grecia guerreira. Eschylo combateu em Marathona e Sophocles serviu como general com Pericles; e as suas

tragedias estão cheias do sentimento heroico do seu tempo. A velha comedia attica funda o seu assumpto nos interesses sociaes contemporaneos; as peças de Shakespeare são a chronica de metade da historia de Inglaterra; as satyras de Dryden e Pope são monumentos dos costumes de então. Os symbolistas francezes — cujo fim unico é evocar estados de alma — têm horror a qualquer fórma de actividade social. A arte pela arte é a sua divisa. A moderna escola franceza offerece a philosophia do novo movimento artistico na fórma mais franca e lucida. Mas de facto as feições dessa escola repetem-se com variações na literatura continental de toda a Europa.

Consoante essa philosophia nova, a essencia da vida na poesia e em todas as artes é a Novidade. Mas donde derivam as fontes dessa nova vida? Cada uma das artes toma algum principio ás outras: o pintor quer dar effeitos que até aqui só tentara a poesia; o poeta dedica seus esforços a imitar em palavras idéas que são mais naturalmente expressas por meio de fórmas e cores, ou indefiniveis emoções como as que despertam as notas da musica; o musico quer combinar com os recursos da sua arte as bellezas peculiares á poesia e a pintura. Não se póde negar que quando essas tentativas são feitas por genios, o resultado artistico é muitas vezes impressivo, e por algum tempo agradavel. Mas quando as emprehendem os imitadores, os grupos, as *coteries*, ellas malloqram inteiramente.

Essas coisas que até aqui têm sido tentadas são tão velhas como a sociedade civilizada. O musico poeta que procura crear uma nova especie de prazer, combinando no palco os principios da pintura, poesia e musica, está fazendo o mesmo que foi feito ha dois mil annos por Agathon e os ultimos dramaturgos atticos. O poeta que exalta o elemento da pintura inherente á sua arte acima do principio da acção, segue o exemplo de Appolonius. O poeta que procura attrair a attenção pela representação idéal de paixões extravagantes e innaturaes, apenas imita o processo de Seneca. E Agathon, Apollonius Rhodius e Seneca são poetas decadentes.»

Dessa successão de confrontos, o leitor conclue que os poetas das novas escolas são decadentes. Nem outra coisa pensa de certo o critico inglez; mas a conclusão, que transparece do seu artigo, elle não a enuncia nem affirma, provoca-a indirectamente. Julga-se com direito a apreciar com os elementos que vai colher á historia de todas as literaturas; mas não se anima a dar a sentença, que só cabe ao futuro, que será o juiz imparcial das coisas do presente:

E isso vem confirmar ainda mais a probidade, o criterio e a intelligencia do illustre escriptor.

MARIO DE ALENCAR

BIBLIOGRAPHIA

118. — **A Choupana das Rosas**, por Garcia Redondo, S. Paulo. Typographia Carlos Gerke & C., 1897.

A' similhança do que usam os escriptores francezes, é o titulo do primeiro conto dos onze que constituem este formoso livro, o que denomina a collecção. Em regra não nos conformamos com esta moda, que a maior parte das vezes nada significa, attenta a indole diversa de cada uma das historias de que se compõem os volumes e visto como se escolhe quasi sempre para o proposito não o conto mais interessante mas o de maior effeito decorativo. Não assim na *Choupana das Rosas*.

No livro de que nos occupamos ha um laço que prende estreitamente a todos aquelles contos, na essencia como na fórma: na essencia é o amor symbolizado na choupana, na fórma é a cor synthetizada nas rosas. Assim: o caramanchel que abriga os amores de Carlos de V. e da amante não differe no fundo da camara perfumada de Miss Consuelo, uma mundana, cujos segredos nos são graciosamente revelados pelos seus intimos: um cachorro, um gato e um papagaio; da alcova improvisada no trigal para esconder não sei que mysteriosos colloquios de uma camponeza com um seminarista; do casto ninho nupcial para onde o barão e a baroneza que haviam escutado enternecidos o caso excitante do abbade, o antigo seminarista, vão decifrar juntos no calor do mesmo leito o que se teria passado entre elle e a rapariga; do atelier do conde K. no qual uma atmosphera de volupia entontece o artista que num impeto de incompressivel carnalidade se abraça com o modelo; do *tandem sociavel* em que um par de amorosos vai, mão na mão e mão na guia, viajando pelo paiz da ternura; das alcas sombrias do cemiterio onde um casal que a influencia do meio avassalara, afinando a ambos no mesmo enternecimento, permuta em extasis os primeiros beijos.

Emquanto ao tom geral do revestimento, a começar no primeiro conto: *A Choupana das Rosas*, a historia de um amor adultero conduzida com arte através as flores, como a desculpar a queda final com a embriaguez do perfume, e a acabar no ultimo: uma gentil fantasia sobre a *Genesis das Rosas*, a cor suave da rainha dos hortos domina o livro inteiro. Roseo é o *cabedon* da Consuelo, rosea a sua carne, rosada e alegre entra ella do passeio. Na sala da baroneza, a mesma que escuta o caso do abbade, ha duas bacchantes nuas arrancadas ao marmore cor de

rosa de Paros. » E' entre rosas e madresilvas que se encontra Mme. Lenoir quando a criada lhe vem trazer a noticia da morte do pai. A carne do *modelo* é de um tom docemente roseo e, quando este volve a si do adormecimento em que o deixara a immobilidade « a carne pallida dos seios tumidos começa a retomar a sua coloração rosea ». Roseo é o *maillot* da *écuyere* amante de *Um homem venturoso*, um typo bem acabado de papalvo a quem as mulheres embaçam. E não só o *maillot*, um signal intimo que ella tem no corpo é uma petala de rosa. Mas onde as rosas se entrelaçam em profusão encantadora, como num estribilho de ballada, é na *Influencia do Meio* um idyllio por entre as campas, de uma ternura commovente. « Elle tinha vinte e dois annos e viera alastrar de rosas o tumulo minusculo da irmã pequenina. Ella tinha apenas dezoito e viera engrinaldar a sepultura do avô que a idolatrara. » Amaram-se; e esse amor que ali brotara diante de « um tumulo pequenino e artistico onde um menino de alabastro dormia um somno tranquillo sob uma almofada de onix », foi entre roseiras que cresceu. Casaram; e por muito tempo não voltaram ao cemiterio. No entretanto, «cresciam e floriam sempre as roseiras ». Nasceu-lhes um filho, e essa criança não tardou a ir « dormir o somno eterno entre as roseiras e os lyrios. » Então volveram ao campo dos mortos e ahi, diante do tumulo onde continuava a sorrir o menino de alabastro, ajoelharam e « cobriram-no de rosas vermelhas ». E foram tantas, tantas que « sob um manto de petalas sanguineas esbateu-se a brancura fulgurante do marmore e pela vez primeira elles viram em lugar de um menino branco, um menino roseo, quasi de carne sorrindo sempre sobre a almofada de onix. »

Como se vê, pois, é um livro todo feito de amor e cor de rosa. Conseguir que um e outro entrelaçados fugissem á trivialidade com que por ahi se encontram na natureza, tornando-os particularmente interessantes, é o segredo da arte e foi o que o Sr G. R. realizou com o poder magico do sentimento e da expressão. A' similhança dos bons pintores que confiados no proprio talento não duvidam derramar sobre a téla uma unica tinta, certos de poderem com ella produzir todos effeitos, o Sr. G. R. não recelou espalhar a plenas mãos sobre um fundo illuminado pelo amor aquella cor immarcessivel.

Alguns destes contos já o publico teve occasião de os apreciar por occasião de concursos literarios. *O Caso do Abbade*, uma historia picante narrada pelo protogonista de umas aventuras de rapaz, com extrema vivacidade de colorido, mas sem a crueza das expressões, mereceu o primeiro premio em um concurso aberto pela *Semana*. O mais obscuro dos membros da commissão julgadora agradece ao Sr. Garcia Redondo a dedicatoria que lhe fez do seu esmerado trabalho. *O Modelo* que pleiteou o premio em um concurso da *Gazeta* mereceu honrosa menção e foi origem de uma polemica que vem recordada em nota appensa ao volume, da qual contenda se deduz que foi o proprio merecimento da narrativa que fez hesitar o jury sobre a originalidade da mesma, ignorando, como ignorava, a sua proveniencia. Verdade seja que o exotismo de taes scenas com relação ao nosso meio era para desorientar os mais atilados, sem falar na tal ou qual inverosimilhança daquella mulher cujo corpo se não deixa adivinhar pelo marido, ao menos por um braço, por um hombro, pelo cabello, pelo limite que um discreto decote assignala a olhos cubiçosos. No entretanto, apezar disto, ou talvez por isto mesmo, pelo arrojo da fantasia caprichosa, este conto é singularmente emociomante; tudo nelle palpita, tudo vibra, desde a paixão do conde pela arte até a paixão do *modelo* pelo artista, e, si accrescentarmos que estes sentimentos nos são revelados numa fórma elegante, num estylo nobre que só floresce a uma certa elevação intellectual, comprehender-se-á bem o alto conceito em que elle foi tido.

Bem quizeramos nós analysar cada um dos trabalhos de que o livro se compõe, mas este genero literario é de sua natureza tão leve que mal podem fixal-o os alfinetes da critica; o que de taes historias se póde affirmar é que ellas afagam o entendimento como uma caricia, e nem o seu autor pretendeu outra coisa, pelo que não podemos ir além:

In every work regard the writer's end,
Since none can compass more than they intend.

Aos contos succedem-se tres *Poemas da Juventude: A Bella Viagem, Nunca mais, Noite de amor*, tres idyllios de uma doçura inexprimivel que bem mostram que o Sr. G. R. seria tambem um poeta si quizesse comprimir o sentimento nas estreitezas do metro, afinar os gritos d'alma pelo compasso do rhythmo.

Devemos ainda assignalar que o trabalho de impressão com gravuras illustrativas a cores constitue moldura elegantissima a tão finos quadros requintando o goso de quem os contempla. — S. R.

117. — **Der streitige Golddistrikt von Brasilianisch-Guyana.** (O Districto Aurifero Contestado da Guyana Brazileira) por Dr. Friedrich Katzer. Extraido do *Oesterreischischem Zeitschrift für Berg-und Hüttenwesen* (Jornal Austriaco de Mineração e Metallurgia). Vienna, 1897, 66 pp.

Esta noticia escripta para um jornal technico da Austria trata principalmente das condições geographicas, geologicas e economicas da região em que recentes descobertas de ouro deram origem á actual phase aguda da secular contenda entre o Brazil e a França, sendo as informações baseadas em dados colhidos pelo Dr. E. A. Goeldi em uma recente excursão ao Amapá. O esboço de mappa que acompanha mostra o districto aurifero nas cabeceiras de diversos rios pequenos que nascendo nas fraldas da Serra de Tumuc Humac na elevação de cerca de 800 metros desaguam no Atlantico entre o Oyapoc e o Araguary. O A. julga que a riqueza mineral do districto tem sido exagerada e que pouca probabilidade ha que elle pesará notavelmente na producção do metal precioso. As saidas de ouro para o anno de 1896, calculadas pelo valor declarado da exportação dos dois mezes de janeiro e fevereiro, foram do valor aproximado de 3.978.792 francos, regulando mais ou menos com a producção annual da Allemanha ou da Guyana Franceza, mas constituindo uma fracção relativamente insignificante da producção do mundo. As lavras são todas de alluvião e por emquanto pouco ou nada se sabe sobre as jazidas primitivas de metal e das probabilidades que o districto offerece para a mineração em rocha. As descripções minuciosas dadas pelo A. de algumas rochas (gneis e granitos) constituem uma valiosa contribuição ao pouco estudado assumpto da petrographia do Brazil, mas bem pouco adiantam sobre a questão especial do modo de occorrencia do ouro por serem colhidas fóra do districto aurifero propriamente dito que, presumivelmente, apresenta outra composição geologica mais de accôrdo com a das outras regiões auriferas conhecidas do paiz. — O. D.

TRATAMENTO DA FEBRE AMARELLA PELA AGUA CHLORADA pelo Dr. Angelo Simões. Rio de Janeiro — 1897.

O A. historia a manifestação da febre amarella no Brazil desde sua introducção até quando saindo do littoral, atacou o interior subindo ás grandes elevações. Refere-se depois ao tratamento dessa infecção, expondo com particularidade o seu, que consiste na desinfecção gastro-intestinal

por meio da agua chlorada.—O Sr. Dr. A. S. basea-se na theoria do Sr. Dr. Freire para explicar a sua therapeutica da febre amarella. Como, porém, essa theoria é ainda controvertida, a medicação do Sr. Dr. A. S., comquanto apresente estatisticas animadoras, não passa de therapeutica empirica. E' ainda cedo para dizer que o chloro actua como desinfectante gastro-intestinal, acção que tambem exercem os salicylatos, a antipyrina, e a quinina, cujo emprego o Sr. Dr. A. S. supprime logo no fim do primeiro periodo da molestia. Poder-se-ia dizer partindo da propria observação do Sr. Dr. A. S. que a acção benefica do chloro é sobre o sangue, extinguindo os micro-organismos ou neutralizando sua toxina, e neste presupposto teria o direito de empregar o chloro desde o inicio da febre. O folheto do Sr. Dr. A. S. deixa fortes presumpções de que pouco o preoccupou a theoria pathogenica da febre amarella, tanto que mostra desejos de ver empregada a lavagem do sangue ou sua desintoxicação. Foi guiado pelos resultados que os americanos do norte têm colhido na febre typhoide e outras que experimentou a agua chlorada e perseverou em seu emprego porque foram animadores os resultados.

*Sigsos (contos) por Nestor Victor, Rio de Janeiro, 1897, 208 pp.

*Quincas Borba, por Machado de Assis, segunda edição, Rio de Janeiro (1897), in-12, 360 pp.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

AINDA UM JUIZO AUTORIZADO SOBRE O VISCONDE DO RIO GRANDE

Communica-nos o Sr. Dr. Graciano de Azambuja que a respeito do seu artigo sobre o Visconde do Rio Grande, publicado no n. 64 de 15 de agosto, desta *Revista*, recebeu do digno chefe da Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo a seguinte carta, com a qual fica respondida a interrogação de pag. 249 do dito artigo:

S. Paulo, 25 de agosto de 1897.

Acabo de ler com grande interesse o seu artigo sobre a obra do Visconde do Rio Grande no ultimo numero da *Revista Brazileira* e vi com prazer que adivinhou perfeitamente o meu pensamento no artigo citado «Investigações geologicas no Brazil». De facto, deixei de mencionar a referida obra, não por desconhecel-a ou desprezal-a, mas por não ter encontrado nella contribuições para o conhecimento da constituição geologica do Brazil, que entravam no meu programma.

Li a obra ha bastantes annos e lembro-me distinctamente da impressão então produzida, que foi — que si o autor tivesse, quando moço, se dedicado ao estudo da natureza conjunctamente com o da literatura do assumpto com a mesma habilidade com que, estando velho, estudou esta ultima sómente, teria sido o primeiro geologo brazileiro e um dos primeiros do mundo.

Posso portanto dar um caloroso *amen* á apreciação do meu amigo e collega Dr. Branner, e os meus sinceros comprimentos ao amigo sobre os seus louvaveis esforços para vindicar a memoria e os fóros scientificos do seu illustre comprovinciano.

Para mim, o caso do Visconde do Rio Grande, como diversos outros que podiam ser apontados, demonstra que, por falta de escolas em condições a dar a devida orientação á mocidade estudiosa e por falta de condições propicias do meio intellectual, o Brazil tem perdido e está perdendo aptidões scientificas da primeira ordem. — *Orville A. Derby.*

O SR. EÇA DE QUEIROZ

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA

I

Ha no Sr. Eça de Queiroz um grande poeta e um romancista digno de attenção. Admiremos o primeiro, antes de estudarmos o segundo.

Dos poetas elle tem a sensibilidade, e dos grandes poetas a sensibilidade extrema. E' este a meu ver o facto mais importante do seu espirito e o mais saliente da sua obra. No começo mesmo da sua carreira literaria, inda isento de preoccupações moraes e de intenções de escola, já ella apparece, intensa e patente. As primeiras composições de um escriptor são dos mais preciosos documentos do seu espirito e o que ha nelle de mais importante é tambem o que ha nelle de mais intimo. Não é difficil apontar nos *Lusiadas* do Sr. Oliveira Martins, através das imprudencias e incoherencias da estréa, a penetrante vizão psychologica e a energia

O malogrado autor deste estudo, promettera á *Revista* a sua collaboração. A despiedosa enfermidade que lhe amargurou a existencia e lhe fez lhe curta a vida, não lhe deu lugar ao cumprimento dessa promessa. Não a esqueceu, entretanto, e após o seu fallecimento, nos ultimos dias de 1896, o nosso distincto collaborador e querido amigo, Sr. Domicio da Gama, escrevia ao Director da *Revista*: «Elle (Moniz Barreto) cada vez que me encontrava me dizia que ia agora mandar-lhe um artigo; escolhemos muito assumpto interessante, que ficou inexplorado e perdido para a *Revista*; por ultimo tinha decidido mandar-lhe o estudo sobre o Eça de Queiroz, que deixou incompleto, com um pavoroso maço de notas e apontamentos informes.» E acrescentava com emoção: «A vida do pobre Indio (M. B. nasceu em Gôa) teve de miseravel a escassez da obra comparada com a grandeza dos

dos intinctos moraes que são o encanto e a força do *Portugal Contemporaneo*. As mais antigas composições das *Odes Modernas* mostram aos que sabem ver, a despeito das rebelliões do metro e da lingua, a profundidade de instinctos metaphysicos e a elevação do ideal heroico e sublime, donde brotou, como de uma nuvem e de um astro, a poesia crepuscular e divina dos *Sonetos*. Nos primeiros poemas como nas primeiras criticas do Sr. Theophilo Braga, já salta aos olhos a largueza e vehemencia da sua vocação apostolica, a variedade das suas aptidões polytechnicas, o vigor das suas inclinações democraticas e das suas predilecções eruditas, o seu plebeismo e a sua sciencia, o seu gosto das syntheses e a sua paixão das applicações, a sua superioridade como poeta e a sua inferioridade como escriptor, as qualidades e defeitos que, intactos, modificados ou aggravados, apparecem nas obras da sua maturidade. O temperamento bellicoso e funebre do Sr. Camillo Castello Branco enche de sarcasmos tão aggressivos, de invenções tão comicas, de gritos tão lancinantes, de personagens tão dolorosos os livros da sua anciosa mocidade como os da sua desesperada velhice. As aptidões capitaes de um espirito são bastante vigorosas para fazerem explosão no principio da carreira e reapparecerem depois latentes ou patentes no fim della, depois de terem percorrido o espaço intermedio; e quem quizer inteirar-se da natureza intima de um escriptor ha de ir estudal-o nas suas origens.

O que se vê nas do Sr. Eça Queiroz é a sensibilidade pura. Os folhetins da *Gazeta de Portugal* são a explosão de uma alma

---

programmas. Foi um *raté* de genio, a quem faltaram unicamente o pão seguro e o agazalho para amparar-lhe o misero corpinho e dar-lhe um pouco da coragem para reduzir á escripta o mundo de theorias que lhe estufavam o cerebro. Era orgulhoso, immensamente, e affectuoso como um solitario que não é misanthropo. Tomou a sua independencia como uma carga que o matou antes do tempo. Pobrezinho! soffreu tanta agonia antes de se deitar para morrer. E morreu sentindo que se ia, numa infinita *detresse*. Era preciso ver-lhe os olhos como olhavam, nessas horas crueis!... «Em carta posterior dizia mais: «o estudo sobre o Eça de Queiroz destinado á *Revista Brazileira* ficou em meio, mas não perto de ser concluido.» E', pois, um trabalho não acabado nem revisto, interrompido pela morte, que temos a triste fortuna de publicar. Mesmo assim, elle revela, aos que não tiveram a ventura de conhecel-o, o quilate do superior espirito que foi Guilherme Moniz Barreto, de quem nestas paginas falou tão bem, com tanto conhecimento e sympathia, o nosso collaborador, Sr. Oliveira Lima (fasc. de 1 de março).

N. DA R.

nova, ardente e que se não póde conter. E' o reçumar da seiva abundante e violenta que, depois de romper em flores, espirra pela casca. As graves tradições da revista e da chronica são rotas. O poeta não conta os casos da semana, nem commenta as vulgaridades correntes. Precipita-se na improvização apaixonada, na fantazia dolorosa ou radiante, no pesadelo ou no extase. A sua prosa é lyrica. Algumas das suas paginas são ataques de nervos. E sobretudo imagina, não friamente, como um constructor, mas commovido, passando bruscamente do riso ás lagrimas, accumulando as incoherencias, as ironias, as frases nuas e vivas, as invenções deliciosas e pungentes, e fazendo passar na musica da sua prosa o rumor estridente dos nervos dilacerados ou deliciados. Vê-se que é um poeta feito para as sensações excessivas e profundas, como um poldro generoso e indomito, predestinado ao combate e ás corridas, não aos tédios uteis da lavoura. Elle o sabe e gaba-se disso. Declara que não nasceu para chronista, e sem se constranger escreve as *Memorias de uma forca*, as aventuras do *lume*, a vida accidentada do Diabo. Canta as tristezas de um milhafre moralista, que desejaria reformar o mundo, mas não póde, e chora a maldade dos homens, «o mal humano tão aguçado e tão grande que se traspassa a si, atravessa de lado a lado a natureza e vai ferir a Deus nos céus!»

Planeia e promette as *Memorias de um atomo*, os apontamentos de viagem de uma raiz de cypreste. Compraz-se na farça e na ode. Lança no papel banal de um diario pedaços da sua alma, que palpitam e resplandecem. Chega promptamente á confidencia. Deixa ver ou mostra, através das narrações e das criticas, as suas predilecções, as suas antipathias e as suas leituras. Estas são todas dos artistas maximos, os que arrebatam e dilaceram.

Elle é poeta, não só pelo excesso da paixão, como pelo horror do mediocre. O seu odio da chateza é tão grande que, depois de ter esbofeteado o bom senso, amarrota a razão, confundindo num mesmo desprezo Racine com Scribe. Detesta a medida, a logica, ri-se das conveniencias. «Collocados sob um ponto de vista exclusivo, diz elle, só era admittido á nossa communhão o que derivasse da força, do rugido da natureza, da palpitação selvagem da vida e da paixão. Aquelles poetas terriveis arrastam-nos, deslumbram-nos de idéal, esmagam-nos de paixão; dão-nos punhaladas de luz. Tudo

arremessam sobre a pobre alma: o amor, a melancolia, a paixão, o ciume, o mysticismo, a ironia, o desespero, a duvida!» Os seus escriptores predilectos são Shakespeare, Dante, Rabelais, Goethe, Cervantes, Balzac. E o que ama nelles não é a profundidade da critica, ou a largueza da vizão, mas o esplendor da fantazia e o ardor da paixão. O que elle ama no theatro antigo ou moderno é «a luta, a dôr, o coração arrancado, e gemendo, sangrando, rolando sobre uma scena resplandecente.» E explica: «O nosso theatro era Shakespeare e Hugo, e os comicos hespanhoes, sombrios e magnificos, do seculo XVI.» A belleza equilibrada, as creações perfeitas dos poetas felizes e faceis, desagradam-lhe. A arte classica enfastia-o. «Que vale mais? esta doença magnifica ou a saude vulgar e inutil que se goza no clima tépido que vai desde Racine até Scribe?» E resolutamente declara: «Eu prefiro o hospital, sobretudo quando a primeira febre se chama Julieta e a ultima Margarida.»

As mesmas tendencias que revela nas coisas elle importa para as artes plasticas. Reprova a pintura minuciosa, a cópia servil do real. No seu estudo sobre a pintura portugueza expõe sem rebuço o seu pensamento, que é mais de um poeta que de um critico. Condemna e exclue generos inteiros, como a paizagem. Vê-se que a natureza morta não o interessa. Não tem a imaginação physica que se compraz nas côres e nas linhas e a quem os contornos e as manchas preoccupam e irritam ou contentam, nem a intelligencia critica que descobre os systemas e admira as harmonias. Contesta a utilidade da reproducção minuciosa dos pormenores e das deformações. Repelle a feialdade da arte, e si a readmitte é por amor dos contrastes asperos e da sensação pungente e estranha. Refuta de antemão toda a sua obra futura pela especie das suas predilecções literarias e artisticas, pela qualidade do seu estylo, pela intemperança da sua fantazia, pelo seu confessado desdem da observação minuciosa, da cópia fiel e da analyse exacta, pela sua definição do romance e do drama, considerados como a pintura do homem entregue ás fatalidades da paixão e do temperamento, ás tyrannias dos desejos e dos instinctos, longe das influencias da sociedade, das instituições e dos costumes. Refuta-a em termos duros e explicitos pela affirmação dos limites da arte considerada como a reproducção da Belleza e da Grandeza, dos corpos viris e perfeitos,

das paixões desmedidas e indomadas, das livres energias, manifestando-se em fórma isentas dos aleijões que imprime a existencia em commum, a pratica dos officios, a repressão das leis, as limitações da concurrencia, as attenuações da vida civil. Faz das suas sympathias theorias, toma a paixão como um criterio e resume todas as suas tendencias e opiniões numa frase, quando escreve que na Arte só têm importancia os que criam almas e não os que reproduzem costumes.

Entenda-se: almas como a sua. E é o que elle fez no *Mysterio da estrada de Cintra*, cinzelando no metal ardente da fantazia uma figura viavel pela identidade do temperamento e pela coherencia da paixão. Já na *Morte de Jesus* elle vazara num molde historico o mesmo typo de histerica e de amorosa, que mais tarde havia de pintar na téla fluctuante do romance. Maria de Magdala é a irmã gemea de Carmen Puebla. E' o mesmo vulto que além apparece na paizagem oriental, entre as vinhas da Syria, sobre a relva molhada cheia de rôlas, pelos campos verdejantes ou loiros onde branqueiam «as pequeninas aldeias delicadamente adormecidas entre as figueiras e as parreiras», e acolá atravessa a face das aguas sobre o tombadilho dos paquetes, campeia nos rochedos adustos de Malta e nos jardins artilhados de Gibraltar, e enche com o seu claro riso os mares do Sul e as florestas dos tropicos.

«Maria de Magdala tinha tido uma vida apaixonada e impura: uma exaltação inexplicada era a essencia daquelle ser; tinha espasmos, contracções, enthusiasmos perturbados; julgava acalmar a impetuosidade da sua natureza febril pelo amor dos homens; ligava-se com os doutores notaveis de então, penetrava em discussões e explicações da lei, depois andava cercada de farizeus e envolta em devoções; mas tinha o amor dos estofos e todos os dias chorava. Era uma alma inquieta que buscava alguma coisa; tudo o que fazia era com paixão: a cultura das plantas raras, a creação das murenas em reservatorios, a composição de aromaticos, os estudos das hervas, tudo tentava, ardente e enfastiada. Doente, pobre, foi para Magdala. Ahi viu Jesus prégando. Seguiu-o. Adorava a doutrina do Mestre, e amava a sua figura delicada e bella. Mas tinha fortes impaciencias, erguia discordias com os discipulos, retirava-se ao deserto. Mas voltava, porque a sua dedicação suave pelo Mestre era maior, e domava a sua tenebrosa e confusa natureza. Gostava

de derramar perfumes no corpo de Jesus e de lhe cozer á tunica franjas de Tyro.»

Isto era um esboço. Carmen Puebla foi um retrato. A sensibilidade furiosa não se contentava já com as fantazias impossiveis e as apostrophes desgrenhadas, precisava de narrações dramaticas e de almas vivas. Com effeito, ha em todo lyrico um psychologo. Como a aptidão lyrica consiste na faculdade de experimentar emoções vehementes e no talento de as representar, segue-se que uma transposição facil conduz da ode ao romance. Bastará que o autor se retrate para crear uma alma. A confidencia involuntaria torna-se um instrumento de analyse. Mas naturalmente o romance terá os limites da ode. O poeta não dirá sinão os seus sentimentos, e os personagens do romance serão as encarnações do romancista.

Os exemplos abundam, e não carecemos de os ir buscar fóra da nossa literatura. Quem não reconhece no presbyterio de *Eurico* a alma viril e triste, feita de instinctos religiosos e militantes, de hostilidade em frente da natureza, e de incapacidade em presença da Ventura, toda virada para as emoções severas e tragicas, que vasou as suas angustias e os seus enthusiasmos nos hymnos e nas lamentações das *Poesias?* Quem não vê ainda nos heroes sentimentaes e infelizes do Sr. Camillo o homem aventureiro e doloroso torturado por desejos incoherentes e afflictivos, que se adivinha através das indiscrições biographicas e das confidencias rimadas? E' facil apontar no *D. Jayme* do Sr. Thomaz Ribeiro o beirão astuto e duro, educado nos perigos da serra e nos conflictos da raia, filho de uma raça de caçadores e contrabandistas, acostumada a matar o lobo e a imital-o. E finalmente não é difficil mostrar na Carmen do *Mysterio* a sensibilidade violenta e a imaginação desenfreiada que, depois de ter feito explosão nos folhetins da *Gazeta de Portugal* e da *Revolução de Setembro*, produziu as estranhas e pungentes fantasias do *Mandarin* e da *Religiria*.

Com effeito, raras vezes uma creação imaginaria deixou ver mais a claro a mão do artista que a tirou do nada. Ella é bem a filha do poeta, gerada com o seu sangue, saida dos seus rins. Alma tecida de relampagos, todos os seus movimentos são bruscos, acompanhados de detonações e faiscas. Ella vive numa perpetua superexcitação. O seu caracter é a sensibilidade pura, exaltada pela imaginação e isenta de repressão. Cubana, gira-lhe nas veias

o sangue hespanhol, fervido ao sol dos tropicos. Franca, usa a belleza como uma joia e corôa a belleza pela insolencia. Casada com um negociante imbelle e ridiculo, tem toda a liberdade e não se constrange. Chega promptamente ás palavras extremas e as palavras não lhe bastam. As acções são a sua linguagem ordinaria e essa linguagem não é comedida. Pela energia da vontade, pela vivacidade da resolução, pela coragem e pela franqueza, deixa atraz a Estella do *D. Jayme* e lembra as filhas de Calderon, a Julia da *Devoção da Cruz*. Formosa, o poeta revestiu-a com amor de todas as seducções. Uma carnação de marmore pallido, grandes olhos, pretos, similhantes «a setim negro coberto d'agua», movimentos «que parecem musica condensada», «tranças que teriam sido uma gloria publica no tempo da Grecia». O poeta segue-a com amor; nota a côr do seu vestido, o timbre da sua voz. A's vezes pára com os olhos fitos nella e mostra-a «firmando-se nas cordagens, subindo o degrau que contorna interiormente a amurada e ficando a olhar para o mar, emquanto a sua mantilha e a sua capa se enchiam de vento e lhe davam uma apparencia ondeada e balançada, que a assimilhava áquellas divindades que os esculptores antigos enroscavam nos flancos dos galeões. Mas não permanece assim muito tempo, e depressa é precipitada no remoinho das acções e das paixões. Tendo conhecido na India um capitão inglez, que numa caçada ao tigre lhe salva a vida, o amor lhe empolga o coração e domina-lhe a vontade. Abandonada, mordida pelo ciume, as idéas terriveis acodem-lhe á mente, e de prompto as executa. Quando um desarranjo na machina e um temporal ameaçam perder o barco, consola-se com o pensamento de que a sua rival a acompanha: «Tem medo? — Um pouco de morrer afogada. Duma bala ou duma facada, não me custava... Ao menos não morro só! Lá se vai a sua linda prima!» Prodigalisa as insolencias, «tem ares de uma estatua malcreada», e os insultos não lhe bastam; precisa de vingar-se bem. Arma discordias, incita homens a que provoquem o seu antigo amante, lança-o num duello. Afinal, exasperada, espera-o no jardim quando elle se dirige a uma entrevista e o apunhala. Envenena-se, mas não morre. Descoberta, não se defende. Passa bruscamente do arrependimento ao applauso. Chora e ira-se. Exhala palavras soberbas e desvairadas. Gritos de amor lhe interrompem a lamentação catholica: «Eu não o feri no rosto, não, isso não!»

Logo cala o pranto, para compôr o cabello. As imagens physicas cortam os sobresaltos da sensibilidade, e a allucinação atiça a emoção. «D'aqui a pouco começam a tocar os sinos...» A exaltação do temperamento, a furia do amor, as torturas do ciume, o terror do inferno fazem resuscitar nella o velho catholicismo hespanhol. Resolve entrar para um convento. Corta as tranças, deixa a fortuna ao marido, distribue vestidos, rendas, joias. Confessa-se e parte para a Hespanha. Na viagem o seu corpo extenuado pelas commoções e pelos jejuns, desfallece. Numa manhan de bruma e vento, com um tropel de frases incoherentes, expira virada para Malta, onde ficara o amante. E junto ao seu corpo inerte, allumiado pela lanterna de bordo, e coberto pela bandeira ingleza, o poeta murmura estas palavras em que as tristezas da elegia se casam com as magnificencias da ode:

«... Vais para a mais profunda das covas, para a sepultura errante das aguas. Uma febre de morte te consumiu na vida, uma tempestade eterna te agitará na morte! Condiz o tumulo com a existencia. Como o mar tu foste bella, orgulhosa e ruidosa. Como o mar tu tiveste as tuas tormentas, as tuas calmarias occultas, as tuas grutas, os teus monstros secretos, a tua elevação religiosa, a tua espuma immunda. Como sobre o mar, sobre o teu cerebro correram as doces idéas geniaes e puras como velas de pescadores, as pesadas ambições modernas rapidas e incisivas como rodas de paquetes, as brutaes exigencias do temperamento, estupidas e victoriosas, como *monitores* armados. De encontro á fria reserva dum amor que se extingue tu te despedaçaste, como elle se esmigalha contra a escura insensibilidade das rochas. Como elle tem o vento que é o seu tyranno, tu tiveste a paixão. Vai, pobresinha, repousar em paz, no fundo dos algas verde-negras! Triste destino! Quem mais do que tu sentiu, amou, estremeceu, córou, quiz, venceu? Quantas lagrimas causaste! Quantas loucas palpitações! Quantos desejos para ti voaram como bandos de pombas! Quantas vozes perdidas te chamaram! Quanta fé fizeste renegar! Quanta altivez fizeste succumbir! E tanta vida, tanta acção, tanta vontade, um tão grande centro vital como tu foste, um grumete amarra-lhe duas balas aos pés e atira com elle ao mar! E aqui jaz o ruido do vento, e aqui jaz a espuma da onda!

«De que te serviu o ser, o que fizeste ao sangue, á vontade, aos nervos, ao pensamento que trouxeste do seio da materia? Que

idéa deixaste, que memoria, que piedade? Que foste tu mais do que um corpo bello, desejado e photographado? Fizeste parte, durante a vida, daquellas insensiveis bellezas naturaes, que o homem usa e arremessa. Foste como uma camelia ou como uma penna dum pavão... Nunca tiveste um lugar definido na vida, como não terás um tumulo certo na morte. Adeus, pois, para sempre, oh doce ephemera! o teu destino é a dispersão!

« Por isso aqui estás só! Os que te amaram onde estão? onde estão os que tu amaste? Aqui estás só, vestida com o teu penteador branco, na tua manta de xadrez, sobre o convez dum navio, só, sempre no meio dos homens, como na vida! Não ha uma flôr aqui que se te deite em cima, nem uma renda em que se te envolva a face morta. Morres entre cordagens, no meio de rudes marinheiros que vêm agora da sua ração de aguardente. Nem um padre catholico terá que te fale dos anjos, doces camaradas da tua mocidade. Nem um parente siquer te comporá a dobra do teu lençol! Não se cantará nenhum responso em volta do teu caixão! Não farás scismar as noivas que te vissem passar no teu enterro. As mãos alcatroadas de velhos marinheiros te arremessarão ao mar!

« ... Não sentirás em volta de ti no teu enterro cantos em mau latim, o som das campainhas, a voz aguda dos meninos do côro, os commentarios estupidos da multidão, as grosseiras enxadadas do coveiro. Serás lançada á tua cova do mar no meio dum silencio militar, levando por mortalha a bandeira ingleza, no cantochão infinito dos ventos e das aguas.

« ... Não ficarás para sempre apertada em cinco palmos de terra, sentindo a bocca das raizes pastar o teu seio e a multidão dos vermes entrar no teu corpo como numa cidadella vencida. Não! a tua morte será uma perpetua viagem: viverás nas grutas transparentes de luz, guardarás os thesouros mysteriosos, visitarás as cidades de coral que luzem no fundo do mar, amarás o corpo encantado de algum loiro principe, outr'ora pirata normando! Andarás dispersa no elemento, sombra infinita, alma da agua!... »

G. Moniz Barreto

(*Continúa*)

A PRIMEIRA MISSÃO BRAZILEIRA Á CHINA

ANTECEDENTES

Todas as tentativas feitas no Brazil para introducção de trabalhadores asiaticos originaram-se nas graves crises que abalavam a economia da grande propriedade agricola, sempre que a nação dava um passo para a abolição da escravidão. O exemplo da utilização daquelle succedaneo do braço escravo, para a manutenção das *latifundia*, vinha-nos das colonias hespanholas e inglezas no nosso continente.

A primeira grande crise foi a que se manifestou por occasião da cessação do trafico de Africanos. A ella se seguiram as tentativas de particulares, e do Ministro do Imperio Pedreira, em 1854, para a importação de Chins.

São dessa época as ordens expedidas pelo governo imperial ao nosso representante em Londres para contractar ali com firmas inglezas que se achassem em relações commerciaes com a China a introducção de 6000 *culis*. Chegou-se a contractar a introducção de 2000, dos quaes, porém, não se verificou a expedição nem da metade em consequencia de difficuldades oppostas pelo governo dos Estados Unidos, que prohibia que os Americanos, em cujas mãos estavam as agencias e o transporte de emigrantes chinezes, continuassem a exercitar esse trafico.

Menos, porém, por esse motivo, mencionado no relatorio do Ministerio do Imperio de 1856, do que pela falta de escolha dos Chins da primeira expedição realizada, aquella experiencia foi uma verdadeira decepção para os nossos lavradores e decepção tão

profunda que só trinta annos depois, quando já se faziam sentir intensamente os effeitos da libertação do ventre escravo e da propaganda abolicionista, voltaram-se de novo as vistas da lavoura para o recurso dos trabalhadores asiaticos. Entretanto, fôra nesse periodo que tomara maior desenvolvimento o trafico dos *culis*, por intermedio dos lugubremente celebres barracões de Macau, d'onde haviam partido algumas dezenas de milhares de Chins, para S. Francisco, para o Perú, para Cuba, Trindade e Guyanas.

Quando, em 1878, no Congresso da Lavoura, convocado pelo Sr. Sinimbú, se tratou de aparar o golpe imminente da abolição, sobre a grande propriedade, o alvitre aceito, quasi unanimemente, foi o da introducção de Chins em grande escala.

A opinião favoravel á immigração chineza, entre os interessados ainda se tornou mais incisiva depois da publicação do livro do Sr. Salvador de Mendonça, *Trabalhadores Asiaticos*. O brilhante publicista que exercia então o cargo de consul geral em Nova-York, na sua interessante monographia, pôz em relevo as raras qualidades que os filhos do Imperio Celeste haviam revelado na luta contra a natureza ingrata do *Far-West* americano, diante da qual o trabalhador branco, como o negro, se haviam mostrado impotentes.

Occorria, todavia, que tendo cessado o trafico de Chins por Macáu, só por uma concessão directa da Côrte de Pekin se poderia conseguir a saída, pelos portos da China, dos cubiçados *culis*. Foi essa circumstancia que determinou o Sr. Sinimbú a enviar uma embaixada á China.

Tendo sido um dos enviados dessa missão diplomatica, pareceu-me que offereceria algum interesse aos leitores da *Revista Brazileira* a narrativa da curiosa negociação do primeiro tratado celebrado pelo Brazil com o grande Imperio asiatico, interesse que se augmentará sabendo-se que o governo do Filho do Céu era representado nessa negociação por esse mesmo vice-rei Li-Hung-Chang, de quem tanto se occupou o mundo occidental na recente visita que este singular personagem fez aos principaes paizes da Europa e aos Estados Unidos.

Deve estar ainda na memoria dos contemporaneos a violenta opposição que soffreu no parlamento e na imprensa o credito de cem contos de réis pedido pelo Sr. Sinimbú para as despezas da embaixada á China. Não chegou, porém, ao conhecimento do

publico a maior difficuldade que o illustre estadista teve de superar: a repugnancia, por parte do Imperador, de celebrar um tratado com a China.

Em todos os assumptos relativos á abertura de relações com aquelle paiz o Imperador tornava-se intratavel. O desprezo que elle manifestava pela nação chineza, fazia crer que a unica noção que se fixára em seu espirito sobre aquelle interessante paiz e seus industriosos habitantes fora a das impressões que lhe haviam produzido os maus costumes dos Chins de infima extracção introduzidos no Brazil entre os annos de 1854 e 1856. Ora, é sabido que as primitivas levas de trabalhadores chinezes aliciados para as colonias inglezas, hollandezas, portuguezas e hespanholas, das Indias, da Polynesia e da Australia, e mais tarde para a California, Guyana ingleza, Cuba, Perú bem como as duas expedições que aportaram ao Brazil, compunham-se da escoria das populações maritimas do Sul da China, apanhada nas praias das provincias de Kuang-tung e Fuhkien, gente desclassificada nos proprios recenseamentos officiaes do Celeste Imperio, por não ter outra industria desde tempos immemoriaes a não ser a da pirataria.

Não ha castas na China: o filho do mais humilde proletario urbano ou rural, de qualquer ponto do paiz, póde disputar nos concursos publicos as mais elevadas funcções do Estado; estão, porém, excluidos dessa competição os ribeirinhos do mar nas duas provincias acima citadas, bem como os saltimbancos das grandes cidades.

Para quem conhece a historia da immigração chineza, em Cuba e no Perú, si alguma coisa póde causar estranhesa é que entre os Chins vindos para o Brazil se tivessem encontrado, embora em pequena proporção, individuos morigerados e industriosos que foram de alguma utilidade entre nós, sobretudo para misteres domesticos, e que se fixaram no paiz até constituindo familias das quaes existem descendentes dignos de toda a estima.

A tenacidade do Sr. Sinimbú, tendo vencido as prevenções do Imperador, da opposição parlamentar e da imprensa, apparelhou-se um vaso de guerra, a corveta *Vital de Oliveira* para conduzir á China o pessoal da nossa missão. Entretanto, não eram nada auspiciosas para o exito da missão as aberturas mandadas fazer por intermedio dos nossos ministros em Londres e Washington aos

embaixadores da China na Inglaterra e nos Estados Unidos, tendo ambos declarado que o seu governo não só estava resolvido a não celebrar novos tratados, com a clausula da nação mais favorecida, como declinava peremptoriamente de entrar em qualquer ajuste que tivesse por fim a introducção de trabalhadores chinezes no Brazil.

Sobre o ultimo ponto o Marquez Tsêng, o embaixador em Londres, em nota dirigida ao Sr. Barão de Penedo, assim se expressava: « ... Com relação á parte das aberturas do Brazil referentes á emigração ou importação estipendiada de trabalhadores chinezes, tem á dizer que em consequencia do tratamento excessivamente injusto e cruel que immigrantes chinezes têm recebido em outros paizes, o Governo Imperial formou a resolução inalteravel, de declinar, quanto ao presente, qualquer especie de proposta de emigração que não emane de paizes já no gozo de trabalhadores chinezes, como resultado de emigração directa para os mesmos paizes. »

« O abaixo assignado ignora o grau de importancia que o Governo Brazileiro liga á parte de suas aberturas relativa á importação de trabalhadores chinezes, porém si este é o motivo principal ou determinante de enviar uma missão á China, pede para chamar a particular attenção do Ministro Brazileiro para a resolução acima referida do Governo Chinez e assegura S. Ex. que qualquer tentativa para demovel-o dessa resolução só poderá resultar em desapontamento. »

Foram em substancia identicas as declarações do embaixador chinez nos Estados-Unidos feitas ao Sr. Carvalho Borges.

Por outro lado a imprensa ingleza deu publicidade a uma mensagem da *Anti-Slavery Society*, de Londres, ao Governo Chinez em que attribuia ao Governo Brazileiro o pensamento de collocar os trabalhadores chinezes no mesmo pé dos escravos existentes no paiz.

Informados o Dr. Eduardo Callado e eu, os dois enviados nomeados, de que o Marquez Tsêng embaixador chinez na França e na Inglaterra, gozava de grande influencia na Côrte de Pekin procuramos, durante a nossa estada em Pariz, captar a boa vontade desse personagem, a qual pelo menos poderia nos servir para termos um acolhimento na China condigno com o nosso caracter de representantes do Governo Brazileiro. A precaução não era ociosa em relação a um paiz atrazado, em materia de relações internacionaes, como a China. Convinha tambem que em nossa passagem pela

Europa ficassemos conhecendo até que ponto poderiamos contar com os bons officios pelo nosso Governo solicitados dos Governos da Inglaterra, França e Estados Unidos.

Nesse preparo do successo da missão não andou bem inspirada a nossa Chancellaria dos Negocios Estrangeiros; pois, ella não devia ignorar que o governo inglez era, em principio, contrario á emigração de trabalhadores chinezes ligados por contractos de prestação de serviços, sendo expressamente vedada em sua colonia em Hon-Kong: d'ahi a formal negativa do *Foreign-Office* de auxiliar de qualquer modo o objecto da missão brazileira. O governo francez acceden gentilmente em prestar-nos os seus bons officios, por intermedio de sua Legação em Pekin, mas, naquella época a questão do Tonkin já trazia a diplomacia chineza muito desconfiada com a França. O Governo de Washington não escrupulizou em prometter-nos a sua coadjuvação, apezar da situação singular em que se tinha collocado enviando, na mesma occasião, á Pekin a odiosa missão que tinha por objecto impôr a cessação da emigração chineza para os Estados Unidos. — Era, portanto, evidente que nenhum valor podia ter, para o exito da nossa missão, a boa vontade platonica do governo americano.

Tinhamos, pois, de nos apresentar na China inteiramente desacompanhados da presumida influencia de qualquer daquellas tres potencias. Depois de lá chegarmos pudemos verificar que, naquella época, o governo europeu que exercia maior ascendente sobre a Côrte de Pekin era o da Allemanha, devido em grande parte aos meritos extraordinarios do diplomata consummado que a representava Her von Brandt.

Por minha parte depois de ter-me inteirado, em diversas conferencias que tivemos com o Marquez Tsêng, de quanto a Côrte de Pekin sentia-se humilhada pelo *jus singulare* que regia as suas relações com as nações do occidente, eu não via vantagem alguma em nos apresentarmos na China amparados pelos bons officios de nenhuma dellas.

O interesse dos governos europeus era que nenhuma innovação se introduzisse no direito convencional dos tratados existentes: a Côrte de Pekin, pelo contrario, pretendia a revisão desses tratados no sentido de se attenuarem as restricções que impunham á sua soberania. E, pois, que nenhuma potencia se mostrava disposta a tomar

a iniciativa de dar satisfação aos mais justos reclamos da China, era evidente que, para o objecto da nossa missão, melhor seria dispensarmos qualquer apoio diplomatico estranho, resolvendo-se o Governo Brazileiro á acceder, por conta propria, ás pretenções da Côrte de Pekin que julgasse fundadas na justiça e moral universaes.

Esta era a unica politica que correspondia á anciedade do Gabinete Sinimbú pela celebração de um tratado com a China, que nos assegurasse as vantagens da immigração dos seus subditos.

Prevaleceu, porém, a tradição nimiamente cautelosa do nosso Ministerio de Estrangeiros, neste caso perfeitamente accorde com a indifferença do Imperador pelo exito da missão; e as instrucções, acompanhadas de um projecto de tratado, que nos foram expedidas quando já nos achavamos na Europa, promptos á partir para China, não só insistiam pela clausula da nação mais favorecida como nos inhibiam de fazer as concessões que o governo chinez reclamava como condição *sine qua non* para entrar em ajustes de novos pactos internacionaes. Facultavam-nos apenas modificar a redacção do projecto de tratado e restringir ou ampliar as suas estipulações sem alterar-lhes o essencial.

Ora, conhecidas as disposições do governo chinez e a proverbial longanimidade dos mandarins do Tsungli-Yamen,[1] a tarefa diplomatica que se nos commettia, figurava-se-me como aquella maravilha da arte chineza que consiste em transformar uma bóla massiça de marfim, em um grande numero de espheras concentricas e destacadas umas das outras, cada uma com seu rendilhado differente, todo o trabalho executado na integridade do solido primitivo.

Entretanto, na pratica das boas relações que conseguimos entreter em Paris com o Marquez Tsêng, elle tivera expansões, que, contrastando com a rigidez dos termos da nota dirigida ao Sr. Barão de Penedo, deixavam-nos entrever a possibilidade de alcançar um exito completo á nossa missão, desde que tivessemos poderes para negociar um tratado sobre as novas bases estabelecidas pela Côrte de Pekin. Essas bases, aliás razoaveis, constavam de uma circular do *Tsungli-Yamen*, de que o Marquez nos forneceu copia, versando as principaes sobre a estensão que as nações do

[1] Ministerio das Relações Exteriores em Pekin.

occidente pretendiam dar ao privilegio da exterritorialidade de que gozavam os seus nacionaes na China, e sobre a clausula da nação mais favorecida.

Ao partirmos, pois, para a China as esperanças que nos havia despertado a officiosidade do Marquez Tsêng, já por suas declarações, já pelas recommendações pessoaes que nos proporcionou para as principaes personagens do governo chinez, essas esperanças, digo, tornaram-se muito tenues ante á inflexibilidade das Instrucções do nosso Ministerio de Estrangeiros. — A' mim, pessoalmente, preoccupava — além de tudo, a idéa de uma longa demora da missão, com a qual não se podia conciliar a commissão naval de que eu estava encarregado á bordo da *Vital de Oliveira* na viagem de circumnavegação que lhe estava prescripta. A nossa partida de Toulon, naquella corveta, verificou-se á 16 de março de 1880.

Antes, porém, de transportar esta narrativa para Tien-tsin, onde foi negociado o tratado, direi a impressão que me fez a embaixada chineza em Paris.

O embaixador, Marquez Tsêng, achava-se acreditado ao mesmo tempo junto ao governo britannico; mas, a sua installação mais apparatosa, era a de Paris, onde se conservou durante toda a nossa estada na Europa. Ninguem poderia fazer idéa do caracter chinez e da cultura de espirito dos altos funccionarios da China pela convivencia com os membros daquella embaixada.

O Marquez, que tinha a reputação de letrado profundo em seu paiz, possuia ao mesmo tempo os conhecimentos geraes que têm no occidente todos os homens que occupam posições sociaes eminentes; as suas maneiras eram da mais apurada fidalguia européa, despidas de todo o ridiculo da polidez exagerada das classes educadas de seu paiz; o seu caracter franco e communicativo. No seu typo mongolico era um bello homem; a affabilidade do seu olhar e o seu sorriso faziam desapparecer, desde a primeira vez que se o avistava, a dureza dos traços physionomicos que, para nós outros, têm todos os individuos de sua raça. Apezar da antithese do exterior physico e dos trajes, o seu trato ameno, por uma dessas aproximações inconscientes da memoria, lembrava-me o Visconde do Rio Branco, um dos homens mais amaveis que conheci em todas as sociedades que frequentei.

O titulo de nobreza de Tséng era herdado de seu pai ao qual fôra conferido em recompensa de eminentes serviços prestados á integridade do Imperio durante a terrivel rebellião dos Taipings. Não havendo na China titulos nobiliarchicos correspondentes aos da Europa, a categoria de — Marquez só lhe correspondia por analogia. Durante a nossa estada em Paris o Marquez obsequiou-nos como si fôramos seus hospedes em seu proprio paiz. A imprensa parisiense descreveu um dos banquetes que elle nos offereceu no rigor dos usos chinezes, não faltando no *mênu* a classica sopa de delicadas algas gelatinosas, retiradas dos ninhos das andorinhas do mar, colhidas nos penhascos dos costas dos mares da China e da India. Não me exprimirei tão lisongeiramente em relação a outras iguarias que nos foram servidas, como as azas salgadas de tubarão, os grêlos de bambú e os ovos conservados, tanto mais apreciados pelos Chins quanto maior é o numero de annos que jazem enterrados. Divertiram-se muito os Chins, vendo a *maladresse* dos convivas francezes e brazileiros que ensaiavam manejar o talher chinez que, como é sabido, consiste em duas pequenas varetas de metal, marfim ou bambu. Os Chins manejam-nas entre os dedos da mão direita, formando como uma tenaz com que apprehendem os bocados solidos. Exagera-se a destreza com que os Chins usam esses *pausinhos* e acredita-se que até o arroz é levado á bocca com um pausinho em cada mão; isso deve originar-se de algum gracejo, porque o uso da colher nos repastos é commum em todas as classes da China.

O nobre amphytrião durante o jantar offereceu aos dois Enviados brazileiros delicados leques sobre os quaes inscrevera, de seu proprio punho, em caracteres chinezes, poesias de sua lavra, que nos traduziu verbalmente em inglez.

A embaixada do Marquez Tséng differençava-se pelo seu pessoal, todo de jovens secretarios e addidos, da composição ordinaria das embaixadas chinezas, nas quaes, o embaixador é inseparavelmente ladeado de mandarins idósos e altamente graduados, conselheiros e acolytos obrigados em todos os actos e gestos do chefe da missão. Dessa circumstancia se podia inferir a confiança excepcional de que gozava o Marquez na Côrte de Pekin.

Entre os addidos brilhava nos salões da embaixada, pela vivacidade de seu espirito e pela perfeição com que falava varias

linguas européas, um joven coronel, *attaché militaire*, que pouco tempo depois devia despertar immensa notoriedade na Europa, já como escriptor que estreára com um livro original, escripto em puro francez, — *Les Chinois peints par eux mêmes*, já como forjador do mais fantastico estellionato de que ha noticia, o falso emprestimo publico de alguns milhões lançado em nome do governo chinez, que devia arrebatar o espirituoso Tcheng-ki-Tong da convivencia com a *élite* dos homens de letras de Paris, para uma immunda enxovia no interior da Mandchuria.

O Marquez Tsêng, que tão grandes serviços promettia prestar a seu paiz, tendo regressado á China em 1882, ali falleceu, ainda em todo o vigor da vida.

VIAGEM PARA A CHINA

Supprimirei, nesta narrativa, as minhas notas escriptas e reminiscencias, relativas aos incidentes da nossa viagem de Toulon até Hong-Kong, a qual foi minuciosamente descripta no bem elaborado e interessante « Relatorio da Viagem de Circumnavegação da Corveta *Vital de Oliveira* apresentado por seu distincto commandante o, então, capitão de fragata Julio Cezar de Noronha e publicado por ordem do governo em 1882.

Convém notar, que eu não era um simples passageiro naquelle navio, como os outros membros da missão; pois, fôra-me commettida, cumulativamente, uma commissão do Ministerio da Marinha, relativa aos fins de instrucção da viagem, o que significava que eu partilhava da responsabilidade da navegação e da disciplina de bordo. E' certo que a minha confiança na pericia do commandante era absoluta, e que o numeroso estado-maior de bordo compunha-se de officiaes tão capazes e zelosos como raramente se terão achado reunidos em um vaso de guerra de qualquer marinha; mas, essas circumstancias não eximiam-me dos deveres que me impunha a minha insignia de chefe içada no mastro grande da corveta.

A travessia foi penosa por causa da deficiencia de accommodações do navio. Já o seu estado-maior, de 20 officiaes, excedia do dobro á lotação; e na praça d'armas tiveram de ser tambem alojados os dois secretarios da missão, um civil e outro militar, o meu

ajudante d'ordens e o interprete da lingua chineza que contractáramos em Paris.

Os aposentos da camara eu os havia cedido ao Dr. Callado e sua familia, e ao Chévalier d'España, Ministro hespanhol na China, que regressava para o seu posto, e que, por motivos que lhe eram pessoaes e que só mais tarde pude conhecer, aceitou pressuroso o convite que lhe fizera em Paris o Dr. Callado, para seguir em nossa companhia.

Eu e o commandante ficámos reduzidos a dois estreitos camarins situados entre a praça d'armas e o compartimento da machina. Póde-se fazer idéa da habitabilidade desta parte do navio assignalando que a temperatura da machina attingia por vezes, 40° Cent.

Em summa, com 74 dias de viagem sendo 56 de navegação e 18 de estada nas escalas de Malta, Porto-Said, Ismailia, Suez, Aden Ceylão (Ponta de Galles) e Singapura transportamo-nos de Toulon á Hong-Kong, sob o rigor, desde que entramos no mar Vermelho, de uma temperatura ardente, não attenuada, como esperavamos, pela monção do sudoeste que, segundo todos os roteiros, sóe declarar-se meiado abril; mas, que naquelle anno retardou-se de mais de um mez.

Para o marinheiro formado na marinha á vela, embarcado em um navio mixto, como era a *Vital de Oliveira*, a contingencia de navegar exclusivamente a vapor, com todo o panno ferrado, é ainda mais enervante do que a calma que paraliza o navio puramente de vela. Em um navio de proporções reduzidas, sobretudo, o uso prolongado da machina motora torna-se verdadeiramente obsessor; todos os sentidos são submettidos á excitações desagradaveis: as cinzas lançadas pela tiragem da chaminé irritam os orgãos visuaes e a cutis; o ruido da machina atormenta os ouvidos; o cheiro acre do fumo do carvão mineral e as exhalações empyreumaticas dos lubrificantes affectam o olfato e o paladar, mesmo aos mais refractarios ao enjóo do mar; e quando a todas essas sensações vexatorias ajunta-se a da elevação extraordinaria da temperatura, navegando-se na zona equatorial, comprehende-se a nostalgia da marinha á vela, de que os mais velhos de bordo deviamos ter soffrido naquella viagem. O diario da nossa derrota através o Mar Vermelho, o Mar da Arabia, o Golpho de Bengala e o Mar da China, só registrou calmas constantes.

Em Hong-Kong, fui forçado com grande pezar a separar-me da *Vital de Oliveira* daquelle pedaço da patria, transportado nos antipodas, onde eu deixava um grupo de amigos e camaradas, que eu já me havia acostumado a considerar como a minha familia official. Declarara-se a bordo o beri-beri e nessas condições morbidas a permanencia do navio nos mares da China determinaria a destruição de sua guarnição. Tendo communicado o apparecimento dessa penosa intercorrencia ao Governo, este ordenou o regresso immediato da corveta pela derrota mais curta. Tracei de accôrdo com o commandante, o itinerario mais seguro e rapido para a volta da corveta ao Rio de Janeiro, atravessando o Pacifico, desta arte completando o gyro do globo.

E'-me grato consignar aqui, a consummada proficiencia com que essa ardua commissão foi desempenhada pelo commandante o actual contra-almirante Julio Cezar de Noronha; ardua realmente, não só para elle como para os seus officiaes e marinheiros, attentas as pessimas condições hygienicas da *Vital de Oliveira*, as suas qualidades nauticas mediocres e ao deploravel estado de deperecimento do seu casco de madeira, verificado na vistoria que o condemnou pouco tempo depois de sua chegada ao Rio de Janeiro. Com o regresso da *Vital de Oliveira* o pessoal da missão ficou reduzido aos dois Enviados, ao secretario, diplomata de carreira o Sr. Henrique Lisboa, ao então capitão de fragata Saldanha da Gama, meu secretario que passou a ter o caracter de addido-militar e o interprete, Mr. Vissières, um joven francez que acabava de terminar com distincção o estudo da lingua chineza na Escola de linguas orientaes de Paris.

Não se tinha julgado necessario constituir a missão com pessoal mais numeroso, pois que, por indicação minha, em todas as solemnidades a officialidade da corveta se apresentaria como fazendo parte da missão.

Em Hong-Kong, encontrámos um estimavel representante da imprensa do Rio de Janeiro o Sr. Elysio Mendes, um dos proprietarios da *Gazeta de Noticias*, o qual, d'ali até á nossa apresentação official em Tien-Tsin, admittiamos em todos os actos de etiqueta como fazendo parte da missão.

Durante a sua estada em Hong-Kong a *Vital de Oliveira* contribuiu para abrilhantar a solemnidade do tri-centenario da morte

de Camões, celebrado com pompa, pela numerosa colonia portugueza, na maior parte de filhos de Macau, residentes naquella localidade.

Estes nossos primos nos antipodas fizeram-nos obsequiosa recepção da qual guardo as mais gratas recordações, especialmente para com o Sr. Conselheiro A. G. Romano, consul do Brazil ali, ha longos annos.

Completámos a nossa homenagem ao tri-centenario que se celebrava transportando-nos a Macau em romaria á lendaria gruta de Camões. Camões! Macau! Eis ahi duas palavras que resumem por si sós, o prestigio do imperio portuguez no Oriente sobrevivendo ao seu anniquilamento através dos seculos!

Depois de visitarmos a grande cidade chineza de Cantão, que se acha a algumas horas de navegação de Hong-Kong, transportamo-nos á Shanghai em um dos grandes paquetes das *Messageries*.

Esta ultima cidade foi o ponto em que nos orientamos sobre o modo de iniciarmos a nossa missão.

ARTHUR JACKOUAY

(*Continúa*)

ASSOMBRAMENTO

(HISTORIA DO SERTÃO)

III

Manuel Alves, ao cair da noite, sentindo-se refeito pelo jantar, endireitou para a tapéra, caminhando vagarosamente.

Antes de sair, descarregou os dous canos da garrucha num cupim e carregou-a de novo, mettendo em cada cano uma bala de cobre e muitos bagos de chumbo grosso. Sua franqueira apparelhada de prata, levou-a tambem, enfiada no correão da cintura. Não lhe esqueceu o rôlo de cêra, nem um maço de palhas. O arrieiro partira calado. Não queria provocar a curiosidado dos tropeiros, Lá chegando, penetrou no pateo pela grande porteira escancarada.

Era noite.

Tacteando com o pé, reuniu um mólho de gravetos seccos e, servindo-se das palhas e da binga, fez fogo. Ajuntou mais lenha arrancando páus de cercas velhas, apanhando pedaços de taboa de peças em ruina e com isso formou uma grande fogueira. Assim allumiado o pateo, o arrieiro acendeu o rolo e começou a percorrer as estrebarias meio apodrecidas, os paióes, as senzalas em linha, uma velha officina de ferreiro com o fóle esburacado e a bigorna ainda em pé.

Veja a *Revista* de 1 de outubro.

— Quero ver si tem alguma coisa escondida por aqui. Talvez alguma cama de bicho do mato.

E andava pesquizando, escarafunchando por aquellas dependencias de casa nobre, ora desbeiçadas, sitio preferido das lagartixas, dos ferozes lacraus e dos caranguejos cerdosos. Nada, nada: tudo abandonado!

— Senhor! porque seria? inquiriu de si para si o cuyabano; e parou á porta de uma senzala, olhando para o meio do pateo, onde uma caveira alvadia de boi espacio, fincada na ponta de uma estaca, parecia ameaçal-o com a grande armação aberta.

Encaminhou para a escadaria que levava ao alpendre e que se abria em duas escadas, de um lado e de outro, como dois lados de um triangulo fechando no alpendre, seu vertice. No meio da parede e erguida sobre a sapata, uma cruz de madeira negra avultava; aos pés desta, cavava-se um tanque de pedra, bebedouro do gado da porta, noutro tempo. Manuel subiu cauteloso e viu a porta aberta com a grande fechadura sem chave, uma tranca de ferro caida e um espeque de madeira atirado a dois passos no assoalho.

Entrou. Viu na sala da frente sua rede armada e no canto da parede, embutido na alvenaria, um grande oratorio com portas de almofadas entreabertas. Subiu a um banco de recosto alto unido á parede e chegou o rosto perto do oratorio, procurando examinal-o por dentro, quando um morcego enorme, alvoroçado, tomou surto ciciando e foi pregar-se ao tecto, donde os olhinhos redondos piscaram ameaçadores.

— Que é lá isso, bicho amaldiçoado? Com Deus adiante e com paz na guia, encommendando Deus e a Virgem Maria...

O arrieiro voltou-se, depois de ter murmurado as palavras de escunjuro, e, cerrando a porta de fóra, especou-a com firmeza. Depois, penetrou na casa por um corredor comprido, pelo qual o vento corria veloz, sendo-lhe preciso amparar com a mão espalmada a luz vacillante do rôlo. Foi dar na sala de jantar, onde uma mesa escura e de rodapés torneados, cercada de bancos esculpidos, estendia-se, vasia e negra.

O tecto de estuque, oblongo e escantilhado, rachára, descobrindo os caibros e rasgando uma nesga de céu por uma frincha do telhado. Por ahi corria uma gotteira no tempo das chuvas e em baixo o assoalho podre ameaçava tragar quem se aproximasse

desapercebido. Manuel recuou e dirigiu-se para os commodos do fundo. Enfiando por um corredor que parecia conduzir á cozinha, viu, ao lado, o tecto abatido de um quarto, cujo sólho tinha no meio um monticulo de escombros. Olhou para o céu e viu abafando a luz apenas adivinhada das estrellas, um bando de nuvens escuras, roldando. Um outro quarto havia junto deste, e o olhar do arrieiro deteve-se, acompanhando a luz do rôlo no braço esquerdo erguido, sondando as prateleiras fixas na parede, onde uma coisa branca luzia. Era um caco velho de prato antigo. Manuel Alves sorriu para uma figurinha de mulher, muito colorida, cuja cabeça apparecia ainda pintada ao vivo na porcellana alva.

Um zunido de vento impetuoso, constringido na fresta de uma janella que olhava para fóra, fez o arrieiro voltar o rosto de repente e proseguir o exame do casarão abandonado. Pareceu-lhe ouvir nesse instante a zoada plangente de um sino ao longe. Levantou a cabeça, estendeu o pescoço e inclinou o ouvido, alerta: o som continuava, zoando, zoando, parecendo ora morrer de todo, ora vibrar ainda, mas sempre ao longe.

— E' o vento, talvez, no sino da capella.

E penetrou num salão enorme, escuro. A luz do rôlo, tremendo, deixou no chão uma restea avermelhada. Manuel foi adiante, e esbarrou num tamborete de couro, tombado ahi. O arrieiro foi seguindo, acompanhando uma das paredes. Chegou ao canto e entestou com a outra parede.

— Acaba aqui, murmurou.

Tres grandes janellas no fundo estavam fechadas.

— Que haverá aqui atrás? Talvez o terreiro de dentro. Deixe ver.

Tentou abrir uma janella, que resistiu. O vento, fóra, disparava ás vezes reboando como uma vara de queixadas em redomoinho no mato.

Manuel fez vibrar as bandeiras da janella a choques repetidos. Resistindo ellas, o arrieiro recuou e, do braço direito estendido, deu-lhes um empurrão violento. A janella, num grito estardalhaçante, escancarou-se e uma rajada rompeu por ella a dentro latindo qual matilha enfurecida; pela casa toda houve um tatalar de portas, um ruido de reboco que cái das paredes altas e se esfarinha no chão.

A chamma do rôlo apagou-se á lufada e o cuyabano ficou só, babatando na treva.

Lembrando-se da binga, sacou-a do bolso da calça; collocou a pedra com geito e bateu-lhe o fuzil: as scentelhas saltavam para a frente impellidas pelo vento e apagavam-se logo. Então, o cuyabano deu uns passos para trás, apalpando, até tocar a parede do fundo. Encostou-se nella e foi andando para os lados, roçando-lhe as costas, procurando o entrevão das janellas. Ahi accocorou-se e tentou de novo tirar fogo: uma faiscazinha chamuscou o isqueiro e Manuel Alves soprou-a delicadamente, alentando-a com carinho; a principio ella animou-se, quiz alastrar-se, mas de repente sumiu-se. O arrieiro apalpou o isqueiro, virou-o nas mãos e achou-o humido: tinha-o deixado no chão, exposto ao sereno, na hora em que fazia a fogueira no pateo e percorria as dependencias deste.

Metteu a binga no bolso e disse:

— Espera, diaba, que tu has de seccar com o calor do corpo.

Nesse entrementes, a zoada do sino fez-se ouvir de novo, dolorosa e longinqua. Então, o cuyabano pôz-se de gatinhas, atravessou a faca entre os dentes e marchou como um felino, subtilmente, vagarosamente, de olhos arregalados, querendo varar a treva. Subito um ruido estranho fel-o estacar, arripiado e encolhido como um jaguar que prepara o bóte.

No tecto soaram uns passos apressados de tamancos pracatando, e uma voz rouquenha pareceu proferir uma imprecação. O arrieiro assentou-se nos calcanhares, apertou o ferro nos dentes e puxou da cinta a garrucha; bateu com o punho cerrado nos feixos da arma chamando a polvora aos ouvidos e esperou. O ruido cessára; só, a zoada do sino continuava, intermittentemente.

Nada apparecendo, Manuel tocou para diante, sempre de gatinhas; mas, desta vez, a garrucha, aperrada na mão direita, batia no chão a intervallos rhithmicos, como a ungula de um quadrupede manco. Ao passar junto do quarto do tecto esboroado, o cuyabano lobrigou o céu e orientou-se. Seguiu então pelo corredor afóra, apalpando, cosendo-se com a parede. Novamente parou, ouvindo um farfalhar distante, um sibilo como o da refega no buritizal. Pouco depois, um estrepido medonho abalou o casarão

escuro e a ventania — alcatéa de lobos rafados — investiu uivando e passou a disparada, estrondando uma janella. Saindo por ahi, voltaram de novo, os austros furentes, perseguindo-se, precipitando-se, zunindo, gargalhando sarcasticamente pelos salões vasios.

Ao mesmo tempo o arrieiro sentiu no espaço um arfar de azas, um soido aspero de aço que ringe e, na cabeça, nas costas, umas pancadinhas assustadas... Pelo espaço todo resoou um psiu, psiu, psiu, psiu... e um bando enorme de morcegos sinistros torvelinhou no meio da ventania.

Manuel foi impellido para a frente á corrimaça daquelles mensageiros do negrume e do assombramento. De musculos crispados num começo de reacção selvagem contra a allucinação que o invadia, o arrieiro alapardava-se, erriçando-se-lhe os cabellos; depois, seguia de manso, com o pescoço estendido e os olhos acesos assim como um sabujo que negaceia.

E foi rompendo a escuridão á caça desse ente maldito que fazia o velho casarão falar ou gemer, ameaçal-o ou repellil-o, num conluio demoniaco com o vento, os morcegos e a treva.

Começou a sentir que tinha caido num laço armado talvez pelo maligno. De vez em quando parecia-lhe que uma coisa lhe arrepellava os cabellos e uns animaculos desconhecidos perlustravam seu corpo em carreira vertiginosa. No mesmo tempo um rir abafado, uns enchichos de escarneo pareciam acompanhal-o de um lado e de outro.

— Ah! vocês não me hão de levar assim-assim, não! exclamava o arrieiro para o invisivel. Póde que eu seja onça presa na arataca. Mas eu mostro! eu mostro!

E batia com força a coronha da garrucha no sólo ecoante.

Subito, uma luz indecisa, coada por alguma janella proxima, fel-o vislumbrar um vulto branco, esguio, similhante a uma grande serpente, colleando-se, sacudindo-se. O vento trazia vozes estranhas das socavas da terra, misturando-se com os lamentos do sino, mais accentuados agora.

Manuel estacou com as fontes latejando, a gueia constricta e a respiração curta. A bocca semi-aberta deixou cair a faca; o folego, a modo de um sedenho, penetrou-lhe na garganta secca, sarjando-a e o arrieiro roncou como um barrão acuado pela cachorrada. Correu a mão pelo sólho e agarrou a faca; mettel-a

de novo entre os dentes, que rangeram no ferro; engatilhou a garrucha e apontou para o monstro: uma pancada secca do cão no aço do ouvido mostrou-lhe que a sua arma fiel o traia. A escorva caíra pelo chão e a garrucha negou fogo. O arrieiro arrojou contra o monstro a arma traidora e gaguejou em meia risada de louco:

— Mandingueiros do inferno! Botaram mandinga na minha arma de fiança! Tiveram medo dos dentes de minha garrucha! Mas vocês hão de conhecer homem, sombrações do demonio!

De um salto arremetteu contra o inimigo; a faca vibrada com impeto feroz, ringiu numa coisa e foi enterrar a ponta na taboa do assoalho, onde o sertanejo, apanhado pelo meio do corpo num laço forte, tombou pesadamente.

A queda assanhou-lhe a furia e o arrieiro, erguendo-se de um pulo, rasgou numa facada um farrapo branco que ondulava no ar; deu-lhe um bote e estrincou nos dedos um como tecido grosso. Durante alguns momentos ficou no lugar, hirto, suando, rugindo.

Pouco a pouco foi correndo a mão cautelosamente, tacteando aquelle corpo estranho que seus dedos arrochavam: era um panno, de sua rêde talvez, que o Venancio armara na sala da frente.

Neste instante, pareceu-lhe ouvir chascos de mofa nas vozes do vento e nos assovios dos morcegos; ao mesmo tempo percebia que o chamavam lá dentro — Manuel, Manuel, Manuel — em frases tartamudeadas. O arrieiro avançou como um possesso, dando pulos, esfaqueando sombras que fugiam.

Foi dar na sala de jantar, onde pelo rasgão do telhado pareciam descer umas fórmas longas, esvoaçando e uns vultos alvos, em que por vezes pastavam chammas rapidas, dansavam-lhe diante dos olhos incendidos.

O arrieiro não pensava mais. A respiração se lhe tornara estertorosa; horriveis contracções musculares repuxavam-lhe o rosto e elle, investindo as sombras, uivava:

— Traçoeiras! eu queria carne para rasgar com esse ferro! eu queria osso para esmigalhar num murro!

As sombras fugiam, esfloravam as paredes em ascensão rapida, illuminando-lhe subitamente o rosto, brincando-lhe um momento nos cabellos arripiados ou dansando-lhe na frente. Era como uma chusma de meninos endemoninhados a zombarem delle, puxando-o d'aqui, beliscando-o d'acolá, açulando-o como a um cão de rua.

O arrieiro dava saltos de tigre, arremettendo contra o inimigo nessa luta fantastica: rangia os dentes e parava depois, ganindo como a onça esfaimada a que se escapa a presa. Houve momento em que uma choréa demoniaca se concertava ao redor delle entre uivos, guinchos, risadas ou gemidos. Manuel ia recuando e aquelles circulos infernaes o iam estringindo; as sombras giravam correndo, precipitando-se, entrando numa porta, saindo noutra, esvoaçando, rojando no chão ou saracoteando desenfreadamente.

Um longo soluço despedaçou-lhe a garganta num ai sentido e profundo e o arrieiro deixou cair pesadamente a mão esquerda espalmada num portal justamente quando um morcego que fugia amedontrado lhe deu uma forte pancada no rosto. Então Manuel pulou novamente para diante apertando nos dedos o cabo da franqueira fiel: pelo rasgão do telhado novas sombras desciam e algumas, quedas, pareciam dispostas a esperar o embate.

O arrieiro rugiu:

— Eu mato, eu mato, mato! — e acommetteu com furia de allucinado aquelles entes maldictos. De um salto foi cair no meio das fôrmas impalpaveis e vacillantes; um fragor medonho se fez ouvir; o assoalho podre cedeu e um barrote, roido de cupins, baqueou sobre uma coisa que se desmoronava em baixo da casa. O corpo de Manuel, tragado pelo buraco que se abriu, precipitou-se e tombou lá em baixo. Ao mesmo tempo um som vibrante de metal, um tilintar como o de moedas derramando-se pela fenda de uma frasqueira que se racha, acompanhou o baque do corpo do arrieiro.

Manuel, lá no fundo, ferido, ensangentado, arrastou-se ainda cravando as unhas na terra como um ururáu golpeado de morte; em todo o corpo estendido com o ventre na terra perpassava-lhe ainda uma crispação de luta; sua bocca proferiu ainda — «eu mato! mato! ma...» — e um silencio tragico pesou sobre a tapêra.

IV

O dia estava nasce-não-nasce e já os tropeiros tinham pegado na lida. Na meia luz, crepitava a labareda em baixo do caldeirão, cuja tampa, impellida pelos vapores que subiam, rufava nos

beiços de ferro batido. Um cheiro de mato e de terra orvalhada espalhava-se com a viração da madrugada.

Venancio, dentro do rancho, juntava ao lado de cada cangalha o couro, o arrocho e a sobre-carga. Joaquim Pampa, fazendo cruzes na bocca aos bocejos frequentes, por impedir que o demonio lhe penetrasse no corpo, emparelhava os fardos, guiando-se pela côr dos tópes cosidos áquelles. Os tocadores, pelo campo afóra, écavam um para outro, avisando o encontro de algum macho fujão. Outros, em rodeio, detinham-se no lugar em que se achava a madrinha, vigiando a tropa.

Pouco depois ouviu-se o tropel dos animaes demandando o rancho. O sincerro tilintava alegremente, espantando os passarinhos, que se levantavam das touceiras de arbustos, voando apressados. As urús, nos capões, solfejavam á aurora, que principiava de tingir o céu e manchar de purpura e ouro o capinzal verde.

— Eh! gente! o orvalho 'stá cortando. Êta! Que tempão tive briquitando co'aquelle macho «pelintra». Diabo o leve! Aquillo é proprio um gato: não faz bulha no mato e não procura as trilhas por não deixar o rasto.

— E a «andorinha?» Isso é que é mulinha desabotinada! Sopra de longe que nem um bicho do mato e desanda na carreira. Ella me ogerizou tanto que eu soltei nella um matacão de pedra, de que ella havia de gostar pouco.

A rapaziada chegava á beira do rancho, tangendo a tropa.

— Que é da giribita? Um trago é bom para cortar algum ar que a gente apanhe. Traze o guampo, Aleixo.

— Uma hora é frio, outra é calor, e vocês vão virando, cambada do diabo! — gritou o Venancio.

— Largue da vida dos outros e vá cuidar da sua, tio Venancio! Por força que havemos de querer esquentar o corpo: emquanto nós nem bem o dia sonhava de nascer, já estavamos atolados no capinzal molhado, vossemecê 'tava ahi na beira do fogo, feito um cachorro velho.

— Tá bom, tá bom! Não quero muita conversa commigo, não. Vão tratando de chegar os burros ás estacas e de suspender as cangalhas. O tempo é pouco, e o patrão chega de uma hora para outra. Fica muito bonito, si elle vem encontrar essa synagoga aqui! E por falar nisso, é bom a gente ir lá. Deus é

grande! mas eu não pude fechar os olhos esta noite! Quando ia querendo pegar no somno, me vinha á mente alguma que pudesse succeder a sô Manuel. Deus é grande!

Logo-logo, o Venancio chamou pelo Joaquim Pampa, pelo Aleixo e mais o José Paulista.

— Deixamos esses meninos cuidando do serviço e nós vamos lá.

Nesse instante um molecote chegou com o café. A rapaziada cercou-o. O Venancio e seus companheiros, depois de terem emborcado os cuités, partiram para a tapéra.

Logo á saida, o velho tropeiro reflectiu um pouco e disse alto:

— E' bom ficar um aqui tomando conta do serviço. Fica você, Aleixo.

Seguiram os tres, calados, pelo campo afóra, na luz suave da ante-manhan. Concentrados em conjecturas sobre a sorte do arrieiro, cada qual queria mostrar-se mais sereno, andando lepido e de rosto tranquillo; cada qual, porém, escondia do outro a angustia do coração e a fealdade do prognostico.

José Paulista entoou uma cantiga que acaba neste estribilho:

A barra do dia ahi vem!
A barra do sol tambem,
Ai!

E lá foram, cantando todos tres, por espantar as maguas.

Ao entrarem no grande pateo da frente, deram com os restos da fogueira que Manuel Alves tinha feito na vespera. Sem mais detença foram se barafustando pela escadaria do alpendre, em cujo topo a porta de fóra lhes cortou o passo. Experimentaram-n'a primeiro. A porta, fortemente especada por dentro, rinchou e não cedeu.

Forcejaram os tres e ella resistiu ainda. Então, José Paulista correu pela escada a baixo e trouxe ao hombro um cambão, no qual os tres pegaram e, servindo-se delle como de um ariete, marraram com a porta. As hombreiras e a verga vibraram aos choques violentos, cujo fragor se foi avolumando pelo casarão a dentro em roncos profundos.

Em alguns instantes o espeque, escapulindo do lugar, foi arrojado no meio do sôlho. A caliça que caía encheu de pequenos torrões esbranquiçados os chapéus dos tropeiros — e a porta escancarou-se.

Na sala da frente deram com a rêde toda estraçalhada.

— Mau, mau, mau! — exclamou o Venancio, não podendo mais conter-se; os outros tropeiros, de olhos esbugalhados, não ousavam proferir uma palavra. Apenas apalparam com cautela aquelles farrapos de panno malsinados com certeza ao contacto das almas do outro mundo.

Correram a casa toda juntos, arquejando, murmurando orações contra maleficios.

— Gente, onde estará sô Manuel? Vocês não me dirão por amor de Deus? exclamou o Venancio.

Joaquim Pampa e José Paulista calavam-se, perdidos em conjecturas sinistras.

Na sala de jantar, mudos, um em frente do outro, pareciam ter um conciliabulo em que sómente se lhes communicassem os espiritos; mas, de repente, creram ouvir pelo buraco do assoalho um gemido estertoroso. Curvaram-se todos; Venancio debruçou-se, sondando o porão da casa.

A luz, mais diaphana, já allumiava o terreiro de dentro e entrava pelo porão: o tropeiro viu um vulto estendido.

— Nossa Senhora! Corre, gente, que sô Manuel está lá embaixo estirado!

Precipitaram-se todos para a frente da casa, Venancio adiante. Desceram as escadas e procuraram o portão que dava para o terreiro de dentro. Entraram por elle a fóra e embaixo das janellas da sala de jantar um espectaculo estranho deparou-se-lhes:

O arrieiro, ensanguentado, jazia no chão estirado; junto de seu corpo de envolta com torrões desprendidos da abobada de um forno desabado, um chuveiro de moedas de ouro luzia.

— Meu patrão! Sô Manuelzinho! Que foi isso? Olhe seus camaradas aqui. Meu Deus! que mandinga foi esta? E a ourama que allumia diante de nossos olhos?!

Os tropeiros acercaram-se do corpo do Manuel, por onde passavam tremores convulsos. Seus dedos encarangados estrincavam ainda o cabo da faca cuja lamina se enterrara no chão; perto da

nuca e presa pela gola da camisa uma moeda de ouro se lhe grudara na pelle.

— Só Manuelzinho! Ai, meu Deus! p'ra que caçar historias com coisas do outro mundo! Isso é mesmo obra do capeta, porque anda dinheiro no meio. Olha esse ouro, Joaquim! Deus me livre!

— Qual, tio Venancio, disse porfim o José Paulista. Eu já sei a coisa. Já ouvi contar casos desses. Aqui havia dinheiro enterrado e, com certeza, nesse forno que está com a bocca virada para o terreiro. Ahi é que está a coisa. Ou esse dinheiro foi mal ganho, ou porque, o certo é que almas dos antigos donos desta fazenda não podiam socegar emquanto não topassem um homem animoso para lhe darem o dinheiro, com a condição de cumprir por intenção dellas alguma promessa, pagar alguma divida, mandar dizer missas; foi isso, foi isso! E o patrão é homem mesmo! Na hora de ver a sombração a gente precisa de atravessar a faca ou um ferro na bocca, p'r'amor de não perder a fala. Não tem nada, Deus é grande!

E os tropeiros, certos de estarem diante de um facto sobrenatural, falavam baixo e em tom solemne. Mais de uma vez persignaram-se e, fazendo cruzes no ar, mandavam o que quer que fosse — «para as ondas do mar» ou «para as profundas, onde não canta gallo, nem gallinha.»

Emquanto conversavam, iam procurando levantar do chão o corpo do arrieiro, que continuava a tremer; ás vezes batiam-se-lhe os queixos e um gemido entrecortado lhe rebentava da garganta.

— Ah! patrão! patrão! Vossemecê, homem tão duro, hoje tombado assim! Valha-nos Deus! São Bom-Jesus do Cuyabá! olha só Manuel, tão devoto seu! — gemia o Venancio.

O velho tropeiro, auxiliado por Joaquim Pampa, procurava com muito geito levantar do chão o corpo do arrieiro, sem magoal-o. Conseguiram levantal-o nos braços, trançados em cadeirinha e, antes de seguirem o rumo do rancho, Venancio disse ao José Paulista:

— Eu não pego nessas moedas do capeta. Si você não tem medo, ajunta isso e traz.

Paulista encarou algum tempo o forno esboroado, onde os antigos haviam enterrado seu thesouro. Era o velho forno para quitanda. A ponta do barrote que o desmoronara estava afincada no meio dos escombros. O tropeiro olhou para cima e viu, no alto, bem acima do forno, o buraco do assoalho por onde caira o Manuel.

— E' alto devéras! Que tombo! disse de si para si. Que ha de ser do patrão? Quem viu sombração fica muito tempo sem poder encarar a luz do dia. Qual! esse dinheiro ha de ser de pouca serventia. Para mim, eu não quero: Deus me livre; então é que eu 'tava pegado com essas almas do outro mundo! Nem é bom pensar.

O forno estava levantado junto de um pilar de pedra, sobre o qual uma viga de aroeira se erguia, supportando a madre. De cá se via a fila dos barrotes estendendo-se para a direita até ao fundo escuro.

José Paulista principiou a catar as moedas e encher os bolsos da calça; depois de cheios estes, tirou do pescoço seu grande lenço de cor e, estendendo-o no chão, o foi enchendo tambem; dobrou as pontas em cruz e amarrou-as fortemente. Escarafunchando os escombros do forno, achou mais moedas e com estas encheu o chapéo. Depois partiu, seguindo os companheiros que já iam longe, conduzindo vagarosamente o arrieiro.

As nevoas volateantes fugiam impellidas pelas auras da manhan; sós, alguns capuchos pairavam, muito baixos, nas depressões do campo ou adejavam nas cupolas das arvores. As sombras dos dois homens que carregavam o ferido traçaram no chão uma figura estranha de monstro. José Paulista, estugando o passo, acompanhava com os olhos o grupo que o precedia de longe.

Houve um instante em que um pé de vento arrancou ao Venancio o chapéo da cabeça. O velho tropeiro voltou-se vivamente; o grupo oscillou um pouco, concertando nos braços o ferido; depois, pareceu a José Paulista que o Venancio lhe fazia um aceno: « apanhasse-lhe o chapéu. »

Ahi chegando, José Paulista arriou no chão o ouro, poz na cabeça o chapéu de Venancio e levantando de novo a carga, seguiu caminho afóra.

A' beira do rancho a tropa bufava escarvando a terra, abicando as orelhas, relinchando á espera do milho que não vinha. Alguns machos malceriados entravam pelo rancho a dentro, de focinho estendido, cheirando os embornaes.

A's vezes ouvia-se um grito — toma, diabo! — e um animal espirrava para o campo á tocada de um tropeiro.

Quando lá do rancho se avistou o grupo onde ia o arrieiro, correram todos. O cozinheiro, que vinha do olho d'agua com o ôdre ás

costas, atirou com elle ao chão e disparou tambem. Os animaes já amarrados, espantando-se, escoravam nos cabrestos. Bem depressa a tropeirada cercou o grupo. Reuniram-se em mó, proferiram exclamações, benziam-se, mas logo alguem lhes impoz silencio, porque voltaram todos, recolhidos, com os rostos consternados.

O Aleixo veiu correndo da frente para armar a rede de tucum que ainda restava.

Foram chegando e José Paulista chegou por ultimo. Os tropeiros olharam com estranheza a carga que este conduzia; ninguem teve, porém, coragem de fazer uma pergunta: contentaram-se com interrogações mudas. Era o sobrenatural, ou era obra dos demonios. Para que saber mais? Não estava naquelle estado o pobre do patrão?

O ferido foi collocado na rede, havia pouco armada. Um dos tropeiros chegou com uma bacia de salmoura; outro, correndo do campo com um molho de arnica, pisava a planta para extrair-lhe o succo. Venancio, com um panno embebido, banhava as feridas do arrieiro, cujo corpo vibrava então fortemente.

Os animaes olhavam curiosamente para dentro do rancho, afilando as orelhas.

Então, Venancio, com a physionomia decomposta, numa apojadura de lagrimas, exclamou aos parceiros:

— Minha gente! aqui, neste deserto, só Deus Nosso Senhor! E' hora, meu povo! E ajoelhando-se de costas para o sol que nascia começou a entoar um — « Senhor Deus, ouvi a minha oração e chegue a vós o meu clamor! » — E trechos de psalmos que aprendera em menino, quando lhe ensinaram a ajudar a missa, afloraram-lhe á bocca.

Os outros tropeiros foram se ajoelhando todos atraz do velho parceiro, que parecia transfigurado. As vozes foram subindo, plangentes, desconcertadas, sem que ninguem comprehendesse o que dizia. Entretanto, parecia haver uma ascensão de almas, um appello fremente *in excelsis* na fusão dos sentimentos desses filhos do deserto. Ou era talvez a propria voz do deserto malferido com as feridas de seu irmão e companheiro, o fogoso cuyabano.

De feito, não pareciam mais homens que cantavam; era um só grito de angustia, um appello de soccorro que subia do asilo largo do deserto ás alturas infinitas — « Meu coração está ferido e

secco como a herva... Fiz-me como a coruja, que se esconde nas solidões!... Attendei propicio á oração do desamparado e não desprezeis a sua supplica... »

E assim em frases soltas, ditas por palavras não comprehendidas, os homens errantes exalçaram sua prece com as vozes robustas de corredores dos escampados. Inclinados para a frente, com o rosto baixado para a terra, as mãos batendo nos peitos fortes, não pareciam dirigir uma oração humilde de pobresinhos ao manso e compassivo Jesus, sinão erguer um hymno de glorificação ao *Agíos Ischiros*, ao formidavel *Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth.*

Os raios do sol nascente entravam quasi horizontalmente no rancho, acclarando as costas dos tropeiros, esflorando-lhes as cabeças com fulgurações tremulas. Parecia o proprio Deus formoso, o Deus forte das tribus e do deserto, apparecendo num fundo de apotheose e lançando uma mirada, do alto de um portico de ouro, lá, muito longe, áquelles que, prostrados em terra, chamavam por Elle.

Os ventos matinaes começaram a soprar mais fortemente, remexendo o arvoredo do capão, carregando feixes de folhas que se espalhavam no alto. Uma ema, abrindo as azas, galopava pelo campo... E os tropeiros, no meio de uma inundação de luz, entre o canto das aves despertadas e o resfolegar dos animaes soltos que iam fugindo da beira do rancho, derramavam sua prece pela amplidão immensa.

Subito, Manuel, soerguendo-se num esforço desesperado, abriu os olhos vagos e incendidos de delirio. A mão direita contraiu-se, os dedos crisparam-se como se apertassem o cabo de uma arma prompta a ser brandida na luta... e seus labios murmuraram ainda, em ameaça suprema,—«eu mato!... mato!... ma...»

Affonso Arinos

ASPECTOS DA ITALIA

COLOSSOS ANTIGOS

Os que vieram depois tinham gosto horrivelmente diverso. Eis o sombrio e antipathico Tiberio; apezar do seu temperamento repulsivo, que parece gelar-nos a epiderme como o contacto da mão de um finado, não lhe faltam defensores, e de valia, sobretudo entre os historiadores allemães, o que não admira, pois não poucos sabios daquella nacionalidade reunem a uma solida instrucção e a uma rara consciencia um amor irresistivel do paradoxo. Stahr chega a dizer que Tiberio foi «uma bella e nobre natureza.» E os seus crimes? Ah! — respondem — foi levado a commettel-os pelos maus conselheiros que o illudiam; emquanto lhes não soffreu a influencia, foi sabia a sua administração. Bella desculpa! Penso antes, com G. Boissier, que, hypocrita por indole, se fingiu bom quando a sua maldade o prejudicaria, fazendo preferiveis outros candidatos ao imperio. Uma vez que estes o deixaram dono da situação, os seus instinctos baixos e ferozes foram alem de todos os limites. Tambem os monstros que se lhe seguiram, Caligula, Nero, Domiciano, principiaram a reinar parodiando a virtude. Theodoro de Gadora, que, como professor de rhetorica de Tiberio, o conheceu ainda joven, desde então lhe chamava «lodo amassado com sangue». [1] Era um misanthropo feroz, que não se contentava com odiar os homens; ora os supprimia, ora degradava a propria fórma humana. Para

---

Veja a *Revista* de 15 de setembro.

[1] Suetonio, Tiberio, LVII.

dissipar a corrosiva melancolia que o minava, *tristissimus hominum*, divertia-se, na solidão de Capréa, a travar conversas futeis com astrologos e grammaticos que depois mandava decapitar, e excitava o organismo gasto, com espectaculos obscenos, assistindo ás dansas lubricas da « triplice cadeia », gozando as nefandas voluptuosidades *spintrias*. Quanto a assassinios, o seu appetite era insaciavel; praticava-os todos os dias, mesmo nos consagrados pela religião; não houve classe social que lhe não fornecesse abundantes victimas; de uma vez, vendo o carcere a transbordar de prisioneiros, entregou-os todos ao algoz, para dar espaço a outros; dos vinte senadores de sua confiança com que constituira o seu conselho privado, só dois ou tres existiam dentro em pouco; o torpe Sejano, seu complice, teve a mesma sorte; nem a familia imperial escapou: o illustre Germanico, de quem Tiberio tinha inveja, foi morto; sua mulher Aggrippina, seus filhos Nero e Druso, pereceram de fome no exilio ou no ergástulo. O velho verdugo aspirava á fortuna de Priamo, que sobrevivera a todos os seus... Caligula « o melhor dos escravos e o peior dos amos », esse é francamente um doido; a epilepsia tornava-o irresponsavel. Elle não se dava ao trabalho de dissimular a sua perversidade; antes, della se gloriava. Por estravagante artificio, buscava dar á sua feroz physionomia, expressão ainda mais feroz. Não havia para elle tão seguro indicio da sua paternidade como a espantosa crueldade que sua filha revelou desde a infancia. Não comprehendia o prazer sem os requintes de uma infernal crueza; comendo, via torturar e degolar gente; e ao beijar a esposa ou a amante, sempre exclamava com delicias: « quando eu quizer, esta bella cabeça cairá! » De resto, desejaria que o povo romano só tivesse uma cabeça, para cortal-a de um golpe. Embriagado de incenso e de parvos louvores, nenhum titulo lhe bastava: nem o de Deus; familiar com os habitantes do Olympo, convidava a Lua a ir dormir com elle, tinha colloquios secretos com Jupiter Capitolino, e chegou a desafial-o para a luta; mas acalmou-se por fim, declarando aos assistentes que o pai dos Numes lhe pedira perdão... Como lhe parecia vulgar ser neto de Aggrippa, propalava que sua mãi nascera dos amores incestuosos de Augusto com a propria filha. A ninguem consentia brilhar por uma qualidade physica ou moral; matou Ptolomeu, só porque, entrando no circo, chamara a attenção pelo manto de purpura que trazia, e Esio Proculo

porque a sua belleza varonil e a sua alta estatura lhe haviam merecido o nome de *amor colosso*. Em summa, quando os tribunos Chereas e Sabino lhe traspassaram o coração, cessou de viver um dos monstros mais completos que têm contaminado a terra. Claudio o gago, imbecil e glotão, si o deixavam comer e embebedar-se tranquillamente, a ninguem fazia mal; mas, desde que lhe acirravam a ira, transformava-se em animal estupido e sanguinario, especie de javali furioso, arremettendo contra todo o mundo. Medroso e desconfiado, a minima suspeita o impellia ás mais atrozes vinganças... Mas o seu reinado foi antes um interregno; o moço Nero, para estrear dignamente na vida publica, apressou-se a propinar-lhe efficaz peçonha. Esse venceu em extravagancia os seus antecessores, e attingiu na perversidade uma original perfeição, que deve tirar o somno aos maiores delinquentes. Poeta, musico, *sport man*, cocheiro, actor comico e tragico, tão variados louros não lhe bastaram; não lhe bastou satisfazer a sua vaidade com os applausos do povo no amphitheatro, com as homenagens dos principes e patricios, com a admiração dos palafreneiros e bestiarios, que lhe eram consocios de orgia nas tavernas de Roma; não lhe bastou ter o triumpho sem batalhar, esbanjar fortunas enormes sem as ter ganho, erigir estatuas a si proprio, e arruinar a nação para viver a seu gosto. Não achava assás graciosas as farças do circo; queria as da realidade, singularmente mesclados os dramas que faziam tremer... Velho aos trinta annos, não encontrava nas coisas naturaes prazeres que o contentassem; mesmo violar uma vestal sagrada não lhe pareceu sufficiente; quiz transtornar a ordem dos sexos, casando-se publicamente com o eunucho Sporo, que elle ornou com o véu nupcial e com vestes de imperatriz.. Mas á devassidão unia-se na sua alma crueldade, qual nunca teve nenhuma féra das brenhas.—Como eu desejara não saber escrever! — disse elle ao assignar a primeira sentença de morte; mas depois foi perdendo os escrupulos, aliás fingidos. Que immensa é a lista das suas victimas! quantos frascos de veneno lhe teve de preparar Locusta! Depois de Britannico, elle matou sua prima Antonia e seu enteado Rufino, depois da primeira mulher, Octavia, que condemnara falsamente como adultera, assassinou, dando-lhe um pontapé no ventre, a segunda, Poppéa, que estava gravida; por fim, nem a propria mãi poupou... Nutria um rancor profundo, inexoravel contra toda a humanidade: pensou

em obrigar um comilão egypcio a devorar pessoas vivas; o incendio de Roma, que com suas mãos ateara, não o applacou; e como um amigo lhe citasse este verso grego: «Que o fogo, depois de mim, destrúa a terra.» elle replicou: «Depois de mim, não! estando eu vivo!» [1]

Para o luxo frenetico de taes monarchas, nenhuma ostentação era excessiva. Tiberio, entretanto, avarento como era, só construiu um palacio e um arco de triumpho; Claudio, apezar de idiota, decretou algumas obras uteis, como o grande aqueducto e o dessecamento do lago Fucino. Caligula e Nero, que tinham a mania do fantastico, porfiaram em deslumbrar o mundo com edificios de nunca vista magnificencia.

Elles escolheram para residir o monte Palatino; já Cicero, que ali tambem habitara, dizia ser esse o mais excellente sitio da cidade. De resto, as tradições o indicavam; fôra o Palatino a séde da *Roma quadrata*, como ainda excavações recentes demonstraram, dando razão a historiadores como Tito Livio e Diniz de Halicarnasso, de cujas asserções foi moda por algum tempo duvidar. Construcções ulteriores se apoiavam sobre as primitivas porque em Roma, de ordinario, não demoliam uma casa para edificar outra ao mesmo nivel; soterravam aquella, que assim servia de alicerce á segunda. Augusto, de certo para ligar subtilmente a sua dynastia á historia dos reis, fôra morar no Palatino, onde levantara templos a Apollo e a Vesta, cujo pontifice era. Caligula assentou ahi a sua esplendida residencia, mas como o espaço se lhe afigurasse pouco, alongou-a até o Forum, fazendo do templo de Castor vestibulo da casa; esse doido tinha já templo proprio, onde recebia incenso, offertas, sacrificios, todas as homenagens de uma côrte corrupta e de uma plebe degradada; mas o culto privativo não lhe bastava; e eil-o nos templos que pertenciam a outros numes, partilhando com elles as honras divinas. O palacio, maravilhosamente decorado, cheio de pinturas muraes e de superfinas estatuas gregas, não existe mais, como não existe a ponte gigantesca, com que o imperador fez unir o Palatino ao Capitolio; ainda se vê, porém, o longo *cryptoportico* que ligava esse palacio ao de Tiberio, e onde Caligula foi assassinado.

---

[1] Suetonio, Nero. XXXVIII.

Nero, ambicioso de novidade, entendeu que um simples palacio por vasto que fôra, seria indigno delle; precisava de uma cidade em miniatura; as chammas do celebre incendio, que durou seis dias, forneceram-lhe o terreno necessario, e varridos os escombros miseraveis, Severo e Celer, architectos do principe, deram tratos á imaginação para contental-o. A *Casa de Ouro*, enorme joia resplandecente, onde perolas e pedrarias finas coruscavam engastadas em metaes preciosos, estendia-se do Palatino ao Esquilino. No vestibulo assentava-se o *collosso de Nero*, estatua de cento e vinte pés, cuja cabeça foi mais tarde derrubada, no immenso recinto; de um lado eram campos de trigo, pomares, vinhas, pastagens; do outro, bosques cerrados em que animaes selvaticos andavam á solta; mais longe, um lago amplissimo, e na redondeza das suas margens um circulo de edificios, cujos porticos offereciam sombra e frescura. Nas salas vastas, os convivas banqueteavam-se pela noite adiante, mollemente debruçados sobre as mesas de marfim e ouro, e do tecto um orvalho de perfumes inebriantes chovia brandamente sobre elles... Então, Nero, satisfeito, disse: começo a estar installado como um homem...

Magnificencia van, sem solidez e sem viabilidade. Peior que edificar na areia é edificar na lama; e em lama que de momento a momento se está escancarando em crateras vulcanicas. A nota dominante desse estado social é um phenomeno que se afigura contradictorio, e, entretanto, é bem frequente: a tyrannia instavel. E, como correlativo, o servilismo revoltoso. Cesar, monarcha e Deus, é o principio e o fim de todas as coisas; faz e desfaz tudo; os minimos factos trazem o cunho da sua intervenção; é elle quem preside ao estado, quem commanda as legiões, quem regula o culto, quem estabelece as leis, quem dirige as obras publicas, quem distribue os viveres e as festas. O povo abdicou ha muito a sua ingerencia nos destinos nacionaes; deixa-se divertir, alimentar e castigar sem resistencia. *Panem et circenses*, é a sua divisa.

Cesar é factor e producto de tal meio; e, portanto, é o modelo que todos buscam imitar. Quereis virtudes domesticas, quando Caligula, não contente de violar todas as suas irmãs, as prostitue aos companheiros do deboche, e mostra nú aos amigos a propria esposa? Quando a imperatriz Messalina, em vida de Claudio, celebra publicamente novas nupcias com Silio, e corre os mais baixos

lupanares da Suburra da rua dos Toscanos, entregando o corpo a quantos o desejam? Assim não admira que, viajando Nero de Roma para Ostia, as matronas mais illustres o fossem esperar em guaritas dispostas ao longo do Tibre, e o convidassem a repousar uma hora com ellas. O amor ahi é considerado fabula ingenua, digna da éra mythologica; para encontrar expressões doces de affecto conjugal é preciso penetrar nas catacumbas onde as singelas inscripções tumulares revelam a rehabilitação da mulher pelo christianismo. A mulher, desprezada, reduzida a mero instrumento de prazer, perde a ternura natural, torna-se dura, astuta e perversa para lutar com o homem; Livia, Livilla, Aggripina, Cesonia e tantas outras, são a um tempo meretrizes descaradas e perigosissimas intrigantes; movem as molas reconditas da politica, agitam-se na sombra, conspiram, empregam para governar, com habil alternativa, o beijo, o punhal e o veneno...

Não se respeita a vida humana quando o prazer favorito do principe é cortar centos de cabeças pelos mais futeis pretextos; não se respeita a propriedade, quando o governo se atira sem escrupulos á rapina e á confiscação, especula com a miseria publica nas épocas de inopia, anima a falsificação dos testamentos e toda a sorte de estellionatos; não se respeitam as funcções e dignidades officiaes, quando os mais altos cargos são entregues a histriões infames e libertos impudentes, quando um cavallo, como *Incitatus*, póde ser proposto ao consulado; não se respeita o valor civico e militar, quando o chefe do Estado é um covarde como um Claudio, que treme diante de um pretoriano, como Caligula que foge vergonhosamente nas Gallias, ou como Nero, que, vencido pensa em apresentar-se ao povo com trajes de luto, para de joelhos pedir perdão do seu passado.

Com o caracter da raça definham e perdem-se as instituições do genio nacional. A antiga eloquencia não é mais possivel: estão proscriptos os grandes problemas sociaes de que ella se alimentava; as escolas dos *rhetores* são lamentaveis sementeiras de banalidades gastas e pedantescas. A philosophia é suspeita; as suas altas cogitações, os seus principios transcendentes se consideram subversivos, pois qualquer maxima pura insulta mortalmente aquella universal degradação; o christianianismo soffre perseguições, não tanto pelos seus dogmas oppostos ao culto official — os Romanos eram

tolerantes com as religiões estrangeiras — mas sobre tudo pela sua moral, que, verberando os crimes dominantes, tinha todos os visos de revolucionaria e anarchica. A mesma literatura arrasta com difficuldade uma vida de emprestimo, de esmola; uma censura despotica apara as azas á poesia, e os vates, falhos de inspiração, limitam-se a compôr versinhos amaneirados e abstrusos sobre themas como a caça, a pesca, o jogo do xadrez, ou a metrificar em honra de Cesar adulações que ainda hoje nos fazem córar. Demais o officio de poeta é por vezes perigoso; quando Nero compõe refinados carmes, a sua rivalidade é de temer; e o maior delicto é ter mais talento que elle. Lucano — genio literario que constitue uma verdadeira excepção nesse tempo — consegue á força de lisonjas, liberdade para a publicação dos primeiros cantos da *Pharsalia*; mas logo Nero, fremente de inveja, lhe prohibe que publique o resto do poema.

Só uma valvula existe então para o descontentamento publico: é a satyra anonyma—recurso proprio de escravos. Comtudo, de longe em longe, vê-se com espanto um sujeito atrevido como aquelle sapateiro que se ria ostensivamente emquanto Caligula recebia sacrificios como um Deus.—Que te pareço eu?—pergunta-lhe o imperador. E o sapateiro, sem vacillar: — Um grandissimo idiota!

No meio desse despotismo anarchico, a profissão mais saliente e lucrativa é a dos *delatores*; viboras humanas, que pertencem a todas as épocas, mas naquella tiveram os seus maximos dias, elles avultam sinistramente, ora nas trevas, ora em plena luz, para flagellar a virtude e fornecer aos tyrannos o pábulo necessario á sua sêde de sangue. «Por toda a parte houve então, diz Seneca, uma como raiva de accusar que esgotou Roma ainda mais que uma guerra civil. Esse baixo mister não repugnava á maioria da gente; não só escravos, não só plebeus vulgares o exerciam; exerciam-n'o tambem aristocratas, representantes das mais nobres familias, netos degenerados de Dolabella, de Catão, de Scauro; no reinado de Tiberio, o grande orador Domicio Afer distinguiu-se como delator.

MAGALHÃES DE AZEREDO

(*Continúa*)

ESTHETICA DE POË

ESCHYLO. — A TRAGEDIA GREGA. — O MUNDO SHAKESPEARIANO. — O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX. — IBSEN. — BJÖRNSON. — MAETERLINCK.

VIII

Não é intuito meu desenvolver aqui um tratado sobre a ethica do autor do *Hamlet*. Pretendo apenas demonstrar o que disse em principio, que não ha grande tragico sem profunda intuição das leis que regem as sociedades.

Ora, nesse ponto, si é irrecusavel que Shakespeare sobreleva a todos os poetas antigos e modernos, não é menos certo que elle excede a si mesmo, quando estuda nos seus dramas o mecanismo das conspirações. Nenhum factor escapa á sua vista de aguia; desde a sublevação interna dos temperamentos, cuja diagnose elle faz em Othelo, em Yago, em Glocester, até o plano sinistro dos usurpadores, atravessando o inconsciente das massas, explorando a tendencia incoercivel da *Mob*, o tragico inglez surge imminente nos acontecimentos, a sondar os rins dos reis, dos generaes e dos guias das multidões, como o Jehovah das Escripturas.

Foi bastante a Shakespeare ter lido Plutarcho para adivinhar como se processou na alma dos conspiradores a morte de Cesar. O contacto de Cassius e Brutus, duas almas de appetites differentissimos, é sufficiente para explicar-nos todo esse apparelho que explodiu no Senado Romano ao grito de Casca. Cassius, especie de encarnação

---

Veja a *Revista* de 15 de fevereiro, 1 e 15 de março, 15 de junho de 1895 e 15 de setembro de 1897.

retrospectiva da alma italiana de Yago, atiçava a vaidade patriotica de Brutus com o mesmo subtil machiavelismo, que o alferes empregava para inflammar o ciume do ingenuo Othelo. Espreitando pacientemente a alma do amigo pela brecha aberta em sua sensibilidade, o frio politico romano acha um momento opportuno para verter o veneno que devia dar movimento á sua paixão e propellir o grupo de conspiradores ao termo funesto. «Põe de um lado, » diz-lhe Brutus, «a honra e de outro a morte, e eu encararei a morte com a maior indifferença; e não me sejam propicios os deuses si não é verdade que eu amo mais um nome honrado do que temo a morte.» E' por essa vereda que a traição ao temperamento se insinua como uma serpente tentadora.

Na praça publica Marcelius e Flavius já por sua vez haviam dado o signal de alarma ás vacillações de Brutus. A multidão mostrava-se disposta a victoriar Cesar por occasião das Lupercaes. Os dois tribunos têm estigmatizado esse procedimento chamando ao povo de canalha, vil, estupido, imbecil, mais estupido do que a pedra inerte, bando de adulação, ora ás voltas com Pompeu, ora prostrado diante de Cesar. E não é sem admiração que Brutus vê esse mesmo bando amorpho tangido para suas casas como ovelhas para o aprisco. Pois bem, não tardaria que o amigo se aproximasse sorrateiramente do amigo e soprasse as cinzas que cobriam o seu coração.

Quem fala é Cassius:

«Dize-me, caro Brutus; podes ver os traços do teu semblante?

«Brutus.—Não; porque os olhos não podem ver a si mesmos, sinão em algum objecto que os reflicta.

«Cassius.—Perfeitamente; é pois para deplorar que não tenhas um espelho que reflicta a teus olhos as virtudes occultas que possues, e que assim torne visivel a tua imagem. Olha: por mais de uma vez nos lugares frequentados pelos mais notaveis cidadãos de Roma, excepto por esse immortal Cesar, ouvi importantes conversações a teu respeito. Gemendo sobre o jugo que opprime a todos, esses notaveis lamentavam que Brutus não tivesse olhos para ver.

«Brutus.—A que perigos queres me arrastar, obrigando-me a procurar em mim mesmo merecimentos que não existem?

«Cassius.—Brutus, prepara-te para ouvir-me; e já que não podes conhecer-te sem auxilio de um outro, que este outro seja eu. Vou como um espelho, e sem lisonja, mostrar os traços de tua alma,

que tu não conheces ainda. Não desconfies de mim, virtuoso Brutus. Poderias julgar-me um homem perigoso si me visses representar em publico o papel de jogral, prodigalizando amizade ao primeiro adventicio no meio de protestos banaes, ou si me encontrasses adulando alguem com palavras adocicadas e caricias individuaes cuja reputação retalhasse quando fóra de sua presença. Nada disto. (*Ouve-se ao longe o clangor de trombetas e ruidosas acclamações*).

« Cassius (*encarando-o com firmeza*). — Sim, e tu o temes? Entretanto, estou certo que não desejas que assim succeda.

« Brutus.—Não o desejo, Cassius; comtudo, eu o amo sinceramente. Mas porque me olhas assim por tanto tempo? Tens algum segredo que me confiar? Si se trata do bem do publico, eia, vamos a elle, ainda que tenha de pôr a honra fronte a fronte com a morte.

« Cassius.—Ahi tens: estou daqui vendo como a virtude surge do fundo de tua alma; como ella se casa com a expansiva doçura do teu semblante. Sim. E' de honra justamente que eu te quero falar. Não sei o que tu pensas nem o que os outros julgam da vida; quanto a mim affirmo que preferiria não existir a viver humildemente curvado diante de um ente meu igual. Nasci tão livre como Cesar; tu não dirás tambem que não gozas do mesmo favor dos deuses. Os annos desenvolveram em nós a mesma força; ambos somos capazes como elle de supportar o rigor dos invernos.—Lembro-me agora. Em um dia de tempestade em que o Tibre furioso arrojava-se de encontro ás ribanceiras, Cesar disse-me: O' Cassius, serias capaz de lançar-te commigo á agua e affrontar essas ondas irritadas? Vamos nadar até aquella volta do rio mais distante?—Ainda elle não acabara de falar, e eu, vestido como estava, fendia as aguas do rio, incitando-o a que me seguisse; com effeito Cesar seguiu-me. A torrente rugia; nós, entretanto, a flagelavamos com musculos de ferro, bipartindo as ondas e disputando em velocidade quem devia chegar primeiro. Antes, porém, de attingirmos o ponto assignalado, Cesar deu um grito: « Soccorro, Cassius, que me afundo! » E eu, do mesmo modo que nosso antepassado Enéas, carregando o velho Anchises sobre os hombros, salvou-o das labaredas de Troia, assim arranquei das garras da morte a Cesar quasi moribundo. E este homem é hoje um deus! emquanto Cassius não passa de uma abjecta creatura! Si esse deus passar, serei forçado a fazer-lhe uma

reverencia até encostar a cabeça no chão, que terá como resposta, si tiver, uma desdenhosa inclinação de cabeça.—Outra. Em Hespanha vi-o uma vez acommettido de febre. Tenho bem presente que durante o accesso esse homem tremia; sim, esse deus tremia: a palidez do medo estampava-se em seus labios; e esses mesmos olhos, cujo lampejar imprime hoje terror no mundo, tinha então perdido todo o brilho. Ouvi com estes ouvidos os seus gemidos; e essa voz, que ordena aos Romanos que o ouçam e escrevam suas palavras nos annaes, era a mesma que dizia: «Vale-me, Titinius; dá-me agua, que morro de sêde!» E gritava como uma criança. O' Deuses! O que me confunde e causa pasmo é que tão debil athleta atire-se hoje á liça em que se disputa a posse do magestoso universo e que por fim consiga sósinho arrebatar a palma da victoria. (*Novas acclamações; os instrumentos sôam de novo*).

«Brutus.—Ainda! Estes applausos com certeza annunciam que a adulação põe novas honras sobre a cabeça de Cesar.

«Cassius.—Que duvida! Romano, olha que elle enguiça o mundo como um enorme gigante, e nós, pigmeus, passando de rastos por entre suas pernas colossaes, mal podemos estirar as cabeças, cheios de terror e com olhos inquietos... buscando o que? buscando os ignominiosos tumulos em que deveremos desapparecer. Ha épocas em que os homens são senhores dos seus destinos; si somos escravos, caro Brutus, não o attribuamos á nossa estrella; a causa da escravidão reside em nós. Brutus! Cesar! Que ha demais nesse Cesar? Que razão ha para que este nome seja pronunciado com mais pompa do que o teu. Escrevo-os juntos: não vejo differença — iguaes em nobreza. Pronuncio-os; acho-os igualmente sonoros. Na balança — peso igual; e convocados por esses nomes, os manes apparecerão tanto ao de Brutus como ao de Cesar. Por tudo quanto ha nos céus, qual é então a substancia de que se alimenta esse Cesar para ter crescido assim? Isto é uma deshonra para o seculo. Roma, perdeste a semente dos grandes homens! Depois do antigo diluvio, que eu saiba, não houve época que devesse sua gloria a um homem só. Quem diria, falando de Roma, que o vasto recinto de suas muralhas viesse abrigar a um só mortal? Oh! eu, tu, todos nós ouvimos a nossos pais dizer que existiu outr'ora um Brutus que desejaria ver enthronizado em Roma antes o demonio eterno dos infernos do que um rei.

« BRUTUS. —Não duvido, Cassius, da tua estima e amizade. O assumpto para o qual chamas a minha attenção me é familiar. O que tenho pensado a respeito, e o que penso agora, será objecto de ulterior desenvolvimento. Quanto ao momento actual, si a amizade tem o direito de exigir alguma coisa, deixa-me pensar de vagar. O que me ponderaste, eu examinarei a seu tempo. Depois ouvirei com paciencia o que tiveres ainda que me dizer; e para isso escolherei occasião opportuna em que possa ouvir-te e dar o meu parecer sobre esses graves assumptos. Até lá, meu nobre amigo, convém que reflictas maduramente sobre o seguinte: Brutus preferia ser um obscuro aldeião a achar-se em Roma, filho desta cidade, reduzido as duras condições de encarar a crise que está imminente.» [1]

Esta longa tirada põe em relevo toda a arte shakespeareana. Nestas palavras de Cassius e de Brutus está a tragedia inteira; ellas constituem o segredo e a lei das conspirações patricias, nas quaes a vaidade inconsciente de alguem que se julga predestinado a uma missão entra em contacto com a subtileza ambiciosa de um segundo, e vem a final, por uma especie de chimica, combinar-se ou achar a sua consagração no odio de um terceiro, — no curo de interesses diffusos que se confundem com a virtude e com o patriotismo. Shakespeare soube habilmente realizar em Cassius o typo do alchimista politico de todos os tempos. E' a esse homem, de quem Cesar dizia que se arreceiava, porque era magro, pallido, lia muito, observava ainda mais, e não gostava de espectaculos como Antonio; é a esse estranho individuo que cabe na tragedia a funcção de aproximar Brutus do fogo que o deve inflammar, é a elle que cabe manejar o momento psychologico no sentido das suas ambições, nada valiosas sem a influencia de presença ou do prestigio de Brutus.

O assassinato uma vez posto na alma virtuosa, mas sombria, de Brutus, cresce como uma necessidade, a que rapidamente se aggregam todas as virtudes do patriciado. A ella adherem todas as sombras sempiternas da antiguidade romana, o primeiro Brutus, Catão e o amor de Porcia. Nada falta para o excidio se converta em paixão e seja por ultimo esperado como uma aureola divina.

---

1 Shakespeare, *Julio Cesar*, acto I, scena III.

Todavia, o espírito augusto de Cesar valia mais do que essa paixão patricia e do que a pallida astucia de Cassius. Como todas as conspirações em que falta a dynamica popular, a que armou o punhal de Brutus e dos seus pares fracassou por defeito de unidade. Cesar marchou para o supplicio a passos largos e augustos. A consciencia de sua superioridade levava-o ao desprezo dos maus agouros. O patriciado, cujo prestigio o dictador diminuira em beneficio do povo e de um universo novo, devia consideral-o como a propria fatalidade; e Cesar o foi. As leis de ordem sociologica, que esse homem encarnava, eram tão fortes que, apezar de assassinado com aquelle canibalismo de que Plutarcho nos dá uma discripção verdadeiramente realista nas suas *Vidas*, a sua morte de nada valeu aos conspiradores.

Realizado o crime nefando a alma desse extraordinario patricio, que abrira Roma a todos os povos, formou um circulo de ferro em torno das consciencias, e sitiou as almas combalidas. Falharam as previsões de Cassius; dissolvida a cohesão dos espiritos da *Bête* dos conspiradores, commetteram estes o enorme erro de deixar vivo a Marco Antonio. Brutus, alma recta, conscio de que fôra um acto de justiça a execução do tyranno, pensou dar ordem aos acontecimentos, soccorrendo-se do valor juridico das palavras, e contra o parecer de Cassius consentiu que o tribuno amigo de Cesar falasse á multidão. E o povo ouviu indifferente a sua eloquencia, e não comprehendeu a distincção que este tentou fazer entre os seus affectos filiaes para com o dictador e o seu entranhado amor pela causa de uma Roma estremecida. «Cesar, intrepido, excitou os meus applausos; feliz, regozijou-me immenso; amava-me, chorei-o como filho; mas elle tornou-se ambicioso, matei-o. Matei o melhor amigo para salvar Roma». Que poderia valer esta casuistica deliquescente diante da piedade fulgida de Antonio? Bastou que o tribuno abrisse a verba testamentaria pela qual o morto deixava o povo como seu herdeiro; bastou que o tribuno descobrisse o cadaver do pai da patria e mostrasse as feridas abertas pelos punhaes assassinos naquelle corpo glorioso, essas feridas comparaveis a «boccas mudas», que bradavam contra o sacrilegio nunca visto, para que esse mesmo povo se erguesse, palpitando com um só coração, e exigisse a perseguição dos inimigos, dos criminosos.

Houve já quem censurasse Shakespeare por ter escripto os dois ultimos actos da tragedia, e que se referem aos factos subsequentes á morte do dictador. Pois bem, é justamente do 3º acto que começa o verdadeiro interesse da peça, como mais de um critico tem demonstrado; é justamente depois do excidio de Cesar que a tragedia se faz na alma de Brutus, em cujos refolhos impera a alma do dictador mais terrivel e cruel do que as Eumenides a perseguirem Orestes.

Em Shakespeare esse estudo é tanto mais profundo quanto se reporta a factos tomados pelos seus aspectos reaes, e que se poderiam dizer observados pelos olhos da sciencia contemporanea. A duvida penetra nessa alma e o espirito de Cassius não consegue mais influir sobre a direcção dos seus movimentos. Cassius era um politico; Brutus um homem honrado. Embalde se lhe offereciam meios ignobeis, mas seguros, de rehaver os effeitos da conjuração. Perdido o golpe de Roma e entregue a cabeça do mundo ao celebre triumvirato, que em poucos dias devorava os melhores senadores, os tres molossos não se fartaram da destruição dos seus inimigos, emquanto a resistencia de Brutus e Cassius corria para o seu anniquillamento em Philippos. Um dos resultados da obsessão foi decompôr-se a unidade desse aggregado de sentimentos, que formava das almas daquelles dois conspiradores um monolitho. Os escrupulos de Brutus acabam por exterminar a energia suggestiva de Cassius.[1] «Requisitei de ti», diz o primeiro, «uma porção de ouro que recusaste; pois estou disposto a não procurar dinheiro por meios ignobeis. Pelos Deuses, Cassius, prefiro cunhar meu coração, dando o sangue, gota a gota, para fabricar algumas drachmas, a extorquir dos lavradores esse mesquinho obolo por meio de iniquidades.» E como termo de uma verdadeira doença psychica o espectro de Cesar apparece-lhe no acampamento como o mau genio das batalhas; e, terrivel, empraza-o para o desenlace em Philippos.

IX

A rebellião é de todos os movimentos collectivos aquelle que infunde mais terror na alma humana, quando analysada.

---

[1] *Obr. cit.*, acto IV, *scena* III.

Milton no *Paraiso Perdido* descreveu esse estado psychico em Satan; mas o fez illuminando o Pandemonio com a pyrotechnia de uma festa. O processo shakespeareano é muito differente. Segundo Shakespeare ha sempre um mystico ou um espirito sombrio no fundo de toda rebellião. Os despeitos dos partidos, as vinganças pessoaes, as ambições mal contidas, emfim todos os apparelhos de que as revoluções patricias ou burguezas communmente se soccorrem, de nada valem, si não surge esse homem pallido, tanto no semblante como na alma, de que falava Cesar. Na hypnose dos grupos tentados pelo espirito que subleva os homens contra a ordem estabelecida, é este que se constitue o medium.

Na tragedia *Ricardo II*, Bolingbrocke, que depois tomou o nome de Henrique IV, quando procura justificar a morte de Willoughby, de Bushy e de Green, declara-lhes que não era elle quem os matava, mas seus erros e seus vicios. «Pervertestes, diz-lhes, um principe, um verdadeiro rei, oriundo de um stirpe virtuosa e de uma natureza feliz. Vós o desnaturastes, vós o desfigurastes completamente... Eis o que vos condemna á morte.» [1]

Henrique IV apresenta nesta scena apenas um longinquo rictus de Yago desenrolando a exposição dos motivos que autorizavam a usurpação; mas os seus argumentos vão logo adiante vicejar na alma do Hotspur, cujo discurso exprime o espirito inteiro da rebellião que naquellas épocas vivia erecto na alma anglo-saxonia como um monolitho, para o qual gravitava toda a altivez dos politicos de então dominados pela idéa da *missão*.

Hotspur dirige a Blount, que fôra enviado pelo seu rei e senhor ao campo dos rebeldes afim de inquirir qual a natureza dos aggravos que determinavam no seio da paz tão temerarias hostilidades, palavras de uma profundeza ironica e aterradora.

«A bondade do rei é realmente excessiva; e nós estamos instruidos quanto baste de que sua magestade sabe muito bem quando a promessa vem a tempo e em que época convem satisfazel-a. Meu pai, meu tio, e eu demos-lhe essa coroa que elle traz na cabeça. Por esse tempo o seu sequito não passava de vinte sete pessoas; pouco considerado entre os homens, infeliz, humilhado, elle não era mais do que um proscripto esquecido, que furtivamente

[1] *Ricardo II*, acto III, scena I.

introduzia-se em sua patria e se fazia acolher por meu pai, affirmando solemnemente, sob juramento e a face do céu, que o seu regresso não tinha outro fim sinão a reacquisição de sua herança e para viver em paz. Nada mais queria do que ser duque de Lancaster; o que solicitava com as lagrimas da innocencia nos olhos, no semblante uma expressão impossivel de enternecimento. Meu pai, derrubado pela compaixão e pela sua natural bonhomia, prometteu-lhe soccorro e cumpriu a sua palavra. Ora, desde que os lords e os barões souberam que Northumberland lhe dava apoio, todos, grandes e pequenos, vieram ao seu encontro de cabeça descoberta e de joelhos em terra; receberam-no em charola nas povoações, aldeias e cidades; e o povo por toda parte o ia acclamando ao vel-o atravessar as pontes, e ao passar pelos caminhos vinham offerecer-lhe presentes e affirmar fidelidade, entregando-lhe os filhos e acompanhando-o como pagens, ligados ao seu serviço em um colear brilhante de tropas douradas: e de subito (tanto é certo que a grandeza não necessita que lhe ensinem a tomar conhecimento do que vale) Bolingbrocke dá um salto e galga um degrau mais alto do que aquelle no qual jurara a meu pai deter-se ao tempo em que a miseria empobrecia-lhe o sangue nas margens estereis de Ravenspurg. Toma a si a missão de reformar certos edictos, certos decretos, na verdade rigorosissimos e muito pesados á communhão; brada contra os abusos; finge gemer sobre os males da patria, e com o subterfugio dessa mascara, dessas apparencias enganadoras de justiça, apodera-se dos corações de todos a quem pretendia surprehender. Esse homem vai mais longe: não hesita em mandar cortar as cabeças dos favoritos que o rei ausente deixara encarregado dos negocios do reino, emquanto em pessoa dirigia a guerra na Irlanda. D'ahi á deposição do rei foi um passo, e tirar-lhe a vida o capricho de um momento. Immediatamente depois esse mesmo homem volveu-se sobre si mesmo e carregou o Estado de impostos universaes. E ainda não é nada, permittiu que seu parente, o conde de Marches permanecesse prisioneiro na provincia de Galles, ahi ficando esquecido sem resgate. A mim, reduziu elle a desgraça no meio de victorias felicissimas; e não ha artificio de que não tenha lançado mão para fazer-me cair na cilada. Excluiu meu tio do conselho; enfurecido despediu meu pai da côrte; violou juramento sobre juramento; esgotou todo o

arsenal das injustiças. Por fim, repellindo-nos, constrangeu-nos a que buscassemos nossa segurança num exercito forte e tambem a que submettessemos a um pequeno exame os seus titulos, que aliás nos parecem um tanto equivocos para durarem tanto tempo.» [1]

Ninguem dirá que nessa fala melancolica e sombria não esteja o schema de todas as rebelliões da natureza da de que se trata. A historia da perfidia politica, constitucional no homem, existe toda no estudo da lei das reticencias que levam na alma todos aquelles que se embarcam na mesma canôa para juntos darem assalto ao poder em nome da justiça e de outros principios que nada têm de commum com os seus verdadeiros moveis.

Na maior parte dos caracteres politicos descriptos por Shakespeare se encontra com variadas refracções a sombra de Yago, transubstanciada aqui no receio das coisas invisiveis como em Hamlet, ali colorida pela nota ruidosa, cynica e alacre de Falstaff.

Dir-se-ia que a alma do *Principe* de Machiavel se infundira na de Ricardo III, si a historia não attestasse que a obra do secretario florentino só foi publicada depois de 1527, quando é certo que o usurpador morreu em 1485. Verdade é que Machiavel não fizera sinão penetrar na alma dos principes ambiciosos da sua época, observar-lhes os movimentos mysteriosos e escrever-lhes a psychologia ou antes revelar ao povo a sciencia occulta, que os reis praticavam em silencio, e que, conforme ponderava Bacon, aquelle extraordinario escriptor nunca pretendeu ensinar aos tyrannos, melhor do que ninguem conhecedores do seu officio. Shakespeare, pois, cingiu-se a fazer palpitar em scena, vivos, logicos, intelligiveis, os specimens de homens que tinham servido ao trabalho de generalização do maior politico da Renascença, sinão tambem do escriptor que mais eloquentemente soube representar o espirito dessa época.

Com effeito, não ha para admirar a unidade de vistas desses dois genios sinão ler o *Ricardo III* depois dos capitulos IV e seguintes do liv. III do *Discurso sobre a primeira década de Tito Livio*, onde se trata das conjurações e dos riscos que cercam um principe emquanto vivem aquelles que foram por elle espoliados, e o capitulo XVIII do *Principe*, no qual se preceitua em como os

---

[1] *Henrique IV*, (1ª parte) acto IV, scena IV.

principes devem manter a sua palavra. « O principe, diz Machiavel, será metade homem, metade animal, sem o que o seu equilibrio não passará de instavel, devendo uma dessas duas naturezas sustentar a outra. Assim pois, cumprindo-lhe agir como animal, é preciso que elle seja ao mesmo tempo raposa e leão: porquanto si fôr apenas leão não distinguirá as emboscadas; si unicamente raposa, não se defenderá dos lobos; e é indispensavel que seja ambas as coisas, — raposa para descobrir as trapaças e leão para amedrontar os lobos; porque os que se contentam com o simples papel de leão, não passam de uns ineptos. » [1]

Ora, no ambicioso Glocester encontra-se precisamente a estructura psychica do typo imaginado pelo autor do *Principe*, e na tragedia a complicação dessas duas naturezas apparece descripta com cores taes, e movimentada por uma tão grande vis dramatica, que se torna impossivel, depois de sua leitura, esquecer a profundeza horrida de um dos mais extraordinarios caracteres que já têm sido postos em scena.

Ricardo III, segundo a concepção shakespereana, não era um astuto de perversidade inconsciente. Não; elle discorria sobre os methodos suggeridos por sua perversidade e media todo o alcance dos seus actos e palavras como um mathematico mede as forças da natureza e um chimico os effeitos dos seus venenos.

« Faço o mal e sou o primeiro a clamar ou a dar o alarma. Todas as maldades que urdo em segredo, lanço-as a conta dos outros. A Clarence, mandei sepultar num carcere; mas nem por isso deixo de choral-o, quando estão perto de mim tolos como Stanley, Hastings, Buckingham; e então affirmo-lhes que foi a rainha e a familia quem azedou o espirito do rei contra o duque meu irmão, do que não custam a ficar logo convencidos; e por sua vez eil-os a excitarem-me a que me vingue de Rivers, de Vaughan e de Gray; mas nestes casos respondo-lhes, suspirando, com uma passagem da Escriptura, accrescentando que Deus nos manda retribuir o mal com o bem. E' assim que consigo encobrir a minha patente maldade (*naked villany*) com o manto dessa moral velha e bizarra, roubada ás escripturas santas e eu pareço um santo, quando os meus actos são de um demonio. » [2]

---

[1] Machiavel, *Le prince*, trad. Louandre, cap. XVIII.

[2] *Ricardo III*, acto I, scena III (monologo).

A pintura, porém, dessa genial habilidade, de que Shakespeare deu em Yago o typo mais completo, e que Machiavel extraiu da combinação da coragem do leão e da astucia da raposa, não deixa duvidas no espirito dos leitores da tragedia ingleza. O secretario florentino, devido ao seu caracter e á influencia do meio italiano em que viveu, praticou a sua philosophia, commettendo mysteriosas reticencias. O autor do *Ricardo III*, mais profundo, viu claro, e tornou-se mais humano. Da analyse de todos esses caracteres admiravelmente complicados, que formam a galeria dos ambiciosos, dos tyranos e dos egoistas de genio, elle tirou uma lição grandiosa. A habilidade, a intelligencia, não é tudo nas sociedades. Si os homens não buscam pôr as suas faculdades ao serviço da grandeza moral, que é o que interessa verdadeiramente ao povo, a obra é falha e a ruina inevitavel. E' assim que raro explendor consegue se manter fundado numa injustiça, numa inversão da ordem natural ou naquillo ao que eu chamarei uma *elipse moral*. Que fundaram, Brutus, Henrique IV e Napoleão I com suas traições sophisticas?

Glocester não atacava a moral; subentendia-a. Fingia basear todos os seus actos sobre os bons costumes e as leis aceitas pelos reis e pelos povos. O resultado dessa fraude todos sabem qual foi, e como elle a pagou com a propria vida.

Shakespeare, portanto, com o simples movimento da historia, pelos seus grandes caracteres, deslumbra o espectador e convence-o da imperecivel verdade demonstrada já anteriormente por Plutarcho na vida dos grandes homens da antiguidade, de que só é legitima a gloria daquelles que ligaram sua existencia á elevação do nivel moral da humanidade.

X

Voltando ao ponto de partida relativamente a Shakespeare, ouso dizer que a contemplação do mundo por elle creado, e cuja geographia a natureza deste estudo não me permitte acompanhar, representa a mais poderosa fonte de inspiração do seculo XIX.

A psychologia moderna está inteiramente saturada do tragicismo shakespereano; e si me fosse dado comparar a sua influencia exercida á distancia de tres seculos sobre nós, eu iria procurar o

phenomeno da telepathia, tal qual o tem descripto os que se têm dedicado aos estudos da psychose mysteriosa do oriente. Na telepathia a communicação das vibrações cerebraes se faz no espaço; nas renascenças artisticas essa vibração opera-se pela simples contemplação de symbolos, cuja significação se perdera pela diuturnidade do tempo, e que um estado analogo dos espiritos torna possivel traduzir de novo.

Shakespeare parece que adivinhava todo o desenvolvimento da psychologia tragica deste seculo quando punha na bocca de *Ricardo II* o soliloquio do acto V da tragedia desse nome.

Realmente, nesse soliloquio encontram-se frases, expressões, ironias, que parecem ter saido da penna, quando não de um Tolstoï, ao menos de um E. Poë.

Ricardo II está sepultado no carcere do castello de Pomfret; em vez de entregar-se ás ordinarias lamentações dos prisioneiros, combina idéas e busca desentranhar do cerebro a explicação dos acontecimentos que o perseguem. Na sua opinião a prisão seria comparavel ao mundo; o mundo povoado de homens; a prisão cheia de seu cerebro. «Meu cerebro, exclama elle então vem ser a femea de meu espirito; este será o pai: e ambos produzirão uma geração de idéas infinitamente fecundas que por sua vez povoarão esse pequeno mundo, mas o povoarão de inconsequencias, similhantes ás que enchem o universo; porquanto não ha pensamento que se baste.» E essa atribulação intellectual do rei infeliz não tarda em conduzil-o áquella mesma descrença de Hamlet nas imaginações e nos ditos dos homens. *Palavras e só palavras*! Nas proprias coisas sagradas os pensamentos estão repletos de cavilações, a palavra em opposição á palavra. Si a Biblia diz aqui: *deixai que os pequenos venham a mim*, logo adiante acrescenta que *o vir é tão difficil como a um camello passar pelo fundo de uma agulha*. Não ha tristeza que se compare a desse monarcha tão desastradamente arrastado para fóra do throno. As variações que o movimento exterior ao carcere provocam na sensibilidade irritada desse cerebro, são annotadas pelo poeta com uma delicadeza quasi comparavel a de uma symphonia de Wagner.

Tudo quanto, porém, se possa dizer das concepções de Shakespeare nada vale á vista do que ha de estranho no seu estylo: mixto indefinivel de força, grandeza, e subtileza.

Dizia um critico antigo que elle trovejava na scena. Não era só isso: o autor do *Hamlet* por processos quasi imperceptiveis transformava a alma do espectador. Green, o mediocre contemporaneo que tanto se queixava das espoliações que soffrera dos seus *canevas*, dizia, entretanto, que Shakespeare era um verdadeiro *shake-scene*. « Não existe, affirmava Bacon, belleza fóra do commum que não offereça alguma coisa de estranho nas suas proporções.» Parece-me que nessa estranheza residia todo o segredo do grande Will. O seu cerebro excepcional metamorphoseava tudo. A grandeza politica de Cesar, a violencia passional de Macbeth e Othelo, o amor de Julietta, a tristeza de Ophelia, a perversidade subtil de Yago, a meditação deliquescente de Hamlet, a loucura de Lear, o riso sagaz e cynico de Falstaff, tudo isto, passando através desse kaleidoscopo vivo, assumia proporções estheticas assombrosas, pondo no espirito do espectador uma luz particular e na circulação do sangue um calor, que só se experimenta quando a febre desvaira e agita as faculdades, transportando-as para o mundo da allucinação.

A logica formal seria talvez a morte da arte, si artistas como Shakespeare não a truncassem pondo-a a serviço da imaginação creadora. A natureza tem duas faces, uma incolor, outra que só o olho do artista descobre. E' necessario possuir olhos experimentados e saber penetrar as deformidades para poder revelar o mundo da grande arte. Essa aptidão é rara, e ás vezes unica para uma época. A tragedia, o tom do estylo tragico, o tom solemne da verdadeira poesia, depende principalmente dessa faculdade plutonica.

Poder-se-ia dizer que o bardo inglez conseguira tudo isto pela força junta á naturalidade. E assim parece que elle mesmo o sentia, quando pela boca de Hamlet aconselhava os actores a usarem de um tom «facil e natural, não se lhes permittindo sair da decencia da natureza», porquanto, como affirmava o joven principe, « quem se afasta desta regra, afasta-se do fim da representação artistica, que sempre foi, e ainda é hoje, o de contrapôr um espelho á natureza, mostrar á virtude a sua imagem verdadeira, ao ridiculo a sua figura fiel, e á cada seculo, á cada época, sua fórma, sua côr e a sua marca. » [1]

---

[1] *Hamlet*, acto III, scena II.

Penso, comtudo, que essa força e essa naturalidade pouco importariam si a alma de Shakespeare não fosse dotada da tonalidade e timbre particulares que a distinguem de qualquer outra no modo de manifestar-se e exprimir-se. Alma poetica, constituindo meridiano na humanidade, a de Shakespeare, como a de Dante, tinge da sua côr propria uma época inteira. No autor da *Divina Comedia* notam-se bem distinctas tres cordas, tres claves de tons distinctos :— a da tristeza do *solvet seculum cum favilla*, a do lyrismo santo do amante de Beatriz e do creador da Francesca, e a do mysticismo do theologo que inventou o Paraizo. Em todo o poeta latino a preoccupacão cosmica e a tendencia encyclopedica predispõem ao arrastamento para as regiões do incognoscivel e para a linguagem apocalyptica. Shakespeare que não fôra guelfo ou gibelino e que não soffrera outras tristezas além das tristezas naturaes que impõe a vida ; Shakespeare que não juntara á funcção de genio, a de politico militante, nem a de partidario perseguido, não tingiu seu genio desse pessimismo vingativo, que evolue desde a negridão das bolgias, onde ha o ranger dos dentes, até a claridade, diaphana de um céu, onde fulge o triangulo glorioso da theologia. A natureza do bardo de Stratford-on-Avon não ultrapassou os limites da intelligencia lucida. Realista, elle cingia-se a suggerir ; não usava de allegorias nos seus personagens, e o seu sublime resulta do descortinamento das interpendencias do homem como parte com o universo que é o todo. Isto casado com um modo mysterioso de dizer e eis tudo. Longe das tribulações que affligiu ao vate de Ravena, elle não cuidou em instituir penalidades para os erros do homem [1] ; mas procurou mostrar o homem a braços com a violencia e com a inexorabilidade dos factos, dos temperamentos e dos mysterios, que o cercam, tornando impossivel qualquer communicação com o incognoscivel.

O que constitue a força do estylo e perpetúa a obra d'arte é aquillo que os rhetoricos da antiguidade chamavam invenção. Ora, a invenção consiste essencialmente no movimento *proprio* de cada espirito transmittido á composição. A analyse dos psychologos modernos chegou a determinar o modo de ser desse phenomeno. Os

---

[1] Niccolo Tomassèo—Veja-se o systema de penalidade dantesca na edição da *Divina Comedia* desse autor, pag. 129.

Dizia um critico antigo que elle trovejava na scena. Não era só isso: o autor do *Hamlet* por processos quasi imperceptiveis transformava a alma do espectador. Green, o mediocre contemporaneo que tanto se queixava das espoliações que soffrera dos seus *canceas*, dizia, entretanto, que Shakespeare era um verdadeiro *shake-scene*. «Não existe, affirmava Bacon, belleza fóra do commum que não offereça alguma coisa de estranho nas suas proporções.» Parece-me que nessa estranheza residia todo o segredo do grande Will. O seu cerebro excepcional metamorphoseava tudo. A grandeza politica de Cesar, a violencia passional de Macbeth e Othelo, o amor de Julietta, a tristeza de Ophelia, a perversidade subtil de Yago, a meditação deliquescente de Hamlet, a loucura de Lear, o riso sagaz e cynico de Falstaff, tudo isto, passando através desse kaleidoscopo vivo, assumia proporções estheticas assombrosas, pondo no espirito do espectador uma luz particular e na circulação do sangue um calor, que só se experimenta quando a febre desvaira e agita as faculdades, transportando-as para o mundo da allucinação.

A logica formal seria talvez a morte da arte, si artistas como Shakespeare não a trancassem pondo-a a serviço da imaginação creadora. A natureza tem duas faces, uma incolor, outra que só o olho do artista descobre. E' necessario possuir olhos experimentados e saber penetrar as deformidades para poder revelar o mundo da grande arte. Essa aptidão é rara, e ás vezes unica para uma época. A tragedia, o tom do estylo tragico, o tom solemne da verdadeira poesia, depende principalmente dessa faculdade plutonica.

Poder-se-ia dizer que o bardo inglez conseguira tudo isto pela força junta á naturalidade. E assim parece que elle mesmo o sentia, quando pela boca de Hamlet aconselhava os actores a usarem de um tom «facil e natural, não se lhes permittindo sair da decencia da natureza», porquanto, como affirmava o joven principe, «quem se afasta desta regra, afasta-se do fim da representação artistica, que sempre foi, e ainda é hoje, o de contrapôr um espelho á natureza, mostrar á virtude a sua imagem verdadeira, ao ridiculo a sua figura fiel, e á cada seculo, á cada época, sua fórma, sua côr e a sua marca.» [1]

---

[1] *Hamlet*, acto III, scena II.

Penso, comtudo, que essa força e essa naturalidade pouco importariam si a alma de Shakespeare não fosse dotada da tonalidade e timbre particulares que a distinguem de qualquer outra no modo de manifestar-se e exprimir-se. Alma poetica, constituindo meridiano na humanidade, a de Shakespeare, como a de Dante, tinge da sua côr propria uma época inteira. No autor da *Divina Comedia* notam-se bem distinctas tres cordas, tres claves de tons distinctos: — a da tristeza do *solvet seculum cum favilla*, a do lyrismo santo do amante de Beatriz e do creador da Francesca, e a do mysticismo do theologo que inventou o Paraizo. Em todo o poeta latino a preoccupação cosmica e a tendencia encyclopedica predispõem ao arrastamento para as regiões do incognoscivel e para a linguagem apocalyptica. Shakespeare que não fôra guelfo ou gibelino e que não soffrera outras tristezas além das tristezas naturaes que impõe a vida; Shakespeare que não juntara á funcção de genio, a de politico militante, nem a de partidario perseguido, não tingiu seu genio desse pessimismo vingativo, que evolue desde a negridão das bolgias, onde ha o ranger dos dentes, até a claridade, diaphana de um céu, onde fulge o triangulo glorioso da theologia. A natureza do bardo de Stratford-on-Avon não ultrapassou os limites da intelligencia lucida. Realista, elle cingia-se a suggerir; não usava de allegorias nos seus personagens, e o seu sublime resulta do descortinamento das interpendencias do homem como parte com o universo que é o todo. Isto casado com um modo mysterioso de dizer e eis tudo. Longe das tribulações que affligiu ao vate de Ravena, elle não cuidou em instituir penalidades para os erros do homem[1]; mas procurou mostrar o homem a braços com a violencia e com a inexorabilidade dos factos, dos temperamentos e dos mysterios, que o cercam, tornando impossivel qualquer communicação com o incognoscivel.

O que constitue a força do estylo e perpetúa a obra d'arte é aquillo que os rhetoricos da antiguidade chamavam invenção. Ora, a invenção consiste essencialmente no movimento *proprio* de cada espirito transmittido á composição. A analyse dos psychologos modernos chegou a determinar o modo de ser desse phenomeno. Os

---

[1] Niccolo Tomassèo—Veja-se o systema de penalidade dantesca na edição da *Divina Comedia* desse autor, pag. 129.

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO. — Movimento das estrellas. — Serviço meteorologico. — Expedição ao polo antarctico. — Tarifas nas estradas de ferro.

Uma das mais interessantes applicações da espectroscopia á astronomia é incontestavelmente a determinação das velocidades de que são animadas as estrellas no sentido do raio visual. Esta applicação é relativamente recente, pois as primeiras investigações datam apenas de 1875. Dá-se com as ondas luminosas um phenomeno analogo ao que apresentam as ondas sonóras, quando a fonte d'onde ellas dimanam, ou ainda o proprio observador desloca-se, isto é: o numero das vibrações que impressionam o orgão auditivo ou visual na unidade do tempo, augmenta ou diminue, conforme a distancia entre o observador e a fonte sonora ou luminosa diminue ou cresce. No caso do phenomeno acustico o som parece mais agudo ou mais grave: no caso do phenomeno luminoso, a côr pertencerá á região do espectro de maior ou menor refringencia.

O phenomeno acustico, porém, é muito mais accusado, e susceptivel de determinação experimental do que o phenomeno optico, e isto devido á grande differença que existe entre as respectivas velocidades de propagação do som e da luz, ás quaes são, como se sabe, de 332^{m} e de $300.000.000^{m}$.

Está provado, que uma velocidade de 10^{m} por segundo da fonte acustica modifica o som de um modo apreciavel. Portanto para se obter uma alteração da mesma ordem de grandeza no phenomeno optico seria necessario dar á fonte luminosa uma velocidade de 1000 km. ou mais por segundo. Isto mesmo seria insufficiente para modificar de modo sensivel a coloração. De facto, si designarmos por

$\Delta\lambda$ a mudança do cumprimento da onda luminosa,

λ o comprimento desta,

f a velocidade de translação da fonte luminosa (em kilometros por segundo);

v a velocidade de propagação da luz (em kilometros por segundo) demonstra-se que

$$\Delta\lambda = \frac{\lambda \times f}{v}$$

Tomemos, por exemplo, a linha F do espectro solar, que se acha nos limites do azul, e cujo comprimento de onda é de 4861 deci-millionesimo de millimetros [1]; suppondo $f = 1000$ e sabendo que $v = 300.000$, teremos:

$$\Delta\lambda = \frac{4861 \times 1000}{300.000} = 16 \text{ tenth-meters.}$$

Ora a retina a mais sensivel seria incapaz de apreciar differenças de coloração representadas por tão insignificante alteração no comprimento da onda, e, além disso, velocidades de 1000 km. por segundo não se tem encontrado até hoje no mundo sideral.

Mas si a cor não muda de modo sensivel, em compensação a mudança que soffre a refringencia dos raios luminosos, devida ao movimento da fonte luminosa, é muito mais apreciavel, e susceptivel de ser medida, por meio de um espectroscopio, de sufficiente poder dispersivo.

E' pois este methodo de observação que tem sido usado com bom exito para medir as velocidades com que certos astros e com especialidade, as estrellas se movem no sentido do raio visual De passagem, lembraremos sómente, que, considerando uma das linhas espectraes, esta será deslocada do lado do roxo ou do lado do vermelho, conforme o astro se aproximar ou se afastar de nós.

Com os aperfeiçoamentos que tem experimentado os apparelhos modernos de espectroscopia e mesmo com a applicação da photographia á espectroscopia sideral, é notavel a concordancia que diversos observadores conseguem de modo independente.

Para comprovál-o daremos aqui os valores obtidos por dois observadores para as velocidades em kilometros por segundo de que são animadas

---

[1] Costuma-se designar esta unidade pela expressão *tenth-meter* = 0.m.000.0001; da mesma fórma que 0.m/001 = 1 micron = μ e 0.m/000001 = $\frac{1}{1000}\mu$ = $\mu\mu$.

algumas estrellas, convindo lembrar que o signal + indica que o astro se afasta e o signal — que elle se aproxima de nós:

	Vogel	Scheiner
Aldebaran	+ 47.6	+ 49.4
Betelgeuse	+ 15.6	+ 18.8
Procyão	— 7.2	— 10.5
Pollux	+ 1.9	+ 0.4
Leonis	— 36.5	— 40.5
Arcturus	— 7.0	— 8.3

Escusado é dizer que para ter os verdadeiros valores da velocidade desses astros no sentido do raio visual, é necessario levar em conta a rotação e a revolução da terra. Quanto ao movimento do Sol e de todo o systema solar, não poderá ser conhecido com alguma precisão, sinão depois de ter-se determinado a velocidade de algumas centenas de estrellas distribuidas de modo uniforme sobre a abobada celeste.

∴

Ha cerca de dez annos tratamos da organização de um serviço meteorologico, á semelhança dos que existem na Europa e nos Estados Unidos da America do Norte.

Com este proposito dirigimo-nos ao Sr. Barão de Capanema, então director da Repartição dos Telegraphos, que acolheu favoravelmente o nosso projecto, mostrando-se disposto em prestar todo o seu auxilio para sua realização. Organizamos pois um codigo para transmissão diaria dos telegrammas, communicando os necessarios dados meteorologicos, tomados nas diversas estações, e na mesma hora correspondente ao meio-dia de Greenwich, ou 9 h. 27 m. da manhan do Rio de Janeiro.

Mandamos tambem imprimir um certo numero de mappas-chema do Brazil, mostrando o conjunto das estações meteorologicas, com o fim de, uma vez em numero sufficiente, proceder ao traçado diario das linhas isothermicas e isobaricas, e, de seu deslocamento progressivo, combinado com os demais elementos, taes como a direcção e a força do vento, a nebulosidade do céu, procurar deduzir os prognosticos do tempo.

Sem entrarmos no exame das causas que, por ventura, intervieram para o mallogro de uma tentativa da qual só poderiam advir beneficios, por exemplo, para a agricultura, o facto é que no fim de algum tempo perdemos as esperanças de conseguir a realização do nosso projecto.

Ultimamente, porém, de novo levantamos a questão e o assumpto por nós apresentado em memorial ao Sr. ministro da viação foi por este favoravelmente acolhido.

Vamos pois, pela segunda vez, envidar os nossos esforços para conseguirmos a realização deste projecto. Autorizado a entendermo-nos com o director dos Telegraphos, cuja efficaz collaboração já por este nos foi promettida, esperamos que até principio do anno vindouro, já estejam tomadas as necessarias providencias para o regular funccionamento deste serviço meteorologico de cujos progressos e resultados, entreteremos opportunamente os leitores da *Revista Brazileira*.

***

Quando sairem á luz estas linhas, talvez já terá tocado no porto do Rio de Janeiro o vapor *Belgica* que conduz aos mares antarcticos a expedição belga, chefiada pelo Sr. de Gerlache. Saiu de Antuerpia a 16 de agosto, e segundo noticias telegraphicas já deve ter tocado nas Ilhas Canarias. Na sua derrota deve tocar ao Rio de Janeiro, afim de regular os chronometros, em seguida ir á Montevidéo, para receber o medico da expedição M. Cook, que já fez parte da missão Peary, ao pólo Norte; e finalmente em Punta-Arenas com o fim de tomar carvão.

O pessoal compõe-se de M. Arctowski, encarregado das observações meteorologicas, oceanographicas e geographicas; M. Danco, da physica do globo e especialmente do magnetismo terrestre; M. Racovitza, das sondagens e da parte zoologica. M. Lecointe, que já esteve servindo durante tres annos na marinha franceza, desempenha as funcções de segundo commandante. Os 2º e 3º officiaes são M. Amundsen e Melaert. A tripolação compõe-se de doze marinheiros.

***

Já que está na ordem do dia a questão das tarifas aduaneiras como tambem as applicaveis ao transporte das mercadorias e dos passageiros nas Estradas de Ferro do Estado, talvez não esteja fóra de proposito assignalar uma medida que, dentro de pouco tempo, será provavelmente posta em pratica nas linhas ferreas da França.

Consiste ella na creação de *Cadernetas Kilometricas*, dando direito ao comprador a percorrer durante um certo periodo, seja por exemplo, um anno, um certo numero de kilometros, sendo o preço calculado sob base decrescente, isto é, diminuindo o preço em determinada proporção com o augmento das distancias percorridas. Esta medida tem especialmente por fim favorecer uma certa classe de viajantes, que por sua profissão, são obrigados a andarem constantemente pelas estradas de ferro taes como: negociantes, e particularmente os que vulgarmente se designam no Brazil sob o nome pittoresco de *Cometas*.

De facto esta classe de viajantes é obrigada a percorrer centenas e milhares de kilometros por anno, e não parece justo que esteja submettida ao mesmo systema de tarifas do que outras que, accidentalmente, uma ou outra vez, utilizam-se deste meio de transporte.

Existem actualmente em alguns paizes europeos diversos systemas estabelecidos para favorecer a classe dos commerciantes e negociantes; são elles :

1.º A tarifa kilometrica a base decrescente, em razão da distancia;

2.º As tarifas por zonas ;

3.º Os cartões de assignatura, valendo por um certo espaço de tempo ;

4.º A venda dos bilhetes de passagens, por séries ;

5.º A caderneta de assignatura, dando direito a um percurso total, e por fracções durante um anno.

Em França, existia até agora, tão sómente, o systema dos bilhetes — circulares, dando direito ao percurso de um certo itinerario, mediante reducções nos preços e certas condições sob o ponto de vista do tempo, destinados especialmente aos viajantes e turistas, desejosos de visitar na estação calmosa e durante as férias, um certo numero de paizes. E' preciso pois estabelecer alguma medida para favorecer outra classe de viajantes, obrigados a percorrer grandes regiões por conveniencia profissional e com que lucraria ao mesmo tempo o desenvolvimento commercial e industrial do paiz. Parece, pois, que alguma coisa poderia ser tentada neste sentido aqui no Brazil, não só pela administração das estradas de ferro pertencentes ao Governo como tambem pelas Companhias particulares.

L. Cruls

A LOUCURA EPIDEMICA DE CANUDOS

ANTONIO CONSELHEIRO E OS JAGUNÇOS

Para a narração fiel dos successos de Canudos forçosamente estará obrigado o historiador a aguardar o termo das lutas que ali se pelejam actualmente. [1]

Os antecedentes daquella situação, a estractificação social e ethnica em que a loucura de Antonio Maciel cavou os fundos alicerces do seu poderio material e espiritual quasi indestructivel, desde já abrem-se ao contrario de par em par em franco accesso a todas as investigações scientificas.

No quadro a traçar daquella situação não será por certo a figura anachronica de Antonio Conselheiro, o louco de Canudos, que

[1] Não altera de uma linha as considerações deste estudo a noticia que nos acaba de transmittir o telegrapho de que a 5 de outubro o general Arthur Oscar que desde junho se achava em Canudos á frente de mais de doze mil homens apoderou-se finalmente daquelle reducto, batendo completamente o bando de fanaticos que ali se achavam entrincheirados.

Foi encontrado o cadaver de Antonio Conselheiro, já sepultado no sanctuario de uma igreja que ali estava construindo, com proporções taes que se havia transformado em uma fortaleza inexpugnavel. A conducta de Antonio Conselheiro mantendo-se até á morte no seu posto, quando lhe teria sido facilimo retirar-se de Canudos para ponto mais estrategico é a confirmação final da sua loucura na execução integral do papel do Bom Jesus Conselheiro que lhe havia imposto a transformação de personalidade do seu delirio chronico.

ha de occupar o primeiro plano. Bem conhecida em seus menores detalhes está a vesania que o afflige, sempre perfeitamente diagnosticavel ainda mesmo com dados truncados e deficientes como são os que possuimos sobre a historia pessoal deste alienado.

Na phase sociologica que atravessam as populações nomades e guerreiras dos nossos sertões, na crise social e religiosa por que ellas passam se ha de escavar o segredo dessa crença inabalavel, dessa fé de éras priscas em que a preoccupação mystica da salvação da alma torna supportaveis todas as privações, deleitaveis todos os sacrificios, gloriosos todos os soffrimentos, ambicionaveis todos os martyrios. Ainda a ella ha de vir pedir o futuro o segredo desse prestigio moral que desbanca, a ligeiro aceno, toda a influencia espiritual do clero catholico, assim como dessa bravura spartana que faz quebrarem-se de encontro á resistencia de algumas centenas de rusticos camponios a tactica, o valor, e os esforços de um exercito regular e experimentado.

Antonio Conselheiro é seguramente um simples louco. Mas a sua loucura é daquellas em que a fatalidade inconsciente da molestia registra com precisão instrumental o reflexo sinão de uma época pelo menos do meio em que ellas se generaram. «Le facteur sociologique, souvent négligé en pathologie mentale, (escrevem mui judiciosamente dois conhecidos psychiatras),[1] nous semble avoir une importance non moindre en ce qui concerne l'aliéné qu'en ce qui concerne le criminel. Les progrès de l'anthropologie ont démontré son importance majeure. Cette influence des milieux sur les psychoses nous paraît nettement demonstré en particulier par les psychoses mystiques; les caractères differentiels que le délire emprunte aux temps, aux lieux et aux croyances ambiantes loin d'être superfitiels et de pure forme, apparaissent d'autant plus profonds qu'on les etudie de plus près.»

E' examinada por este prisma que a cristalização do delirio de Antonio Conselheiro no terceiro periodo da sua psychose progressiva reflete as condições sociologicas do meio em que se organizou.

Na caso de Antonio Maciel, o diagnostico de delirio chronico (Magnan), de psychose systematica progressiva (Garnier), de

---

[1] A. Marie et Ch. Vallon, *Des psychoses à évolution progressive et à systématisation dite primitive* (Arch. de Neurologie, 1897, p. 419).

paranoia primaria dos italianos etc., em rigor mais não requer para se firmar do que a longa systematização de quasi trinta annos e a transformação contemporanea do simples enviado divino no proprio filho de Deus.

No emtanto as tres phases que tem atravessado a historia de Antonio Conselheiro coincidem rigorosamente com os tres periodos admittidos na marcha da psychose primitiva.

A vida de Antonio Maciel até a sua internação na Bahia, tal como a conta o Sr. João Brigido, do Ceará, constitue o primeiro periodo. Antonio Conselheiro é natural de Quixaramobim no estado do Ceará e chama-se Antonio Vicente Mendes Maciel. Seu pai que havia sido proprietario e negociante abastado legou-lhe com o encargo de tres irmans solteiras a direcção de uma casa commercial pouco consolidada. Casadas as irmans, por sua vez Antonio Maciel toma estado, desposando uma prima. «O casamento de Antonio Maciel, diz um informante, foi um desastre. Pouco tempo depois vivia na mais infrene desintelligencia com a sogra por isso que açulava a filha para maltratal-o». Nesta situação, Antonio Maciel fez ponto no seu commercio, liquidando os seus negocios. Em 1859 mudou-se de Quixaramobim para Sobral onde foi caixeiro de um negociante, d'ahi passou-se a Campo Grande onde por algum tempo exerceu o cargo de escrivão de juiz de paz. Mudou-se ainda para a villa do Ipú onde um sargento de policia raptou-lhe a mulher. Retirou-se immediatamente para a cidade do Crato e d'ahi para os sertões da Bahia. Contam que em caminho para o Crato, ao passar em Paus Brancos foi accommettido de um accesso de loucura em que feriu um seu cunhado em cuja casa se achava hospedado.

Dissensões continuas com a mulher e com a sogra, mudanças successivas de emprego e de lugar, revolta agressiva com vias de facto e ferimento de um parente que o hospeda, não é preciso mais para reconhecer os primeiros esboços da organização do delirio chronico sob a fórma do delirio de perseguição. A phase inicial da sua loucura, o periodo de inquietação, de analyse subjectiva, ou de loucura hypocondriaca, em rigor nos escapa na historia de Antonio Maciel a mingua de um conhecimento mais intimo de sua vida no lar. E', porém, facil perceber a influencia das allucinações, e a procura da *formula do seu delirio* no que sabemos das suas luta conjugaes e sobretudo nessas mudanças repetidas. Por

tal fórma caracteristico dos delirantes chronicos é este modo de reacção que Favilla chrismou de alienados *migradores*, aquelles que a repetidas e successivas mudanças pedem de balde um refugio, uma protecção contra a implacavel perseguição que lhes movem as proprias allucinações e das quaes nada os poderá libertar sinão libertando-os da misera mente enferma.

Penetrando nos sertões da Bahia para o anno de 1876, já Antonio Maciel levava finalmente descoberta a formula do seu delirio. E o baptismo de Antonio Conselheiro sob que o ministro ou enviado de Deus inicia a sua carreira de missionario e propagandista da fé era o atrio apenas de onde a loucura religiosa o havia de elevar ao Bom Jesus Conselheiro da phase megalomanica actual da sua psychose.

Antonio Conselheiro, revestido, a modo dos monjes, de longa tunica azul cingida de grossa corda, descalço, arrimado a tosco bordão, emprehende missões ou *desobrigas* copiadas das que nos nossos sertões realizam todos os annos religiosos de todas as ordens sacras e que differem tanto do que devia ser uma verdadeira pratica christan quanto achava Alimena [1] que « un vecchio volume ascetico pieno di figure di diavoli e di dannati differisce del profumato e ricco libro di preghiere di una bella signora, quanto le prediche melodrammatiche di un missionario differiscono delle conferenze spirituali del padre Agostino de Montefeltro. »

Pregando contra o luxo, contra os maçons, fazendo queimar nas estradas todos os objectos que não pudessem convir a uma vida rigorosamente ascetica, Antonio Conselheiro anormaliza extraordinariamente a vida pacifica das populações agricola e criadora da provincia, distraindo-as das suas occupações habituaes para uma vida errante e de communismo em que os mais abastados cediam dos seus recursos em favor dos menos protegidos da fortuna.

Bem aceito, por alguns vigarios, em luta aberta com outros, no fim de alguns mezes de propaganda, Antonio Conselheiro é preso e enviado para o Ceará sob a suspeita de ter sido criminoso na sua provincia natal. Já por essa occasião, em pleno segundo

---

[1] Alimena: *I limiti e i modificatori della imputabilità*. Vol. primo, 1894, pag. 23.

periodo bem se revelava a coherencia logica do delirio na transformação da personalidade do alienado. A turba que seguia Antonio Conselheiro quiz oppôr-se á sua prisão, mas á similhança de Christo ordena-lhes Conselheiro que não se movam e entrega-se á guarda, affirmando aos discipulos que iria mas havia de voltar um dia. Imperturbavel a serenidade com que se comportou então. Factos bastante significativos são referidos por testemunhas do interrogatorio que aqui soffreu.

A' autoridade que inqueria delle para fazel-os punir, quaes dos guardas o haviam maltratado physicamente em viagem, limitou-se Antonio Conselheiro a responder que mais do que elle havia soffrido o Christo. E por unica resposta ás multiplas perguntas sobre a sua conducta, sobre seus actos retorquiu com uma especie de sentença evangelica que «apenas se occupava em apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas.»

Verificado no Ceará que Antonio Conselheiro não era criminoso, é posto em liberdade immediatamente, regressou ao seio das suas ovelhas, coincidindo precisamente, segundo foi crença geral, o dia em que de repente ahi surgiu com aquelle que havia marcado para a sua reapparição. E cada vez mais encarnado no papel de enviado de Deus, desde então Antonio Conselheiro proseguiu imperturbavel nas suas missões até o advento da Republica em 1889.

Este acontecimento politico devia influir poderosamente para incrementar o prestigio de Antonio Conselheiro levando-o ao terceiro periodo da psychose progressiva. Veiu elle desdobrar o delirio religioso do alienado, salientando o fundo de perseguição que, o tendo acompanhado sempre, como é de regra na sua psychose, como reacção contra os maçons e outros inimigos da religião, por essa occasião melhor se concretizou na reacção contra a nova fórma de governo em que não podia ver sinão um feito dos seus naturaes adversarios. As grandes reformas promulgadas pela republica nascente, taes como separação da igreja do estado, secularização dos cemiterios, casamento civil, etc., estavam talhadas de molde a justificar essa identificação.

Personificado no governo republicano o adversario a combater, Antonio Conselheiro declarou-se monarchista. Nas regiões onde elle predominava continuaram a prevalecer as leis e os actos do tempo

da monarchia. Recusou-se a receber moeda que tivesse dizeres da Republica, só tendo curso como valiosa a que trazia a effigie do monarcha deposto; aconselhou francamente que não se pagasse impostos ao governo republicano e nem consentia que se tivessem por validos os actos do estado civil que não fossem realizados de accordo com as leis religiosas. Secundado pela luta que abriu o clero catholico do paiz contra essas reformas, amparado pelas crenças monarchicas e religiosas da população sertaneja, o prestigio de Antonio Conselheiro attingiu o apogêu. O attestado da sua actividade nesse prazo e da força da convicção religiosa que despertava está escripto ao vivo pelas parochias do interior deste estado nos innumeros cemiterios, capellas e igrejas que nellas edificou. O rebanho de fieis que o acompanhava, e para o qual a fé céga na sua santidade já era dogma incontrovertivel, contou-se então por milhares e milhares de pessoas.

E derramada a fama dos seus milagres pelos infindos sertões dos estados do norte e do centro do paiz accorreram á flux, dos pontos mais remotos, em continuas e interminaveis caravanas, crentes e devotos, a ouvir a palavra inspirada do prophata, a buscar a desobriga dos seus peccados, a receber na phase tormentosa e agitada porque está passando o paiz a senha da conducta e dos flagicios que melhor abrandem e desarmem a colera divina provocada pela ingratidão usada com o velho monarcha decaido, e que lhes haja de grangear pelo menos a felicidade celeste já que na terra vai perdida a esperança de rehavel-a.

A coherencia do seu delirio se demonstra na correcção com que desempenha o papel de enviado de Deus. A sua vida em que o desprezo das preoccupações mundanas o levam a prescindir de todos os cuidados hygienicos do corpo, se prende o menos possivel á contingencia dos mortaes. Antonio Conselheiro não dorme, não come ou não come quasi. O seu viver é uma oração continua e continuo o seu convivio com Deus, provavelmente de origem allucinatoria.

São todos accordes em confessar que na população que o seguia jamais consentiu ou patrocinou desmandos ou attentados contra a propriedade ou contra pessoas.

A' insubordinação contra o governo civil seguiu-se a revolta contra os poderes ecclesiasticos. Foi ainda o reconhecimento do

governo republicano pelo clero, que mais accentuou as desintelligencias em que Antonio Conselheiro se tinha visto envolvido com alguns vigarios no começo das suas missões. Depois disso, Antonio Conselheiro tinha chegado a viver de perfeita harmonia com os parochos de algumas freguezias. Mas, em seguida ao reconhecimento da Republica foi-se estabelecendo de novo profundo desaccordo entre elles. Conta-se que, lhe tendo alguem objectado que tanto não era maçonico o governo republicano que o Papa tinha aconselhado o clero francez a reconhecel-o, declarou Antonio Conselheiro que si o Papa tinha, de facto, dado similhante conselho, o Papa tinha andado mal. Por ultimo o schisma tornou-se franco e não poude mais haver accordo possivel entre elle e as autoridades ecclesiasticas.

Tentou-se nestes ultimos annos uma missão de catechese entre os adeptos de Antonio Conselheiro. Mas os frades capuchinhos a que fôra commettida essa missão, apezar da recepção sinão de todo hostil pelo menos reservada do Conselheiro, tiveram de fugir diante da attitude ameaçadora dos discipulos e da turba do propheta e declararam formalmente ao regressar que só a intervenção armada dos poderes civis poderia pôr bom termo áquella anomalia. Parece que aquillo que a catechese de tempos idos obteve do indio feroz e canibal, no recesso das matas virgens do novo mundo, na ignorancia completa dos costumes, da lingua do aborigene a quem mais irritavam e tornavam ferozes as perseguições crueis do conquistador, a catechese dos tempos que correm não póde conseguir de uma população naturalmente inclinada á generosidade e á religião. E é tarefa mais facil e expedita destruir os recalcitrantes á bala do que convertel-os pela lenta persuasão religiosa. No emtanto a necessidade de chamar a grande massa de povo que o seguia á obediencia das leis da Republica que nem elle nem os seus sequazes queriam admittir, fez prever desde logo a todo o mundo que a luta havia de passar forçosamente da simples propaganda pela palavra para o terreno da acção pelas armas.

Em seguida a diversos insuccessos de pequenas expedições policiaes, Antonio Conselheiro deixou a villa do Bom Jesus quasi por elle edificada e internando-se pelo sertão foi estabelecer o quartel general da propaganda em Canudos, reducto de difficil accesso e que em curto prazo Antonio Conselheiro havia transformado de estancia deserta e abandonada em uma villa florescente e rica.

Quando a necessidade obrigou a tornar effectiva a obediencia á lei, Antonio Conselheiro achava-se admiravelmente apparelhado para a resistencia pela natureza do local occupado. As consequencias dessa luta são conhecidas.

Successivamente tres expedições militares cada qual mais poderosa têm naufragado em Canudos, infligindo ao exercito brazileiro dolorosas perdas e lamentaveis revezes. Cem praças commandadas pelo alferes Pires Ferreira foram destroçadas em Uauá; cerca de quinhentos soldados da expedição do major Febronio de Britto foram batidos na serra do Cambaio e tiveram de effectuar uma retirada perigosissima. Cerca de mil e quinhentos homens da expedição commandada pelo coronel Moreira Cezar foram destroçados em Canudos, succumbindo o chefe da expedição. Hoje o exercito brazileiro em peso bate-se ha já tres mezes em Canudos, os hospitaes regorgitam de feridos, é elevado o numero de officiaes mortos, e não se sabe ao certo quando terminará a luta.

Alguma coisa mais do que a simples loucura de um homem era necessaria para este resultado e essa alguma coisa é a psychologia da época e do meio em que a loucura de Antonio Conselheiro achou combustivel para atear o incendio de uma verdadeira epidemia vesanica.

As leis que regem a manifestação epidemica da loucura são precisamente as mesmas que Lasègue e Falret formularam desde 1877 para o caso mais simples do contagio vesanico, o caso do delirio a dous. Tres momentos basicos reconhecem essas leis.

Em primeiro lugar, a existencia de um elemento activo que crea o delirio e o impõe á multidão que passa a representar o elemento passivo do contagio.[1] Aceitando embora as idéas delirantes a multidão reage por seu turno sobre o elemento activo, rectificando, emendando, coordenando o delirio que só então se torna commum.

Em segundo lugar, é indispensavel uma convivencia prolongada das duas ordens de espiritos, «vivendo de uma vida commum, no mesmo meio, partilhando o mesmo modo de existencia

[1] Em rigor no elemento passivo do contagio vesanico o [illegible] superficial e sem raizes. Para fazel-a desapparecer de [illegible] individuos do ambiente suggestivo em que se achar[illegible]

os mesmos sentimentos, os mesmos interesses, os mesmos temores, as mesmas esperanças e estranhos a qualquer outra influencia exterior » .

Em terceiro e ultimo lugar o contagio do delirio requer nelle «um caracter de verosimilhança á sua manutenção nos limites do possivel, repousando em factos occorridos no passado ou em temores e esperanças concebidas para o futuro.»

Em Canudos representa de elemento passivo o jagunço que corrigindo a loucura mystica de Antonio Conselheiro e dando-lhe umas tinturas das questões politicas e sociaes do momento, creou, tornou plausivel e deu objecto ao conteúdo do delirio, tornando-o capaz de fazer vibrar a nota ethnica dos instinctos guerreiros, atavicos, mal extinctos ou apenas soffreados no meio social hybrido dos nossos sertões, de que o louco como os contagionados são fieis e legitimas creações. Ali se achavam de facto, admiravelmente realizadas, todas as condições para uma constituição epidemica de loucura.

O jagunço é um producto tão mestiço no physico que reproduz os caracteres anthropologicos combinados das raças de que provém, quanto hybrido nas suas manifestações sociaes que representam a fusão quasi inviavel de civilizações muito desiguaes.

Pelo lado ethnologico não é jagunço todo e qualquer mestiço brazileiro. Representa-o em rigor o mestiço do sertão que soube acommodar as qualidades viris dos seus ascendentes selvagens, indios ou negros, ás condições sociaes da vida livre e da civilização rudimentar dos centros que habita. Muito differente é o mestiço do littoral que a aguardente, o ambiente das cidades, a luta pela vida mais intellectual do que physica, uma civilização superior ás exigencias da sua organização physica e mental, enfraqueceram, abastardaram, accentuando a nota degenerativa que já resulta do simples cruzamento de raças anthropologicamente muito differentes, e creando, numa regra geral que conhece muitas excepções, esses typos imprestaveis e sem virilidade que vão desde os degenerados inferiores, verdadeiros productos pathologicos, até esses talentos tão faceis, superficiaes e palavrosos quanto abulicos e improductivos, nos quaes os lampejos de uma intelligencia vivaz e de curto vôo, correm parelhas com a falta de energia e até de perfeito equilibro moral.

No jagunço ao contrario revelam-se inteiriços o caracter indomavel do indio selvagem, o gosto pela vida errante e nomade, a resistencia aos soffrimentos physicos, á fome, á sêde, ás intemperies, decidido pendor pelas aventuras da guerra cuja improvização elles descobrem no menor pretexto, sempre promptos e decididos para as razzias das villas e povoados, para as depredações á mão armada, para as correrias de todo o genero que os interesses do mando, as exigencias da politicagem e as ambições de aventureiros fazem succeder-se de continuo por toda a vasta estensão das zonas pouco habitadas do paiz.

Seria desconhecer o nosso proprio paiz acreditar que nessas vastas regiões seja mais do que nominal a existencia da civilização européa. O que ali impera é um compromisso entre as tendencias para uma organização feudal por parte da burguezia abastada e a luta das represalias de tribus barbaras ou selvagens por parte da massa popular.

Todas as grandes instituições que na civilização deste fim de seculo garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei, sejam politicos como o direito do voto, o governo municipal autonomo etc., sejam judiciarios como o funccionamento regular dos tribunaes, tudo isso é mal comprehendido, sophismado e annullado nessas longinquas paragens. O que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoaes dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quaes as maiores garantias da liberdade individual, todas as formas regulares de processo, ou si transformam em recurso de perseguição contra innocentes, si desafectos, ou se annullam em beneficio de criminosos quando amigos. E a mais das vezes a execução dessa vontade soberana é summarissima, e em nada differem os processos escolhidos do que eram os adoptados pelo selvagem que antes do Europeu possuiu este paiz.

Antigamente eram estes senhores feudaes os grandes estancieiros, os criadores abastados, os proprietarios de engenho; actualmente são principalmente os chefes politicos locaes, os amigos do governo, os fabricantes de eleitores fantasticos.

A luta entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, admiravelmente favorecida nos tempos monarchicos pelo revesamento no governo dos dois partidos constitucionaes,

mas então como ainda hoje melhor favorecida ainda pelas intrigas e arranjos das camarilhas que cercam os governos centraes, sempre trouxe dividida a população sertaneja em dous grupos oppostos e rivaes, em dois campos inimigos e irreconciliaveis, capitaneados, por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exercito, a força material.

Esta situação que o jagunço não chega mesmo a comprehender mas de que acaba sempre sendo o responsavel legal, offerece-lhes todavia o melhor ensejo para satisfação dos seus instinctos guerreiros.

Foi sempre nessas lutas, politicas ou pessoaes, que se revelaram todas as qualidades atavicas do mestiço. Dedicado até a morte, matando ou deixando-se matar sem mesmo saber porque, foi sempre inexcedivel o valor com que se batiam, consummada a tactica, a habilidade de guerrilheiros que punham em pratica, relembrando as lutas heroicas do aborigene contra o invasor europeu.

Essas qualidades que tão grande realce dão hoje ás guerras que se pelejam em Canudos, não são, pois, peculiares ás tropas de Antonio Conselheiro; são caracteristicos do jagunço.

Como Villa-Nova, como João Abbade, era jagunço Gumercindo Saraiva, o terrivel cabo de guerra que dos pampas do Rio Grande, á frente das suas hostes veiu bater ás portas de S. Paulo; é jagunço Montalvão, o destemido general das guerrilhas de Andarahy e o foram os Araujos e Macieis, do Ceará, os Ledos e Leões, do Grajahú, no Maranhão, e um pouco por toda parte, todos os guerrilheiros dos sertões do Brazil inteiro.

Bellicamente, Canudos é, pois, um caso apenas, e mais nada, dos ataques de Chique-Chique, Andarahy, Cochó, Brejo-Grande, Lençóes, Belmonte, Cannavieiras, etc., neste Estado : de Carolina, Grajahú, no Maranhão, de mil outras localidades de Goyaz, Pernambuco, Minas-Geraes, etc.

Mas para que bem se possa comprehender a importancia que neste elemento bellicoso devia tornar o caso de Canudos, é preciso attender a que era Canudos a primeira luta pelejada francamente no Brazil em nome das convicções monarchicas que são as convicções do sertanejo.

Para acreditar que pudesse ser outro o sentimento politico do sertanejo, era preciso negar a evolução politica e admittir que os

Se
domov
a res
perío
zaçõe
decis
ções
inter
de
esto

vas
ãoc
tem
abe
po

sufficientes para se julgar da crise em que se encontra o seu sentimento religioso no conflicto entre a imposição pela educação que recebe a população, de um ensinamento religioso superior á sua capacidade mental, e a tendencia para as concepções religiosas inferiores que requer a sua real capacidade effectiva, nós poderiamos corroboral-as com a prova do que neste momento se passa nesta cidade com relação á interna epidemia de variola que desapiedadamente a flagella. Por menos observador que seja o espirito, por mais que o disfarce o lixo que cobre as ruas da cidade, não é possivel percorrel-a sem notar a singularidade de haver em cada canto de rua milho estalado ao fogo, de mistura com azeite de dendê. Em um só dia que as exigencias da clinica me fizeram percorrer grande parte da zona mais victimada pela variola, tive ensejo de contar vinte e tantos desses estranhos depositos feitos da noite precedente.

Prende-se este facto a uma crença fetichista africana profundamente enraigada na nossa população. A erupção variolica representa para ella apenas uma manifestação da possessão pelo *orisá* Saponan, Homonalú ou Abaluaê.

Decorrem desta concepção crenças populares que se transformam em obstaculos insuperaveis á applicação regular das medidas sanitarias prophylaticas. A população de côr despreza a vaccina porque está convicta de que o melhor meio de abrandar a colera do *orisá* é fazer-lhe sacrificios que consistem em lançar nos cantos das ruas em que elle habita a sua iguaria favorita — milho estalado em azeite de dendê.

Muitos acreditam que trazendo milho assim preparado nos bolsos ou debaixo do leito estão sufficientemente preservados. E peior do que tudo isso é a convicção imposta pelo rito yorubano, de que o santo ou *orisá* exige que longe de fugir, todos se aproximem delle.

Não é mais complicada a therapeutica que deriva destas crenças. Basta dar ao doente o que é preciso para alimentar o santo, farinha de milho e azeite de dendê. Dizem que as negras chegam a untar o corpo dos seus doentes com o azeite divino. Referiram-me, como prova da efficacia da therapeutica animista, que na convalescença de uma variola confluente grave, a filhinha de um medico mestiço descia do leito e ingeria impunemente a farofa

de milho e azeite de dendê deposta debaixo da cama em offerta a Saponan.

Ora, si na população da capital têm curso praticos e doutrinas desta natureza, póde-se prever o que ha de ser a religião dos sertanejos. Para esta população as abstracções religiosas são fortes de mais. A necessidade de uma divindade tangivel e material se impõe com força sufficiente para destruir todo o prestigio de uma crença cuja historia ella aprendeu de côr, mas que, transcendente de mais, não lhe póde crear a emoção do sentimento religioso.

« A chacun des degrés de leur évolution, escreveu Spencer,[1] les hommes doivent penser avec les idées qu'ils possèdent. Tous les changements qui attirent leur attention et dont ils peuvent observer les origines ont des hommes et des animaux pour antécédents; par suite, ils sont incapables de se figurer les antécédents en général sous d'autres formes, et ils donnent ces formes aux puissances créatices. Si l'on veut alors leur enlever ces conceptions concrètes, pour leur donner à la place des conceptions comparativement abstraites, leur esprit n'aura plus de conceptions du tout, puisque ces conceptions nouvelles ne pourront être representées dans l'entendement. Il aura été de même à chaque époque de l'histoire des croyances religieuses, depuis la première jusqu'à la dernière ».

Alimento a supposição de ter demonstrado com factos que a população brazileira é puramente fetichista ainda mesmo na affirmação das suas crenças catholicas.

A divinização de Antonio Conselheiro devia, pois, dar plena satisfação às necessidades do seu sentimento religioso. Era a satisfação do seu fetichismo instinctivo dentro da educação religiosa christan que essa população recebe desde o berço, embora sem poder assimilal-a sufficientemente.

Explica-se assim a facilidade com que Antonio Conselheiro supplantou o prestigio do clero catholico. Mas antes de Antonio Conselheiro já este prestigio tinha sido invariavelmente supplantado todas as vezes que o clero teve de combater uma *fourmure* fetichista mais escandalosa dada pela população a praticas do culto catholico.

---

[1] Spencer: *Les premiers principes*. Paris. 1888, pag. 87.

Já demonstrámos uma vez[1] a inefficacia das condemnações do clero como recurso contra uma verdadeira romaria fetichista a Santo Antonio da Barra aqui nesta capital.

Igualmente inefficazes foram as medidas repressivas empregadas para obstar que a população continuasse a affluir aos actos divinos realizados na igreja interdicta de Nossa Senhora das Candeias e por um sacerdote suspenso de ordens. De todos esses exemplos, porém, o mais grave é o do padre Cicero, em Joazeiro no Ceará. Eis como o descreve em um artigo sob o titulo expressivo de — *Contumacia*, a *Cidade do Salvador*, conceituado orgão catholico desta cidade:

« O povo diz que vê a sagrada hostia desfazer-se em sangue na bocca da beata, e jura que Deus fez sentir o seu poder e a sua misericordia naquellas paragens. Bandos e bandos de peregrinos de todas as circumvizinhanças abandonaram os seus lares e correram a presenciar o milagre. Intervém a autoridade ecclesiastica, examina maduramente a questão, aprecia-a sob todas as suas faces, estuda com attenção, e depois de aturado exame, resolve que o facto que tanto ruido fizera, não passa de uma farça, de um ardil, que é preciso desmascarar. Grandes são os trabalhos, enormes os esforços do Diocesano para fazer calar no animo daquelle povo credulo e exaltado a falsa persuasão do milagre. Segue á Roma a questão, é confirmado o *veredictum* do Bispo da Diocese. Recolhe-se a uma casa religiosa a beata, suspende-se o padre que se torna contumaz no seu erro, prohibe-se a crença do facto milagroso. Mas, o povo continúa a crer no seu milagre; o padre suspenso continua a residir na mesma localidade e em seus arredores; é considerado uma victima de insidiosa intolerancia: e tudo isto serve de fermento para novos inconvenientes. E aqui está um sacerdote, obrigado a acatar e respeitar a voz da Igreja, a zelar e defender a inteireza de sua doutrina, a obedecer e submetter-se ás determinações de seus superiores hierarchicos, a ser a pedra de escandalo de uma parochia, quiçá do Brazil inteiro, o cabeça de uma revolta funesta e fatal, o provocador de um schisma latente e perigoso que si não fôr sopitado e abafado, virá a trazer dias de amarguras para a santa Igreja e para a Patria brazileira. »

---

[1] *Illusões da catechese no Brazil*, nesta *Revista* de 15 de março de 1897.

Nesta população de espirito infantil e inculto, assim atormentada por uma aspiração religiosa não satisfeita, forçosamente havia de fazer profunda sensação a figura sempre impressionante de um propheta ou enviado divino desempenhada por um delirante chronico na phase megalomanica da psychose. «Tous ces malades sont fiers, dignes et magesteux dans leur attitude, escreve Regis, et ils ne se départent pas un seul instant de leur serieux et de leur solemnité. On dirait les acteurs de tragédie chargés de quelque rôle royal qui continueraient en public et dans le costume de leur emploie à jouer leurs personnages.»

Tal é a origem e a explicação da força suggestiva do Conseheiro no papel de elemento activo da epidemia de loucura de Canudos:

Mas foi o instincto bellicoso, herdado por essa população do indigena americano, que, para dar satisfação pelas armas ás suas aspirações monarchistas, se apoderou do conteudo do delirio de perseguição de Conselheiro que, nas suas concepções vesanicas tinha acabado identificando a Republica com a maçonaria.

E foi este o segredo da bravura e da dedicação fanatizada dos jagunços que, de facto, se batiam pelo seu rei e pela sua fé.

Dr. Nina Rodrigues

A ESCOLA DOS MARIDOS

COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO, DE MOLIÈRE.

Traducção representada no Rio de Janeiro e em Lisboa.

PERSONAGENS

SGANARELLO } irmãos.
ARISTO }
ISABEL } irmãs.
LEONOR }

LISETTE, ala de Leonor.
VALERIO, namorado de Isabel.
ERGASTO, criado de Valerio.
UM COMMISSARIO.
UM NOTARIO.

A scena passa-se em Paris.

ACTO TERCEIRO

SCENA PRIMEIRA

Isabel.

De Sganarello consorte
Não devo, não quero ser!
Meu Deus, prefiro morrer!
Antes morte que tal sorte!
Na medina situação
Em que me acho por desgraça,
Desculpa tem quanto eu faça
Para evitar esta nulão.
E' natural que me afoite
A ir ter com o meu namorado
E entregar-me ao seu cuidado...
Mas vamos, que é quasi noite.

Veja a *Revista* de 15 de agosto, 1 de setembro e 1 de outubro.

SCENA II

Sganarello (saindo de casa e falando para dentro).

Já volto. E' pouca a demora.
Vai ter com o tabellião:
Dize-lhe...

Isabel.

Céus!

Sganarello.

Coração,
Aonde vais a esta hora?
Pois si resolvi sair,
Por me dizeres, querida,
Que estavas aborrecida
E desejavas dormir!
Pediste-me — estou lembrado —
Que, quando á casa voltasse,
Minha flor, não te acordasse,
Pois tinhas somno atrazado...

Isabel.

Assim foi.

Sganarello.

Como explicar
Encontrar-te aqui? Responde!

Isabel.

Sim... é que... não sei por onde
A explicação começar...

Sganarello.

Que? Temos nova cantiga?

Isabel.

Estou que nem uma brasa!
Saiba que a sair de casa
E' minha irmã que me obriga.
Ella (uma coisa tão grave
Bem sei que ninguem approva...)
Pediu-me emprestada a alcova
E lá está, fechada a chave.

Sgánarello.

Como?

Isabel.

Parece impossivel!
Enamorou-se do louco
Que despachámos ha pouco.

Sganarello.

Do Valerio?

Isabel.

Coisa incrivel!
Ferido o seu coração,
Violento amor não refreia!
Para fazer uma idéa,
Senhor, daquella paixão,
Saiba que minha irmã veiu
Sosinha, neste momento,
Confiar-me o seu soffrimento
Sem o minimo rodeio.
Disse-me — e disse a verdade—
Que veneno tomaria
Se eu, piedosa e prestadia,
Não lhe fizesse a vontade.
Mal sabe o senhor seu mano
Que aquelles dois corações
Clandestinas relações
Mantinham ha mais de um anno.
Mal sabe que o seductor
A minha irmã prometteu
Pelos laços do hymineu
Legitimar tanto amor.

Sganarello.

Que gente!

Isabel.

Tendo sabido
Que ficou desesperado
Depois de desenganado
Por nós aquelle atrevido,
Ella deseja evitar
Que elle se mesque, e por isso

E' que me pede um serviço
Tão difficil de prestar,
Pois quer que, pelo postigo
Que deita para a viela,
Valerio fale com ella
Julgando falar commigo.
Arremedando-me a voz,
Ella taes coisas dirá
Que daqui não sairá
O seu tyranico algoz.
E, desse modo, proveito
Pretende tirar, astuta,
Do affecto que me tributa
O antipathico sujeito.

Sganarello.

Achas tu que isso é decente?

Isabel.

Pelo amor de Deus! Si ouvisse
O que eu ha pouco lhe disse!
« O' mana, estará demente?
Não lhe cai a cara aos pés,
Não enrubece, nem nada,
Mostrando-se enamorada
De um typo de tal jaez?
Por amor de um libertino
Você destroi a esperança
De um tutor, cuja alliança
Fôra um presente divino! »

Sganarello.

O tutor eu não lamento,
Pois bem merece a lição,

Isabel.

Finalmente, lancei mão
De quanto austero argumento
Me lembrou, para exprobral-a
De haver tão baixo descido
E recusar-lhe o pedido.

Sganarello.

Ah! uma boa bengala!

Isabel.

A mana, porém, rogou
Tanto, tanto instou, e tanto
Abriu em pranto e mais pranto,
E gemeu, e soluçou,
Que eu a eterno desespero
Minh'alma condemnaria,
Si não cedesse á energia
Daquelle pezar sincero.
Por um coração covarde
Fui constrangida a ceder;
E, para me defender
Si me accusassem mais tarde,
Neste mesmo instante eu ia
Ter com Lucrecia, de quem
Vossa mercê diz tão bem
E de quem tanto se fia,
Para pedir-lhe que viesse
Passar a noite a meu lado,
Quando, sem ser esperado,
Vossa mercê me appareceu.

Sganarello.

Debaixo das minhas telhas
Infamias não apadrinho!
Teria certo gostinho
Quando torcesse as orelhas
O mano esperto e sagaz,
Mas, si passa um importuno
E toma a nuvem por Juno,
Desmoralizada estás.
Eu quero mulher perfeita,
Não só pudica e prendada,
Mas que esteja collocada
Acima de uma suspeita.
A pôr os quartos na rua
Vou neste instante obrigal-a!

Isabel.

Vai de vergonha matal-a,
Si essa ameaça effectúa!
Ella com toda a razão
Se queixaria de mim
Por me haver portado assim
Com tamanha indiscrição...
Vossa mercê é tão rude...

Sganarello.

Mas...

Isabel.

Bom no fundo, não nego;
Mas... eu propria me encarrego
De intimal-a a que se mude

Sganarello.

Pois bem; vai.

Isabel.

Nada lhe diga;
Queira afastado ficar,
Quando a rua atravessar
A pobre da rapariga.

Sganarello.

Uma vez que assim o pedes,
Eu nada farei por ora;
Mas, mal deixe a tal senhora
Aquellas quatro paredes,
Porei o mano ao corrente
De tudo! Adivinho já
A cara que elle fará
E esfrego as mãos de contente!

Isabel.

Escusado é repetir
Neste negocio o meu nome.
Adeus. O somno chegou-me:
Eu vou fechar-me e dormir.

Sganarello.

Até amanhan, meu anjo.
(Só).
'Stou morto por ver o tolo
Do mano, e varrido pol-o!
Deixa estar, que eu cá te arranjo
A ti que tanto me tozas!
Ora ahi tens o resultado
De tanto palavreado!
Lavo-me em agua de rosas!

Isabel (dentro).

Gosto muito de você,
Você me inspira piedade,
Porém fazer-lhe a vontade
Não posso, mana, bem vê.
Não quero expor deste modo
A minha fama; portanto,
Volte para casa, emquanto
Não escurece de todo.

Sganarello.

Ahi vem a grande Leonor!
Como póde esta serpente
Voltar sorrateiramente,
Tranca na porta vou pôr!

Isabel (saindo).

Senhor dos céus, amparai
O meu projecto!

Sganarello.

Cautela!
Vejamos onde irá ella...
Oh! querem ver que ella vai...

Isabel (á parte).

Tremendo estou, mas é noite...
Já agora vou ás do cabo!

Sganarello.

Será crivel que este diabo
Em casa delle se acoite?

SCENA III

VALERIO, ISABEL, SGANARELLO.

Valerio (saindo bruscamente).

Deite embora o mundo abaixo,
Vou vel-a... falar-lhe até!
Pois já não posso... Quem é?

Isabel.

Silencio... falemos baixo...
Vê como tenho as mãos frias!
Sou Isabel, a tua amada...

Sganarello (entre dentes).

Mentes, desavergonhada!
Sem pundonor calumnias!
Minha noiva não se iguala
A ti, que a honra espatifas,
E o nome honesto lhe bifas,
E lhe arremedas a fala!

Isabel.

Mas faze-me o juramento
De que has de casar commigo.

Valerio.

Pelos céus digo e redigo
Que é esse o meu pensamento!
Em minha casa serás
A mais pura das mulheres,
E no instante em que quizeres,
Commigo te casarás.

Sganarello (á parte).

Elle cai como um patinho!

Valerio.

Tu és minha! és minha! Affronto.
As furias daquelle tonto
Que te opprimiu!

Sganarello (á parte).

Coitadinho!

Valerio.

Podes entrar sem receio:
Eis o nosso baluarte!
E si elle me vem tirar-te,
Eu racho-o de meio a meio!

SCENA IV

SGANARELLO

Pódes tranquillo ficar:
Não sou eu quem se incommode
Pela infame que não póde
Tanto vicio dominar.
Digo-te mais, meu maroto:
Tenho em tal conta a donzella,
Que, si não casas com ella,
Não é cá pelo meu gosto.
Façamos com que apanhal-os
Possa a justiça em flagrante,
E sem perda de um instante
Judicialmente casal-os.
Do pai a memoria honrada
E a irman, que tudo merece,
Fazem com que eu me interesse
Em vel-a rehabilitada.
(Dirige-se para casa do commissario, que sai).

SCENA V

SGANARELLO, UM COMMISSARIO, UM NOTARIO, UM LACAIO
(Com uma lanterna acesa)

Sganarello.

Olá!, senhor commissario,
Vem ao pintar da faneca!
E inda bem que está de béca!
Ande, que é cá necessario!
Oh! traz lanterna? Melhor!

O commissario.

Mas nós iamos...

Sganarello.

Embora!
De um caso trata-se agora,
Verá, de força maior.
Ali, no sobrado em frente,
Vá surprender dois pombinhos
Um ao outro agarradinhos
E case-os incontinenti.
E' orphan de honrados pais
A moçoila pervertida
Que em casa se acha mettida
Daquelle escalda-favaes.
Preparem penna e papel!

O commissario.

Não passo de um commissario;
Mas eis presente um notario:
Caiu-lhe a sopa no mel.

Sganarello.

Ah! bom! este senhor é...

O notario.

Eu sou notario real.

O commissario.

Não ha no fôro outro igual
No tocante á boa fé.

O notario.

E' bondade...

Sganarello.

Eu não duvido;
Mas entrem, a porta fechem
E que alguem saia não deixem.
Tudo isto sem alarido.
Quanto ganham não perguntem,
Mas contem com os meus favores...
Não vão agora os senhores
Deixar que as unhas lhes untem.

O commissario.

Oh! senhor! pois póde crer
Que um serventuario...

Sganarello.

Perdão!
A sua nobre profissão
Não foi meu fito offender.
Hom! cá vou chamar o mano.
Alumia-me, rapaz!
O toleirão é capaz
De imaginar que eu o engano.

(O commissario e o notario têm entrado em casa de Valerio; Sganarello vai bater á porta de Aristo).

Olá!

A voz de Aristo.

Quem bate?

Sganarello.

Sou eu.
Faz favor de vir cá fóra?

SCENA VI

SGANARELLO, ARISTO.

Aristo.

Olé! o mano a esta hora!
Que desgraça aconteceu?

Sganarello.

Falar-lhe já necessito,
Senhor mestre de meninas
E pregador de doutrinas!
Vai ver o bom e o bonito!

Aristo.

Como diz?

Sganarello.

Sou portador
De uma boa nova

Aristo.

Ah! Ah!

Sganarello.

Diga-me; sabe onde está
Sua pupilla?

Aristo.

A Leonor?
Então não hei de eu saber?
Diverte-se a rapariga
No baile, em casa da amiga.

Sganarello.

Bom! siga-me, e venha ver,
Embora a coisa lhe doa,
Qual foi o baile, e onde mora
A tal amiga.

Aristo.

Esta agora!

Sganarello.

Oh, oh! o mano amestrou-a!
« Desconfiadas cautelas,
Ferrolhos e fechaduras
Não fazem sejam mais puras
As donas nem as donzellas.
E' coisa muito acertada
A mocidade instruir,
Serenamente, a sorrir,
E não de cara fechada.
Quando errar, com mansuetude
Fazel-a chegar ao rego,
Sem a assustar com o emprego
Deste palavrão: virtude! »
Doutrina tão succulenta
Aproveitou a donzella;
Por isso a virtude nella
Com bem pouco se contenta.

Aristo.

Onde quer você chegar
Com similhante conversa?

Sganarello.

Pagou-lhe aquella perversa
De um modo bem singular!
Eu nem por vinte pistolas
Dava o prazer, que desfructo,
De ver este bello fructo
Das suas maximas tolas!
A Isabel vai para aquelle
E a Leonor para este lado:
Uma evita o namorado,
E a outra vai ter com elle

Aristo

O' mano, eu não adivinho
Esta charada!

Sganarello.

Eu me explico:
Saiba que o tal bailarico
Era em casa do vizinho.
Eu vi-a... segui-lhe os passos,
Isto foi ao lusco-fusco.
Abriu a porta o patusco,
E ainda lá a tem nos braços.

Aristo.

A Leonor?! Oh, mano, basta!
E' de máu gosto o gracejo.

Sganarello.

Pois enganei-me, já vejo...
Não ha donzella mais casta!
— Mas olhe que falo serio!
Reflicta: a sua pupilla
Neste momento, tranquilla,
Em casa está do Valerio.

Tinham ambos promettido
Eternamente adorar-se
Antes delle apaixonar-se
Pela Isabel!

Aristo.

Eu duvido.

Sganarello.

Sim?

Aristo.

Absurdo sobre absurdo
Tem dito p'r'ahi você!

Sganarello.

Vendo e ouvindo inda o não crê!
E' demente, é cego, é surdo!
Isto faz bilis! A idade
De nada serve, está visto,
Quando não se tenha disto...
(Leva a mão á testa).

Aristo.

Tem disso o mano, é verdade!

Sganarello.

Valha-o Deus! Faça favor!
Venha cá, senhor esperto,
E verá si não é certo
O que lhe acabo de expor.
Venha... venha ver si invento,
Ou si os dois, tutor insano,
Não estávam ha mais de um anno
Ligados por juramento.

Aristo.

Sem que ao menos consultasse
O devotado tutor,
Não posso crer que a Leonor
Tal juramento formasse,
Pois si ella, desde menina,
Acha na minha pessoa,
Quem seus caprichos perdoa
E a seus desejos se inclina?

Si, em tantas occasiões,
Tenho feito mil protestos
De não me oppor, nem por gestos,
A's suas inclinações ?

Sganarello.

Deste caso extraordinario
Vai por si mesmo julgar.
Saiba que fui procurar
Um commissario e um notario,
Porque a mim me pareceu
Que a honra della, perdida,
Só lhe será restituida
Pelas cordas do hymineu,
Pois, ó mano, ainda o não dou
Por tão faito de aduela,
Que vá casar-se com ella
Depois do que se passou;
Salvo si as suas theorias
Sobre pupillas e esposas
Levem todas estas coisas
A' conta de ninharias.

Aristo.

Por doido e fraco me tomem
Quando eu tenha a pretensão
De possuir um coração
Possuido por outro homem.
Confesso que me illudi...

Sganarello.

Vamos, senhor tagarella,
Que, si eu fôr a dar-lhe trela,
Não sairemos d'aqui !

SCENA VII

SGANARELLO, ARISTO, O COMMISSARIO, O NOTARIO.

O commissario.

Não é preciso coacção,
Pois não ha contrangimento.
Senhores, si o casamento
E' vossa disposição,

Motivo que vos enfade
Não ha no caso presente:
Tanto um como outro nubente
Casa por livre vontade.
E o senhor Valerio, aqui
Nesta obrigação, que assigna,
Diz esposar a menina
Que na sua casa vi.

Aristo.

E ella?

O commissario.

Não sai do seu posto
Sem que digais, por escripto,
Que este casorio... exquisito
E' feito por vosso gosto.

SCENA VIII

VALERIO, O COMMISSARIO, O NOTARIO, SGANARELLO, ARISTO.

Valerio (apparecendo á janella da sua casa)

E a porta estará fechada
Até que a declaração
Por um e por outro irmão
Me chegue ás mãos assignada.
Vós bem sabeis quem eu sou;
Não podia ser mais brando
A obrigação assignando
Que o commissario levou.
Seja cada qual mais franco,
Si me deseja casado;
Mas tambem pelo meu lado
Exijo o preto no branco.
Si intentais tirar-me aquella
Companheira estremecida,
Arrancai-me antes a vida,
Que nada vale sem ella!

Aristo.

Mas eu...

Sganarello.

Com licença, mano.
(A Valerio)
Descance: ninguem o obriga
A entregar a rapariga.
(A' parte).
Inda não deu pelo engano.

Aristo.

Mas... trata-se da Leonor ?

Sganarello.

Cale-se !

Aristo.

Mas...

Sganarello.

E elle a dar-lhe !

Aristo.

Eu queria perguntar-lhe
Si...

Sganarello.

Cale-se por amor
De Deus !

Valerio.

Mas, haja o que houver,
Tenho por ganha a partida !
A minha Isabel querida
Ha de ser minha mulher !
A mais frivola razão
Não ha para vos oppordes
De dois corações concordes
A' suspirada união.

Aristo.

Pelo que diz o Valerio,
Parece...

Sganarello.

Esteja calado!
Não tarda a ser-lhe explicado
Todo este grande mysterio.
(A' Valerio).
Damos-lhe consentimento
Por que possa á tutelada
Em sua casa acoitada
Receber em casamento.

O commissario.

Nesses termos redigi
A declaração.

Valerio.

Bem sei.

O commissario.

O nome em branco deixei
Da moça, que o não ouvi.
Assignem os dois irmãos.
Ha tempo de se explicarem.

Valerio.

Só casarei si assignarem.

Sganarello.

Assigno co'ambas as mãos.
(A' parte).
Que barrigada de riso!
(A Aristo).
Ponha o nome por inteiro
Vá! Compete-lhe o primeiro
Lugar! Não esteja indeciso!

Aristo.

Mas diga-me por favor...

Sganarello.

Vamos! assigne o papel!

Aristo.

Elle fala da Isabel,
Você fala da Leonor!

Sganarello.

Valha-o Deus! Você consente
Que elles se casem, si fôr
A seduzida a Leonor?

Aristo.

Consinto immediatamente.

Sganarello.

Pois assignemos os dois.

O commissario.

Sim, uma vez que concordam...

Aristo.

Vá lá! Macacos me mordam...

Sganarello.

Hei de explicar-lhe depois.

O commissario.

Senhores, eu voltarei.

Sganarello (a Aristo).

Venha, senhor cabeçudo,
Que eu quero contar-lhe tudo.

Retiram-se para o fundo do theatro.

SCENA IX

LEONOR, SGANARELLO, ARISTO, LISETTE.

Leonor.

Do baile me retirei
Mais cedo do que devia,
Porque já estava cansada
De tanta frase estudada,
De tanta sensaboria.

Lisette.

Queriam ser agradaveis...
Coitados! pobres rapazes!

Leonor.

Qual ! uma idéa não fazes :
São todos insupportaveis !
Eu acho mais delicada
Uma palestra singela
Do que toda aquella... aquella
Galanteria affectada.
Imaginam taes patetas
Que são até perigosos,
E que os tenho por jocosos
Quando atiram indirectas
Sobre o meu futuro esposo,
Homem tão nobre e sensato,
Simplesmente pelo facto
De ser já um tanto idoso.
O meu velho vale mais
— E desafio a quem me provem
O contrario ! — do que um joven
Fazedor de madrigaes.
Não me engano... é o meu tutor !

Aristo.

Calo das nuvens !

Sganarello.

Pois caia !
— Acompanhada da aia,
Lá vem a sua Leonor.

Aristo (a Leonor).

Eu não sou homem bilioso ;
Minh'alma a tudo se dobra ;
Mas tenho razão de sobra
Para estar muito queixoso.
Dei-te a maior liberdade ;
Tornei-te a existencia doce ;
Fosse a vontade qual fosse,
Sempre te fiz a vontade ;
Mas — que desvario o teu ! —
Sem me ouvires, dispuzeste
Do coração que me déste,
Do coração que era meu !

Oh! eu não lamento haver
Sido tão bom, — não lamento;
Mas o teu procedimento
— Confesso — me faz soffrer.
Fui terno, fui desvelado...
Ver-te feliz pretendia...
Leonor, eu não merecia
Ser deste modo tratado.

Leonor.

Em que se fundam não sei
Os termos em que me argue:
A mesma que sempre fui,
Sou, e afiançoque serei.
Considero tão sagrado
Este castissimo affecto,
Que procurar-lhe outro objecto
Constituiria um peccado.
E si um desejo indizivel
Satisfazer-me quizer,
Faça-me sua mulher
O mais depressa possivel.

Aristo.

O' mano, tanto improperio
Não tinha razão de ser!

Sganarello

Vamos... diga que foi ter
A' casa do tal Valerio.
Confesse o insensato amor
Que a esse estroina consagra,
Amor que a tem posto magra
Ha mais de um anno!

Leonor.

Senhor!
Graças a Deus, taes pinturas
Não serei eu que as mereça!
Quem lhe metteu em cabeça
Similhantes imposturas?

SCENA X

ISABEL, VALERIO, LEONOR, ARISTO, SGANARELLO, O COMMISSARIO, O NOTARIO, VALERIO, ERGASTO.

Isabel (a Leonor).

Si a tua reputação
Manchei, minha irmã, por Deus
Espero dos labios teus
Um generoso perdão.
Esse infame estratagema,
Por mim mesma reprovado,
Foi fatalmente inspirado
Pela minha dôr extrema.
Que o teu coração perdôe,
Leonor, o meu desatino!
E' só culpado o destino
Que tão diverso nos foi.
(A Sganarello).
Dê-se por muito feliz;
Contra mim não se enfureça;
Pelo contrario: agradeça
Ter-lhe feito o que lhe fiz.
Deus, que os destinos designa,
Deus mesmo nos separou,
E eu reconheço que sou
De vossa mercê indigna.

Valerio

Por derradeiro favor
Faça a minha boa estrella
Com que eu possa recebel-a
Das mãos do proprio tutor.

Aristo (a Sganarello).

Si nisto não acha graça,
Si de contente não pula,
O' mano, a pilula engula
E cara feia não faça.

De tudo é você culpado,
E poz-se em tal posição,
Que a ninguem faz compaixão,
Pezar de mystificado.

Lisette.

A caturrice — eu sustento! —
Tem as suas conveniencias:
Acho que estas consequencias
Podem servir de escarmento.

Leonor.

Si podem ou não ignoro
De escarmento a alguem servir:
São justas... fazem-me rir...
Por isso não as deploro.

Sganarello.

Todo este acontecimento
E' sonho? é realidade?..
Tamanha deslealdade
Confunde o meu pensamento!
Nem Satanaz, em verdade,
Seja embora Satanaz,
E' nos infernos capaz
De tanta perversidade!
Eu por ella deitaria
A mão no fogo! Coitado
Do pobre, do desgraçado
Que nas mulheres confia!
Sexo em malicia fecundo,
Pelo demonio engendrado,
Tu foste ao mundo mandado
Para damnares o mundo!
Renuncio-te! — o eterno
Seja este voto, que sai
Do intimo d'alma! Vai! vai
Para as profundas do inferno!

Ergasto.

Bom!

Aristo.

Em nossa casa entremos.
Póde vir, senhor Valerio.
Elle está fóra do serio :
Amanhan o acalmaremos.

Lisette (ao publico).

Si pela mesma bitola
Erradamente medidos
Conheceis alguns maridos,
Mandai-os á nossa escola.

FIM

ARTHUR AZEVEDO

A PRIMEIRA MISSÃO BRAZILEIRA Á CHINA

NEGOCIAÇÃO DO TRATADO

Costuma o governo chinez investir a um dos vice-reis das Provincias Maritimas de poderes para entender-se com os representantes dos paizes que procuram abrir relações com o Imperio.

O Marquez Tséng havia nos informado, em Paris, que achando-se vago o lugar de vice-rei de Nankin, era provavel que fosse designado para receber as nossas aberturas o vice-rei Li-Hung-Chang, das Provincias Maritimas do Norte, seu grande amigo, ao qual, em sua correspondencia, que devia-nos preceder na China, nos recommendaria com todo o interesse da sympathia que nos protestava.

Ao aportarmos á Hong-Kong, porém, soubemos que já havia sido nomeado o novo vice-rei de Nankin e como, ao mesmo tempo constava que, no caso do rompimento então imminente, das relações da China com a Russia, todo o corpo diplomatico passaria a residir em Shanghai, pareceu-nos que teriamos de permanecer nesta ultima cidade, para d'ali nos pormos em communicação com o vice-rei de Nankin. Felizmente logo depois aplacaram-se os receios de guerra immediata entre os dois imperios, tendo o governo chinez resolvido enviar uma embaixada á Russia. Não havia, pois, motivo para o corpo diplomatico afastar-se de Pekin.

Resolvemos, então, nos dirigir, sem perda de tempo, para Tien-tsin, antes mesmo de communicarmos a nossa chegada á China á Côrte de Pekin, afim de que esta não se prevalecesse do estado de excitação dos animos no povo chinez, que se accentuava,

---

Veja a *Revista* de 15 de outubro de 1897.

naquelle momento contra todos os estrangeiros, para deter-nos longe da Capital. Tinhamos outros motivos, não menos ponderosos para preferirmos iniciar a nossa missão em Tien-tsin. Em primeiro lugar confiavamos na sinceridade das recommendações do Marquez Tsêng ao vice-rei Li-Hung-Chang e estavamos convencidos que essas recommendações, mais do que outros quaesquer recursos diplomaticos, predisporiam o poderoso delegado da Côrte Celeste a receber as nossas aberturas. Em segundo lugar, embora não contassemos com a efficacia, junto ao governo chinez, dos bons officios promettidos pelos governos francez e americano, deviamos suppor que a boa vontade dos seus representantes em Pekin pudesse ao menos aplainar alguma difficuldade incidente; convindo, portanto, pormo-nos em contacto com elles.

Acrescia a razão de que, negociando nas proximidades de Pekin, removiamos as delongas de consultas ao governo, por parte do negociador chinez, que se dariam inevitavelmente se tivessemos de tratar com o vice-rei de Nankin; e, para o mesmo objecto, de uma negociação expedita, comprehendiamos que devia concorrer o grande ascendente de que gozava o vice-rei na Côrte Imperial.

No dia 8 de junho aportámos a Tien-Tsin e logo no dia seguinte communicámos ao vice-rei a nossa chegada pedindo-lhe que marcasse dia e hora para lhe apresentarmos os nossos cumprimentos.

Não se fez demorar a resposta e no dia marcado dirigimo-nos ao *Yamen* do vice-rei com o apparato costumado em similhantes cerimonias na China, o qual consiste em numeroso sequito de palanquins do modelo official, cada palanquim seguido de um bando de carregadores grotescamente uniformizados que se revesam durante o trajecto.

Recebidos com todas as honras devidas aos embaixadores (salvas de petardos e de cartas de bichas, guarda de honra, etc.), depois de trocados os cumprimentos banaes do estylo, conduziu-nos o vice-rei para um salão em cujo centro havia uma grande mesa, em torno da qual nos sentámos occupando elle uma das cabeceiras. Como o vice-rei não conhecia outro idioma sinão o chinez, encetámos a nossa apresentação dizendo um de nós, por intermedio do nosso interprete, que: portadores de cartas autographas do Imperador do Brazil para o da China que nos acreditavam como

Enviados Extraordinarios com plenos poderes para negociarmos um tratado de amizade, commercio e navegação com o grande Imperio asiatico, nos lisongeava sobremaneira termos tido a felicidade de poder fazer as nossas aberturas, por intermedio do illustre vice-rei das Provincias Maritimas do Norte, conhecido em todo o occidente como o mais consummado general e estadista da China; e que, confiados nas recommendações do seu nobre amigo o Marquez Tsêng, esperavamos que elle, o vice-rei, usaria do seu legitimo ascendente no governo chinez em sentido benevolo para com a nossa missão.

E' provavel que o nosso interprete, bastante versado nos gongorismos do estylo mandarinesco, tivesse vertido os nossos cumprimentos ao vice-rei, de modo ainda mais agradavel á sua vaidade, que segundo tinhamos sido informados, e tivemos occasião de verificar depois, era realmente a face mais vulneravel do seu caracter. Servindo-se do seu interprete, o mais joven dos mandarins que o cercavam o bacharel Ma-Kien-Tchong, que falava fluentemente o francez, sendo formado pela Faculdade de Direito de Paris, disse o vice-rei que: havia já algum tempo, estava annunciada officialmente pelo Marquez Tsêng, a ida á China de uma missão brazileira e que a elle, particularmente o mesmo Marquez escrevera expressando-se de maneira altamente encomiastica sobre os meritos pessoaes dos enviados brazileiros, com os quaes se relacionara em Paris; acrescentou que se apressaria em dar conhecimento ao *Tsung-li-Yamen* da nossa chegada a Tien-tsin, bem como do objecto de nossa missão. Em seguida o vice-rei com o desembaraço que lhe dava o habito de tratar com estrangeiros de elevada categoria, cabendo-lhe, havia muitos annos, o papel de S. Pedro da Côrte Celeste, encetou uma conversação, que se prolongou por mais de uma hora, entretida pelas questões que nos propunha a respeito do Brazil e pelas observações que lhe suggeriam as informações e esclarecimentos que lhe prestavamos.

A maior parte das observações do denominado Bismark da China eram excentricas e pueris; outras teriam nos chocado pela impertinencia, si não estivessemos previnidos de que o supremo desprezo que todo o Chim vota intimamente aos occidentaes, revelava-se em Li-Hung-Chang pelos conceitos causticos com que elle adubava a sua tagarelice habitual. Eu, por minha parte, como

nunca pude reprimir para com estrangeiros a minha susceptibilidade nativista, ia-lhe dando a replica ao pé da letra, sempre que elle fazia confrontos extravagantes entre os dois Imperios.

Assim quando, respondendo a uma de suas perguntas, um de nós lhe disse que só contavamos 57 annos de nação independente, elle com sorriso desdenhoso exclamou: «Oh! a China já era uma grande nação ha quatro mil annos! 57 annos! é a minha idade!» A este repente de orgulho nacional, redargui, fazendo-lhe vêr, com exemplos do passado e do presente, que o poder, a grandeza e a civilização das nações não se mediam pelos annos de sua existencia; que os seculos não eram o unico factor da formação dellas; e elle, longe de desconcertar-se com a minha observação a ouviu com bonhomia e com gestos expressivos de approvação.

Em outro ponto daquella diffusa interlocução, a proposito de falarmos nos primitivos habitantes da America, manifestou elle grande admiração que ainda existissem selvagens no interior do Brazil; e atalhando eu que o mesmo acontecia nos Estados Unidos, e que na propria China, si não eram falsas as descrições que eu havia lido de varios geographos e viajantes se encontravam ainda numerosas tribus de selvagens em completo estado de barbaria, o vice-rei, com o seu bom humor inalteravel, confirmou a minha allusão ao seu paiz.

Era completa a ignorancia do vice-rei com relação á situação geographica do Brazil, a ponto de perguntar si este era banhado por algum mar. Entretanto, no correr da conversação quiz saber, porque, havendo tantas linhas de paquetes para a China, nos tinhamos transportado em navio de guerra, o que observou elle, não se coadunava com os intuitos de uma missão pacifica.

Tomei a mim naturalmente responder a esta descabida ecaretada e o fiz notando que o surgir de uma pequena corveta brazileira em um porto da China, não podia ser considerado uma demonstração de força, sabendo-se que a China de então já possuia uma marinha de guerra consideravel; que a intenção do nosso governo, fazendo conduzir os seus enviados por um vaso de guerra, tinha sido de prestar homenagem á nação cujas relações iamos procurar, e de dar ao povo chinez uma idéa da nossa civilização, sendo certo que só os povos mais adiantados podiam usar daquelle meio de representação exterior em paizes longiquos;

e que independente da conducção do pessoal da missão, a viagem da *Vital de Oliveira*, tinha o objecto de proporcionar aos seus officiaes e marinheiros a instrucção na arte de navegar, que só em longas travessias se póde adquirir.

Prestou o vice-rei grande attenção a estas explicações banaes como a coisas que elle ouvisse pela primeira vez, acabando sempre, com a sua versatilidade infantil, por concordar com tudo o que diziamos.

Interrogou-nos tambem sobre a razão por que não haviamos a mais tempo procurado abrir relações com a China.

Respondeu-se, que sendo o Brazil um paiz novo, só então o desenvolvimento do seu commercio e de sua industria, bem como da riqueza publica, havia indicado a opportunidade de estabelecerem-se relações directas entre os dois paizes sob a garantia de um tratado solemne.

Com a intenção evidente de provocar-nos a declarar que o nosso principal objecto era o de encaminharmos a emigração de China para o Brazil, propoz o vice-rei uma série de questões capciosas, sobre os beneficios immediatos que esperavamos da celebração de um tratado com a China.

De nossa parte, sem occultarmos que o problema da colonização do vasto territorio do Brazil era uma das principaes preoccupações do seu governo, e que por isso elle dirigia naturalmente suas vistas para os paizes superabundantes de população como a China, insistimos na demonstração das vantagens reciprocas que deveriam resultar de relações commerciaes directas entre os dois paizes, que necessariamente se estabeleceriam como consequencia da emigração.

Referiu-se o vice-rei ao máu tratamento que se dava aos miseros trabalhadores chinezes no Perú e em Cuba, o que causava profundo desgosto ao seu governo e a todo o povo chinez; e com rude franqueza manifestou receios de que os China no Brazil fossem submettidos ao regimen da escravidão, que sahia existir entre nós.

A essa objecção suggerida pelos philantropos da *Anti-slavery Society*, respondemos que já estava feita a experiencia que o devia convencer do contrario, pois, em 1856, justamente quando o numero de escravos, em relação á população livre, era muito

maior, se haviam introduzido no Brazil muitos centos de Chins procedentes de Singapura e de Cantão e que esses Chins apezar de terem sido aliciados por agentes sem escrupulos nas praias daquelles portos, gozaram no Brazil de todos os direitos e franquezas garantidos pela nossa Constituição politica aos estrangeiros, sem distincção de nacionalidades; e que, uma vez celebrado o tratado entre os dois Imperios, caberia ao governo chinez salvaguardar os direitos de seus subditos, por meio de seus representantes diplomaticos e consulares; por ultimo, fizemos vêr que estancadas, como se achavam no Brazil, as fontes da escravidão, ella fatalmente teria de extinguir-se em poucos annos.

O interrogatorio já ia se tornando soporifero, tanto mais quanto para mitigar o intenso calor que fazia, serviam-nos chá com pequenos intervallos, no rigor do uso chinez, isto é, fervendo e sem assucar. Offereciam-nos tambem, a cada momento charutos de Manilha.

O vice-rei, fumador perenne, alternava o charuto, com a aspiração de um longo cachimbo, que um pagem perfilado por detraz de sua cadeira, introduzia-lhe na bocca já acceso, logo que elle pousava momentaneamente o charuto. Um outro pagem trazia-lhe de quando em quando, um lenço embebido em agua quente com que elle abluia o suor do rosto.

D'ali conduziu-nos o vice-rei para a sua bibliotheca, onde estava preparada a collação obrigada em todas as visitas cerimoniosas na China. Como installação, a livraria era de aspecto mesquinho; uma sala estreita cercada de prateleiras de madeira rustica, cheias de brochuras: a apparencia de um deposito de papelaria.

O *luncheon* chinez consiste em uma grande variedade de doces e frutas seccas. Como bebidas, alterna-se o chá com o vinho de arroz, infusão fermentada pouco alcoolica, mas muito capitosa, principalmente tomado quente como costumam servil-o.

Aos estrangeiros de distincção, nunca deixam de offerecer champagne e comprazem-se os Chins em imitar os Europeus reservando-o para os *toasts*, com o bom gosto de fazel-os sem discursos.

A' mesa o vice-rei esteve de uma amabilidade perfeita, conversando com abandono de toda *morgue*. Perguntando os nomes de cada um dos membros da missão, procurou na construcção phonetica da lingua chineza o que poderiam significar. O nome de

Motta, por exemplo, elle decompunha nos monosyllabos— mu—e—ta—, cuja traducção seria — magestade resplendente. — O nome de Saldanha pelo mesmo artificio philologico significaria — pedra preciosa. — Observou o vice-rei que os Brazileiros, talvez por causa da tez morena, da maior parte dos que nos achavamos ali, tinham mais similhança com os Chins do que os outros brancos occidentaes.

Quando pedimos permissão para nos retirarmos disse o vice-rei que não se demoraria em retribuir-nos a visita e que por essa occasião esperava estar já munido dos poderes para tratar sobre o objecto da nossa missão.

A impressão que me deixou o vice-rei Li-Hung-Chang, na entrevista que acabo de descrever, foi a de um potentado semi-barbaro, da fantasia ou capricho do qual ficava dependendo o exito da nossa missão. A mesma impressão que eu imaginava devera ter experimentado Vasco da Gama em presença do Samorim, ou os viajantes venezianos Polô diante do immediato descendente de Gengis-kaan. Com similhantes personagens é impossivel prevêr o desenlace de uma negociação, quando não se dispõe de outros meios sinão a persuasão para se chegar ao fim desejado. Aquelles que adoptam a theoria machiavelica de que os fins justificam os meios, acreditam que este é um dos casos em que os processos de uma bajulação vil, apparentemente os mais efficazes, deixam de ser deprimentes do caracter de quem os emprega.

De minha parte, dispuz-me ao contrario, a não desviar-me uma linha da norma de proceder que me dictava não só a minha dignidade pessoal como a do cargo de representante do soberano do meu paiz. Si o servilismo lisonjea, uma attitude nobre acaba sempre por impôr-se, mesmo aos barbaros.

E os enviados brazileiros mantendo-se em um justo meio entre a altaneria jactanciosa e a lisonja interesseira, não só conseguiram desmentir os prognosticos desfavoraveis, de toda a colonia estrangeira na China, sobre o resultado da nossa missão, como receberam mais tarde as mais expressivas demonstrações de estima e apreço do poderoso ministro chinez!

O que, para logo comprehenderamos foi: que, si por um lado, o vice-rei Li, com a autoridade quasi soberana que exercia nos negocios internacionnes de seu paiz, podia, por um simples gesto seu,

causar-nos irremediavel decepção; por outro lado, o que delle conseguissemos não ficaria dependente do contraste dos meticulosos mandarins da Côrte de Pekin.

Deve ser consideravel a superioridade moral de Lí-Hung-Chang no mandarinato, para poder-se conceber como elle chegou a adquirir tão grande ascendente. O estrangeiro, em uma curta estada na China póde apenas apprehender algumas das circumstancias que concorreram para o apparecimento na grande monarchia asiatica desse ministro d'estado da estatura de um Cardeal de Richelieu.

Foi na repressão dos ultimos bandos da terrivel insurreição da seita dos Taepings que Li-Hung-Chang revelou as qualidades que mais o podiam recommendar ás boas graças da dynastia reinante. Sendo elle um Chim de puro sangue, redobrava de valor o seu zelo no serviço da causa da raça conquistadora, dos mantchûs, ao exterminio da qual visava principalmente a revolta dos Taepings.

Era corrente na China que os successos militares attribuidos á Li-Hung-Chang naquella guerra civil e religiosa foram devidos aos conselhos de um illustre official inglez o coronel Gordon, que se achava então encarregado de instruir o exercito imperial segundo os principios da tactica européa. A crueldade do general chinez para com os Taepings vencidos alienara, entretanto do serviço imperial a collaboração do bravo Gordon. Esse incidente na vida do legendario aventureiro bretão, não é menos bello e nobre do que foi mais tarde o seu heroico sacrificio em Karthoun.

Alguns centos de Taepings sitiados em um dos ultimos reductos da rebellião, haviam capitulado com a condição de que as suas vidas seriam respeitadas. Li-Hung-Chang, porém, que não seria um bom Chim si não fosse cruel, mandou passar todos pelas armas.

Esse attentado atroz e inutil, tendo sido applaudido pela Côrte de Pekin, Gordon retirou-se bruscamente da China, não só recusando as vantagens consideraveis que lhe offereciam para continuar a missão de que se tinha incumbido, como até negando-se a receber a renumeração a que tinha direito pelos serviços já prestados. E' preciso ter idéa da generosidade do governo chinez para com os estrangeiros de merito que se têm dedicado ao seu serviço, para aquilatar a abnegação do procedimento de Gordon. Para não alongar-me, citarei apenas dois exemplos: M. Gicquel, um joven official reformado da marinha franceza, organizador do estabelecimento naval de

Fouchou, concluida a sua tarefa, poude retirar-se opulento para o seu paiz, ainda no vigor da idade; Sir W. Hart, o intendente geral das alfandegas chinezas, é hoje considerado archi-millionario, mesmo na Inglaterra.

Debellada a revolta que por longos annos subvertera toda a ordem social, em varias provincias da China, Li-Hung-Chang, foi cumulado das mais altas recompensas honorificas e investido nas funcções de Primeiro Secretario de Estado, Presidente do Ministerio da Guerra e vice-rei do Petche-li. Este ultimo cargo afastando-o das intrincadas têas dos conselhos da Côrte, por isso que determinava a sua residencia em Tien-tsin, explicava a liberdade de acção com que elle procedia no seu duplo caracter de Primeiro Ministro.

Por outro lado sendo os portos do golpho de Petche-li os pontos mais vulneraveis da monarchia, pela proximidade em que se acham da Capital, Li-Hung-Chang, com o justo motivo de guarnecel-os convenientemente, reuniu sob seu commando immediato a flôr das tropas chinezas, as que se achavam armadas e instruidas á européa.

Com todos estes elementos de poder em suas mãos e achando-se a China naquella época sob a regencia de duas Imperatrizes titulares na menoridade do herdeiro presumptivo do throno, era Li-Hung-Chang, de facto, o lugar-tenente do Imperio. A sua importancia no governo parece que não tem diminuido depois da maioridade do actual Imperador.

Como o ministro omnipotente de Luiz XIII, com o qual o comparei, Li-Hung-Chang, não tem escapado das intrigas da Côrte, contra o seu poderio. No correr desta narrativa, terei occasião de referir-me a uma dessas intrigas tramada, entre os *gros bonnets* de Pekin, ao tempo em que negociavamos o nosso tratado.

Como homem privado, o traço caracteristico do famoso mandarim, parece ser a avareza.

E' voz corrente entre os Europeus residentes na China, que elle faz o monopolio das casas de penhores de Tien-tsin, o que equivale á exploração de um Potosi, nos grandes centros populosos de um paiz, onde a extrema miseria dá lugar a que os mais despreziveis objectos tenham valor pignoraticio. — Diz-se tambem que elle é accionista preponderante de emprezas industriaes subvencionadas pelo Estado.

Eis, em ligeiro escorço, quem era o personagem com quem iamos entrar na negociação do tratado.

Poucos dias depois da nossa apresentação recebemos a visita do vice-rei, acompanhado do Taotai de Tien-tsin o Sr. Tcheng-Tsan-You e do Sr. Ma-Kien-Tchong, ambos mandarins de 1ª classe, e de uma forte escolta de infanteria e numeroso sequito de famulos.

Acolhemol-o da mesma fórma, porque elle nos havia recebido, menos as salvas de petardos e bichas, tendo feito tudo o que permittiam os recursos do lugar para obsequial-o condignamente.

Demorou-se o vice-rei cerca de duas horas em nossa Legação, tendo versado a conversação exclusivamente a respeito do Brazil; mostrando-se elle e os seus officiaes maravilhados de quanto diziamos sobre a extensão do nosso territorio, a grandeza dos nossos rios, a importancia dos nossos principaes portos commerciaes, valor da nossa exportação de café e dos productos naturaes da bacia do Amazonas. Interessavam-lhe particularmente todos os dados relativos á cultura do café, cuja bebida era para elle um nectar a julgar pelo numero de chavenas que elle sorveu durante aquella entrevista.

Ao sentar-se á mesa do *luncheon*, que lhe offerecemos, disse o vice-rei, com ar solemne, que em torno de uma mesa, delicadamente servida como aquella, era sempre a occasião mais propria para tratar de negocios importantes, pela cordialidade que se estabelecia entre os convivas; e por isso elle escolhia aquelle momento para scientificar-nos que já havia recebido plenos poderes e instrucções para tratar comnosco sobre o objecto da nossa missão, o que, accrescentou elle, deviamos apreciar como uma alta prova de consideração do seu governo para com o Imperador do Brazil e para com os seus enviados por ser elle o vice-rei, um dos funccionarios de categoria mais elevada do Imperio chinez.

Respondemos que o Imperador do Brazil, igualmente em homenagem ao grande Imperio do Meio e ao seu soberano, havia designado para abrir as relações entre os dois paizes uma missão de dois enviados, um civil e outro militar, revestidos do caracter mais elevado que existia em nossa hierarchia diplomatica.

Continuou o vice-rei, que achando-se muito sobrecarregado de affazeres não lhe era possivel ter frequentes conferencias comnosco.

e que para annuir ao desejo que lhe haviamos manifestado de concluir com brevidade o tratado com a China, haviam sido designados para o auxiliarem na negociação os dois altos funccionarios que o acompanhavam, reservando-se, elle, entretanto, discutir directamente comnosco os pontos capitaes do tratado.

Declarámos que teriamos muito prazer em nos entendermos com aquelles senhores, no interesse de abreviar-se a conclusão do tratado e que, por nossa parte, não receiavamos que surgissem difficuldades na negociação, por isso que não tinhamos a pretenção de pedir á China nada além do que ella havia concedido nos ultimos tratados celebrados.

Neste ponto, observou o vice-rei, que o seu governo estava compenetrado da necessidade de denunciar á revisão todos os tratados até então celebrados, afim de poder a China collocar-se em melhor posição entre as nações; que o contacto da civilização do occidente havia operado em seu paiz profundas modificações; que os estadistas da China tinham adquirido experiencia e conhecimento dos negocios internacionaes que outr'ora não possuiam, motivo pelo qual os tratados existentes continham clausulas que originavam graves embaraços ao seu governo.

Concluiu dizendo que em vista do que acabava de expôr com a maior franqueza, esperava, concordariamos em algumas alterações no typo geral dos tratados existentes; e para que desde logo conhecessemos em que consistiam essas alterações, elle propunha-se apresentar-nos dentro de poucos dias um projecto de tratado para servir de base á negociação.

Assentimos em adoptar-se para base da negociação o projecto do vice-rei com a resalva de que a discussão versaria sobre as suas clausulas, confrontadas com as do projecto do nosso governo.

Ma-Kien-Tchong era um typo curiosissimo de mandarim; joven ainda, acabava de ser elevado áquella categoria pelo patronato que lhe dispensava Li-Hung-Chang. Descendia de uma familia chineza convertida ao christianismo. Educado no Collegio Catholico de Zi-ka-wei, mantido por missionarios francezes em um arrabalde de Shanghai, onde revelou intelligencia acima do commum, foi a pedido de seus mestres, mandado para Europa por seu protector para estudar sciencias juridicas e sociaes. Frequentou a Faculdade de Direito de Paris, na qual bacharelou-se.

Pelo seu espirito jovial e original, o estudante de rabicho tornara-se popular na bohemia elegante do *quartier-latin*, da qual se mostrava profundamente saudoso.

Elle confessava que depois de ter vivido alguns annos na Europa, era para elle insupportavel a vida na China, principalmente por causa da segregação que os costumes chinezes impunham aos pois sexos. Por isso todo o tempo que lhe deixava disponivel o seu cargo de secretario do vice-rei, elle empregava em visitas aos estrangeiros residentes em Tien-tsin.

Tendo encontrado nos membros da missão brazileira a facilidade communicativa, em que nos parecemos tanto com os Francezes, o bacharel Ma, em pouco tempo achava-se no pé de franca camaradagem comnosco, do que tirámos immenso partido no correr da negociação do tratado.

O outro commissario da negociação o Taotai (intendente de finanças) de Tien-tsin era um funccionario de consideravel importancia a quem haviamos sido especialmente recommendados pelo Marquez Tsêng, seu amigo intimo.

Cabe aqui mencionar uma circumstancia da nossa recepção, notada de modo muito lisongeiro, para os enviados brazileiros, pelo corpo diplomatico estrangeiro em Pekin: a de termos sido recebidos prescindindo de apresentação por parte de um dos representantes das denominadas *Treaty-Powers*, isto é, das nações que tinham tratados com a China. Assim procedendo, desapontamos dois ministros, cada um dos quaes pretendia a honra de apresentar a missão brazileira, o da França e o da Hespanha; aquelle por ter instrucções do seu governo para nos prestar os seus bons officios; e este pelas relações pessoaes que tinha feito comnosco desde Paris. Mas, verdadeiramente curiosa foi a singularidade de termos negociado o nosso tratado com a China sem que o governo de Pekin nos tivesse proporcionado opportunidade de lhe entregarmos as nossas credenciaes.

ARTHUR JACCHIAT

(*Continúa*)

ASPECTOS DA ITALIA

COLOSSOS ANTIGOS

(*Continuação*)

Os imperadores naturalmente animavam esses cães de fila; para o seu absolutismo sempre suspeitoso, a continua e malevola vigilancia era um instrumento superior de dominio; e as accusações publicas cohonestavam na apparencia as proscripções e os homicidios. Assim o homem de merito que tivesse um inimigo privado podia reputar-se perdido; a questão era de mais ou menos tempo. Invejas literarias, despeitos politicos, ou amorosos, simples antipathias mesmo tinham na delação vingança prompta e facil. Não havia lar, não havia recesso que escapasse á sua acção; até no sacrario da familia penetrava subrepticiamente o olho prescrutador da policia secreta. Nenhum escrupulo, nenhum vinculo natural podia deter o odio de um delator; veja-se o que Tacito conta: « Esse mesmo consulado (o de Cethego e Varrão, sob Tiberio) offereceu um exemplo horrivel da atrocidade desses tempos desditosos: um pai accusado, um filho accusador... Viu-se no senado o pai arrancado ao seu exilio, sordido, coberto de farrapos, e algemado durante o discurso do filho que com sua alegria e os seus trajes brilhantes parecia ultrajar a miseria do velho... O accusado voltando-se para o filho e sacudindo as cadeias, invocava os deuses vingadores e lhes conjurava que o restituissem ao seu desterro, onde ao menos a sua vista não seria contaminada por taes horrores; e esperava da justiça delles a punição de um filho barbaro. » [1]

Veja a *Revista* de 15 de setembro e 15 de outubro

[1] *Ann.* L. IV. XXVIII.

Todavia os delatores de então falavam alto e aceitavam a responsabilidade de suas palavras. Os de hoje — que tão nojenta casta não se perdeu — tramam na sombra, e ou se cobrem com o anonymo, ou se valem das suas immunidades officiaes para calumniar sem perigo os homens de bem. São reptis que rastejam sempre, ainda nas mais altas posições e qualquer uniforme que vistam toma logo as dobras réles de uma libré de lacaio...

Pena é que se lhe não possa applicar o castigo que aos seus confrades de então applicou Domiciano: mettel-os todos num navio sem piloto, e abandonal-os ao capricho das ondas.

Apezar de tantas mil precauções, o poder dos Cesares era precario; estava á mercê das conspirações palacianas, e, mais tarde, dos pronunciamentos militares; morto Nero, Galba, Othão, Vitellio subiram ao throno sob os pavezes da soldadesca, e o imperio esteve quasi a desmembrar-se.

Daquelle confuso e hediondo estado social, o Colyseu parece ser o typo architectonico. Por isso é que se me afigura que Vespasiano e Tito se achariam como deslocados ali; Domiciano sim, estava no seu elemento natural. Depois de tantos algozes coroados, dir-se-ia que era impossivel inventar algo novo em atrocidades; Domiciano teve esse talento; e por um requinte de barbaria, ao mesmo tempo que torturava espantosamente as suas victimas, dirigia-lhes com voz doce, doces palavras de amizade e elogio. Seguramente devia ser-lhe volupia requintada presidir aos jogos no grande amphitheatro Flavio; todos os seus instinctos encontravam satisfação completa no variadissimo espectaculo; a soberba, o gosto de mandar, no posto unico que elle occupava, sentado ao centro do *podium*, abarcando com os olhos milhares de subditos; dirigindo-os com um gesto, com um aceno; a vaidade, nos louros que lhe cingiam a fronte, nos anneis faiscantes que lhe enfeitavam os dedos, na toga de purpura recamada que o envolvia até os pés, em todo o luxo quasi bysantino que o rodeava; a sensualidade na contemplação das mulheres formosas, engrinaldadas de flores, constelladas de joias, cujos seios nús tinham o brilho suave das petalas de lyrio ou a brancura offuscante dos marmores feridos pelo sol; a ferocidade, nas lutas em que os gladiadores se embebiam mutuamente nos flancos e nos peitos as rutilantes espadas, e nos combates em que prisioneiros inermes gemiam, gritavam, contorciam-se

angustiosamente entre as garras dos tigres e das pantheras... *Ave, Cæsar, morituri te salutant* — clamavam os condemnados; e as pelejas formidaveis se succediam... A multidão compacta agglomerada em desordem desde os assentos contiguos á arena até os mais altos, proximos ao *velum*, movia-se, gesticulava, applaudia, pateava, gritava, assobiava, uivava como uma horda de possessos; quando um lutador estava prestes a succumbir, lacerados os membros e sangrentos, e o seu adversario perguntava si lhe devia deixar um resto de vida, as vestaes, com o *pollice verso*, mandavam acabal-o ali mesmo; ou davam ordem de poupal-o, para que elle arrastasse moribundo por mais uma hora, diante do povo em delirio, uma agonia lamentosa e tragica... E todo esse ulular da plebe, ultrapassando as muralhas do Colyseu, ia perder-se no Forum e no Palatino e no Capitolio sagrado. Esses lugares celebres offereciam então em conjunto um quadro de opulencia que nunca mais se reproduzirá, por que não se reproduzirão tambem as circumstancias que lentamente o formaram; as civilizações modernas não dispõem dos mesmos recursos; falta-lhes a convergencia da riqueza universal em proveito de um só homem que gasta sem prestar contas; falta-lhes sobretudo a base da escravidão, que fornecia sem salario para trabalhos gigantescos milhares de obreiros validos e intelligentes. Assombra tão grande numero de palacios e templos em espaço tão pequeno; reconstrucções recentes, como as de Spadoni e Wagner, dão idéa exacta, mas naturalmente inanime, do que era aquillo; não admira que, diante da realidade o imperador Constancio, bem que affeito ás pompas do Oriente, quedasse boquiaberto... Hoje no Colyseu não resta nem éco dos antigos fragores, nem vislumbre da magnificencia antiga; ha certo consolo para o moralista em pensar que o tempo destruiu esse baluarte do crime e da depravação... Ainda ali se festejou o millenio da fundação de Roma; na Idade Média barões feudaes transformaram o Colyseu em fortaleza; depois fizeram-no circo de touradas; finalmente familias ricas entraram a saquear-o, empregando as pedras arrancadas delle em construir palacios novos. Através dos seculos a natureza misericordiosamente foi cobrindo as brechas dos muros com os seus mantos de verdura; mas os sabios, implacaveis, os despojaram por amor da archeologia. Si quereis ter ainda a illusão de um bello Colyseu, vinde passear aqui em noite de luar silenciosa. Dizem

tambem que coberto de neve, todo branco, num desses invernos rigorosos que são raros aqui, o amphitheatro é maravilhoso...

Agora vamos pela Via San Gregorio, ladeando o Jardim dos Passionistas e a Villa Mattei, ás. Thermas de Caracalla. Falar de Thermas é dizer tanto para a vida romana, como falar da Bolsa ou de Parlamento para a dos povos modernos. O banho tinha no programma diario um lugar de predilecção, entre o jogo, o theatro e a palestra do Forum; de simples habito hygienico que fôra sob a Republica, aquelles homens, habeis em tirar prazer de tudo, o transformaram em verdadeira e deliciosa voluptuosidade. E. Thomas nota [1] que os biographos da Historia Augusta têm o cuidado de declarar quantos banhos cada imperador tomava por dia; alguns chegavam até doze no estio e não se contentavam com os dos seus palacios, iam ainda aos das casas amigas. Magnificos os tinham todas as residencias ricas; a exhumação de Pompeia tem já revelado alguns; quanto aos banhos publicos, construidos a expensas do Estado, imagine-se o que seriam. As Thermas de Caracalla são as que mais perfeita impressão nos podem dar hoje; as de Deocleciano, vastissimas e opulentissimas, nada mais guardam da fórma primitiva; com parte dellas se edificaram as igrejas de S. Bernardo e Santa Maria dos Anjos; outra parte foi claustro de cartuxos e actualmente contém o Museu Nacional.

Estas de Caracalla têm o nome de um tyranno odioso e torpe. Morto Domiciano, o imperio entrou num periodo de honestidade desde o reinado do velho Nerva; o hespanhol Trajano foi um excellente monarcha; Adriano um homem de bom gosto, um intellectual, um letrado, artista e amigo dos artistas; Antonino o Pio deixou de si boa memoria, e de Marco Aurelio, o virtuoso discipulo de Epicteto, não é preciso fazer o elogio. Mas do seu sangue nasceu Commodo, e as antigas iniquidades voltaram; Pertinax e Septimo Severo, apezar de qualidades austeras, não conseguiram disciplinar a nação; e Caracalla foi um outro Nero, que matou o proprio irmão, Geta, nos braços de sua mãi. Deve-se-lhe, entretanto, uma grande medida administrativa e politica: a estensão do direito de cidade a todos os subditos do imperio.

---

[1] *Rome et l'Empire*

As Thermas espantam pelas suas dimensões colossaes; si havia lugar, dizem, para mil e seiscentos banhistas! E que complicado estabelecimento! Eis um dos dois peristylos outr'ora rodeados de columnas; o chão era todo de mosaicos; d'aqui tiraram o dos Gladiadores que se vê no Museu de Latrão. Passa-se ao *tepidarium*, sala dos banhos mornos, coberta por uma abobada chata, e d'ahi ao *frigidarium*, descoberto, com a piscina enorme para os nadadores; depois está, á direita, a estufa ou *caldarium*, aposento circular, fechado entre muros espessos. Ha ainda o *spoliarium*, onde os banhistas se despiam; o *elæophesium*, onde se ungiam de perfumes; o *conisterium*, onde se enxugavam com areia; e no andar superior numerosos quartos destinados aos empregados das Thermas, aos escravos, e ás centurias de pretorianos que faziam a policia do estabelecimento, onde, visto a concurrencia de povo, não deviam escassear desordens. Nem scenas escandalosas, pois, graças á moral facil de então, os banhos mixtos estavam em uso; os decretos de Marco Aurelio e Adriano não os puderam abolir, e afinal foi mister toleral-os. Homens e mulheres em completa nudez andavam pelos varios aposentos, e como em ambos os sexos a devassidão corria parelhas, a castidade era aqui offendida mil vezes cada dia... Mas os Romanos não vinham cá sómente banhar-se, vinham conversar, ler, passear, divertir-se, matar o tempo; aqui se falava mal da vida alheia, se narravam conquistas amorosas, se discutiam modas, poetas liam odes e satyras, philosophos discutiam Epicuro e Aristoteles... Por isso tinham as vastas aulas com preciosas cadeiras de marmore; a bibliotheca com bastas collecções de manuscriptos gregos e latinos; a pinacotheca com paineis allegoricos; as *ambulationes*, jardins com aléas umbrosas para o passeio; a palestra e o *sixtus* para os athletas: o *stadium* para as corridas a pé; o *corycæum* para o jogo da pella; e o *ephebeum* para os exercicios dos jovens. Nem faltavam theatro e templo para completar a vida.

Vi derrubadas por terra grossas columnas de porphyro, que valem fortunas; vi sobre pedestaes um torso de athleta, outro de guerreiro com a sua couraça, ambos mutilados; em largas prateleiras, encostadas aos muros, ha fragmentos confusos de estatuas, de relevos, de frisos... restos informes da arte que dominou aqui; pois nas Thermas de Caracalla foram encontrados o Hercules Farnesio e o Touro de Napoles, as estatuas de Pallas, de Atreu, de

tambem que coberto de neve, todo branco, num desses invernos rigorosos que são raros aqui, o amphitheatro é maravilhoso...

Agora vamos pela Via San Gregorio, ladeando o Jardim dos Passionistas e a Villa Mattei, ás Thermas de Caracalla. Falar de Thermas é dizer tanto para a vida romana, como falar da Bolsa ou do Parlamento para a dos povos modernos. O banho tinha no programma diario um lugar de predilecção, entre o jogo, o theatro e a palestra do Forum; de simples habito hygienico que fôra sob a Republica, aquelles homens, habeis em tirar prazer de tudo, o transformaram em verdadeira e deliciosa voluptuosidade. E. Thomas nota [1] que os biographos da Historia Augusta têm o cuidado de declarar quantos banhos cada imperador tomava por dia: alguns chegavam até doze no estio e não se contentavam com os dos seus palacios, iam ainda aos das casas amigas. Magnificos os tinham todas as residencias ricas; a exhumação de Pompeia tem já revelado alguns: quanto aos banhos publicos, construidos a expensas do Estado, imagine-se o que seriam. As Thermas de Caracalla são as que mais perfeita impressão nos podem dar hoje; as de Deocleciano, vastissimas e opulentissimas, nada mais guardam da fórma primitiva; com parte dellas se edificaram as igrejas de S. Bernardo e Santa Maria dos Anjos; outra parte foi claustro de cartuxos e actualmente contém o Museu Nacional.

Estas de Caracalla têm o nome de um tyranno odioso e torpe. Morto Domiciano, o imperio entrou num periodo de honestidade desde o reinado do velho Nerva; o hespanhol Trajano foi um excellente monarcha; Adriano um homem de bom gosto, um intellectual, um letrado, artista e amigo dos artistas; Antonino o Pio deixou de si boa memoria, e de Marco Aurelio, o virtuoso discipulo de Epicteto, não é preciso fazer o elogio. Mas do seu sangue nasceu Commodo, e as antigas iniquidades voltaram; Pertinax e Septimo Severo, apezar de qualidades austeras, não conseguiram disciplinar a nação; e Caracalla foi um outro Nero, que matou o proprio irmão, Geta, nos braços de sua mãi. Deve-se-lhe, entretanto, uma grande medida administrativa e politica: a estensão do direito de cidade a todos os subditos do imperio.

---

[1] *Rome et l'Empire*

As Thermas espantam pelas suas dimensões colossaes: si havia lugar, dizem, para mil e seiscentos banhistas! E que complicado estabelecimento! Eis um dos dois peristylos outr'ora rodeados de columnas; o chão era todo de mosaicos; d'aqui tiraram o dos Gladiadores que se vê no Museu de Latrão. Passa-se ao *tepidarium*, sala dos banhos mornos, coberta por uma abobada chata, e d'ahi ao *frigidarium*, descoberto, com a piscina enorme para os nadadores; depois está, á direita, a estufa ou *caldarium*, aposento circular, fechado entre muros espessos. Ha ainda o *spoliarium*, onde os banhistas se despiam; o *eleœophesium*, onde se ungiam de perfumes; o *conisterium*, onde se enxugavam com areia; e no andar superior numerosos quartos destinados aos empregados das Thermas, aos escravos, e ás centurias de pretorianos que faziam a policia do estabelecimento, onde, visto a concurrencia de povo, não deviam escassear desordens. Nem scenas escandalosas, pois, graças á moral facil de então, os banhos mixtos estavam em uso; os decretos de Marco Aurelio e Adriano não os puderam abolir, e afinal foi mister toleral-os. Homens e mulheres em completa nudez andavam pelos varios aposentos, e como em ambos os sexos a devassidão corria parelhas, a castidade era aqui offendida mil vezes cada dia... Mas os Romanos não vinham cá sómente banhar-se, vinham conversar, ler, passear, divertir-se, matar o tempo; aqui se falava mal da vida alheia, se narravam conquistas amorosas, se discutiam modas, poetas liam odes e satyras, philosophos discutiam Epicuro e Aristoteles... Por isso tinham as vastas aulas com preciosas cadeiras de marmore; a bibliotheca com bastas collecções de manuscriptos gregos e latinos; a pinacotheca com paineis allegoricos; as *ambulationes*, jardins com aléas umbrosas para o passeio; a palestra e o *sixtus* para os athletas; o *stadium* para as corridas a pé; o *corycœum* para o jogo da pella; e o *ephebeum* para os exercicios dos jovens. Nem faltavam theatro e templo para completar a vida.

Vi derrubadas por terra grossas columnas de porphyro, que valem fortunas; vi sobre pedestaes um torso de athleta, outro de guerreiro com a sua couraça, ambos mutilados; em largas prateleiras, encostadas aos muros, ha fragmentos confusos de estatuas, de relevos, de frisos... restos informes da arte que dominou aqui; pois nas Thermas de Caracalla foram encontrados o Hercules Farnesio e o Touro de Napoles, as estatuas de Pallas, de Atreu, de

Flora, da Venus Callipygia, e urnas de basalto e porphyro, e camapheus, e medalhões, e lampadas cinzeladas...

A' porta, quando eu saía, um homem offereceu-me objectos antigos—*roba di scavi*, assegurava-me elle. Deixei-me seduzir por um lindo vaso cinerario de jaspe, com cabeças de guerreiros e virgens admiravelmente feitas em meio relevo. « Não o compres—disse-me o amigo que me acompanhava—Pensas que isto é realmente antigo? A terra que adhere ao vaso para provar que o exhumaram é como as teias de aranha que se põe nas garrafas de vinho, por que pareçam mais velhas... » « Quem o póde demonstrar?—repliquei—Não sabes que estes homens fazem tambem excavações clandestinas por conta propria, e descobrem ás vezes thesouros e os vendem ás occultas? Seja como fôr; este vaso, si não é antigo, merece sel-o; porque é formosissimo... »

Mais alguns passos, e estavamos na Via Appia, além da igreja chamada do *Domine quo vadis?* onde piedosa lenda conta que Christo deteve S. Pedro que fugia de Roma por medo do martyrio... Esta é, pois, a *rainha das longas estradas?* Ha certa decepção, para quem traz a mente cheia de esplendores... A principio vai-se indo por entre muros pobres; nelles se debruçam arvores dos pomares vizinhos; sentados na poeira do caminho, mendigos estendem o chapéu rôto, mostrando os seus farrapos desbotados e sujos; passam, de enxada ao hombro, trabalhadores das vinhas proximas; talvez, por acaso, vê-se uma *ciociara* com o seu traje estheticamente original, voltando de algum *atelier* de pintura, onde esteve a servir de modelo. Depois já não ha muros; a estrada continúa, larga e recta, mas não plana; tendo descido o antigo clivo de Marte, sóbe em frente do caminho que conduz ao valle do Almo e desce de novo para a igreja de San Sebastian. As lages amplas que a calçam estão poidas e rachadas pelo atrito dos carros que as pisam ha mais de dois mil annos... O que enleva o espirito aqui é, mais que a belleza dos monumentos, o prestigio das tradições; o circo de Maxencio, entretanto é digno de vêr-se, porque está bem conservado; mas os sepulcros que orlam a estrada reduzem-se quasi todos a fragmentos deformados, e mesmo o de Cecilia Metella, vasto e redondo, soffreu os estragos da idade média, quando a poderosa familia dos Gaetani o transformou em castello, ajuntando-lhe seteiras e ameias. Não; certo, esta não é nem semelha em nada á linda e luxuosa Via Appia de outr'ora,

onde, por entre os tumulos de marmore esculpidos, semi-occultos pelos myrtos e rosnes, toda a sociedade elegante desfilava em coches eburneos, passeando os triumphos da vida diante os tropheus e templos da morte.

Ahi está uma nota caracteristica das idéas dominantes então; a brevidade da existencia não inspirava aos Romanos pensamentos austeros; inspirava-lhes desejos voluptuosos. Os poetas latinos o provam; vêde Catullo convidando Lesbia a fartar-se de beijos — porque, ao contrario do sol que se some hoje e renasce amanhan, a luz ephemera que nos delicia, apagada uma vez, não se accende mais. Já que vivemos pouco, vivamos bem ao menos; esse é, por excellencia, o sentimento pagão. Por isso faziam elles da necropole mesma um sitio de encantos onde as paixões se podiam expandir livremente sem irreverencia — o que está tão longe do ascetismo que contempla a caveira como um argumento de penitencia, quanto o satanismo romantico, que fazia orgias no cemiterio com intuitos de revolta e desafio... Por isso tambem, quando elles reconheciam a impossibilidade de gozar mais, quando se viam condemnados irrevogavelmente ao exilio e ao carcere, buscavam no suicidio a liberdade e o repouso. Nesse sentido, a morte de Petronio, o autor do *Satyricon*, é um modelo do epicurismo.

Na propria Via Appia estão as catacumbas christans; basta entrar ali para observar uma differença radical na concepção da vida.

Já se vêm daqui as arcarias gigantescas da Acqua Marica e da Acqua Claudia; estou certo de que um pagão antigo não sentiria a melancolia que eu sinto neste lugar, nesta hora, ouvindo ao longe os sinos de Roma que annunciam o crepusculo e contemplando a immensa campanha deserta...

MAGALHÃES DE AZEREDO

REVISTA DAS REVISTAS

(ZEITGEIST — *Influxo do espirito allemão sobre a literatura franceza* — Th. Wolff).

Uma vista geral sobre as relações intellectuaes entre a França e a Allemanha no ultimo quarto do seculo foi ha pouco esboçada por Theodor Wolff, o collaborador do *Zeitgeist*, a traços largos e ao nosso ver bastante exactos.

Damol-o aos leitores:

— No anno de 1832, escrevia na *Revue des Deux Mondes* o philosopho e historiador, Edgar Quinet. « A Allemanha ainda é hoje representada como nol-a pintara Mme de Staël: — uma terra do extase, do sonho indefinido, de uma sciencia que incessantemente investiga, de uma embriaguez de todas as theorias; o espirito do povo submerge-se nas idéas do infinito; a mocidade alenta-se de certa sympathia romantica e de certo enthusiasmo accessivel a todos os influxos. D'ahi, a inclinação ao pietismo, a indifferença em materia politica, a satisfação propria por esse bem estar mythico, por essa existencia patriarcal e pelo destino calmo da vida corrente e sem estrepito.»

E. Quinet combate essa falsa pintura que os Francezes de 1830 fizeram do espirito, do caracter e das inclinações do povo allemão. Mas as suas objecções não obstaram a que mesmo hoje aquellas idéas quasi exclusivamente sejam as unicas que puderam prevalecer. Até 1840, o allemão é um sonhador, um romantico quasi mystico, um philosopho e consequentemente uma cabeça destituida de senso pratico. Algum tempo depois, porém, elevou-se da Allemanha a altisonante canção do Rheno de Nikolau Becker, e ao

Sie sollen ihn nicht haben

respondeu Musset com o

Nous l'avons eu, votre Rhin allemand.

Depois de 1859, depois de Magenta e Solferino, começaram muitos a comprehender que os allemães não eram mais aquelles mysticos sonhadores de outr'ora. E veiu em seguida a lucta da unidade germanica, veiu Sadowa, veiu Bismark e veiu 1870. Ninguem punha mais duvida em que o povo mystico se havia transformado em povo pratico.

Entretanto, ao lado daquelles que se representavam a mocidade alleman, loura e transportada de extase como as haviam pintado os pinceis de Schwind e Overbeck e as haviam cantado os bellos versos de Eichendorff; ao lado desses que se sentiam arrastados pelos nossos romanticos e mysticos, a Allemanha creara, emtanto, outros amigos de que se poderia vangloriar. Eram os sabios francezes dos quaes muitos conheciam Heidelberg e Iena, e admiravam a organização e o espirito da nossa vida universitaria. Os Victor Cousin, os Michelet, os Taine, os Renan tinham-se familiarizado com os thesouros da cultura tedesca e eram por ella preparados, educados, e enriquecidos. Quem quer que leia Renan ou leia Michelet em cem paginas encontrará o influxo desse espirito.

Havia tambem outra coisa, algo que, creio eu, era e foi da maxima importancia para essa interpenetração do espirito allemão e francez. Muitos dos homens de sciencia da França eram protestantes; outros sem embargo de pertencerem á religião catholica, sentiam porém como evangelicos; quasi todos sentiam repulsa pelo jesuitismo poderosissimo naquelle tempo. Todos se criam pois aparentados com a Allemanha luthérana. Michelet nunca achou mais altos tons de eloquencia do que nos passos em que elle nos oito volumes da sua historia de França, exalta a Reforma. E Renan disse depois de Sadowa que quem vencêra os Austriacos fôra «a sciencia alleman, a habilidade alleman, o protestantismo allemão, a philosophia alleman.»

Em summa, duas classes de admiradores tinha a Allemanha antes da guerra: as almas mysticas, as naturezas romanticas que oravam com Tieck e Novalis a Sta. Genofeva e a Maria e honravam o Werther de Goethe; do outro lado, os homens de sciencia que celebravam a clareza e a profundidade da sabedoria alleman.

Tudo isso cessou porém por encanto — ao menos apparentemente — quando a França foi prostrada e vencida. Então passámos a ser «les barbares» e «les mangeurs de choucroute». O odio cego chegara talvez a desvairar mesmo a um Renan em injustos conceitos. Alguns homens de valor entretanto continuaram a amar a sciencia alleman, em silencio. Em publico, e durante muito tempo ninguem se atreveu a fazel-o. Si tal acontecia, como se dera com o pamphleto de Gabriel Monod publicado logo após a guerra, ou com o livro do Padre Didon, essas expansões perdiam-se no vacuo. Vencida nos campos de batalha pela «perfidia e pela força» a França imaginou a consolação de que nunca fôra vencida nos campos de batalha do espirito. Houve um exercito que batera o seu exercito, mas não haveria nenhuma cultura que attingisse a luz solar da civilização franceza.

A Sciencia franceza, a Arte franceza, e a Literatura franceza, tornaram-se a primeira sciencia, a primeira arte, a primeira literatura do mundo. Com doçura e cuidado cultivaram a celebridade, e guindaram á altura de heroes grandezas de segunda e terceira ordem. A consequencia foi o pullular dessa chata e insipida multidão de homens superficiaes e sem fundo, do presumpçoso *homme de lettres* cuja legião, toda cheia de si quanto vasia, se atropella hoje no mercado da França.

allemans Koch, Leflehr e Behring foram decorados com a Legião de Honor; outros muitos foram nomeados membros de corpos scientificos. Pasteur cria ainda dever recusar a Ordem que lhe enviara o Imperador Guilherme; Roux porém, aceitou a *Kronenorden* com o sorriso bem definido de um homem que na posse de uma condecoração não vê de certo a mais alta fortuna terrestre, mas que não tem motivo nenhum para responder com uma grosseria camponia a uma urbana delicadeza.

O proprio decenio de 70, não se acabou sem que uma volta á philosophia alleman não se fizesse notar. O saudoso presidente da camara Burdeau fez em 1879 uma edição de Schopenhauer; — dez annos mais tarde o philosopho estava em moda em todos os salões. Schopenhauer foi depois succedido por Nietzche, sem que em verdade se possa falar que este ultimo se tornasse uma moda em França.

Entretanto, o influxo que Schopenhauer e Nietzche exerceram sobre um circulo limitado de sabios, literatos e «bellos espiritos» não tem comparação com a maravilha que agora como já ha quarenta annos, tributam os homens instruidos á organização e ao espirito da nossa vida universitaria. Em um livro de viagens datado da Allemanha ha pouco publicado recorda o historiador Gabriel Monod referindo-se aos tempos de antes da guerra: «Como Michelet, como Renan, como Taine, eu vi na Allemanha o mais alto fóco da sciencia e da philosophia, nas suas universidades a herança das nossas universidades medievaes e o modelo das que havemos crear no futuro. «E como Monod, exprimiram-se outros.» —

Neste ponto Th. Wolff refere-se á organização das faculdades francezas e ao projecto de Bourgeois, já hoje lei, de unifical-as. Reporta-se igualmente ao influxo allemão anterior a 70, aos trabalhos de Rod sobre Goethe, a influencia de Schiller sobre Hugo, de Goethe sobre Benjamin Constant, etc.

Tambem são, interessantes as suas considerações sobre a arte, excluida a musica alleman cujo triumpho universal é innegavel. Os allemans de hoje já se constituiram independentes, por exemplo na pintura — mas isso resultou de um enorme aprendizado incessante das maravilhas da technica franceza. Elles derivam no seculo actual de Millet e de Israels (hollandez) em grande parte. A escola de paizagem de Munich vem de Bartijou; os impressionistas descendem de Manet. Excepcionalmente ha alguns exemplos em contrario: Caran d'Ache é um discipulo de Oberländer.

O espirito do artigo de Wolff poderia resumir-se na frase que elle cita de Sainte-Beuve em relação a Chateaubriand: «Chaque années au printemps il faisait ses remontes d'idées en Allemagne». Isso é o que seria desigual para allemans e francezes, que mutuamente se penetrassem se inspirassem nas suas qualidades mais proeminentes, sem perder o caracter nativo de originalidade que cada um dos dois povos possue. «E' preciso, diz Wolff concluindo, que os Francezes não viagem á Allemanha como sabichões ridiculos, e que os Allemans não procedam como esses seus bandos de philologos que vêm a Paris, mergulham dias inteiros nas bibliothecas e passam pela vida franceza numa cegueira e numa falta de apprehensão, deploraveis».

João Ribeiro

A PRIMEIRA MISSÃO BRAZILEIRA Á CHINA

NEGOCIAÇÃO DO TRATADO

(*Continuação*)

No dia 22 foi-nos apresentado pelo commissario Ma o projecto de tratado do vice-rei. O vice-rei, prevenindo a nossa iniciativa na apresentação de um projecto de tratado tirou-nos de um grande embaraço. Com effeito, si por um lado estavamos inhibidos, pelas declarações categoricas do Marquez Tséng, de propormos quaesquer clausulas relativas á emigração, por outro lado, deixarmos de inserir em projecto de nossa iniciativa, alguma disposição sobre o assumpto equivalia a desistirmos desde logo do principal objecto da nossa missão. Aceitando, entretanto, para discussão o projecto da outra parte, não ficavamos privados da faculdade de propôr emendas, mais ou menos explicitas, no sentido de se garantir aos subditos chinezes a liberdade de se transportarem ao Brazil.

A intenção do vice-rei era de fazer um tratado na fórma mais restricta de uma convenção puramente commercial, evitando cautelosamente qualquer referencia á liberdade de emigração de Chins para o Brazil. Entretanto, por uma grosseira incongruencia cogitava da extradicção de criminosos entre os dois paizes.

Vedava expressamente aos Brazileiros, empregarem-se no commercio do opio. Os navios de guerra brazileiros só poderiam entrar nos portos abertos ao commercio. Exigia que os consules fossem verdadeiros funccionarios publicos, isto é, que não pudessem ser

Veja a *Revista* de 15 de outubro e 1 de novembro.

nomeados commerciantes para exercerem funcções consulares. A clausula da nação mais favorecida não figurava em artigo algum do projecto. Finalmente, quanto á jurisdicção estabelecia que o Brazileiro na China seria julgado pelo magistrado chinez, segundo a lei brazileira, e, reciprocamente, o Chim no Brazil! Era esta a intelligencia extravagante que o estadista celestial dava ao principio do *auctor sequitur forum rei*.

Nas primeiras conferencias limitámo-nos a uma discussão geral do projecto, começando por notar que este não havia sido elaborado de accôrdo com as idéas e tendencias manifestadas na circular dirigida pelo governo chinez aos seus agentes diplomaticos, em 1878, e da qual dera conhecimento ao corpo diplomatico estrangeiro em Pekin. Mostrámos a conveniencia de dar ao tratado uma fórma mais ampla, que abrangesse todas as relações que se tinha em vista crear entre as duas nações; e insistimos, principalmente, na questão da jurisdicção e na restricção relativa ao commercio do opio, reclamando o principio da nação mais favorecida em tudo quanto si referisse a direitos e privilegios dos subditos brazileiros na China. Declarámos, em summa que não proporiamos emenda alguma antes de chegarmos a accôrdo sobre estes pontos.

Os commissarios responderam que a circular do Tsungli-Yamen a que alludiramos referia-se unicamente ás relações entre a China e as potencias com as quaes ella tinha tratados; que aquelle documento não era um plano traçado pelo governo chinez para os novos tratados que tivesse de celebrar; que as vistas do mesmo governo eram, ao contrario, de não estabelecer novas relações internacionaes emquanto não conseguisse a revisão dos pactos existentes; que disto o governo brazileiro devia estar informado pelas declarações do Marquez Tséng ao nosso ministro em Londres; e que, finalmente, as nações que se apresentavam com o designio de abrir relações com a China, não podiam pretender as mesmas vantagens que esta concedera em outras épocas e em circumstancias muito differentes.

Retorquimos que o tratado da China com o Perú era de data recente e que, negociado pelo proprio vice-rei Li, conferia áquella republica todas as vantagens de que gozava ou viesse a gozar a nação mais favorecida, isto, não obstante as justas queixas que a China tinha então contra o tratamento infligido a seus subditos no Perú.

Replicaram os commissarios que a China não poude eximir-se de fazer taes concessões ao Perú por ser ella a principal interessada na celebração de um tratado entre os dois paizes, como meio de proteger os seus subditos que ali se achavam em grande numero, reduzidos a um estado muito proximo ao da escravidão, e que as concessões feitas no tratado tinham sido mais que compensadas pelas estipulações da convenção especial de emigração, complementar do mesmo tratado. Atalhámos que os nossos poderes nos autorizavam a celebrar convenção identica com a China.

Os commissarios observaram candidamente que assaz reconheciam os erros que até então havia commettido a diplomacia chineza, para não reproduzil-os em novos compromissos internacionaes.

Não nos foi difficil impugnar o disposto no projecto relativamente á jurisdicção consular, demonstrando que emquanto a religião, as leis e os costumes conservassem tão grande differença, estava no interesse da China deixar os estrangeiros sob a jurisdicção dos respectivos consules. Nesta parte os commissarios admittiam a procedencia de nossos argumentos, mas, diziam que as nações do occidente haviam levado tão longe as consequencias da exterritorialidade, que a China, para reivindicar a sua soberania estava resolvida, nos novos tratados que concluisse a manter, ainda que com inconvenientes, os seus direitos de nação independente.

Permittimo-nos observar que para assim proceder devia a China, a exemplo do Japão, começar pela reforma de seus codigos, o que seria caminho seguro para, em futuro proximo, conseguir a revisão dos seus tratados no sentido de fazer desapparecer de seu territorio a jurisdicção estrangeira.

Quanto á prohibição aos Brazileiros de explorar o commercio do opio, dissemos, que reconheciamos o odioso dessa exploração mercantil mas, certos de que os Brazileiros jamais se entregariam a esse trafico ignobil, não queriamos lhes tirar o merito da abstenção voluntaria. Accrescentámos que nossos poderes não nos permittiam subscrever um tratado pelo qual os Brazileiros não gozassem da plenitude dos direitos de que gozam na China os subditos de todas as outrás nações. A' vista, porém, do grande empenho com que os commissarios pugnavam pela inserção da clausula relativa ao opio comprehendemos toda a vantagem que poderiamos tirar de aceital-a. Por isso, resolvemos pedir ao governo, pelo telegrapho,

autorização para naquelle ponto nos afastarmos das instrucções do ministro dos estrangeiros.

A esse tempo já o Sr. Sinimbú tinha sido apeado do poder e o gabinete do Sr. Saraiva que lhe succedeu, intimamente desinteressado no exito da missão á China, não se dignou siquer de responder á nossa communicação telegraphica.

Na subsequente conferencia os commissarios declararam que o vice-rei, no desejo de mostrar o seu animo conciliador, estava disposto a ceder na questão da jurisdicção; mas, que em tudo mais não se afastaria uma linha do estipulado em seu projecto.

Para a desistencia do absurdo principio de jurisdicção estabelecido no projecto contribuiram os conselhos de Her von Brandt, ministro allemão, aos bons officios do qual recorreramos para esse effeito, por sabermos da particular consideração que merecia do vice-rei. Não obstante, a inflexibilidade do vice-rei quanto aos demais artigos do seu projecto fomos, pouco a pouco, nas conferencias com os commissarios, particularizando as nossas observações, sob a fórma de emendas substitutivas.

Não haveria interesse em referir todos os incidentes das nossas prolixas discussões; releva, porém, consignar como conseguimos a inserção no art. 1º do tratado, da estipulação concedendo aos subditos dos dois paizes a liberdade de sairem de um para o outro, o que era o mesmo que consagrar a liberdade de emigração dos Chins para o Brazil. Começámos por notar que tratando-se de abrir relações entre os dois paizes, para utilidade reciproca dos seus cidadãos, era indispensavel estabelecer de um modo explicito o direito para os Chins, de se transportarem ao Brazil, visto como pelas leis chinezas era crime sair do territorio nacional para os paizes com os quaes não existiam tratados, e, ao contrario, a Constituição politica brazileira estabelecia que qualquer, nacional ou estrangeiro, podia conservar-se no Imperio ou delle sair como lhe conviesse.

Pretendiam os commissarios chinezes que o direito de locomoção de um para outro paiz ficava subentendido por isso que o projecto referia-se em mais de um artigo aos Chins que se achassem no Brazil, e que as leis chinezas que citáramos podiam-se considerar caducas.

Observámos que redigido como se achava o projecto prestava-se á interpretação restricta de cogitar unicamente dos Chins

que de outros paizes si passassem para o Brazil, e que era notorio o facto de haverem autoridades locaes na China invocado as alludidas leis chinezas para impedirem a saida de *culis* para paizes estrangeiros.

Os commissarios redarguiram que essa intervenção das autoridades locaes só se havia dado como correctivo ao attentado de se arrancarem China incautos dos seus lares, por meios dolosos, afim de leval-os, contra sua vontade, para fóra da China. Dissemos que estavamos dispostos a admittir no tratado quaesquer disposições tendentes a impedir que similhantes abusos occorressem com relação aos que quizessem emigrar para o Brazil. Objectaram os commissarios, que isso seria regulamentar a emigração de *culis* para o Brazil, contrariamente a resolução inabalavel em que estava o governo chinez, de não consentil-a de modo algum.

Fizemos então sentir aos commissarios que a nossa insistencia sobre aquelle ponto, originava-se justamente nas circumstancias em que tinham sido feitas as primeiras aberturas do governo brazileiro; pois, a exclusão no tratado de qualquer clausula relativa á emigração de China para o Brazil, indicava que na negociação haviam prevalecido as prevenções desairosas para nós, que procurava crear uma sociedade particular ingleza (a *Anti-Slavery-Society*) na denuncia dirigida ao Marquez Tsêng e publicada na imprensa de Londres, de que a intenção dos Brazileiros era de perpetuar com os *culis* a escravidão dos negros não tendo esta mais fontes para alimentar-se.

Manifestámos o pezar que experimentavamos por vermos a côrte de Pekin e o proprio vice-rei, impressionados por aquella insinuação calumniosa. Salientámos desenvolvidamente as garantias que o Brazil offerecia a todos os estrangeiros e abundámos em considerações no sentido de demonstrar que as instituições liberaes que nos regiam, os creditos de que gozava o governo brazileiro entre todas as nações da Europa e da America e a sabedoria do soberano do Brazil protestavam contra os barbaros designios que gratuitamente nos attribuiam alguns philanthropos maniacos de uma associação particular ingleza.

Exemplificámos as nossas asserções (como convinha para tornal-as comprehensiveis aos nossos interlocutores) pondo em relevo os generosos intuitos da Lei de 28 de setembro de 1871, e os

sacrificios que fazia o Estado para assegurar o bem estar dos immigrantes que procuravam o nosso solo. Puzemos diante dos olhos dos commissarios os ultimos numeros ali recebidos do *Jornal do Commercio*, dos quaes constava que os immigrantes que aportavam ao Rio de Janeiro, estavam sendo immediatamente internados por conta do governo, para preserval-os da epidemia que então reinava naquelle porto. Em uma dessas noticias, de immigrantes que haviam sido internados, mencionavam-se quarenta Chins, provavelmente procedentes dos Estados-Unidos. Esta circumstancia causou viva impressão nos commissarios. Entre os exemplos dos creditos de sabedoria de que gozava o monarcha brazileiro alludimos á recepção que lhe tinha sido feita nos Estados Unidos.

Produziu grande effeito no espirito dos commissarios a referencia que fizemos aos dois grandes arbitramentos internacionaes para os quaes fôra convidado o imperador, insinuando que uma vez celebrado o tratado entre o Brazil e a China, poderia o monarcha brazileiro ser o arbitro na grande questão, naquella época pendente, entre a China e a Russia. Ainda com relação á livre immigração de Chins para o Brazil, fizemos ver que desde que a China tivesse seu representante e agentes consulares no Brazil, não deveria receiar que os seus subditos fossem tratados de modo differente do que o eram os estrangeiros de todas as outras nacionalidades. Era uma experiencia a fazer-se, e si não désse bom resultado o governo chinez podia sempre proceder como tinha procedido em relação á emigração para o Perú e para Cuba, a qual de facto estava prohibida não obstante achar-se regulamentada em convenções especiaes.

Neste ponto da discussão não puderam os commissarios dissimular que, pessoalmente, elles e o vice-rei não eram contrarios á livre emigração das populações superabundantes do sul da China; mas, que a Côrte de Pekin, depois do que se propalara por todo o paiz acerca dos maus tratos de que eram victimas os Chins no Perú e em Cuba, não podia, sem denotar indifferença pela sorte do povo chinez, entrar em novos ajustes ostensivos sobre emigração para paizes longinquos e desconhecidos da massa dos Chins.

Conviemos em que tinham fundamento essas escrupulos; mas, observámos que achando-se suspensa, havia seis annos, a emigração

para Cuba e para o Perú, e sendo ella repellida da Australia e dos Estados Unidos, era muito natural que o governo chinez procurasse abrir novas saidas ás populações superabundantes do sul, de longa data avesadas a buscarem em terras estranhas o bem estar que não podiam mais esperar em seu paiz natal.

Os commissarios reconheceram francamente a procedencia das nossas observações; mas, repetiram que estavam inhibidos por instrucções expressas de admittirem qualquer clausula sobre emigração.

Propuzemos então estipular, em um dos artigos do tratado, de um modo geral, que os subditos dos dois paizes gozariam da faculdade de irem livremente de um paiz para o outro, quer para fins de commercio ou de trabalho, quer como residentes permanentes ou como simples viajantes, obtendo plena e inteira protecção para suas pessoas, familias e propriedades, e gozando de todos os direitos, vantagens e franquezas que já houvessem sido ou viessem a ser concedidas aos subditos da nação mais favorecida.

Submettida pelos commissarios ao vice-rei a nossa emenda neste sentido, mandou este propor-nos, como grande concessão, um artigo concebido nos seguintes termos:

Les sujets de l'un des deux pays qui feront un séjour dans l'autre obtiendront protection pour leurs personnes, leurs familles et leurs propriétés.»

O art. 1º do tratado em que o vice-rei pretendia se inserisse esta clausula passou ainda na discussão por varias modificações propostas de parte a parte sem podermos chegar a accôrdo.

Entretanto, para ganharmos tempo, emquanto esperavamos a resposta ao nosso telegramma, relativo ao commercio do opio, fomos discutindo outros artigos do projecto.

Era nossa convicção que autorizados a conceder alguma coisa no sentido de considerar-se illicito para os Brazileiros o commercio do opio, seria acceita a nossa redacção do art. 1º, estabelecendo a liberdade de emigração.

A proposito de cada um dos artigos do projecto do vice-rei, renovava-se a questão sobre a clausula da nação mais favorecida, á qual elle negava-se a conceder até mesmo quanto aos privilegios de que gozam em toda parte os agentes diplomaticos. Não era menor a resistencia que oppunha á eliminação de detalhes ridiculos que elle inserira em seu projecto.

De balde insistiamos na demonstração elementar da conveniencia das formulas adoptadas geralmente nos instrumentos de caracter internacional. Succedia que, mesmo quando aceitavam as nossas emendas exigiam modificações de redacção que as tornavam inintelligiveis, ou que lhes alteravam a substancia.

Provinha isto não só da natureza da lingua chineza como do espirito casuistico e suspeitoso dos Chins, os quaes enxergam sempre a intenção de enganal-os ainda nas palavras mais innocentes dos diplomatas estrangeiros. Assim foi que, quando redigimos as nossas emendas aos primeiros artigos do projecto, em tudo conformes ao vencido na discussão, ao serem apresentadas pelos commissarios ao vice-rei, este achou que eram innovações inadmissiveis, e não só negou-se a approvar o que estava accordado entre nós e os commissarios, como mandou que estes nos dirigissem uma nota estranhando a redacção que deramos ás emendas, discutidas e aceitas pelos commissarios.

A essa nota que interrompia abruptamente as nossas conferencias demos prompta e cabal resposta, terminando por mostrar a impossibilidade de proseguirmos na negociação por outro modo que não fosse o das discussões verbaes.

Para se ter uma idéa do estylo diplomatico da chancellaria do grande ministro chinez, transcreverei textualmente um trecho da nota assignada pelos submissos commissarios: *« Aujourd'hui, nous lisons dans le project que vous nous adressez, que vous soulevez nombre d'innovations. L'opinion du Tuteur Ministre d'Etat est que, c'est un obstacle et une difficulté de changer ainsi soudain ce qui avait été discuté, et de se faire uniquement fatiguer les lèvres et la langue à alterer l'unité de pensée et les principes en discussion. »*

« Ayant reçu les ordres personnels du Tuteur Grand Secrétaire d'Etat, nous avons dû pour bien faire, en donner connaissance à Vos Excellences. »

A troca de notas determinou a suspensão da negociação por alguns dias. O mesmo commissario Ma, que diariamente nos procurava, deixou de nos apparecer. Por nossa parte abstivemo-nos tambem de procurar o vice-rei e de nos communicarmos com os commissarios. Decorridos oito dias, estes pediram-nos uma conferencia, na qual nos apresentaram de novo o projecto do vice-rei, com

algumas das modificações por nós propostas, quasi todas, porém, com redacção differente da nossa.

Declararam os commissarios que as suppressões e novos artigos de que faziamos questão só poderiam ser attendidos, si concordassemos, embora em protocollo separado, com a prohibição do commercio do opio.

Por nossa parte indicámos que no caso de serem aceitas as nossas emendas, o mais que poderiamos fazer, no sentido de chegarmos a accôrdo, seria levar ao conhecimento do governo imperial a importancia que a Côrte de Pekin ligava á estipulação relativa ao commercio do opio, emittindo a nossa opinião pessoal no sentido de se fazer essa concessão em protocollo separado. Exigiamos, entretanto, que a assignatura e ratificação do tratado, por parte do governo chinez, não ficassem dependentes da resolução que a esse respeito tomasse o governo brazileiro.

O vice-rei deu-se por satisfeito com a nossa declaração e desde esse momento observámos que os seus auxiliares tornaram-se muito mais malleaveis aos nossos argumentos. Não foi, porém sinão depois de prolixa discussão em diversas conferencias que admittiram a redacção do art. 1º tal como ficou redigido.

O Taotaï de Tieu-Tsin depois de termos assentado na redacção definitiva desse artigo nas duas linguas, franceza e chineza, disse com emphase: « Com este artigo Vossas Excellencias poderão levar da China quantos *culiv* quizerem, principalmente agora que uma companhia chineza de navegação vai estabelecer linhas de grandes vapores para o Perú e para Cuba, esta ultima com escala pelo Rio de Janeiro. »

Estava, com effeito, conseguido o principal objecto da nossa missão, o governo chinez dava aos seus subditos o direito de se transportarem livremente para o Brazil.

Achavamos-nos nos ultimos dias do mez de agosto quando a negociação chegou a esse ponto. Tinhamos conseguido demolir por partes, como haviamos planejado, o monstrengo architectado pelo vice-rei. Mas restavam ainda de pé algumas excrescencias que só com muita paciencia esperavamos eliminar, e sobretudo imperfeições de fórma que reclamavam correcção. Entretanto, o vice-rei acreditando que deviamos estar plenamente satisfeitos com as ultimas concessões que nos fizera, já nos pedia que fixassemos um dos

primeiros dias de setembro para a assignatura solemne do tratado. Nós, ao contrario, desejariamos protrair a negociação por termos adquirido a convicção de que o tempo é um grande factor em todas as transacções com China.

As nossas conferencias com o vice-rei e seus auxiliares na negociação eram uma reproducção do que se passava comnosco nos bazares de curiosidades, onde só depois de regatear durante muitos dias consecutivos conseguiamos comprar um objecto por preço razoavel. O Chim quando está disposto a contentar-se com um seixo começa sempre por pedir a — lua. Nós, os occidentaes, damos mais valor ao tempo, talvez por conhecermos melhor do que aquelle povo estagnado ha milhares de annos dentro de suas fronteiras a época do nosso apparecimento na historia. Um Chim que começava a falar o inglez dizia-me: «Os Inglezes dizem que o tempo é dinheiro; nada mais falso: ,acontece-me muitas vezes sobrar-me tempo e faltar-me dinheiro».

Infelizmente, porém, os acontecimentos politicos que subitamente occorreram na China, quando tinhamos chegado áquelle periodo da negociação, não nos permittiram pôr em pratica o plano em que mais confiavamos para o exito cabal da nossa missão.

O Principe Kong, tio do herdeiro presumptivo, Presidente do Tsungli-Yamen (Ministerio das Relações Exteriores) e todos os membros do Kun-ki-Chu (Conselho de Estado Deliberativo) acabavam de ser destituidos de seus elevados cargos e submettidos a processo de Estado. Com estes personagens caira o partido da Côrte mais favoravel, ou antes menos hostil aos estrangeiros; e o vice-rei Li, o vulto proeminente desse partido achou-se para logo sem apoio em Pekin. As imperatrizes receiosas da resistencia que Li-Hung-Chang, com o apoio moral dos estrangeiros e sua autoridade sobre o exercito e a marinha do Petche-li, de sua creação, pudesse oppor á nova ordem de coisas, chamaram immediatamente, da fronteira do Ili onde commandava em chefe o general Tso-Tsung-Tang, o mais prestigioso chefe da politica tradicional do isolamento.

Por outro lado sabia-se que o gabinete de S. Petersburgo, para onde precipitadamente havia sido enviado o Marquez Tsêng em missão especial, tinha exigido que Chung-How o infeliz negociador do tratado de Livadia, então preso em Pekin e condemnado á morte, fosse posto em liberdade.

A esquadra russa nas aguas da China e do Japão e em Wladivostock, recebia consideraveis reforços de navios e tropas de desembarque. Os agentes russos em Tien-tsin não occultavam que seu governo não admittia outra solução á difficuldade creada pela cegueira da Côrte de Pekin, que não fosse a immediata ratificação do tratado de Livadia e o pagamento de uma indemnisação de 30.000.000 taels pelas despezas que a Russia fôra obrigada a fazer com a mobilização de forças de terra e mar, em vista da attitude hostil da China sobre suas fronteiras.

Os conselhos de Li-Hung-Chang em prol de um desenlace pacifico da pendencia eram interpretados em Pekin de modo tanto mais desfavoravel ao seu patriotismo, quanto a Côrte assombrava-se com os immensos dispendios feitos pelo vice-rei, nos ultimos annos, em armamentos de terra e mar. Os bellicosos mandarins da Côrte Celeste não podiam admittir, que alguns vasos de guerra e os canhões Krupp adquiridos para as fortificações da entrada de Pei-ho não tivessem posto a China em pé de medir-se vantajosamente com a Russia. Propalava-se que logo que o general Tso chegasse a Pekin, Li-Hung-Chang teria a mesma sorte do principe Kong.

Esta complicada situação por si só explicava o desejo do vice-rei de pôr termo á negociação do nosso tratado. Occorria ainda uma outra razão para o seu açodamento. O Tsung-li-Yamen, por aquelles dias havia recommendado ao vice-rei que procurasse inserir no tratado com o Brazil certas clausulas de que elle não havia cogitado em seu projecto. Acostumado a agir discricionariamente, em sua qualidade de Primeiro Grande Secretario de Estado, desejaria o vice-rei esquivar-se ás suggestões do Tsung-li-Yamen, dando como concluida a negociação. Elle comprehendia, tambem, que propondo-nos novas estipulações, enfraquecia-se para resistir ás emendas pelas quaes ainda insistiamos; pois, em nossa ultima conferencia lhe haviamos declarado que estavamos promptos a assignar o tratado nos primeiros dias de setembro si elle concordasse com as emendas definitivas que então formulámos.

Entre a nossa insistencia e as insinuações do Tsung-li-Yamen que o vice-rei, em seu orgulho, considerara impertinentes, achou-se elle em uma situação embaraçosa da qual não deixámos de tirar algum partido, informados como estavamos de tudo o que occorria, já por indiscrições do commissario Ma, já, porque Mr. Hart de quem

acima falei, fizera uma tentativa junto a nós para que não nos oppuzessemos ás novas estipulações emanadas da Côrte, insinuando que doutro modo haveria difficuldades na ratificação do tratado, por parte do governo chinez.

O intromettimento de Mr. Hart irritou de tal modo ao vice-rei e aos mandarins do seu sequito que o commissario Ma em carta que me dirigiu sobre o assumpto dizia-me: « Mr. Hart se croit le vice empereur de Chine ». Como se vê não faltou na negociação do nosso tratado com a China o condimento de uma intriga inseparavel, na maioria dos casos, de todas as transacções diplomaticas.

Nesse meio tempo ainda mais se accentuou a má vontade das influencias da Côrte de Pekin contra o vice-rei, por uma representação dirigida á Regencia pelo Conselho dos Grandes Censores do Estado no sentido de que Li-Hung-Chang procurava captar as sympathias dos estrangeiros para melhor poder resistir á autoridade imperial. Dou como sabido que o Conselho dos Grandes Censores, na China tem o direito de dirigir ao proprio Imperador representações contra os actos emanados do throno que o Conselho julgue contrarios aos interesses da nação.

Os incidentes que acabo de narrar e que puzeram em sobresalto a todos os estrangeiros na China, faziam-nos receiar que a qualquer momento fosse o vice-rei chamado a Pekin e, porventura, despojado dos grandes cargos que exercia; o que teria, para nós a consequencia desastrosa de mallograr tudo quanto haviamos alcançado até então. A primeira difficuldade seria de conseguirmos que o Tsung-li-Yamen designasse novo plenipotenciario para tratar comnosco, e quando a isto se prestasse, teriamos de recomeçar a negociação com algum mandarim do regimen tradiccional, o qual, com certeza seria menos condescendente do que havia sido Li-Hung-Chang. Occorria-nos ainda que em circumstancias normaes a negociação do tratado com o Perú havia-se procrastinado por oito longos mezes.

A contingencia de guerra com a Russia, tinha produzido uma tão grande excitação na população de Tien-tsin, que os estrangeiros ali residentes, cujo numero não excedia de duzentos, julgavam-se ameaçados em suas vidas e propriedades.

Os representantes das diversas potencias, que mantêm estações navaes nos mares da China, chamaram para ali todos os navios de

guerra que, pelas suas dimensões podiam transpor a barra do Pei-ho. Chegou-se mesmo a organizar a defeza do bairro habitado pelos estrangeiros cuja area constituia o que se denomina na China—a concessão dos Europeus.

Em similhante emergencia vimos que o nosso designio de melhorar o esboço do tratado, ao ponto em que se achava, podia fazer-nos perder todo o terreno conquistado. Tivemos de nos contentar com os retoques que o vice-rei se dispoz a aceitar para poder, com o pretexto de estar terminada a negociação, afastar a interferencia de M. Hart que tanto o chocara.

Não havendo o governo imperial nos autorizado a fazer a concessão relativa á prohibição aos subditos brazileiros de se empregarem na China em operações de commercio de opio, condescendemos em estipular essa prohibição em protocollo separado *ad referendum*.

Extrairam-se doze textos do tratado, sendo: tres em lingua portugueza, tres em lingua chineza e tres em lingua franceza,—tendo-se estipulado em um artigo que o texto francez seria o que faria fé, no caso de divergencia na interpretação dos textos portuguez e chinez. A assignatura dos doze textos effectuou-se publicamente com grande solemnidade no mais bello templo de Tien-Tsin, na presença de mais de cem funccionarios chinezes civis e militares, todos em uniforme de gala.

Começou a cerimonia pela leitura do texto chinez, feita em alta voz pelo Taotai Tcheng que havia sido um dos commissarios da negociação, e terminou por um grande banquete offerecido pelo vice-rei aos membros da missão brazileira.

Dois dias depois, era o nosso 7 de setembro, por nosso turno offerecemos ao vice-rei um banquete de 40 talheres seguido de *soirée* dansante dados no hotel europeu de Tien-Tsin todo occupado desde que ali chegámos por mim e por parte do pessoal da missão. A decoração e illuminação exterior da casa do hotel attrairam ao local grande parte da população de Tien-Tsin.

Segundo ouvimos dos Chins e dos estrangeiros ali residentes nunca se tinha visto naquella cidade festa tão sumptuosa. Tambem foi a primeira vez que o vice-rei e os demais mandarins convidados e que nunca haviam saido da China, se acharam no meio do que elles denominavam—uma sociedade mixta,—isto é.

composta de cavalheiros e senhoras, sendo que, pelos costumes chinezes, cada sexo reune-se, mesmo nas festas de familia, em companhias separadas.

No correr daquella noite o vice-rei teve commigo largas expansões a respeito das probabilidades de guerra entre a Russia e a China, concordando inteiramente com as minhas observações sobre a desvantagem com que seu paiz entraria nessa terrivel partida. Nas visitas subsequentes que trocámos, antes de minha partida de Tien-Tsin, elle voltava sempre ao assumpto, com o visivel intuito de ouvir as minhas opiniões sobre o prospecto de um conflicto entre os dois imperios.

As minhas relações com o grande homem da China, tinham-se tornado verdadeiramente amistosas. Manifestando-se sobre os Enviados brazileiros com um cavalheiro allemão que gozava da sua privança, o Sr. Detring, inspector da alfandega de Tien-Tsin, disse-lhe o vice-rei: «agradam-me muito os ministros brazileiros apezar de serem dois homens de temperamentos muito differentes: o Sr. Callado é doce e frio como um sorvete, o almirante esse é um revolver, tem sempre resposta prompta para tudo». A conclusão do nosso tratado produziu surpreza geral entre os estrangeiros residentes na China, sobretudo pela desuzada presteza com que foi negociado, e ainda por causa da situação anormal do paiz e do eclipse consequente que soffrêra o prestigio de Li-Hung-Chang. A verdade é que mesmo os diplomatas mais antigos em Pekin e mais conhecedores das tendencias do governo chinez, nunca acreditaram que a missão brazileira obtivesse a concessão da liberdade de emigração para os Chins, a jurisdicção sem restricções para os consules brazileiros e a clausula da nação mais favorecida nas disposições geraes do tratado.

Maior admiração ainda lhes causou que em materia de jurisdicção dos consules brazileiros na China tivessemos ficado mais favorecidos do que o Perú pelo seu tratado de 26 de junho de 1874, pelo qual estabeleceram-se os julgamentos denominados mixtos, isto é o direito da autoridade chineza intervir em todos os processos entre Chins e Peruanos, especie essa de julgamentos que não admittimos em nosso tratado. Os estudiosos de direito internacional poderão ainda verificar, compulsando a collecção de tratados das diversas potencias do occidente com a China, que

em nosso tratado, os artigos relativos á immunidades dos representantes diplomaticos e as franquezas concedidas aos navios de guerra brazileiros nas aguas territoriaes da China, foram redigidos de maneira que nos collocaram em melhores condições do que a simples clausula da nação mais favorecida, que regula a materia na generalidade dos tratados.

Chegado, porém, o tratado ao Rio de Janeiro, o Imperador, que era contrario á effectividade de quaesquer relações com a China, longe de ficar satisfeito com o resultado da nossa missão, procurou pretexto para não ratificar immediatamente o tratado, no artigo 10° em que se reconhecia o direito á autoridade chineza de prender criminosos de sua nacionalidade, nas residencias e armazens de brazileiros na China, ou á bordo de navios mercantes brazileiros nos portos da China.

Nós mesmos, os Enviados brazileiros ingenuamente, tinhamos fornecido esse pretexto; pois, no officio em que narrámos os incidentes da negociação, fizeramos vêr que tinham sido baldados os nossos esforços para eliminar aquella disposição do tratado, ou, para modifical-a no sentido de estipular-se expressamente que a intervenção dos consules seria necessaria nos casos de prisão de criminosos chins refugiados nas residencias de Brazileiros ou á bordo de navios mercantes brazileiros.

No mesmo officio fizemos sentir ao Ministro de Estrangeiros que não nos tendo elle autorizado, ao menos, a fazer á China a concessão de vedar-se aos Brazileiros o commercio do opio, não se podia esperar que tivessemos conseguido um tratado, em seu conjunto tão vantajoso, sinão cedendo em alguns pontos em que os negociadores chinezes mostravam-se intransigentes. Accrescentámos que o ponto em questão, na pratica, não tinha alcance algum, sendo que as residencias dos estrangeiros na China acham-se todas dentro da area das *concessões* inglezas, francezas e americanas, onde de facto, a autoridade chineza não exerce jurisdicção alguma, nem mesmo sobre os Chins, tendo essas concessões uma policia propria e instituições municipaes inteiramente independentes das leis e autoridades chinezas.

O governo imperial não negou formalmente ratificação ao tratado, mas, expediu ordens ao Sr. Dr. Callado, para propor ao governo chinez aquella modificação.

Ignoro os termos das instrucções expedidas ao Sr. Dr. Callado; mas, figurando no nosso tratado uma clausula pela qual os Brazileiros ficaram inhibidos de commerciar com o opio entre os dois paizes, eu imagino que o Sr. Dr. Callado, habil como é, não teria tido difficuldade alguma de conseguir os ligeiros retoques feitos no tratado primitivo.

Ignoro tambem si o Sr. Dr. Callado, foi autorizado a fazer essa concessão, mas como a esse tempo já figurava clausula identica na convenção recente do governo de Washington com o de Pekin, restringindo a emigração chineza para os Estados-Unidos, o governo brazileiro não tinha mais o pretexto de evitar a iniciativa em similhante materia, para negar-se a reconhecer a illigetimidade de um commercio que envenenava o misero povo chinez.

Uma justiça cumpre fazer ao imperador Pedro II: elle applaudiu a inserção, em nosso tratado, da clausula relativa ao commercio do opio; do que se deve inferir que os seus ministros não lhe deram conhecimento do telegramma em que nós, os Enviados na China, pediamos autorização para cedermos naquelle ponto ás justas instancias do governo chinez. O nosso tratado do qual desappareceu o meu nome para só figurar como negociador o do Sr. Dr. Callado, por parte do Brazil, foi assignado em Tien-tsin a 3 de outubro do anno seguinte, de 1881.

Eu logo após a assignatura do primeiro tratado pedira por telegramma para regressar ao Brazil, o que effectuei completando a volta do globo através o Pacifico e os Estados-Unidos. Em Nova-York embarquei-me para Inglaterra onde tomei o paquete que me trouxe ao Rio de Janeiro, tendo sido a minha ausencia nessa commissão de dezoito mezes exactos.

Antes de deixar a China, porém, fomos a Pekin, prestar homenagens ao governo, junto ao qual nos achavamos acreditados. Já então o Principe Kong havia sido reintegrado em suas funcções de Presidente do Tsung-li-Yamen, apezar de ainda achar-se em processo. Era aquelle principe que representava o imperador em todas as solemnidades diplomaticas. Fomos recebidos por elle, á testa dos numerosos ministros do Tsung-li-Yamen, mas, nem ali na Côrte se cogitou da entrega das nossas credenciaes, que nunca foram apresentadas!

Resisto á tentação que experimento de reproduzir as impressões que recebi em minha visita á metropole do imperio chinez, a essa moderna Ninive tão grandiosa pela magestade de suas muralhas e de seus monumentos, quanto horrivel em sua sordida decadencia; já por demais tenho divagado fóra do quadro que me havia traçado para esta narrativa.

Assim o leitor que tiver tido a paciencia de chegar ao fim deste arido protocollo intimo reconheça, que, si até hoje não temos colhido resultados praticos do nosso tratado com a China, este não deixa de ser na historia da diplomacia um documento de que, na época em que foi celebrado, o Brazil já gozava do prestigio de uma grande nação civilizada. E si não se realizou o objecto que se tinha em vista ao enviar uma missão brazileira á China, de attrair ao Brazil essas machinas de trabalho denominadas *culis*, não foi porque o tratado não nos tivesse assegurado essa vantagem.

Comprova-o o facto de, logo após a ratificação do tratado ter vindo ao Brazil o grande capitalista chinez Ton-Kin-Sin, presidente da importantissima companhia de navegação *China Merchants*, com o objecto de contratar as primeiras remessas de trabalhadores chinezes. Ninguem ignora que o importante industrial chinez não só não encontrou apoio algum para a sua empreza por parte do governo, como teve de retirar-se dentre nós profundamente desapontado por ter ouvido do proprio Imperador que não contasse com a sua sympathia pela emigração chineza. O que é verdadeiramente para deplorar-se é que o governo brazileiro não tivesse aproveitado a opportunidade, ao enviar uma missão á China, de abrir desde então relações diplomaticas com o Japão, tanto mais quanto, naquella época, era o governo japonez que solicitava vivamente do nosso a conclusão de um tratado de amisade e commercio. Na visita que fiz ao Japão, em meu regresso da China, o ministro dos negocios estrangeiros daquelle paiz, procurou fazer-me o intermediario das aberturas do seu governo. Conservo uma nota que me dirigiu o vice-ministro dos negocios estrangeiros, então em exercicio da pasta, o Sr. Woyeno Kagenori, em que assim se expressava:

«*Notre gouvernement désire fortement conclure à Tokio même entre le Brésil et le Japon un traité d' amitié et de commerce tout-à-fait indépendant et separé de nos traités avec les autres nations, d' après la base posé dans le project que j'ai eu l' honneur de soumettre á votre excellence, car*

un semblable traité conclu avec une grande Puissance telle que la votre aurait une influence considerable sur quelques Puissances Européenes qui ont l'intention de suivre cet exemple et nous pourrions arriver au résultat qui nous attendons. Il serait donc très désirable qui votre excellence voulut bien proposer cela à son gouvernement en prêtant son utile concours pour que ce traité puisse être conclu le plus tôt possible.

J' éprouve le plus vif désir, qui la choix du gouvernement Imperial tombe sur la personne de votre excellence en la chargeant de cette importante mission, etc., etc.»

Contou-me o Sr. Dr. Callado que dois annos depois, em sua estada no Japão, o governo japonez manifestou-lhe as mesmas disposições. Mas, a iniciativa que nos queria dar o governo japonez, e da qual poderiamos ter tirado immenso proveito, não se condunava com as vistas estreitas da nossa chancellaria dos negocios estrangeiros.

Esperou-se que algumas nações da Europa celebrassem tratados, com aquella potencia asiatica, sobre a base de perfeita reciprocidade, para, urgidos por interesse nosso, irmos solicitar della aquillo que teriamos sem duvida obtido em melhores condições, quando era ella que procurava as nossas relações.

ARTHUR JACEGUAY

O SR. EÇA DE QUEIROZ

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA

II

Vehemente é sem duvida esta sensibilidade. Mas não é este o traço que distingue o escriptor. Outros ha que no romance ou na ode, na poesia ou na historia manifestaram uma tão grande energia ou igual finura de sensações, e consignaram na prosa viva ou no verso palpitante uma tão grande vibração da machina nervosa. A originalidade deste artista consiste na variedade das suas emoções habituaes. Depois de termos mostrado que a sua sensibilidade é intensa, mostremos que ella é multipla.

Ora, duas são as fórmas que póde revestir a sensibilidade humana e della derivam duas concepções differentes da vida; ou se póde ser sensivel de preferencia ás emoções pagans, ao culto da força immoral e da belleza plastica, ao livre jogo dos instinctos animaes e da actividade individual, á poesia do riso e do gozo, ás alegrias do combate e da victoria; ou se póde amar exclusivamente os sentimentos moraes, e os instinctos sociaes, e virar a alma para as concepções tristes, as preoccupações de destinos praticos, para o encanto divino da compaixão e do perdão, as alegrias christans da renunciação, o gozo pungente da abnegação e do sacrificio, as satisfações austeras do dever cumprido e da bondade exercida. Ambas estas fórmas se manifestam com vigor e esplendor

---

Veja *Revista* de 15 de outubro.

nos livros do Sr. Eça de Queiroz, e os exemplos abundam de tal sorte que só ha o trabalho da escolha.

Ha nelle um poeta pagão, ebrio de enthusiasmo pela magnificencia da Materia, pelo encanto da Belleza, pelo prestigio da Força, pelas seducções do Luxo. A maneira por que elle fala da perfeição dos contornos e do esplendor das côres é digna de um homem da Renascença sensual e pitoresca. Diante de uns hombros ou de uns olhos elle tem gritos de estatuario ou de joalheiro. A Formosura, onde quer que esteja chama-o e elle vai para ella de olhos fitos e mãos avidas. A finura e a riqueza dos tecidos o commovem até á eloquencia. As sensações de um banho excitam nelle os raptos da ode. A musica o embriaga e apunhala. Gosta de perfumes como um elephante.

Com as emoções tem as paixões correspondentes. Quem pintou como elle as glorias do amor carnal, as attracções e os empurrões do instincto, o fluxo e o refluxo da maré sanguinea, o preamar do cio, o alarido aspero dos desejos, o grito estridente da posse? Quem disse como elle as coleras do ciume, as suas raizes animaes, as suas torturas organicas, o impudor da sua curiosidade physica, a perspicacia e a extravagancia da sua logica? Quem contou melhor as voluptuosidades do orgulho, o gaudio da ira, os jubilos concentrados do odio, o gosto de abater e dominar, os regosijos da caça e da guerra? Quem mostrou melhor os deslumbramentos da riqueza, o relampejar capitoso do ouro, a embriaguez do milhão, os requintes da saciedade, os mornos deleites da ociosidade? A constellação do peccado faz brilhar nessa obra as suas maiores estrellas e o poeta as deixa resplandecer sem vêu. Mas é melhor ouvil-o, abandonando as analyses pelas confidencias. E destas nenhuma é tão instructiva como o *Mandarim*.

E' a historia fantastica de um amanuense do Ministerio do Reino, chamado Theodoro, que por um modo sobrenatural se vê senhor de uma riqueza fabulosa e que a emprega em sensualidades colossaes e estranhas, sem conseguir abafar dentro de si os instinctos espiritualistas e o grito da consciencia.

O poeta o mostra primeiro numa casa de hospedes da travessa da Conceição, com o seu pequeno ordenado, o seu trabalho machinal da semana, o seu descanso animal dos domingos, as suas ambições escondidas e o habito de ler velhos alfarrabios baratos.

Uma noite que lia um capitulo intitulado *Brecha das Almas*, meio tonto de somno, dá com um paragrapho singular: « ... No fundo da China existe um Mandarim mais rico que todos os reis de que a Fabula ou a Historia contam... Para que tu herdes os seus cabedaes infindaveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro... Será então um cadaver: e tu verás a teus pés mais oiro do que póde sonhar a ambição de um avaro. Tu que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha? » Hesitava quando ouve uma voz dizer do outro lado da mesa: — « Vamos Theodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte! »

Vira-se e vê um individuo corpulento, vestido de preto, sentado com as mãos cruzadas sobre o cabo de um guarda-chuva. E logo o extranho poeta, que se compraz em misturar o terrivel com o burlesco, esboça-lhe o rosto que parece copiado da vidraça flammejante de alguma cathedral da idade-média: «... o rosto, sem barba, de linhas fortês e duras; o nariz brusco, de um aquilino formidavel apresentava a expressão rapace e aggressiva de um bico d'aguia; o córte dos labios, muito firme, fazia-lhe como uma bocca de bronze; os olhos, ao fixar-se assemelhavam dois clarões de tiro partindo subitamente dentre as sarças tenebrosas das sobrancelhas unidas; era livido, mas aqui e além na pelle corriam-lhe raiações sanguineas, como num velho marmore phenicio.»

E como o amanuense hesitasse, o outro lhe desenrola ante os olhos abrazados o rosario das tentações e das voluptuosidades, applicadas a cada sentido com a pericia de um cirurgião que fosse ao mesmo tempo um seductor. Para o paladar: — « Ha vinhos de Borgonha... que custam cada garrafa, de dez a onze mil réis; e quem bebe o primeiro calix não hesitará para beber o segundo, em assassinar seu pai...» Para o tacto e os musculos «... as carruagens de tão suaves molas, de tão mimosos estofos, que é preferivel percorrer nellas o Campo Grande a viajar, como os antigos deuses, pelos céus sobre os fôfos coxins das nuvens...» Para a vista — os moveis raros, os estofos caros, os quadros, as estatuas, todas as glorias domesticas do luxo moderno. Para o ouvido — a musica dos theatros, os compassos dos bailes, o rumor das cidades. A avidez da sensualidade é tão grande que percorre a série inteira dos sentidos e faz do desejo uma analyse. E como uma somma

total e um assalto final a visão resplandecente da Mulher. Aqui com uma seriedade quasi tragica o Tentador enumera as fulminantes seducções: rendas, *batistes*, setins, flôres, joias, gazes, cachemiras e velludos, «os braços côr de marmore, de uma frescura de lyrio orvalhado» e «os seios sobre os quaes o grande Praxiteles modelou a sua Taça, que é a linha mais ideal da Antiguidade...» e ha como a tensão de um hymno quando elle fala dos «cabellos côr de oiro e côr da treva que têm a apparencia emblematica das duas grandes tentações humanas—a fome do metal precioso e o conhecimento do absoluto transcendente.»

Vencido, o amanuense toca a campainha e logo o Mandarim expira.

D'ahi a dias, num domingo, Theodoro dormitava com o cigarro apagado no canto da bocca, quando vê entrar um sujeito de soiças, pequenino e obeso, tremendo de emoção. Surprendido interroga-o. E o homem, entre expressões entrecortadas e incoherentes de servilismo aterrado, entrega-lhe cheques de cento e seis mil contos num enveloppe lacrado de preto. Suffocado vai abrir a janella bem larga «e dobrando para traz a cabeça, respirei o ar calido, consoladamente, como uma corça cansada...» E logo, apoiado á varanda, começa a sonhar a desforra collossal da humilhação e da abstinencia. Vendo desfilar trens, cavallos, homens e mulheres, pensa que não ha nenhuma dessas coisas, corpos e almas, que elle não possa alugar, comprar, gozar e calcar. «Então, satisfações do Luxo, regalos do Amor, orgulhos do Poder, tudo gozei, pela imaginação, num instante, e dum só sorvo. Mas logo uma grande saciedade me foi invadindo a alma: e sentindo o mundo a meus pés — boccejei como um leão farto.»

A comparação é exacta: elle goza como um leão devora; na sua sensualidade ha devastação. No dia seguinte corre ao Banco e, recebendo o valor de um cheque, estremece ao contacto do metal, como sob uma caricia. Mas é melhor ouvir-lhe as palavras, sentir-lhes o sabor acre e terrivel: «Atulhei as algibeiras, devagar, aos punhados... Sentia-me gordo, sentia-me obeso; tinha na bocca um sabor d'oiro; uma seccura de pó d'oiro na pelle das mãos. As paredes das casas pareciam faiscar como longas laminas d'oiro, e dentro do cerebro ia-me um rumor surdo onde retilintavam metaes — como o movimento de um oceano que nas vagas rolasse barras

d'oiro.» São as allucinações do amor physico, e como o amor physico, precisa e exige os contactos: «Em casa despejei o oiro sobre o leito e rolei-me por cima delle, muito tempo, grunhindo n'um gozo surdo.» Como o amor, tem ancia de eternidade, e é como quem fala de um defunto querido que elle ajunta: «A torre, ao lado, bateu tres horas; e o sol apressado já descia, levando comsigo o meu primeiro dia de opulencia...» Mas a frase seguinte parece roubada a um diario de campanha: «Então, *couraçado* de libras, corri a saciar-me.»

Vem depois a narração da sua vida opulenta, a descripção dos seus moveis, o emprego das suas horas, estranho sonho de artista millionario digno de Petronio e do segundo Imperio: «Tornou-se famoso na Europa o meu leito, dum gosto exuberante e barbaro, com a barra recoberta de laminas d'oiro lavrado, e cortinados dum raro brocado negro onde ondeam, bordados a perolas, versos eroticos de Catullo; uma lampada suspensa no interior, derrama ali a claridade lactea e amorosa dum luar de verão.» Leia-se ainda a maneira porque elle gastava o dia, note-se a complacencia com que o poeta descreve as sensualidades do seu heróe, e compare-se estas paginas com outras escriptas sobre assumpto identico por um homem de instinctos espiritualistas, como o Sr. Oliveira Martins. A descripção do camarim de Madre Paula, na Historia de Portugal, e o capitulo da vida airada na Historia Romana deixam ver através da multidão de pormenores de opulencia, accumulados pelo artista, a intensidade de desdem do moralista. E o fitar dos olhos é acompanhado por um franzir dos labios. E' esse franzir de labios que falta na pagina que segue:

«Ao bater do meio dia, entrava na minha tina de marmore côr de rosa, onde os perfumes derramados davam á agua um tom opaco de leite: depois pagens tenros, de mão macia, friccionavam-me com o ceremonial de quem celebra um culto: e embrulhado num *robe de chambre* de seda da India, através da galeria, dando aqui e além um olhar aos meus Fortunys e aos meus Corots, entre alas silenciosas de lacaios, dirigia-me ao bife á ingleza, servido em Sèvres azul e oiro.

«O resto da manhan, si havia calor, passava-o sobre coxins de setim côr de perola, num *boudoir* em que a mobilia era de porcellana fina de Dresde e as flores faziam um jardim de Armida; ahi

jamais dois seres vulgares, saidos da chateza do seminario e das banalidades do soalheiro, se lembrariam desse estranho requinte de poeta pervertido e precisariam de completar a voluptuosidade pela rebellião. E' ainda uma perversão da sensibilidade que lhe inspira a criação de certos personagens, feios como cadaveres, cuja pintura esboçada á pressa não acrescenta nenhum dado á sciencia do coração humano. Mas como é proprio da superioridade o tirar partido até dos defeitos, veremos que essa capacidade das emoções requintadas e depravadas, que lança manchas desagradaveis em tantas paginas dos seus livros, mostrar-lhe-á certos recantos suspeitos e obscuros do coração e lhe ha de inspirar a mais profunda das suas criações de romancista.

G. Moniz Barreto

(Continúa)

A LEPRA NO BRAZIL

E' de toda a actualidade o estudo da lepra, como perigo social que deve e póde ser conjurado. A contagiosidade dessa affecção é facto que hoje mui raramente vai sendo contestado, á proporção que novos factos se accumulam, justificando a opinião dos medicos, que têm levantado o brado de alerta, chamando a attenção dos governos e prevenindo o povo. Entre nós, se tem salientado sobremodo nessa campanha o medico fluminense Dr. Azevedo Lima, que ha mais de uma dezena de annos desempenha as funcções de facultativo chefe do Hospital dos Lazaros desta capital.

Relatorios, monographias e estatisticas tem organizado e publicado esse respeitavel clinico, provando o augmento progressivo das devastações da lepra no Brazil e apontando medidas salutares.

Em 1879 o movimento estatistico do hospital consignou 28 doentes entrados e d'ahi para cá, com ligeiras oscillações, foi sempre crescendo o numero de entradas, figurando já em 1897, 109.

As medidas previdentes executadas no seculo passado sustaram por algum tempo a disseminação do terrivel morbo; afrouxadas porém taes prescripções e ou por deficiencia de regulamentação sanitaria ou por incuria dos executores da lei, verifica-se o facto assignalado: o incremento da lepra no Brazil, especialmente nos estados de Minas Geraes, S. Paulo e Rio de Janeiro e no Districto Federal (bairro da cidade nova, Catumby, Praia Formoza, Saude). Embora incompletas, as estatisticas organizadas pelo Dr. Azevedo Lima, por falta de melhores e mais amplos dados, de que não dispõe, são todavia sufficientes para elucidarem o assumpto. A incuria ou descaso da fiscalização sanitaria chegou uma vez a ponto, de

consentir que em 1893 aportasse a esta capital uma leva de immigrantes havendo entre elles leprosos!

E' facil de comprehender que dess'arte jamais poder-se-á expellir tão degradante morbo do seio do nosso paiz, o que aliás outros o têm conseguido graças a esforços intelligentes e perseverantes de medicos illustres, sustentados e valiosamente auxiliados pelos respectivos governos. Haja vista o que actualmente se passa na Noruega, « que está vendo de anno para anno reduzir-se o numero de atacados e com justificadas esperanças de completo desapparecimento da molestia ».

Basta apreciar os seguintes algarismos, que encontramos no trabalho confeccionado pelo Dr. Havelburg: «o numero de leprosos que era (na Noruega) em 1857 de 2.833, desceu em 1896 a 700». Isto tem sido obtido graças principalmente a uma vigilancia sanitaria rigorosissima e a medidas de prophylaxia defensiva, postas em pratica seguidamente. O isolamento sobretudo deu resultados evidentes a tal ponto que vão sendo fechadas as antigas gafarias á proporção que decresce o numero de leprosos.

Ao celebre Dr. Hansen tem cabido a tarefa de dirigir na Noruega porfiada campanha contra a lepra e continuando o regimen sanitario adoptado por elle, está calculado que, em 1920 (ou talvez antes), *não haverá mais na Noruega um só leproso!* Que immensa gloria para o proprio descobridor do germen especifico da lepra, tel-a tambem expellido do territorio do seu paiz, onde quarenta annos atraz havia mais de dois mil individuos affectados do asqueroso morbo!

E' sabido que a opinião corrente na Europa, fôra julgar desapparecida a lepra de alguns de seus principaes paizes, como a França, a Allemanha, a Inglaterra. Todavia casos isolados foram apparecendo, ainda que sob denominações novas (trophonevroses gangrenosas, trophonevroses leproides).

« Zambaco, de Constantinopla, escreveu o Dr. Azevedo Lima em 1896, depois de ter viajado pelo interior da França e observado de perto muitos casos de lepra, sustentou e ampliou a hypothese de Lelois, em uma communicação que fez á Academia de Medicina de Paris em 1892, communicação que teve grande repercussão e na qual riscou do quadro nosologico de um só lance a sclerodermia, a sclerodactylia, o ainhúm, as trophonevroses gangrenosas, a

morphêa, a asphyxia local das extremidades e a gangrena symetrica.

« Todas estas creações, dizia este autor (Zambaco), reconhecem como causa primitiva a opinião unanimemente aceita, de que a lepra não existe em França, depois da suppressão official das suas gafarias, isto é, desde 1695; depois a impossibilidade que ha, na Europa Central, de verificar o polymorphismo desta affecção como se observa nos fôcos ainda em actividade. »

A lepra portanto perdura em toda Europa e em alguns estados com tal intensidade, que tem constituido uma questão social que preoccupa seriamente os respectivos governos.

Com intuito de estudar tão importante questão, reuniu-se em Berlim, no mez de outubro, um congresso internacional de leprologistas.

E' provavel que as medidas de caracter internacional que este congresso ha de suggerir, não tenham completa applicação ao Brazil, cuja indole, clima e estensão territorial reclamam providencias especiaes; ficaremos, porém, sabendo ao certo que a Europa Central, depois de disposições severas de coerção chegou a vêr-se isenta de tão terrivel flagello e acaba reconhecendo que, com a cessação destas disposições, elle vai de novo alastrando-se lentamente pelas camadas sociaes em todos os paizes e em alguns com especial intensidade.

Quanto ao Brazil é sabido, pelos escriptos dos autores que se têm occupado da questão, que a lepra nos foi trazida por colonos portuguezes.

O Sr. Dr. José Lourenço de Magalhães (*Morphêa no Brazil*) elucida devidamente este ponto, conseguindo pelo menos estabelecer uma data, além da qual não é licito caminhar, na indagação da época da primeira invasão da lepra.

Dos documentos legados por viajantes e escriptores, que nos primeiros tempos se occuparam de coisas do nosso paiz, infere-se não só que a lepra não existia no Brazil entre os indigenas antes e mesmo algum tempo depois do seu descobrimento, como não consta que tenha sido observada entre os primitivos habitantes em qualquer parte da America. Não existia tão pouco em 1637, porquanto Guilherme Pison, notavel medico que veiu nessa época ao Brazil, em companhia do principe de Nassau, tendo publicado sob o titulo

«*Historia naturalis Braziliæ*, Liv. I» as suas observações e descobertas, cita diversas molestias, ao passo que nega em absoluto a existencia da elephantiase dos Gregos em seu tratado de medicina brazileira: «*lepra autem et scabies incognitæ sunt*». Corroborando tal asserção, diz ainda o mesmo autor no Liv. II, que entre as molestias cutaneas não observou a sarna, nem a lepra, como succedeu a outros que attestaram a sua existencia no Egypto e em outros paizes mais quentes: *Inter vitia cutanea nondum scabiem, lepram, elephantiasem observare contingit, sicut in Ægypto, aliisque fervidioribus regionibus grassari testatum est ab Autoribus.*»

A lepra portanto não existia no Brazil primitivamente.

Como se deu esta importação?

Attribuem-na, uns á immigração africana, outros aos colonizadores portuguezes. A estes imputa o Dr. Azevedo Lima, uma das primeiras autoridades na materia, a introducção da lepra em terras do Brazil.

Refere com effeito que, já no XVI seculo com intensidade grassava tal molestia no luso continente, *maxime* na sua parte meridional e no Archipelago dos Açores. Entretanto positivamente conhecido é apenas que em meados do XVIII seculo, a lepra manifestou-se intensamente no Rio de Janeiro, «como se deprehende de um officio do Conde da Cunha, vice-rei do Brazil, no governo da metropole, em 19 de dezembro de 1763, em que pedia mandar-se dar a casa dos Jesuitas, em S. Christovão, para Hospital dos Lazaros, officio no qual lê-se o seguinte: [1].—«Faz-se preciso que V. Ex. ponha na Real Presença de Sua Magestade o grande perigo em que esta cidade se acha, causado pelo mal contagioso da morphéa, porque já não ha rua nem praça onde se não encontrem os miseraveis leprosos, nem tambem ribeiro ou fonte em que elles se não banhem, e por esta causa todas as aguas estão infeccionadas, e toda esta grande terra no risco de a devorar este tremendo fogo, que em todo o Brazil se tem ateado.»

Adiante, depois de calcular em duzentos os leprosos então existentes no Rio de Janeiro, diz: «E para que por culpa minha se não augmente este horrendo mal, como succedeu na cidade da Bahia, onde por se não pôrem em separação os primeiros lazaros que

[1] V. Relatorio do Hospital dos Lazaros, 1881.

naquella terra houve, se communicou o contagio nella, com tal excesso que já chegavam a perto de quatro mil os que havia no anno em que eu lá estive, vindo de Angola. »

Ouvida a solicitação fundamentada do vice-rei, Conde da Cunha, dahi data a fundação do Hospital dos Lazaros, monumento de caridade publica e particular, que tem prestado serviços relevantissimos á população e principalmente aos desgraçados portadores de tão desgraçada molestia.

Acolhendo carinhosamente os doentes de todas as nacionalidades, recebe principalmente brazileiros da Capital Federal e dos estados de Minas Geraes, S. Paulo e Espirito Santo.

O hospital recebeu nestes tres ultimos annos, 189 leprosos assim distribuidos :

1894	101
1895	43
1896	45

De épocas anteriores, diz melhor a estatistica detalhada organizada e publicada em 1893 pelo Sr. Dr. Azevedo Lima: de 1800 até 1893 (30 de junho) foram admittidos no hospital de leprosos, dirigido pela Benemerita Irmandade da Candelaria — 1.936 doentes, dos quaes 1.147 homens e 789 mulheres.

Distribuidos pelos differentes typos ethnicos assim ficam :

Brazileiros	Brancos	491
	Pretos	410
	Pardos	309
Africanos		480
Portuguezes		204
Allemães		18
Italianos		7
Suissos		7
Francezes		6
Chins		9
Norte Americanos		2
Paraguayo		1

« Pela estatistica acima, escreve o Dr. Azevedo Lima, vê-se que a lepra ataca indistinctamente todas as raças.

Não são poupados os Chins, os Africanos, os Francezes, os Inglezes, os representantes de origem mixta, etc., si ha uma excepção

para os indigenas, é de presumir que esta não póde vir sinão do arredamento em que elles vivem dos povos civilizados, fugindo assim do convivio social dos que poderiam transmittir-lh'a. A sua immunidade é relativa, porquanto os mestiços do brazilio-guarany possuem uma aptidão igual á dos outros mestiços brazileiros para contrair a molestia, como se infere duma nota do Dr. Nina Rodrigues apresentada ao 3º congresso medico brazileiro, a proposito da distribuição geographica da lepra no norte do Brazil.»

Sobre as gafarias ou hospitaes de leprosos, espalhados pelo solo brazileiro, nada mais sabemos alem das informações publicadas pelo Dr. José Lourenço, apoz a excursão scientifica official que fez, especialmente no interior de S. Paulo e Minas. No Pará existe uma gafaria, sendo tudo quanto ha de menos moderno e hygienico. Assim o era pelo menos até o começo de 1889, anno em que a visitei, no lugar chamado Tucunduba, afastado bastante do centro da cidade de Belém.

Sobre o asylo de leprosos de S. Paulo, escreveu ha mezes o Sr. capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, curta noticia na imprensa fluminense, nada lisongeira aos creditos daquelle estado.

Em relação ao Hospital dos Lazaros desta Capital só têm sido ditas e publicadas referencias dignas de nota. Nenhuma entretanto, a meu vêr, sobreleva a que está consignada no recente relatorio do Sr. Dr. Havelburg descrevendo as gafarias e hospitaes da Europa, especialmente as de Bergen, na Noruega.

«Em bem da verdade, escreveu o referido medico, não posso deixar de mencionar nesta occasião, que os cuidados e a caridade particular no Brazil são muito mais ferventes, como se infere da comparação entre este nosso instituto e outros afamados do exterior. E si os docentes de Bergen tivessem conhecimento de como os seus infelizes companheiros de infortunio são aqui tratados, teriam nosso hospital em conta de um jardim edenico.»

Divergindo desse modo de sentir sempre mostrou-se em publico o Sr. Dr. José Lourenço de Magalhães, sem duvida um nome que tem subido valor na questão de lepra. «Tal como existe, o Asylo para morpheticos é um producto da prepotencia e da deshumanidade.» Assim é que em synthese se revelou o illustre propugnador das *villas para morpheticos*.

Consignando apenas, sem commentarios, tão categorica affirmação, convidamos os que precisarem de mais amplos esclarecimentos sobre a opinião e idéas do Dr. José Lourenço a compulsarem seus magnificos trabalhos relativos ao assumpto: *A morphéa no Brazil* (*1882*) — *A morphéa é contagiosa?* (*1893*). »

O Dr. José Lourenço é um anticontagionista intransigente. Assistem-lhe motivos certamente ponderosos para discrepar da maioria dos medicos que estudaram a questão; e mesmo não é para desprezar a companhia em que se acha, ao lado de Danielsen, ao lado de Virchow.

E' um facto porém indiscutivel, que algum motivo houve ponderoso, para que se fechassem pouco a pouco as 19.000 gafarias esparsas pela Europa no X seculo.

Foram as medidas energicas, draconianas mesmo algumas, tomadas pelos governos, medidas cujo relaxamento determinou a ameaça de uma nova derrama de leprosos na Europa, que agora novamente se alarma e por isso resolveu convocar os homens da moderna hygiene, em soccorro dos respectivos paizes.

A lepra é uma molestia sempre activa, ameaça sem cessar os que vivem em fócos leprosos. A sua historia, suas vicissitudes, suas localizações provam á saciedade, que ella se transporta com os homens e segue as suas correntes.

« Da India ao Egypto, do Egypto á Grecia, á Italia e ao resto da Europa, póde-se acompanhal-a em suas phases; desde os tempos mais remotos na idade média, logo depois de ter desapparecido da christandade é importada de novo com a volta dos cruzados para ainda desta vez extinguir-se com o isolamento e os progressos da vida social. »

São palavras estas de Ernesto Besnier. Basta recordar as memoraveis discussões sobre a contagiosidade da lepra travadas na Academia de Medicina de Paris em 1885 e em 1888. Alludindo a essas discussões, escreveu o insigne professor e epidemiologista Leon Collin: « Parmi les faits de contagion, qu'ont été apportés à la tribune, il en est qui me semblent *présenter toutes les garanties d'authenticités désirables*. » (Enc. hyg. vol. I, p. 563).

Não têm cessado os autores de trazer ao publico provas de quilate igual. Referil-as, fôra dar a este artigo estensão que não cabe nos moldes que lhe traçamos. Basta todavia a ponderação, de

que aos não contagionistas não lhes é facil a attitude, perante a opinião hoje dominante em sciencia da natureza parasitaria da lepra.

A opinião aliás fundamentada e logica dos contagionistas, collocando os governos das nações e os seus habitantes de sobreaviso, é sem duvida mais proficua, que a idéa dos que pensam differentemente. Triste lição decorreria sem duvida, levadas que fossem taes idéas para o terreno da pratica.

Não é a prisão perpetua, não é a sequestração completa e radical do leproso que se deve pedir, hoje em dia sobretudo, que a hygiene dispõe de meios complementares, ao lado do isolamento hospitalar temperado.

A questão da lepra em nosso paiz exige, para elucidação dos pontos a ella referentes, não só o concurso de todos os homens intelligentes e patriotas, como principalmente dos medicos de todo o Brazil e dos governos estadoaes e municipaes.

Conviria, antes de tudo, conhecer o numero exacto ou aproximado dos leprosos do nosso paiz. E uma tal estatistica seria o ponto de partida e fundamento de estudos ulteriores, que serviriam de base séria para a execução de medidas criteriosas de salvação. E' isto que têm procurado fazer os poucos medicos, que se occupam com o estudo desta molestia entre nós, emquanto os regulamentos e codigos sanitarios ainda não aventaram um só artigo ou paragrapho a ella referente.

O congresso internacional, para o estudo da lepra, convocado em Berlim, pelo governo allemão no mez de outubro, virá talvez trazer mais luz sobre o assumpto, precisando a questão do contagio, determinando o papel que cabe á herança e a outros factores de ordem varia e principalmente desnevoando a therapeutica da terrivel molestia, cuja causa especifica apontada ao mundo scientifico, ha já quasi trinta annos, por Hansen, não serviu até agora, como fôra de suppor de fanal ao tratamento do terrivel morbo.

Tenuissima é a luz que ao lazaro é dado lobrigar na sua tão grande desgraça:—*a caridade tão sómente*—dos que o aceitam e dão-lhe um palacio, como abrigo de seus dias tristes.

Dr. Carlos Seidl.

OSSA MEA

Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum; sana me, Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea.

DAVID, psalmo 6, penitencial.

I

Desesperanças! requiem tumultuario
Na abandonada igreja sem Altares...
A noite é branca, o esquife é solitario,
E a cova, ao longe, espreita os meus pezares.

Sinos que dobram, dobras de sudario!
No silencio das horas tumulares
Ha de surgir o espectro funerario,
Cujos olhos sem luz não têm olhares.

Santo allivio de paz, consolo pio,
Fonte clara no meio do deserto,
Manto que cobre aquelles que têm frio!

Eis-me esperando o derradeiro throno:
Que a Morte vem de mansa, em dia incerto,
E fecha os olhos dos que têm mais somno...

II

Mãos de finada, aquellas mãos de neve,
De tons marfineos, de ossatura rica,
Pairando no ar, num gesto brando e leve,
Que parece ordenar mas que supplica...

Erguem-se ao longe como si as eleve
Alguem que ante os Altares sacrifica:
Mãos que consagram, mãos que partem breve,
Mas cuja sombra nos meus olhos fica...

Mãos de esperança para as Almas loucas,
Brumosas mãos que vêm brancas, distantes,
Fechar ao mesmo tempo tantas boccas...

Sinto-as agora, ao luar, descendo juntas,
Grandes, maguadas, pallidas, tacteantes,
Fechando os olhos das visões defuntas...

III

Quero crer, olhos meus em penitencia,
Que na magua da eterna despedida
Vos terei transformadas na aurea essencia
De dois astros de luz amortecida...

Invocareis então a alta Clemencia
De Deus para a minha Alma dolorida,
No instante em que eu, sublime de innocencia,
Murmurar-vos assim, deixando a vida:

Olhos de olhar o mundo contristados,
Eis-nos agora alem, nesse mysterio
De epithalamios e de astraes noivados...

Vêde bem que estes restos foram vossos:
Illuminai, com resplendor funereo,
Em noite longa, a cinza dos meus ossos...

IV

Oh labios que sereis de lôdo e poeira,
Que intangivel desejo vos abate?
Que ancia suprema, na hora derradeira,
Em silencio vos livra esse combate?

Quereis falar, e quietos sois: na inteira
Mudez do coração que já não bate,
Por debaixo de vós ri-se a caveira,
Labios que fostes chammas de escarlate.

Si frios como neve estaes agora,
Com saudades dos beijos que não déstes,
Alegrai-vos na dôr que vos descora.

Cerrai-vos para sempre em doce calma:
Que os beijos dados, e ainda os mais celestes,
Nunca deixam vestigios na nossa Alma...

V

Braços abertos, uma Cruz... Basta isto,
Meu Deus, na cova abandonada e estreita
Onde repouse quem te fôr bemquisto,
Corpo de uma Alma que te seja affeita.

E' o Justo. As chagas celestiaes de Christo
Beijam-lhe mãos e pés: purpureo deita
O pobre lado traspassado o misto
De agua e de sangue. E' o Justo. Eis a Alma Eleita.

A corôa de espinhos irrisoria
Magôa-lhe a cabeça, e pelas costas
Cai-lhe o manto dos reis em plena gloria...

Gloria de escarneo o manto extraordinario:
Mas quem me dera um dia, de mãos postas,
Nelle envolver-me como num sudario!

VI

Ah! tantas illusões, para as perdermos,
E os sonhos onde iremos enterral-os!
E sempre o luar na solidão sem termos,
E estes corpos a encher covas e vallos...

Vamos rezar além, naquelles ermos.
Quem poderá soffrer tantos abalos!
Os pobres corações estão enfermos,
E o consolo de Deus deve salval-os.

Tomba de joelhos, tu que não soubeste
Gozar a paz que veiu sobre as ondas
Da tua Alma ao clarão da noite agreste...

Noivo da Morte em branca primavera,
Si acaso tens um leito onde te escondas,
Aperta a mão piedosa que te espera...

VII

Si eu procurasse a minha cova ausente,
Bem póde ser á beira desta estrada
Ante a minha Alma a visse de repente,
Bocca vasia ao luar escancarada...

Mas nessa hora de horrores que pungente
Espanto! Alma no amor crucificada,
Branca, fugindo silenciosamente,
Talvez que o teu olhar não visse nada.

Tanto é certo, meu Deus, na vida impura
Não podermos saber onde marcados
Estão os palmos de cada sepultura...

Pois, talvez, ao crepusculo indeciso
Que me encaminha os passos fatigados,
Seja-me a cova o chão que agora piso...

ALPHONSUS DE GUIMARÃENS

ARTISTAS DOUTRO TEMPO

DOMINGOS SANTINELLI

Felizes os que morrem moços, pois sempre serão lembrados, escreveu Pindaro, o qual chamou a juventude de corôada d'oiro. Completa a sentença do grego este conceito dum gaulez de fina tempera: — ha desapparecimentos subitos que obrigam a pensar em assassinatos da Morte. Generalizada a reflexão, cumpre, sem tropeço de duvida, applical-a a Domingos Santinelli, inditosa victima dum desses assassinatos da lei que menos falha. Accorrer a tudo nada alcançando tal parece ser a sina de quem cedo se parte da existencia. Supplicas não torcem fados; mas força será convir, sem pôr envoltorio ao queixume, que de bom grado se pede ao destino uma vida em flôr. Baldada esperança. Ha centos de annos prematuro fim sobrevem a mancebos e o mundo continúa impassivel sobre os hombros do naturalmente cansado Atlas.

Escolhida e variada a companhia Ferrari em 1879. Durand, Biancolini, Ripetto, Prandi, Broggi, Dondi e Sparapani eram as principaes figuras do elenco. Dois tenores possuia a companhia: Francisco Tamagno e Domingos Santinelli, perfeita antithese um do outro. Tamagno agigantado, membrudo, rosto commum, physico sem elegancia alguma, genio de expansões ruidosas, cantava com voz atroadora, de acordar os manes de Stentor; Santinelli, esbelto, sympathico e distincto, espirito melancolico e retraido, possuia voz

espontanea, fresca e suave, embora ignorasse muitos dos segredos da arte. Dir-se-iam humanados o carvalho e o canniço.

Alguns dias depois de chegado ao Rio de Janeiro,[1] estreou Santinelli no *Trovador*[2] (23 de agosto) estabelecendo-se desde logo o seu activo e passivo: notas, sobretudo agudas, bellas, vibrantes, muito desejo de agradar e aprender, pouca ou quasi nenhuma pratica do tablado.

Tanto quanto era possivel parallelo entre um cantor de nomeada universal e um principiante, podia afirmar-se que a voz de Santinelli lembrava, pelo timbre, a do celebre Tamberlick. Mostrou-se a platéa excessivamente benevola para com Santinelli; dividiram-se as opiniões da critica a respeito delle, houve quem louvasse aconselhando e quem avisasse censurando.[3]

Breve, mas auspiciosa a carreira de Santinelli. Natural de Cingoli,[4] abraçara em 1877 a profissão lyrica, cantando com applauso em alguns theatros da Italia,[5] de onde viera para o gremio da companhia Ferrari. Santinelli era triste, esquivo, sorria como que por habito; nos ensaios conservava-se sem affectação, arredado dos

---

[1] Chegou a 19 de agosto no *Sorata*, commandante Messey.

[2] 3ª recita da companhia Ferrari. Leonor, Maria Durand; Manrico, Santinelli; Açucena, Julia Prandi; Conde de Luna, Broggi; Fernando Costa.

[3] « Santinelli é o artista de presente mais incompleto e de futuro mais esperançoso que se tem apresentado no theatro lyrico... E' um diamante cujo valor depende da pericia do lapidario a quem fôr confiado. » (*Jornal do Commercio*, 24 de agosto de 1879):

« Quanto ao Sr. Santinelli possue uma bonita voz, mas tem ainda muito que estudar. » (*Revista Musical*, de Arthur Napoleão e Mignez, tomo I, n. 35).

« Santinelli merece em toda a extensão o titulo de artista do futuro porque, quando aos vinte e quatro annos, dos quaes apenas dois de scena, se canta como elle canta, o futuro parece certo. » (*Revista Brazileira*, tomo I, pag. 535).

[4] Cingoli, cidade do reino de Italia, nas Marcas, a 20 kilometros N. O. de Macerata e a 30 kilometros S. O. de Ancona, á margem direita do Musone, 2.300 habitantes, outr'ora séde do bispado reunido depois ao de Osimo, com bella igreja collegial. Cingoli, Jesi, Osimo, Macerata, Recanati, Pesaro e outras cidades achavam-se comprehendidas nos valles de erosão da vertente do Adriatico, isoladas, sobre abrupto penedo, vigiando-se mutuamente; buscam hoje estender seus arrabaldes na direcção da planicie afim de tratar da exploração do solo.

[5] O Communale de Bolonha foi o ultimo theatro italiano em que cantou Santinelli (*Revista Teatrale Melodramatica*, 1879).

companheiros, em geral bulhentos e palavrosos, cantava alto, sem receio de abusar das cordas vocaes. Que pensamentos seriam os do moço italiano? Sentiria sobre a existencia o pairar de nuvem agoureira? Talvez no coração lhe doessem saudades, lembrança amarga da patria ausente, da alcantilada Cingoli, um mysterio, um arcano qualquer.

A profissão de tenor é, aliás, romantica e poetica. Atrás dos bastidores existem o emprezario, as clausulas do contracto, as libras esterlinas, o cambio; nos camarins os diamantes são de strass e a loura trança das primas-donas jaz entre pinceis de vermelhão. Apezar disso, porém, o tenor, consagrado heróe de amores, surge aureolado de particular encanto. Ser Fausto sob a varanda de Margarida, á espera do fluctuar das roupagens virginaes; ser Lohengrin trazido dos seios da nevoa e do ideal pelo cysne alvinitente; ser Othelo a rugir soluços por Desdemona pallida e peregrina como as estrellas em noite de verão!

« Rara é a mulher que ousa encarar a musica. Muitas, a cabeça descaida sobre a espadua, ficam um pouco inclinadas sobre qualquer coisa que lhes parece falar ao ouvido; outras, projectando a sombra do queixo sobre os fios de perolas do pescoço, como que ouvem no fundo da propria alma. A espaços, a nota doridamente arrancada ao coração dum violoncello faz estremecer esse torpor extatico; palores momentaneos, fugazes diaphaneidades, quasi invisiveis, surgem á flôr da cutis fremente. Dir-se-ia que suspensas sobre o ruido, vibrantes e acariciadas, ellas sorvem o canto e a emoção dos instrumentos... A missa do amor,—eis o que a musica parece ser para a mulher.

Santinelli, em o nosso *Pedro II*, experimentou a sensação de ser ouvido por uma platéa cheia de juizes femininos. Cantou diante dellas o *Ernani*,[1] (agosto e setembro) fraseando com expressão, embora se mantivesse no palco, esquerdo, sem desembaraço, não tendo ainda ganho graças a esse defeito o consenso unanime dos applausos. Metteram o caso á bulha escrevendo: «por occasião do duetto do 2º acto, entre Ernani e Elvira, a prima-dona vendo o tenor tão afastado numa scena amorosa, fez-lhe signal para que este lhe desse a mão. Que pensam que Santinelli lhe deu? Um dedo, o fura-bolos.

[1] Elvira, Durand; Ernani, Santinelli.

Maria Durand repelliu-o. O Sr. Santinelli offereceu o pai de todos. Para evitar que se seguisse o mininho e o seu visinho, Maria Durand bateu-lhe na mão como se dissesse: *a bas les pattes.* [1]

Dois acontecimentos diversos assignalaram no Rio de Janeiro o dia 4 de outubro de 1879: a morte do general Osorio [2] e a estréa de Cinira Polonio no *Fausto.* [3] Representou-se a opera de Gounod e nella tomou parte Santinelli. [4] Nesse tempo Cinira Polonio queria transpor os limites da rua do Ouvidor [5] e procurava ter pennas maiores que o ninho, esperanças reduzidas depois a justas proporções. Cantou, nessa época uma opera de grande folego, encorajada, applaudida, entre Santinelli e Dondi, um Fausto bem moço e um Mephistopheles que tinha de sustentar o confronto com dois diabos modelos, Atri e Castelmary. [6] Cinira revelou alguma graça e mimo; sumia-se-lhe porém a voz no vasto bojo do *Pedro II.*

Chovem jóias como num sonho! Assim numa das scenas do *Segundo Fausto,* exclama Plutus reclinado em deslumbrante quadriga, guiada pelo Capricho, atirando gemmas ás mancheias com a pompa dum califa. Realizou-se em bem minima parte tal visão na estréa da Cinira; offereceram-lhe apenas diversos amadores um cofre vasio, medida de provavel prevenção, pois dias antes os ladrões tinham assaltado a residencia do actor Silva Pereira e subtraido todas as

---

[1] *Jornal do Commercio,* 5 de setembro de 1879.

[2] Manoel Luiz Osorio, tenente-general, marquez do Herval, senador do Imperio falleceu no alto cargo de ministro da Guerra, na rua do Riachuelo 119, ás 6 horas e 10 minutos da tarde, com 71 annos, 4 mezes e 24 dias de idade, e 56 annos, 5 mezes e 3 dias de praça. Nascera a 10 de maio de 1808 na villa da Conceição do Arroyo, Rio Grande do Sul, sendo filho do tenente-coronel Manoel da Silva Borges e D. Anna Joaquina de Souza Osorio, naturaes de S. Catharina.

[3] Ao attractivo de uma nova opera junta-se no *Fausto* o de uma nova *Margarida.* A Sra. Cinira Polonio vai cantar como um canario de estimação numa gaiola lindissima e dourada. *Microcosmo, C. de L.,* 5 de outubro de 1879.

[4] Fausto, Santinelli; Margarida, Cinira; Mephistopheles, Dondi; Siebel, Prandi; Valentim, Sparapani.

[5] Cinira morou na loja Grão-Turco, em frente ao *Jornal do Commercio,* hoje Estella & C., Ouvidor, 64.

[6] Armando Castelmary falleceu neste anno de 1897 em Nova-York, no tablado quando descia o panno no final do 2º acto da *Martha.* Castelmary manifestava em vida vehementes desejos de ser enterrado em França, sua patria. O tenor João de Reskê incumbiu-se de mandar transportar os restos mortaes do collega e amigo a Paris onde foram inhumados no Père Lachaise, a 30 de julho de 1897.

suas joias. Chamadas á scena préviamente combinadas, ramilhetes caindo lugubres sobre o palco em meio da glacial reserva do publico independente, nada faltou para um quasi *four*, nem mesmo a nota ironica ferida pelo Dr. Luiz de Castro, nas *Bisbilhotices* do *Jornal*, [1] secção na qual eram commentados com mordaz humorismo os principaes factos do dia. *Papagaio*, assignava-se o escriptor, talvez para mostrar, como os homonymos, loquacidade e indiscrição.

Santinelli cantou regularmente o *Fausto*, agradando na suavissima invocação *salve dimora*. A opera não foi, porém, repetida; após um dia de intervallo [2] representou-se a popular *Aïda*, só reapparecendo Santinelli a 22 e 24 de outubro [3] na *Força do Destino*. Enfermou Santinelli a 25, molestia de inicio séria e rebelde; ao sair da ultima representação da *Força do Destino*, [4] dizem, ceiára sem precauções, sentindo logo os effeitos de violenta perturbação gastrica, condição no Rio de Janeiro sempre desfavoravel aos recem-chegados, expostos ao typho icteroide. A noite de 26 de outubro foi reservada ao beneficio de Julia Prandi; no fim do espectaculo ecoou no theatro a nova de que Santinelli exhalara o ultimo suspiro, victima da febre amarella. Emquanto a garbosa Prandi deixava a caixa de *Pedro II* escoltada por admiradores e galans, ao som de vivas e acclamações, na rua dos Arcos 52 já dormia o ultimo somno Domingos Santinelli,

---

[1] Saindo do theatro, dizia o Sr. Alves: fica em paz, Margarida, podes gabar-te que ainda a nenhuma se cobriu de tantas flôres a tumba. »

Effectivamente, observou o Sr. Nabuco, aquelles presentes e applausos não podem considerar-se sinão um premio de animação. Diga antes de consolação soprou-lhe ao ouvido o Sr. Pedro Luiz, (*Jornal do Commercio* 6 de outubro de 1879.

[2] Ferrari transferiu o espectaculo com a seguinte declaração : "A empreza acompanhando os justos sentimentos de pezar pela perda do inclito general Osorio, marquez do Herval, e considerando como dia de lucto aquelle em que baixam á terra os restos mortaes de tão grande vulto, resolveu transferir a 18ª récita de assignatura". Após longa permanencia na igreja da Cruz dos Militares e no Asylo de Invalidos da Patria, na ilha do Bom-Jesus, os restos mortaes de Osorio só baixaram á terra, na frase do annuncio, 15 annos depois. Inaugurou-se a 12 de novembro de 1894 a estatua do general Osorio sob a qual jaz o valente cabo de guerra.

[3] Lembremos, nota curiosa da historia do tempo, qne entre essas duas recitas se realizou a primeira das impagaveis conferencias de Gustavo Ainard, na escola municipal de S. José, largo da Mãi do Bispo. Custava 5$000 a entrada.

[4] Leonor, Bruschi-Chiatti; Preciosilla, Rambelli; D. Alvaro, Santinelli; marquez de Calatrava, Trivero.

num quarto banal de casa de pensão, desacompanhado dos seus, á espera dos sete palmos de pesada terra estranha.

Imagine-se o panico da companhia Ferrari. Os jornaes buscaram attenuar o facto attribuindo a morte de Santinelli á intemperança num momento de allucinação, pécha destruida por um companheiro de casa e intimo do finado, o Sr. Giuseppe Antonio Baldrini, que attestou ter o seu amigo, sem excesso algum fallecido de accesso pernicioso complicado com antiga lesão cardiaca.[1] Informações posteriores corroboraram esses conceitos, evidenciando distinctas qualidades de Santinelli, até então occultas na penumbra da vida privada, taes como a de arrimo desvelado da familia ausente.

Modesta sepultura rasa, n. 6297, guardou os ultimos despojos de Santinelli, o primeiro artista que em quatro annos de empreza lyrica perdia Angelo Ferrari. Dias depois de tão prematuro passamento, o cemiterio de S. João Baptista da Lagôa presenciou scena das mais raras, enternecedoras e originaes. Numeroso e variado grupo transpoz os portões da necropole; caminhou pela alameda central em direcção ao tumulo de Santinelli. Eram os artistas da companhia Ferrari, musicos, dansarinas, coristas e cantores; vinham dizer adeus á mocidade e ao infortunio. Agruparam-se pittorescamente ao redor da cova; violoncellos, harpas, flautas, rabecas, oboés, começaram, acompanhando os côros, a executar o *miserere*. Sorria a paisagem nas tremulas fluctuações da claridade e das sombras; o céu, azul e limpido, tornava mais nitido o verdejar merencorio dos cyprestes acimados por entre marmores, uns brancos, outros sujos e esquecidos. Desprendiam-se folhas das casuarinas e remoinhavam caindo sobre o sólo resequido. Que brilhante estava o sol quando illuminava as collinas circumvisinhas! Que resplendente quando as coróava de rutilos brilhos! Altanava-se no fundo do quadro a molle granitica do Corcovado, ora ennastrada de verdura, ora alpestre e bronca.[2]

As exequias de Santinelli celebraram-se a *l'aria aperta* nesse painel da natureza brazileira. Findou o *miserere* num pianissimo, os

---

[1] Assim se lê no attestado de obito de Santinelli, passado pelo Dr. Francisco Corrêa Dutra, informação devida ao Sr. Joaquim Fernandes da Costa, digno archivista da Santa Casa da Misericordia.

[2] Scena testemunhada por Charles Pradez e relatada em artigo inserto na *Revista Musical*, anno I, n. 46.

presentes lançaram uma pouca de terra sobre a tumba, fecharam-se os cadernos de musica, guardaram-se os instrumentos, dispersou-se a multidão.

Pairou de novo o silencio. Cinco annos solitarios repousou ainda Santinelli no antigo Berquó. [1] *Que solos quedan los muertos.* Quanto numa frase disse o poeta! Memoria e paciencia terrenas aliás cançam depressa. O homem aproveitou a lição do Caucaso onde tres mil Oceanides consolaram Prometheu, partindo, porém, á hora do crepusculo.

ESCRAGNOLLE DORIA

---

[1] Em 1884 exhumaram-se os ossos de Santinelli.
Creações de Santinelli no Rio de Janeiro:
1 *Trovador* — Manrico — 23 de agosto de 1879.
2 *Ernani* — Ernani — 1 de setembro de 1879.
3 *Fausto* — Fausto — 4 de outubro de 1879.
4 *Força do Destino* — D. Alvaro — 22 de outubro de 1879.
Cantou em 10 espectaculos.

AS CEGONHAS DO BRAZIL [1]

A decima primeira familia dos Grallatores é formada pelos *Ciconiidæ*, «cegonhas», nome este aliás não usual no Brazil e aqui apenas empregado pela necessidade de um termo collectivo. E' cosmopolita, encontrando-se representantes na zona tropica e temperada do globo inteiro, tanto no litoral como nos grandes rios e lagos d'agua doce do interior. Contam-se no todo umas 20 especies, subordinadas pela systematica actual a seis generos.

São aves aquaticas grandes, de configuração relativamente pesada, azas compridas e largas; muito longas são tambem as pernas e bastante salientam-se pelo seu desenvolvimento longitudinal, outrosim o pescoço e o bico. No seu habitus geral é portanto com as garças (*Ardeidæ*), que as cegonhas denotam seu maior parentesco, tanto que «garças» e «cegonhas» costumam-se enumerar na linguagem popular quasi sempre num mesmo habito, como duas coisas inseparaveis e noções gemeas. Todavia já um exame comparativo superficial ensina, que as cegonhas differem por via de regra das garças por exemplo por um pescoço mais grosso e menos elegante e sobretudo pelo bico, que na maioria das especies assume formas e feições devéras grotescas. A familia abrange representantes que se devem citar entre as aves maiores da actualidade. Ha entre ella simultaneamente figuras verdadeiramente carnavalescas.

---

[1] Capitulo da segunda parte das «Aves do Brazil», actualmente no prélo.

Ao Brazil cabem desta familia apenas tres especies, formando porém cada especie um genero distincto. São: 1) *Mycteria americana*; 2) *Ciconia maguari*; 3) *Tantalus loculator*. Entretanto podemos logo acrescentar, que as mesmas tres especies — $^1/_6$ ou $^1/_7$ do total — constituem ao mesmo tempo o quinhão integral não sómente da fauna neotropical, como da fauna americana em geral: além do nosso « tuyuyú », do nosso « cauauã » e do nosso « passarão » não existe outra especie de cegonha no continente americano.

Linhas mais exactas de distribuição geographica dentro do territorio brazileiro não se podem assignalar para alguma das tres especies supramencionadas, pois habitam ellas no Brazil, desde o extremo Norte até o extremo Sul por toda parte em localidades que possuem os requisitos topographicos acima indicados; a primeira e a terceira especie estendem-se septentrionalmente mesmo até o Mexico e a America Central.

E' justo principiar com *Mycteria americana*, uma das maiores cegonhas do globo, chegando quando adulto, quasi a igualar o comprimento de um homem. Nos grandes rios do interior chamam-no « *Iabirú* ou « *Iaburú* » « *Iaburú-moleque* », em Mato Grosso tem o nome de « *Rei dos Tuinins* » ou « *Tuinin de cabeça vermelha* »; no Norte ouço chamal-o concordantemente « *Tuyuyú* » (Pará, Marajó) E' na aviaria neotropica um dos gigantes — o segundo na escala, pois vem logo depois da Ema; é tambem uma das formas carnavalescas á que acima alludi. O poderoso corpo é revestido de pennas brancas; pretas são as robustas pernas, a cabeça, e a parte superior do pescoço. Uma physionomia exquisita lhe empresta a cinta encarnada da parte inferior do pescoço, a completa nudez da cabeça e do pescoço, a fórma e o tamanho do bico colossal, que é achatado lateralmente, ligeiramente curvado para cima e que deixa, nos exemplares velhos. no meio um espaço vasio entre parte de cima e parte de baixo. Completa-a um par de olhos, que estou tentado de chamar de maliciosos; são em constante movimento e traem, que por detraz de uma apparencia philosophicamente calma e inoffensiva se esconde um caracter assaz malvado. O sacco gular vistosamente bicolor — preto e encarnado — póde servir, mediante sua maior ou menor dilatação, de criterio para julgar da disposição psychica: é (tufado) a modo de monstruoso papo no affecto e mostra-se frouxo, em completo collapso, quando o tuyuyú está satisfeito ou

indifferente, bamboleando exquisitamente durante a marcha grave ou qualquer movimento do corpo. Esta dilatação é acompanhada *pari passu* por um colorido mais ou menos intensivo da zona encarnada do papo. Exemplares novos têm ainda a cabeça e o pescoço revestido de pennas parcamente disseminadas e têm o corpo tanto mais bruno escuro, sujo (em vez de branco), quanto mais novos forem; conheci-os como doceis, intelligentes e incansaveis pedinchões de comida, que elles reclamam a seu dono por um sibilo agudo, quasi que surprendente em uma ave de tamanha estatura. O tuyuyú sabe admiravelmente manejar o seu bico phenomenal, amassando e parcellando n'agua com a ponta o alimento, seja por exemplo um peixe, um pedaço de carne meio pôdre — pois não se importa com um certo «haut-gout» —, fazendo-o depois desapparecer no insaciavel esophago depois de jogal-o para o ar, com um movimento tão elegante quão certeiro. Com o bico bate frequentemente em demonstração de contentamento, produzindo um ruido forte, perceptivel á distancia, similhante ao de matraca.

Tivemos na foz do Amazonas amplamente occasião de observar em vida o tuyuyú, tanto em liberdade, como no captiveiro. Associa-se nos lagos de Marajó aos interminaveis enxames de passarões, garças e guarás, mas é menos numeroso, contando-se geralmente sobre mil dos primeiros senão dois, tres, até uma meia duzia de tuyuyús. Graças ás suas respeitaveis dimensões, destacam-se de longe entre os seus congeneres, similhando á uma praça encarregada de vigiar a longiqua praia. São ariscos e exigem um tiro muito bem applicado. Individuos com uma perna ou uma aza mutilada defendem-se heroicamente com seu poderoso bico; a rendição destes prisioneiros é trabalho assaz duro e mesmo arriscado para o caçador, como sei por propria experiencia.

O tuyuyú já era conhecido por Markgrav; o Principe Maximiliano o observou na Bahia, Castelnau no Rio Araguay, Lund e Reinhardt no sertão de Minas, Natterer em Paraná, Mato Grosso, no Rio Branco e no Rio Negro.

Ouvi em Marajó, que o ninho, comparavel á uma grande roda de carroça quanto á seu tamanho, acha-se em arvores alterosas; em agosto de 1896 offereceram-se-me os vaqueiros numa fazenda do Cabo de Magoary para me mostrar um ninho *in situ*, mas a

muita agua que então havia nos campos não me tornou possivel a visita.

A Africa possue um proximo parente do nosso tuyuyú, Mycteria sénégalensis.

Ciconia Maguari, chamado « *Iabirú*, *Tapucaja* » no sul e no Brazil central, conhecido no Pará e na fóz do Amazonas, conforme minha propria experiencia, com a designação popular de « *cauauã* », repete mais fielmente o typo da genuina cegonha européa (*Ciconia alba*). E' todavia muito maior, como com razão accentua o excellente Burmeister. O corpo é branco-alvo; pretos, com brilho verde metallico, são os remigios e a cauda; de cor de carne são o rosto e as pernas.

Profundamente lamento a confusão que ameaça resultar da identidade do nome especifico (*maguari*) actualmente aceito na sciencia com o nome trivial em voga por todo o Norte do Brazil para Ardea cocoi, pois « Maguary » é a designação usada pelo povo para esta grande garça e não para a cegonha, de que tratamos. Póde haver maior descalabro que uma discordancia tão fundamental entre a nomenclatura scientifica e a popular? A substituição por um novo nome especifico é uma necessidade incontestavel, sensivel sobre tudo para a historia natural patria. E, visto que o « *cauauã* » é a unica especie de cegonhas, que quasi exclusivamente se acha restricta ao territorio deste paiz, parece-me, que com vantagem a nossa ave poderia chamar-se d'ora em diante *Ciconia braziliensis* em lugar de *Ciconia maguari*.

O « *cauauã* » é uma daquellas aves, que até agora se tem furtado bastante á minha observação directa, em estado de liberdade. Encontrei-o uma meia duzia de vezes nos campos alagados da Ilha de Marajó, mas sempre isoladamente e sempre á distancia tal, que estava fóra do alcance de um tiro com chumbo. Como eu o conheço do Norte do Brazil, afigura-se-me como ave sobremodo arisca, muito mais do que a especie européa. No mesmo sentido pronuncia-se tambem Burmeister. Natterer todavia conseguiu reunir nove exemplares durante as suas viagens no Brazil; obteve-os em Mato Grosso e no Rio Branco. Um dos exemplares que elle colleccionou em Caiçara (Mato Grosso), tinha nada menos de 21 rans no estomago —

prova cabal, de que a nossa cegonha, além dos misteres profissionaes que a fantasia infantil, habilmente guiada pela providencia materna, attribue á esta estirpe de aves, é assás dada aos prazeres gastronomicos.

No Pará tive occasião de observar um exemplar, vindo do Maranhão, no captiveiro, e ganhei boa impressão do seu caracter.

Já o antigo Markgrav cita o « *cauauã* », certamente o terá visto em Pernambuco; o Principe zu Wied o observou no Rio Belmonte (Bahia), Lund e Reinhardt viram no Rio S. Francisco, Spix diz tel-o encontrado tanto nos arredores do Rio de Janeiro, como na Ilha de Marajó—localidades onde recentemente ainda foi visto por mim (lado Atlantico).

Resta-nos considerar *Tantalus loculator*, a terceira entre as cegonhas indigenas. Dão-lhe na Amazonia os nomes trivaes « *passarão* » e « *cabeça de pedra* ». E' no seu habitus uma ave bastante parecida com a especie precedente, porém de tamanho menor. Não se póde confundil-a com outras formas: ao passo que o « *tuyuyú* » tem o bico literalmente comprido e virado para cima, e o « *cauauã* » o bico rectilineo, moldado conforme o typo europeu, o « *passarão* » tem o seu bico mais arredondado, um tanto cylindrico, com a curvatura dirigida para baixo. O colorido não differe essencialmente do das especies precedentes. Cabeça e pescoço, parcamente empennados nos individuos novos, tal qual como no caso do « *tuyuyú* », ficam completamente nús nos exemplares velhos, cobrindo-se gradualmente com umas caspas, que não servem lá justamente para embellezar a « tenue ».

Na ilha de Marajó e no litoral da Guyana o « *passarão* » é encontrado, com frequencia tal, que se póde chamal-o com toda razão apparição quotidiana. No Rio Arary, no Cabo de Magoary, no Amapá vi-o aos milhares e não póde haver duvida, que elle representa a especie de muito a mais commum entre os tres representantes patrios da familia das Ciconiidæ e talvez mesmo entre a pleiade de aves aquaticas em geral. Vivi naquellas regiões com os meus companheiros de caça durante semanas quasi exclusivamente de carne de « *passarão* », da qual guardo a melhor lembrança, pois é inegavelmente saborosa e nutritiva. O « *passarão* » é um

voador magistral, como aliás tambem todas as especies congeneres. Nada mais edificante para um naturalista e caçador do que assistir num daquelles campos estensos da Ilha de Marajó á passagem dos numerosos bandos de «*passarões*», revezando com outros compostos de garças, guarás e colhereiras, que de manhan e de tarde mudam de lugar, dos rios para os lagos centraes e vice-versa! Voam calmamente e em altura pouco consideravel, quando não se sentem perseguidos; durante a tarde ou depois de um tiro «fazem verão», levantando-se ás vezes em soberbas linhas espiraes á alturas enormes, quasi a perder de vista, apresentando um espectaculo deveras grandioso, altamente esthetico—uma recreação para os olhos, tanto pelo lado coloristico como pelo lado da elegancia gymnastica. Mesmo voando conhece-se o «*passarão*» de longe, graças ao contraste vivo do branco-alvo do seu corpo com o preto nas azas.

No Brazil escreve o Principe zu Wied: "*Tantalus loculator* é a mais commum entre as grandes aves aquaticas. Seu corpo é estreito e elle vada passeiando com as suas pernas compridas pelos brejos e aguas estagnadas. Encontra-se de preferencia lá, onde lagos e pastos humidos alternam com ilhas de matta. Quando espantado, voa de uma agua para qualquer outra vizinha, empoleirando as vezes sobre arvores muito altas, onde me dizem que elle tambem faz o seu ninho. Geralmente observamos esta ave em grandes sociedades durante a nossa viagem costeira. *Tantalus loculator* seria uma bella ave, si não possuisse aquelle pescoço feio, nú e escamoso, que lhe empresta um que de urubú. Lembro-me de ter nelle notado um cheiro um tanto desagradavel. No Brazil vi usarem para a escripta os grandes remigios tanto desta cegonha, como das duas outras.» No Pará possuimos actualmente um passarão vivo, que me trouxeram ainda novo, tendo a cabeça e pescoço empennados e a côr do corpo ainda bastante escura.

Spix e Martius observaram o *Tantalus loculator*—que, seja dito de passagem, possue proximos parentes na Africa e na Insul-Asia—durante a sua expedição scientifica nas margens do Rio S. Francisco, encontrando estes viajantes numerosos bandos desta especie, como de outras e de garças. Natterer colleccionou o «*passarão*» tanto no Paraná, como em Mato Grosso e no Rio Negro.

Dados seguros e completos acerca do ninho e dos ovos, emfim sobre os pormenores da reproducção, faltam até hoje na literatura,

tanto relativamente ao *Tantalus loculator*, como ambem aos dois parentes maiores. Todavia cheguei a visitar uma colonia — um «*ninhal*»—de «*passarões*» em agosto de 1896 no Rio Pacovalinho (Cabo de Magoary, Marajó).

Num cotovelo de um affluente solitario do dito rio viam-se já uns 30 ninhos principiados, distribuidos aqui e acolà sobre os galhos de um grupo de altaneiras «siriúbas» (Avicennia), em elevação consideravel sobre o nivel d'agua. Nada de especial pude notar sob o ponto de vista da architectura; eram as mesmas grandes e vistosas rodas, formadas de gravetos e galhos, como as fazem todos os membros das familias dos Ciconiidae e Ardeidae. Era ainda cedo então para a postura; não consegui os ovos nem do «*passarão*», nem tão pouco do «*tuyuyú*» e do «*cauauã*».

A este respeito julgo que qualquer vaqueiro em Marajó sabe mais do que consta pelos annaes da sciencia. Como tenho diversos amigos esclarecidos entre os fazendeiros daquella ilha, quero crer que mediante o seu auxilio a elucidação se fará por estes annos futuros. Em todo o caso fica aqui archivado, que os pormenores da reproducção das cegonhas brazileiras são ainda ignorados: aviso com endereço aos amigos da natureza patria e appello, do qual desejo que não passe despercebido por aquelles, que se acham em situação privilegiada de residencia na proximidade de ninhaes.

Dr. Emilio A. Goeldi

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO.—A proposito das aguas do rio Amazonas.—A expedição antarctica belga.

Em geral é pouco conhecida a composição das aguas dos rios que constituem o riquissimo systema hydrographico do Brazil. E' pois de grande interesse o folheto que acaba de publicar o Dr. Fried. Katzer, distincto geologo e actualmente director da secção geologica do Museu paraense, sob o titulo *Das Wasser des unteren Amazonas* (A agua do baixo Amazonas), e em que se encontram os resultados das analyses que o mesmo doutor fez de 13 amostras da agua do rio Amazonas, colhidas em diversos pontos deste rio.

Sem publicarmos *in extenso* a composição dessas diversas amostras, limitar-nos-emos a dar sómente aqui para quatro analyses, o residuo da evaporação a 110° C. de 1 litro dagua, como segue:

Lugar	*Residuo em grams.*	*Maré*	*Data*
1. Obidos	0.039	. . . . .	30 de junho de 1896.
2. Bocca do Amazonas — Tocantins . . . . . (Neste residuo figura: o chlorureto de sodio com 5.6415 e o chlorureto de magnesia com 1.0276).	7.3208	Baixa	3 de dezembro de 1896.
3. Agua do mar, lado Septentrional do Cabo Magoary. . . . . (Sendo: chrorureto de sodio 3.5270 e chlorureto de magnesia 0.3200).	4.412	Cheia	30 de novembro de 1896.
4. Mosqueiro . . . . . (Sendo: chlorureto de sodio 9.3048 e chlorureto de magnesia 1.1530).	11.228	Cheia	5 de dezembro de 1896.

Puzemos em nota o estado da maré porque, como diz em suas conclusões, o Dr. Katzer, esta influe sensivelmente sobre a maior ou menor riqueza em sal da agua analyzada.

Transcreveremos agora uma noticia resumida devida á penna do proprio Dr. Katzer, fazendo votos para que taes trabalhos possam ser seguidos de outros de igual interesse:

« A composição da agua do rio Amazonas é quasi completamente desconhecida, pois na literatura existe até agora apenas uma analyse, que *T. Mellard Reade* mandou fazer de uma amostra tirada perto de Santarem a meio rio, em junho de 1876. Sabe-se que Santarem não fica na margem do Amazonas mesmo, e sim na margem sul do rio Tapajoz, perto do lugar, onde este desemboca no Amazonas; e na falta de toda e qualquer informação si aquella amostra de agua foi tirada acima ou abaixo da foz do Tapajoz, esta até agora unica analyse perde infelizmente muito do seu valor.

Para ter uma idéa da composição da agua do Amazonas, eu mesmo fiz algumas analyses de amostras, que tinha trazido das minhas viagens em junho e julho e em novembro e dezembro de 1896. E' verdade que estas analyses não são muito numerosas nem completas; mas sempre formam a *primeira base concreta* para fazer-se um juizo sobre as qualidades que tem a agua do maior rio do mundo, no seu curso inferior e na aproximação da sua foz.

Todas as amostras de agua foram tiradas com as necessarias precauções, arrolhadas e cuidadosamente etiquetadas; as analyses foram executadas segundo os methodos mais novos com o maior cuidado, e em parte conduziram a resultados inteiramente inesperados e contrarios a todas as supposições anteriores.

Foram analyzadas 13 amostras differentes de agua, a saber: 2 de Obidos, 1 de Breves, 2 do Pará, 1 do Mosqueiro, 2 da bocca do Tupynambá, 1 da bocca do Amazonas-Tocantins, 1 do oceano Atlantico a leste e 1 ao norte de Marajó, e 2 da costa septentrional do cabo Magoary.

Para dar exemplos da composição da agua do rio Amazonas será aqui sufficiente referirmo-nos sómente a 4 destas analyses: 1) da agua de *Obidos*, a que contém menor quantidade de ingredientes solidos, tirada em 30 de junho de 1896 a cerca de 25 metros de profundidade; 2) da agua da *bocca do Amazonas-Tocantins* (rio Pará) tirada á maré baixa em 3 de dezembro de 1896 a meio rio e a leste da bocca do rio Cumbú; 3) da agua tirada na praia septentrional do cabo Magoary perto da *fazenda da Gloria* em 30 de novembro de 1896 á maré alta; e 4) da agua do *Mosqueiro* tirada tambem á maré alta em 5 de dezembro de 1896. Esta ultima agua de todas as amostras analyzadas contém a maior quantidade de sales.

Todas as amostras da agua contém algumas substancias insignificantes e uma microfauna e microflora mais ou menos rica, das quaes tratou-se bastante detalhadamente no trabalho original. [1]

Os resultados das analyses da agua do baixo Amazonas e os obtidos pela sua comparação são extremamente interessantes; aqui porém temos de limitar-nos a uma curta recapitulação das principaes conclusões, a que chegámos e que são os seguintes:

1.) A agua do Amazonas perto de Obidos é extraordinariamente pobre em substancias dissolvidas, de maneira que o Amazonas deve ser considerado como *um dos rios mais limpos do mundo.* Apezar disto a quantidade de materias em solução e suspensas que leva ao oceano, é immensa.

Admittindo que cerca de 100.000 metros cubicos de agua passam em cada segundo pelo estreito de Obidos, temos que o Amazonas transporta por este estreito, na média e por anno, 149,796.000 toneladas de substancias dissolvidas e 468,359.600 toneladas de materias suspensas. E' por isso de 618,155.600 toneladas a quantidade de substancias solidas, dissolvidas e suspensas, que só pelo estreito de Obidos o Amazonas annualmente leva para o oceano.

Sendo immensa esta quantidade, que certamente não é demasiada para o estreito de Obidos, mais facilmente poderemos nol-afigurar, expressando-a em um certo numero de trens de carga. Assim, pois seriam diariamente precisos 5645 trens de carga de 30 carros de 10 toneladas cada um, para transportar as materias dissolvidas e suspensas que passam pelo estreito de Obidos. Isto quer dizer, que seria necessario expedir *dia e noite, sem interrupção, quatro comboios em cada minuto* para transportar todas estas materias. Só para o acido silico dissolvido seriam na média necessarios 311 comboios com 9331 carros e para o calcio 374 comboios com 11.232 carros, emquanto os silicatos, materias argilosas e outras substancias suspensas na agua exigiriam para o seu transporte até 2.857 comboios de 30 carros de 10 toneladas cada um!

Mas pelo estreito de Obidos *não passa toda a agua do Amazonas,* e de Obidos para baixo, o rio augmenta ainda consideravelmente, especialmente pelos enormes tributarios: Tapajós, Xingú, Parú, Jary e outros. Poderemos então fazer uma idéa das immensas quantidades de materias suspensas e dissolvidas, que o rio-mar leva para o oceano, não tomando em consideração o detritus grosso que rapidamente vai para o fundo. Não será, pois, excessivo avaliar as quantidades annualmente levadas para o

---

[1] Dr. Fried Katzer: *Das Wasser des unteren Amazonas.* Sitzungsberitchte der Kgl. Böhm, XVII. Gesellschaft d. Wissenschaften, 1897, XVII.

oceano em 300 milhões de toneladas de substancias dissolvidas e em 1000 milhões de toneladas de substancias suspensas.

2) A quantidade de materias suspensas na agua do Amazonas *não é consideravelmente maior do que em outros grandes rios*, mas é possivel que ella soffra mais a influencia de circumstancias locaes e de tempo. A mistura com a agua salgada do mar parece tambem *diminuir* a quantidade de materias em suspensão.

3) A' maré-baixa a agua na foz do Amazonas nunca contém tanto sal como se encontra na agua á maré-alta, mesmo a grande distancia da foz; na cheia, porém, a agua salgada do oceano nunca predomina por muito tempo sobre a agua doce.

4) A influencia das massas de agua do rio Amazonas sente-se *muito para fóra da costa*, pois á maré-baixa na agua misturada e alguns kilometros a leste do cabo Magoary (na ilha de Marajó) a agua doce predomina muito sobre a agua salgada (3/4 de agua doce, 1/4 de agua do oceano).

5) De outro lado a influencia do mar estende-se *muito rio acima*, notando-se ainda no canal de Breves, cerca de 200 kilometros da foz, uma mistura da agua amazonica com a do oceano.

6) A quantidade de sal que contém a agua misturada *na bocca do Amazonas-Tocantis é em geral maior* do que na foz do Amazonas entre Marajó e a terra firme da Guyana Brazileira; mas fica por averiguar si ha uma corrente de agua muito salgada (como diz o professor *O. Kersnisel*) que, dobrando a Ponta da Tijoca, entra na bocca do Amazonas-Tocantins.»

Como o faz notar o Dr. Katzer, a agua do Amazonas colhida em Obidos, e que deixa pela evaporação a 110° C. um residuo de apenas 39 milligrammas de materias dissolvidas, póde ser considerada como uma das mais puras do mundo. Não será talvez fóra de proposito lembrar aqui alguns resultados que obtivemos pela analyse hydrotimetrica de amostras d'agua tomadas em diversos rios da zona demarcada por occasião dos estudos que fizemos em Goyaz para a projectada mudança da Capital da União.

A analyse hydrotimetrica, é, como se sabe, um processo rapido que dósa englobadamente os saes calcareos e magnesianos, a alumina, a silica e o ferro contidos nas aguas, e embora constituindo apenas uma analyse aproximada, fornece, no emtanto, dados muito uteis sobre a qualidade das aguas; é, de alguma maneira, um exame preliminar muito precioso em explorações, pois que, necessita um material pequeno e manipulações que se podem effectuar rapidamente. O gran hydrotimetrico corresponde aproximadamente a 11 milligrammas de um dos seguintes saes: chlorureto de calcio, magnesia ou sodio, carbonato ou sulfato de calcio,

de magnesio, ou sulfato de sodio, etc. Sabendo, pois, que a agua distillada corresponde a 0° da escala hydrotimetrica, um grau qualquer de uma agua indica logo sua maior ou menor firmeza, ou ainda, seu *grau de dureza* principalmente devido á presença dos saes calcareos e magnesianos.

Isto posto, um rapido exame dos algarismos infra-publicados e que representam o grau hydrotimetrico de diversas aguas, entre as quaes figuram as que analyzamos no Planalto Central, bem como de rios europeus, e do rio Amazonas, [1] mostra que a pureza das aguas do Planalto é excessivamente consideravel.

	AGUA DO	GRAU HYDROTIMETRICO	OBSERVAÇÕES
BRAZIL.....	Rio Jardim.....	1°.5	Affluente do rio Preto, tributario do rio São Francisco.
	» Ponte Alta.	2°.0	Affluente do Corumbá, tributario do Paranahyba
	» Descoberto.	2°.3	
	» das Almas.	2°.5	Affluente do Tocantins.
	» Gama.....	2°.5	» do rio Bartholomeu, tributario do Paranahyba.
	» Paruaná....	3°.0	
	» Torto.....	3°.0	
	» Amazonas..	3°.9	Em Obidos.
	» Preto.....	4°.2	Affluente do rio S. Francisco.
FRANÇA.....	» Loire.....	5°.5	Em Tours e Nantes.
RUSSIA.....	» Neva.....	6°.0	Em S. Petersburgo.
INGLATERRA..	» Edimburgo.	7°.0	Abastecimento.
ITALIA.....	» Roma.....	11°.2	»
FRANÇA.....	» Rhodano....	13°.5	Em Lyão.
»	» Sena.....	15°.0	Em Paris.
INGLATERRA..	» Tamisa.....	15°.0 a 23°.0	Londres.
«	» Liverpool...	16°.8 a 21°.0	Abastecimento.

Convém, todavia, notar, que as amostras de agua cujo grau hydrotimetrico determinamos no Planalto Central, foram todas tomadas em ponto do curso dos diversos rios não muito afastado de suas nascentes.

Já vão longe os ousados exploradores que, fiados em sua estrella, navegam a estas horas em busca de novas descobertas. A *Belgica*, trazendo a seu bordo o commandante de Gerlache e seus valentes compa-

[1] Podemos admittir, sem erro muito sensivel, que tendo a amostra d agua tomada em Obidos, dado como residuo 0.039, o seu grau hydrotimetrico corresponde aproximadamente a 4°0.

nheiros, aportou no Rio de Janeiro a 22 de outubro e, depois de uma demora de oito dias, aproveitados em completar seu provimento de viveres seguiu para seu destino, no dia 30. Tambem foi utilizado o tempo para fins scientificos. O Sr. Danco esteve assiduamente trabalhando no observatorio astronomico, determinando os valores dos elementos magneticos e o comprimento do pendulo, o que constitue uma parte importante do programma de investigações que o commandante de Gerlache pretende realizar. O material scientifico que leva a expedição é multissimo completo e proprio para quaesquer trabalhos que dizem respeito a geophysica e, com especialidade, á meteorologia, ao magnetismo terrestre e a oceanographia etc., etc. Igualmente não serão esquecidos os estudos concernentes aos tres reinos da natureza.

Embora seja esta expedição das mais arriscadas, a pericia e a tenacidade de que o seu chefe deu constantes provas, durante os tres longos annos que necessitou para organizal-a convenientemente, o enthusiasmo de que se acham animados seus companheiros e a sua proficiencia, são, a nosso ver, penhores sufficientes do bom exito deste magno emprehendimento.

Em nossa proxima Revista Scientifica esperamos poder ministrar aos nossos leitores algumas informações detalhadas, ácerca dos apparelhos e instrumentos de que se acha provida a expedição.

Por emquanto nos é extremamente grato salientar o acolhimento sympathico que todos os membros da expedição antarctica belga receberam por parte do povo brazileiro e com especial menção da imprensa desta capital.

Dentre muitos brazileiros que maior interesse mostraram, devemos citar o nome do Almirante Jacegnay que por todos os meios á seu alcance procurou servir a expedição.

L. Cruls

BIBLIOGRAPHIA

97. — **A Literatura Brazileira**, por Valentim Magalhães (1870 — 1895). — *Noticia critica dos principaes escriptores, documentada com escolhidos excerptos de suas obras em prosa e verso.* Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, 52 — Rua Augusta 52, 54—(1896)—300—VII—paginas.

O novo livro do Sr. V. M. é uma especie de reproducção, não sabemos si resumida ou não, de tres conferencias por elle feitas em Lisboa, quando ali esteve, ha cerca de dois annos e meio. Nas conferencias e no livro o operoso escriptor fluminense teve por alvo principal, conforme sua propria declaração, fazer uma larga e ruidosa propaganda de nossa literatura em Portugal. « Realizei, escreve elle nas paginas intituladas—*No Limiar*—com que abre a nova obra, realizei em parte, o meu plano e com um exito que ultrapassou de muito a minha espectativa. As tres conferencias em que apresentei ao publico letrado de Lisboa os escriptores mais notaveis da minha terra nos ultimos cinco lustros foram ouvidas com attenção e interesse, e applaudidas com calor. »

Sem desdenhar dos serviços que aos literatos brazileiros da actualidade tenha porventura prestado o Sr. V. M., agradecendo até aos escriptores de Lisboa a fineza de terem ido ouvir o nosso patricio, honrando-o assim a elle e a nós todos, que de letras nos occupamos no Brazil, não podemos deixar de admirar a facilidade que tem a curiosidade lisbonense em contentar-se; por quanto as conferencias do Sr. V. M., si foram iguaes ao seu livro, nem de caso pensado e por encommenda, perdoe-nos que lh'o digamos, poderia elle encontrar coisa mais impropria para dar uma idéa, por superficial que fosse, da vida espiritual brazileira neste derradeiro quartel do seculo. Na impossibilidade de julgar as conferencias, e forçados a dizer do livro, que apparece como uma reproducção daquellas, peza-nos affirmar, mas é a verdade, que elle encerra todos os defeitos imaginaveis em obras deste genero: ausencia de methodo na exposição da materia, lacunas, erros crassos, affirmações gratuitas e aereas, falta de criterio na classificação das escolas, incapacidade de pintar e definir os autores. As provas de tudo isto estão ali ás mãos cheias. O livro divide-se em duas partes: a primeira trata dos *prosadores*, a segunda dos *poetas*. Entre aquelles detem-se ante *romancistas*, *novellistas*, *contistas*, *historiadores* e *criticos*. Nem uma palavra para os *oradores*, os *jornalistas*, os *dramaturgos* e os *comediographos*.

O Sr. V. M. ha de convir ser demasiado falho um quadro da literatura brazileira em nosso seculo onde debalde se procuram os nomes de um Salles Torres Homem, de um Justiniano da Rocha, de um Ruy Barbosa, de um Joaquim Nabuco, jornalistas e oradores de primeira ordem, capazes de hombrear com os melhores do velho mundo, e que são das mais possantes mentalidades que tem produzido esta terra. Deve tambem convir ser injustificavel a ausencia em coisas de literatura brazileira dos nomes de Martins Penna, Agrario de Menezes, Joaquim Serra e França Junior, pelo menos estes quatro, que devem apparecer ao lado de Macedo e Alencar, cujas caracteristicas não ficam absolutamente feitas, sinão são estudados como escriptores de theatro. Mas, emfim, aceitemos o livro do Sr. V. M. como elle nol-o quiz dar e sigamol-o capitulo a capitulo.

O primeiro delles, consagrado aos prosadores, occupa-se dos *romancistas, novellistas e contistas*. E principia: «José de Alencar no romance Gonçalves Dias na poesia, — eis os dois fundadores da Literatura Brazileira, com a creação do Indianismo». Duplo erro: nem Dias e Alencar crearam o indianismo nem este é a literatura brazileira. «Mas a José de Alencar, pois que somente delle devo tratar nesta parte do meu ligeiro e perfunctorio estudo, não cabe apenas essa gloria; elle foi tambem o creador da linguagem brazileira na lingua lusitana. Teve essa preoccupação louvavel e essa admiravel concepção. Comprehendeu que os escriptores brazileiros não deviam usar da linguagem quinhentista, obsoleta, propria da natureza, dos costumes, da vida de Portugal, em meio daquella natureza pujante, risonha, fecundissima, daquelles costumes tão outros dos Europeus, daquella vida livre, franca, impetuosa, quasi de todo selvagem. E descobriu o filão precioso, explorado depois com exito por Baptista Caetano, Macedo Soares, Beaurepaire Rohan e outros.» Triplice engano: escriptor nenhum crêa uma linguagem, e, pois, Alencar, falando como se fala no Brazil, nada creou, nem o podia fazer; tambem não é verdade que a *linguagem quinhentista* seja a da vida portugueza actual, a ponto de que Alencar, evitando *o quinhentismo*, evitasse implicitamente o lusismo hodierno; não é verdade, finalmente, que Baptista Caetano e outros tenham explorado um filão descoberto por Alencar, pois esses linguistas não são escriptores de officio e fizeram apenas alguns parcos estudos sobre o que se veiu a chamar impropriamente o *dialecto brazileiro*.

Falando ainda de Alencar, affirma o Sr. V. M.: «Faltou-lhe, porém, como a Alexandre Herculano, a faculdade de criar proselytos, de attrair os moços, de fundar escola; e d'ahi o haver ficado, como o autor de *Eurico*, um solitario, um abandonado». Duplo equivoco: Oliveira Marreca, Rebello da Silva e Mendes Leal, para não lembrar sinão tres grandes nomes, proseguiram na trilha indicada por Herculano, e muito fraca é a intuição literaria do Sr. V. M. si ella lhe não mostra o espirito alencaresco — em muitas das creações de Escragnolle Taunay, de Araripe Junior, de Bernardo Guimarães, de Salvador de Mendonça, e até de Franklin Tavora e de Machado de Assis em suas primeiras obras.

A serie dos romancistas é, no livro, aberta com Alencar, e segue-se-lhe, sem o menor criterio, nem esthetico nem chronologico, Bernardo Guimarães. Só após apparece o nome do autor da *Moreninha*. De Teixeira e Sousa, Carneiro Villela, Celso de Magalhães, Rodolpho Theophilo, nem palavra. Mas o que não merece a mais leve desculpa é a ausencia completa e inexplicavel do homem que, no romance, é o que Martins Penna foi na comedia, Manoel Antonio de Almeida!...

Será possivel que o Sr. V. M. não conheça as *Memorias de um Sargento de Milicias?* E' verdade que as *Mulheres de Mantilha* de Manoel de Macedo, mandou-as o critico fluminense em *Bentas de mantilhas*, o que tudo parece

indicar não serem muito seguros seus estudos em assumptos literarios nacionaes, a despeito da *ruidosa propaganda* que delles se propoz fazer em Portugal. Quanto á indole de sua critica, isto é, quanto ao espirito de sua analyse, ao valor de sua philosophia esthetica, á maestria de seu talento na difficil arte de Sainte-Beuve e Taine, o livro de que nos occupamos é quasi mudo, porque de cada autor o Sr. V. M. nada diz de fundamental e caracteristico, limitando-se a generalidades banalissimas nesse capitulo dos romancistas, como em todos os mais.

O capitulo II dos prosadores é dedicado aos *Historiadores e criticos*, e abre por umas vinte linhas consagradas ao Sr. João Manoel Pereira da Silva. Logo após se lêm estas palavras: «Não me referirei aos historiadores preteritos — o grande Varnhagem (Varnhagen é que devia ser), Abreu e Lima, Fernandes Gama, e o proprio conego Fernandes Pinheiro, por estarem fóra do plano deste trabalho».

Não é verdadeiramente singular que, tratando-se de historiadores brazileiros neste seculo, nomeiem-se um Abreu e Lima, um conego Pinheiro, e até um Fernandes Gama, e deixem-se na sombra—um Candido Mendes, um Norberto e Silva, um Joaquim Caetano, um Rafol, um Felicio dos Santos, um barão do Rio Branco, um Capistrano de Abreu, um Oliveira Lima, para não falar nas anteriores figuras de Cayrú, Pizarro, Balthazar Lisboa, São Leopoldo, Ignacio Accioli e Mello Moraes?

E que se poderá dizer da ausencia do nome de João Francisco Lisboa, que até hoje é ainda o nosso primeiro historiador e para muita gente o nosso primeiro prosador?

O autor poder-nos-á dizer:—«Não quiz fazer obra completa.»

Mas, então, não nos viesse lembrar Fernandes Gama, e deixar no tinteiro o extraordinario e glorioso historiador de Beckman.

Entre os criticos apparecem os nomes dos Srs. Sylvio Roméro, Tobias Barretto, Araripe Junior, Franklin Tavora, José Verissimo, Rocha Lima, Clovis Bevilaqua, Capistrano de Abreu, Tito Livio de Castro e Eunapio Deiró. Como se está a vêr, é uma lista mais ou menos completa, si a compararmos com as dos historiadores e romancistas. Em todo caso, bem lacunosa idéa formará do desenvolvimento da critica no Brazil quem a conhecer pelas quatro paginas que lhe consagrou o Sr. V. M.

Não seria preferivel que o illustre conferenciador se houvesse remontado ás origens do genero no Brazil em dias da Regencia e dos primeiros annos do segundo reinado, e destacasse a significação dos trabalhos de Cunha Barbosa, Nunes Ribeiro, Adet, Torres Homem, Porto-Alegre, Pereira da Silva? Passasse, depois, ao periodo intermedio de Fernandes Pinheiro, Sotero dos Reis, Joaquim Norberto, Alencar, Henriques Leal? Destacasse o valor dos espiritos de transição na critica, quaes foram — Macedo Soares, Eunapio Deiró, Franklin Tavora, e só depois tratasse da nova intuição, representada por alguns dos nomes que citou?

E porque occultou Celso de Magalhães e Arthur Orlando? E porque dá a Franklin Tavora por patria o Piauhy, quando toda a gente sabe que o saudoso autor do *Cabelleira*, do *Matuto*, de *Lourenço*, e de tantos outros bellos livros, era filho do Ceará? Que vantagem achou, por outro lado, o Sr. V. M. em trocar por *Estudos Amazonicos* os *Estudos Brazileiros* do Sr. José Verissimo?

Tudo isto está a indicar o nenhum cuidado com que foi feito o novo livro do autor da *Flôr de Sangue*.

Na segunda parte da *Literatura Brazileira* occupa-se o Sr. V. M. dos poetas e os classifica deste modo: I. *Poetas luso-brazileiros*; II. *Indianismo e Romantismo*; III. *Os mallogrados, ou Escola de morrer joven*; IV. *Os hugoanos, ou Escola do Condor*; V. *Musa Civica, ou Escola do Chacal*; VI. *Parnasianismo*; VII. *Os desorientados*; VIII. *Os emancipados*. E' a classificação

que o A. dá á pag. 37 de seu livro. Entretanto, no desenvolvimento do assumpto, que vai de pag. 39 a 82, depara-se-nos classificação differente e é a seguinte pelos titulos dos capitulos: I. *Poetas luso-brazileiros;* II. *Indianismo e Romantismo;* III. *Os mallogrados, ou Escola de morrer jovem;* IV. *Os hugoanos, ou Escola do Condor;* V. *Musa Civica ou Escola do Chacal;* VI. *Os poetas menores;* VII. *Os emancipados;* VIII. *Os desorientados*. Como se vê, não é esta classificação precisamente a mesma que tinha sido dada a principio, e cujo desenvolvimento se promettera.

Os *emancipados* mudaram de lugar; o *parnasianismo* desappareceu, sumiu-se na famosa *Escola do Chacal*, e surgiram, a lhe tomar o lugar, os *poetas menores*.

Isto, porém, é nada diante de coisas muito mais graves.

O Sr. V. M. em todo o correr de seu livro não tem uma palavra siquer para certo genero de poesia, que representa, talvez, o que de melhor possuimos na divina arte, e, com certeza, constitue uma das faces mais importantes da evolução literaria nesta porção d'America. Sabe-se que a constituição do romantismo na Europa, e mais tarde em todo o mundo occidental, coincidiu com o grande despertar dos povos, após as immensas lutas e conquistas da Revolução e de Bonaparte, reacção que trouxe á politica — o famoso *principio das nacionalidades*.

O romantismo foi este principio mesmo applicado ás letras. D'ahi a chamada volta ás tradições populares, aos ideaes medievos, ás origens das nações modernas no que ellas tinham do lendario, imaginoso e sentido. Na Europa o phenomeno era de facil explicação e a tentativa tambem relativamente facil na execução. Os valorosos estudos historicos dos homens que iniciaram a nova phase da linguistica, da critica religiosa, da mythologia, do direito, do *folk-lore* nos começos de nosso seculo — desbravaram o terreno aos poetas. Simples foi a Italianos, Francezes, Allemães, Portuguezes, Hespanhoes, Russos, Inglezes, Scandinavos — indicar o filão meio esquecido de suas origens e tradições e mostrar-lhes o caminho novo a ser trilhado. Não assim na America e respectivamente no Brazil. Tinhamos durante tres seculos sido representados apenas como *Portuguezes*, meros continuadores do pensar da metropole.

O absurdo era evidente, e o nosso romantismo, que teve um extraordinario precursor na nunca assaz louvada *escola-mineira* do seculo passado, reagiu contra o exclusivismo, caindo, porém, no exagero de pretender, ao menos um certo tempo foi essa a sua illusão, representar-nos como *caboclos*, como *indios*... Tal é o significado historico e social da nossa escola indianista, e tal é o motivo porque nada póde justificar, digamos de passagem, que entre os nossos poetas, que chamou *luso-brazileiros*, tenha citado apenas o nome, illustre por outros titulos é certo, de Gregorio de Mattos, e não tenha tido uma palavra siquer para Claudio Manoel, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Gonzaga, não falando em Durão e Basilio a que o Sr. V. M. rapidamente se refere em paginas anteriores, quando trata de Alencar. Não é tudo; desfeita a illusão ou antes durante a illusão mesma dos *indianistas*, os nossos melhores poetas, romancistas, contistas, comediographos, e até muitos dos que um momento tinham sacrificado aos idolos caboclos, sabedores de que nós não somos nem portuguezes nem indios, começaram de olhar mais intensamente para as varias classes da população e com mais amor para nossos costumes genuinamente nacionaes, oriundos desse immenso *sincretismo*, que teve vindo a operar-se durante quatro longos seculos, e foram produzindo as paginas mais bellas e mais brazileiras de nossa literatura.

Nesse grupo é que têm lugar as creações superiores do theatro de Penna, de Macedo, de Agrario, de Alencar, de Augusto de Castro, de Joaquim Serra, de França Junior, de Arthur Azevedo; as melhores producções do romance de Manoel de Almeida, Bernardo Guimarães, Franklin Tavora

Celso de Magalhães, Escragnolle Taunay, Inglez de Souza e do proprio Alencar e Macedo, bastando lembrar deste as *Mulheres de Mantilha*, a *Moreninha*, as *Victimas Algozes*, o *Moço Loiro*, e do outro — *O Tronco do Ipé*, *Til*, *O Gaucho*, *O Sertanejo*; as paginas mais bellas das poesias de Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Joaquim Serra, Dias Carneiro, Bruno Seabra, Celso de Magalhães, Mello Moraes Filho, Trajano Galvão, Gentil Homem, Juvenal Galeno, e outros e outros; dos mais perfeitos contos e novellas dos modernos, como Coelho Netto, Affonso Arinos, Pedro Rabello, Escragnolle Doria, Adolpho Caminha, Domicio da Gama, Raul Pompeia, Aluizio Azevedo e muitos mais.

Os proprios poetas sectarios de outras escolas, um Alvares de Azevedo, um Varella, um Tobias Barretto, um Castro Alves, um Bernardo Guimarães, um Casimiro de Abreu, não deixaram de nos mimoscar com algumas paginas do genero; porque tinham o presentimento de seu valor como impressão do meio e dos costumes genuinamente brazileiros. Póde-se até dizer que de todas as manifestações da esthesia nacional é a mais completa, porque nada lhe falta: está representada no drama, no romance, na comedia, no conto, na novella, na poesia, no folhetim e até na critica literaria, porque outro não foi o movel inspirador, o principio dirigente de livros, como os *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil* — e a *Historia da Literatura Brazileira*.

O genesis dessa grande escola, tão amplamente ramificada, não é difficil de ser determinado. Acham-se as suas raizes na especie de protòromantismo que nós aqui tivemos desde os fins do seculo passado. Eram então, para quem sabe vêr, tres as correntes principaes de nossas inspirações e producções literarias, correntes que já se deixavam divisar, posto não tivessem ainda a clareza que assumiram mais tarde. Essas tres orientações eram: certo *lusismo* determinadamente *religioso*, cujo principal representante era o padre Souza Caldas; um *indianismo* incipiente, cujas notas mais intensas estão em Basilio e Durão; um *brazileirismo*, ora *bucolico* e *campestre*, ora *aldeão*, ora *burguez*, cujas mais vivas cores andam esparsas em Silva Alvarenga, em Gonzaga, em Claudio, em Peixoto, em Caldas Barbosa...

Quando se deu a evolução romantica, não tivemos nada quasi a mudar, além da fórma; o fundo permaneceu o mesmo; as tres correntes continuaram a rolar as suas aguas; a imaginação e o sentir brazileiro proseguiram os mesmos vôos, apenas com azas mais possantes: Magalhães continuou Souza Caldas, com quem tem innumeros pontos de contacto, Gonçalves Dias prolongou Basilio, de quem é digno irmão até na metrica, Porto-Alegre proseguiu os Alvarengas e Gonzaga, no que elles tinham de sentimento real da natureza e da paizagem. Este é o verdadeiro significado das *Brazilianas*, cujo valor intrinseco tem sido offuscado pelos *Suspiros Poeticos* e pelos *Primeiros Cantos*. Não é verdade que Magalhães seja um dos creadores, ou até um dos representantes do indianismo entre nós. Elle já tinha as *Poesias Avulsas*, as *Tragedias*, os *Suspiros Poeticos e Saudades*, quando só por imitação a Gonçalves Dias, o grande romantico do indianismo, saiu-se com a desastrada *Confederação dos Tamoyos*. Seu verdadeiro significado, como um dos tres progonos do romantismo entre nós, é o de representante da phase religiosa e *emanuelica* da escola, assim como o de G. Dias é o de guia do momento *indianista*, e o de Porto-Alegre é o de chefe e director do *brazileirismo*, em seu sentido mais geral, em que entram as scenas da natureza, da paizagem, dos costumes da roça, do campo, do sertão, as mil variedades do viver nacional de todas as classes e zonas do paiz. Pois bem: o Sr. V. M. passou por tudo isto como gato por brazas, sem enxergar os factos e sem comprehender os homens. E é esta, sem duvida, a razão porque em suas classificações não ha um lugar para esse brazileirismo aldeão, campesino, sertanejo, popularista, matuto, nacionalista, costumeiro, paizagista, em que

se tem retratado todas as cambiantes da vida de nossas gentes. E' esto, sem duvida, o motivo pelo qual dá-nos Porto-Alegre como um dos *fundadores do indianismo*. Eis aqui as suas palavras: « Magalhães, Porto-Alegre e Gonçalves Dias são os implantadores do Romantismo e fundadores do Indianismo. » (pag. 43). Já se não lembrava que, á pag. 15, tinha conferido a G. Dias e a Alencar, pura e simplesmente, a honra da creação do indianismo, o que era um erro, aggravado agora com a juncção de mais dois nomes — Magalhães e Porto-Alegre, especialmente este ultimo, que nada tem com os indios do Brazil, nem com o indianismo literario, como este é comprehendido, só pelo facto de haver no *Colombo* traçado alguns quadros das velhas civilizações do Mexico e Perú.

Tal a explicação, finalmente, de se nos não deparar em uma só vez em todo o livro, entre os poetas, os nomes de Dutra e Mello, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Bittencourt Sampaio, J. Serra, Franklin Doria, Mello Moraes Filho, circumstancia que não se justifica pela ausencia completa, entre os romanticos de outras escolas, dos nomes de Maciel Monteiro, José Maria do Amaral, Francisco Muniz Barreto, Augusto de Mendonça, Pedro da Calazans, Elzeario Pinto, que são indubitavelmente dos melhores poetas do Brazil. Porque a tantos e tão illustres nomes excluiu o Sr. V. M.?

Neste ponto de exclusões não devemos tambem occultar a sem razão do esquecimento de um Souza Pinto e de um Celso de Magalhães, entre os que o Sr. V. M. classificou de poetas da musa civica, e de um Victoriano Palhares no gremio dos condoreiros. São injustiças que bradam aos céus da critica e da historia.

Não vemos tambem razão para a exclusão systematica de Achilles Porto Alegre, Damasceno Vieira e Mucio Teixeira ao lado de Assis Brazil e outros poetas da mesma geração, não falando já em José Jorge de Siqueira Filho, Plinio de Lima, Carvalhal e Castro Rebello Junior, poetas do norte certamente desconhecidos pelo Sr. V. M.

A estes reparos de descuidos, que se manifestam por lacunas de nomes e exquisitices de classificação, seria possivel juntar algumas ponderações finaes sobre varias opiniões e affirmativas do critico, que nos pareceu infundadas, e o fariamos protestando, com a mais acentuada lhaneza e sinceridade, que o nosso fito não seria, como não é absolutamente, o melindrar nem de leve.

O Sr. V. M. é innegavelmente um moço de talento, um verdadeiro temperamento literario; mas escreve de afogadilho e apressado. Por isso não acertou ainda inteiramente com o seu caminho; continúa a tentar todos os generos, sem conseguir produzir obra duravel que dê toda a medida de sua capacidade. Um estudo completo de sua personalidade iria descobrir as razões de taes e tantas vacillações; mas tal estudo não caberia aqui numa simples nota bibliographica.

Não deixaremos, terminando, de notar a completa incomprehensão do Sr. V. M. quanto á ultima phase da poesia nacional, que elle chama a dos *desorientados*.

O que escreveu especialmente do Sr. H. Lopes é de uma flagrante injustiça. Antes o tivesse condemnado a completo silencio, o deixasse brilhar pela ausencia, como fez inqualificavelmente com o valente poeta das *Odas*, o distincto e illustre L. Murat. Seria preferivel a mostrar-se assim tão acanhadamente apaixonado. — SYLVIO ROMÉRO

EM VIAGEM

I

Nessa manhan, a bordo, todos irromperam alegres no tombadilho: era a bonança, o bom tempo, o sol. Havia seis dias ninguem punha o nariz fóra da *cabine*, por causa da borrasca. Começara por aguaceiros ao sul, em uma madrugada, depois de muitos dias claros de norte. Mas o vento, que caira pelo sueste, rondara para leste, e o temporal desfez-se intensamente sobre o mar. O navio metera logo á capa para aguentar: gaveas em terceiros, velacho baixo e bujarrona, alagado de proa á pôpa pelos vagalhões. No alto, o céu torvo e revolto, em pastas de um cinzento molhado, vertia cordas d'agua incessantes. Sobre as escotilhas fechadas e o convez raso invadido constantemente pelas ondas em furia, que torvelinhavam e varriam tudo, despedaçando-se em altos rolos de espuma, como em cima de um cachopo isolado, a mastreação e os cabos dançavam e assobiavam sinistramente, num sabbat formidavel. E sob essa symphonia disparatada e louca da tormenta infrene, o brigue rolara, dia e noite, aos boleus, sobre as vagas rugidoras. Tudo cessara, porém, na vespera á noite, em que o céu festinara, cheio de estrellas.

E o oceano, agora, sob a immensa curva azul transparente, branco e espumoso ainda do colerico vergastar dos ventos, estendia-se em redor, profundo, amplo e montanhoso, na vastidão solemne. A luz jorrava do alto, côr de gemma de ovo, accendendo na planura liquida placas infinitas e rutilas. Nos longes alvissimos, fechados, brumosos, nem a mancha clara de uma vela — apenas o isolamento, o deserto.

E esse cyclopico panorama do mar alto, nos tropicos, após a longa lestada d'inverno, tinha uma soberba magestade épica de serenidade fatigada.

A' ré, sentados sobre a meia-laranja, á sombra do mastro grande, alguns passageiros, num grupo, faziam uma enorme algazarra.

Uma brisa de nordeste, muito doce, bojava as velas, deitadas a um bordo. Pannos de sol, como um estofo amarello, riscado das sombras dos cabos, estendiam-se no convez, a correr, nos balanços, de bombordo a boreste, por debaixo das amuras. Havia ainda um grande jogo. De vez em quando, um ou outro vagalhão mais alto borrifava a tolda, á meia-náu, por cima da borda.

O capitão, um homem herculeo e grosso, era muito louro, de origem dinamarqueza, carregando uns quarenta annos robustos. De pé, junto aos passageiros, o bonet sobre os olhos, ria com os seus bellos dentes sãos, contando o que eram os temporaes de inverno toda a costa sul do Brazil.

— Estavam agora mesmo, dizia — apontando com o braço estendido o horizonte ao largo, a sotavento — na altura do cabo de Santa Martha, a um gráu de terra, um dos pontos mais perigosos da costa. Ali constantemente occorriam naufragios, porque o *carpinteiro*, todos os ventos rijos do quadrante do sul, e os cyclones, nessa quadra do anno, trabalhavam dia e noite, no vasto litoral desabrigado. Sempre para baixo, desse ponto em diante, a costa augmentava de perigo até ao Albardão...

Mas á pópa, vestida de azul-marinho, uma *miss* loura e forte estirava-se sobre uma larga cadeira de lona. Tinha uma grossa brochura amarella sobre o regaço; e uma das mãos, muito branca, marcava a continuação da leitura, mergulhada nas paginas, emquanto a outra, pousada no espaldar de verniz, junto ás tranças de ouro, fazia repuxar o corpete na manga, desenhar-se amplamente a linha esculptural da cinta, e, sob a fazenda demasiado tensa, num contorno de couraça, o esplendor dos seios tumidos. Parecia indifferente á conversa, e seus olhos garços, limpidos, virginaes, cheios de desejos e preoccupados, ora fixavam os mastareus oscillantes, as costuras symetricas do panno, as taboas estreitas do convez, ora o céu de azul e seda e o mar resonante para além das amuradas.

A's vezes, quando o navio caturrava mais violentamente na vaga, uma faixa de sol banhava-a, dourava-a toda, caindo por entre as vélas. Batiam-lhe então as palpebras, os longos cilios castanhos, sob a luz intensissima. Mas era só um segundo, porque a sombra volvia logo, e ella reabria, sorrindo, os olhos deslumbrados.

A seus pés, dormitava, estendido, guardando-a, um explendido terra-nova, todo negro e de longos felpos reluzentes. Era o vigia de bordo, que velava, á noite, durante os dias de descarga nos portos, sendo tambem um recurso de primeira força na salvação, quando algum homem ia ao mar, em viagem. Com um anno de idade, já tinha o tamanho de um bezerro. O capitão trouxera-o pequenino da America do Norte á ultima vez em que lá estivera, e como o cão nadava prodigiosamente, desde muito novo, puzera-lhe o nome de *Golfinho*.

Os passageiros continuavam a tagarellar, na doce cordialidade de bordo, ouvindo dos labios do capitão o claro desfiar das tormentosas historias do oceano.

Mas a sineta, em baixo, á porta da camara, dera as sonoras tilintadas do almoço e os passageiros desceram apressados.

II

O brigue tinha duas camaras magnificas—uma em cima, na tolda, a outra em baixo, na coberta.

A primeira, muito vasta, com embutidos de pallissandra, incrustações e dourados, era como um salão de *steamer*: um piano de meio armario, coberto de um panno verde bordado, jazia á entrada, junto ao mastro-grande, para alegrar os passageiros em viagem; duas amplas mesas, forradas de um tecido côr de cereja, corriam a um lado e outro; por cima, *glass-rak's* de madeira negra envernizada, guarnecidos de metal, pendiam do tecto branco; grandes espelhos de Inglaterra, cercados de douraduras, abriam-se ás anteparas; um largo corte no centro, quasi em oval, coincidia com a meia-laranja, deixando jorrar para o interior toda a luz do alto; proximo, mas a ré, uma descida communicava as duas camaras.

A segunda era um compartimento corrido, com camarotes ás amuradas e um pequeno salão á pôpa para senhoras, todo estofado

a velludo côr de vinho e cheio de quadros, representando trechos risonhos de campos e praias européas, dentre os quaes sobresaia, ao fundo, uma bella téla de mar-alto, assignada por Joseph Bury.

Estas accommodações, luxuosas e raras nas embarcações á vela, davam uma singularidade ao navio, que havia sido paquete nas viagens da Oceania, em a carreira da Australia, para que fora construida especialmente por um rico armador de Londres, ex-embarcadiço, cuja fortuna colossal tornou-se, em poucos annos, das mais consideraveis da Gran-Bretanha, o que o levou, logo após, a abandonar o commercio e os navios e entrar na politica, liquidando a casa ao ser eleito deputado, isto aos cincoenta annos de idade...

O brigue, que se denominara outr'ora *Rose of England*, foi casualmente vendido para o Porto, sendo o seu novo proprietario um velho portuguez do Douro, atarracado e sanguineo, perfeito typo do *master*, rude marinheiro, trabalhador e tenaz, que possuia uma enorme ambição e uma sêde incomparavel de riqueza. Mal se arranjara nas trabalhosas viagens da India, começou logo a comprar navios, mandando tambem construil-os nos estaleiros de Villa do Conde. E como por esse tempo um movimento enorme de Portuguezes para o Brazil inundasse o convez dos navios de vela, por serem raros os vapores e muito alto o preço das passagens, tratou immediatamente de encarreirar a sua frota para o Rio de Janeiro. Posto que rico e já idoso, com toda uma descendencia em Vianna, terra em que casara e estabelecera o lar, o seu entranhado amor ao oceano, onde rolara por espaço de quarenta annos de alegria e saude, junto ao enthusiasmo da compra excellente do barco, levara-o de novo ás ondas, fazendo-o tomar o commando do brigue, a que, com enfatuação plebéa e maruja, denominara — *Sem Par*. Mas o pobre leão do mar, logo na primeira viagem, uma manhã de verão, num dia de chegada ao Rio, ao ir para terra, caiu no portaló, com uma apoplexia.

O navio, então, fora á praça. Comprara-o um valente marinheiro catharinense, o capitão Roberto Nielsen, homem de longas viagens á America do Norte, ao Rio da Prata e ao Pacifico. O brigue passou-se a denominar *Ondina*, uma doce velha reminiscencia da mythologia scandinava, que fizera deliciosa impressão no espirito do Nielsen, quando em menino, á noite nos serões de inverno, agasalhado ao collo da mãi, junto á chamma amarella

do candieiro, ouvia ao velho Roberto seu pai, as lendas poeticas e nevoentas do Baltico, que este, por vezes, aplicava á terra catharinense e á sua bella capital. Depois fora tambem em honra á sua filha mais velha que o navio tomara esse nome.

No *Ondina*, em duas ou tres viagens aos Estados Unidos e ao Chile, o Nielsen levantara um pequeno capital para carregar por sua conta. E, muito feliz nos primeiros carregamentos, dando-lhe grandes resultados, resolveu encetar immediatamente o negocio da herva-mate, viajando entre Santa Catharina e as fortes praças commerciaes de Buenos Aires e Valparaizo, esta ultima já muito conhecida das antigas viagens.

Na impossibilidade de uma longa demora em terra, e principalmente no Desterro onde quasi não tocava, ao volver das grandes travessias no mar, instalara a bordo a familia, e como o navio tinha accommodações de paquete, recebia tambem passageiros para aquelles portos.

As passagens eram muito em conta — uma terça parte das dos vapores estrangeiros ou nacionaes —, o que fazia com que os catharinenses e outros com negocios naquellas cidades, bem como os commerciantes de lá com interesses nesse estado do sul, procurassem sempre o *Ondina* para as suas viagens.

E por isso, ali se achava o brigue, cheio de passageiros, na altura do cabo Santa Martha, em um de seus costumados percursos ao Pacifico com escala pelo Prata. Jamais, porém, o colhera, nessa latitude, tamanho temporal. Felizmente, o navio era como um passaro nas vagas, e apezar da tormenta desfeita, não recebera a menor avaria.

Satisfeito com tal felicidade e com a segurança quasi invencivel do barco, o Nielsen, excessivamente jovial e sem cançaços, respirava agora livremente, a rir e a palrar, no meio dos passageiros, o coração em festa, na manhan dourada.

Todos tomaram lugar á mesa.

Só a filha do capitão, a moça loura que olhava os mastareus e o azul no tombadilho, desceu primeiro á outra camara, á *cabine*, onde deixou a brochura amarella, voltando, d'ahi a instantes, a sorrir levemente, com seus lindos dentes claros. Mas em seus olhos glaucos, humidos como as ondas, havia uma inquietação e melancolia.

Ao sentar-se, lançou em volta um olhar rebuscador, que procurava vagamente alguem ou alguma coisa, e que se cobriu de repente de uma leve humidade de lagrimas; e, inclinando-se um pouco, enfiou-o, depois, pela porta da camara até lá fóra, ao convez, onde o panno se encurvava, pardacento e em bojo. E ficou como perturbada, a physionomia um momento hesitante, uma ancia nos labios, que empallideceram de subito.

Um dos passageiros, ao lado, inquiriu-a então meigamente:

— Mas o que era aquillo? Ondina estava tão triste, tão silenciosa...

— Oh! não! Ella era sempre assim; murmurou, escarlate.

Os outros protestaram: «que não, Ondina não era assim; ninguem melhor do que ella sabia brincar, gracejar...»

Mas o capitão, que se demorava ainda lá em cima, a dar ordens, appareceu, sério, muito preoccupado como sob um peso intimo.

Os passageiros ergueram-se, de repente, pallidos:

— Alguma novidade, commandante? Mudança de tempo? Nova borrasca?...

— Não, era o piloto. Adoecera, o valente rapaz, que vinha de dar a melhor prova de marinheiro ás direitas, naquella viagem. Durante a borrasca, o secundara nas manobras com um sangue-frio e coragem admiraveis. Sósinho, uma noite, na maior intensidade de vento, a equipagem já exhausta, fizera quatro horas de leme, forte como um mastro... A elle, talvez, se devia o estarem ali nesse instante...

E tomou á cabeceira, com um encolhimento de resignação nos hombros herculeos, toldada agora a larga face cheia de sol, de pelle lisa e fina, onde o sangue affluia, côr de boa noite, num jorro incessante de vida.

A moça, que o escutava, preoccupada, teve um tremor: o seu rosto rosco e limpido, no alto do vestido azul-marinho, banhou-se de uns tons frios de lua, em céu varrido por vendavaes.

III

Na vespera, o piloto recolhera-se ao camarote pela madrugada, quando o nordeste se declarou, trazendo o bom tempo. Estendera-se no beliche extenuado, quasi morto de seis dias e seis

noites de faina infernal, mal comido e mal dormido, como toda a campanha, sobre o mar desmontado, no torvelinho da borrasca. Dormira um somno profundo, um desses somnos que vêm após as grandes fadigas, mas acordara como si tivesse a cabeça atulhada de pedras, volumosa, colossal. Não podia erguel-a quasi. Tinha os beiços resequidos, queimados por calor interno, uma sêde insaciavel.

Um dos moços de camara, ao vêl-o assim correu logo a chamar o capitão. E como vinha a bordo um medico, o Dr. Barroso, naquelle dia muito prostrado no camarim pelo enjôo, o Nielsen desceu immediatamente a consultal-o. O medico não se podia erguer, com tonturas ; mas inquiriu si havia aconito, mostarda, e receitou sinapismos, um suadouro.

— Depois, vêr-se-ia... disse penosamente, numa angustia, tomado por uma anciedade de vomito.

O capitão subiu, a correr, para applicar os remedios ; e após o almoço voltou a vêr o doente, acompanhado por alguns passageiros. Ia bem, mais calmo, suando muito, sob um grosso cobertor de Montevidéo.

A esposa do Nielsen, boa e solicita como sempre, com uma immensa piedade compassiva ante os soffrimentos alheios, uma senhora robusta e bella, apezar dos seus trinta seis annos e dos seis filhos sãos que creara, com os quadris amplos e fecundos de onde saiam titans—lá estava já, com a Ondina, a velar o enfermo. Sentada em um banco de lona, aconchegava a roupa ao pescoço do rapaz, que rolava a cabeça, muito pallido, em suores, sobre o travesseiro, sem abrir os olhos.

Ao lado, por detraz della, a filha, que a pouco quasi desmaiara na camara, de pé, apoiada ao lavatorio, fixava-o affectuosamente com os seus olhos garços, que reluziam, humidos. Desde manhan andava com o coração oppresso, porque ao subir para a tolda, depois do temporal, o piloto não lhe apparecera, como costumava. Sabia bem quanto elle a amava, mas ficara aborrecida, temendo lhe houvesse occorrido alguma contrariedade.

Esse amor, que existia entre ambos, procedia da infancia, dos ultimos tempos do Collegio Wellington, onde tinham andado. Fôra no Desterro. Tinha ella nove annos, elle doze. Viam-se todos os dias, apertavam-se as mãos, estavam juntos horas, porque ia sempre

para as aulas com a irmã delle, a Ritinha, intima camarada e confidente, uma menina de sua idade, morena e de grandes olhos negros, com longos cabellos cacheados. O rapaz era já robusto nessa época, o Yôyô, como então o chamavam. Mas o seu verdadeiro nome era Carlos Valle. Alto, os olhos castanhos, os dentes alvos, com um rosto grande e redondo, a pelle muito clara, impressionava as meninas, dando-lhes uma emoção. Nesse tempo andava a tirar preparatorios para a marinha — e, um dia, pela tarde, acompanhado do pai, do velho Guilherme Wellington e de alguns camaradas de estudo, lá embarcou para o Rio. Toda a familia chorara desesperadamente, e ella que estivera em casa delle, nesse dia sentira então a sua primeira magua: á noite chorara muito e só conseguira dormir muito tarde... Passados dois annos, deixando a marinha de guerra, Carlos voltara á provincia, já quasi um homem, bonito e com um buço forte. Na sua grande paixão pelo mar, uma enorme vocação, só falava em viajar, correr oceanos, terras longinquas — a Europa, a Asia... O pai o embarcou, então, com muitas recommendações, em um navio hespanhol que se destinava ás Antilhas, e dahi á Barcelona. Partiu por uma manhan rumorosa de abril, num fresco suéste que carregou a polaca... Voltou d'ahi a seis annos, depois de percorrer todo o Antigo Continente, em numerosas viagens. A sua chegada ao Desterro foi um acontecimento; não se falou em outra coisa durante dias, como succede em terras onde as noticias escasseiam. O club *Doze de Agosto* deu uma partida em sua honra, e o velho João Maria do Valle levou uma semana em festas, na sua chacara do Mato-Grosso. Permaneceu em terra muito tempo, porque o pai, homem de influencia e chefe politico do lugar, andava a arranjar-lhe um commando de paquete, na Companhia Nacional. Mas como isso tardasse, o rapaz, sofrego de novo pelo mar, apenas entrou o *Ondina*, tomou lugar de piloto, a bordo. O Nielsen chegava, então, do Prata, e acolheu-o com effusão, fazendo-lhe todas as vantagens. A familia, que estimava o Carlos e o não via desde annos, teve uma grande alegria ao saber que elle ia para o brigue. E houve verdadeiro jubilo, a bordo, no dia em que levou a bagagem. Que de emoções experimentou a Ondina, e como se sentiu tão mudada! O seu amor, tão longamente interrompido, reatou-se então, mas com maior intensidade, tornando-se em verdadeira paixão. Ao rapaz é que não succedeu o mesmo, posto a estimasse ainda e lhe correspondesse de

certo modo aos affectos. E isso era devido a uma grande *toquade* que sentia agora por uns doces olhos peninsulares, que lá deixara em Hespanha, chamado de repente ao seu torrão natal. No Desterro contava-se o « caso » vagamente, mas ninguem ousava affirmal-o.

Comquanto mais calmo, o doente continuava ainda com uma febre alta.

A moça e a mãi davam-lhe os remedios com exactidão, não se retirando um instante do camarote, situado no convez, num compartimento em frente á camara. D'ahi, por uma larga vigia de vidro, dando para ré, avistava-se todo o tombadilho.

Era a hora do meio-dia. O capitão, junto á gaiúta, horizontava o sextante para a observação. Em baixo, na camara o praticante, um rapaz de quinze annos mais ou menos, socado e rijo, mettido num jaquetão de flanella escura, espreitava o chronometro.

A meia tolda e pelas amuradas, passageiros conversavam, em grupos. O contra-mestre, ao pé da borda, assestava o oculo para léste, com os cotovelos erguidos. E marinheiros, com um ar repousado e sereno, cachimbavam, num falatorio, á sombra do traquete.

O mar desdobrava-se em torno, manso e transparente, em vagalhões corridos, apenas levemente estriados de espuma. A barlavento, proximo, o sol cegava, em combustão de ouro nas aguas. E, lá ao longe, os pannos de uma galera, seguindo para o norte, á bolina.

IV

Durante tres dias, o navio correu á pôpa com tempo claro. Mas na vespera á noite caira um pampeiro, com rijas bategas d'agua, obrigando-o a amarar-se.

Era uma quinta-feira de junho. O dia amanhecera enevoado, triste, carregado de aguaceiros. O brigue rolava, aos trancos, no mar muito cavado. Bordejava só em gaveas e velas de prôa, sem fazer caminho, porque as aguas corriam ao norte como uma bala.

Naquella manhan, nem um passageiro na tolda, além do intrepido D. Oswaldo, negociante chileno de Valparaizo, acostumado

á vida de bordo em constantes viagens de commercio e recreio a todos os pontos mais importantes da America e Europa — que se arriscara até ao convez, enfiado em longa capa de borracha e grossas botas d'agua.

D. Oswaldo era homem de trinta e cinco annos, baixo, trigueiro, os hombros largos, a barba cerrada, um politico terrivel, inimigo pessoal de Balmaceda, então declarado dictador. O seu *tic* era a politica e as mulheres. Primava pela educação, o cavalheirismo, a jovialidade. Odiava os reis, tinha uma paixão pela musica e adorava o Brazil, como todo o bom chileno. Solteiro, muito rico, dizia sempre que, a casar-se, fal-o-ia com uma «señorita brazileira, por que eran las mas graciosas de la America». Viajára todo o mundo, possuia um espirito vivissimo, e culto, esmaltado por impressões multicores e universaes. Tocava admiravelmente violino, e nas noites claras e suaves, na tolda, dava serenatas esplendidas, Cantava. De um genio affavel, indizivelmente alegre, expansivo, ruidoso como um bom latino, não deixava ninguem parar, a improvisar constantemente jogos, diversões de todo o genero. Isto o tornava, como em toda a parte em geral, o encanto dos passageiros, que o não largavam, atrahidos, numa grande sympathia, exigindo frequentemente recreações e festas, para quebrar a monotonia dolente de bordo.

E como se estava a 21 do mez, vesperas de S. João, D. Oswaldo planeara já uma pequena *matinée* ou concerto, que se realizaria em Buenos-Aires, caso o Nielsen quizesse ali arribar, como os passageiros pediam.

Subira, por isso, muito cedo, apezar do máu tempo, para ver si conseguia o fim desejado. E falando ao capitão, expunha a necessidade de tocar-se naquelle porto, para arejar e desafadigarem-se da terrivel viagem, que fôra feita até áquella altura sob ventos contrarios.

— Depois era até hygienico, accrescentava, porque «alimpiavam-se» da funerariedade que a molestia do piloto lançara «a todos los recantos del buque». D. Carlos achava-se quasi restabelecido. A festa seria em sua honra, em honra áquelle que fora o salvador de todos na tempestade, na viagem. Estava-se ao sul de Santa Maria, em 36º — 15', e puxava-se agora para terra; o que

tinha, pois, uma demora de quatro ou seis dias « en la gran capital del Plata?... »

O Nielsen, que percorria o horizonte em volta, de oculo em punho, com o *suéste* carregado sobre a nuca, a larga roupa de oleado até aos pés, a escorrer sob as cordas d'agua açoitando em rajadas — respondia vagamente, preoccupado com o tempo, que ameaçava engrossar cada vez mais:

— Pois sim, veremos, D. Oswaldo...

O homem do governo, os encontros gigantescos avolumados disformemente pela japona amarella impermeavel, dando-lhe um thorax de Titan, os pés nús no convez, vergastado pela chuva, fazia gyrar, com esforços poderosos e rudes, a roda do leme, olhando attento á proa.

De repente, o capitão gritou uma manobra.

Então, avante, marinheiros, toscos e anchos, na roupa alcatroada, galgaram as enxarcias, sob o aguaceiro.

Lá em cima, num mastro, uma verga, com os amantilhos soltos, batia o panno já carregado. E fóra das amuradas, onde saltavam rolos colossaes de espuma, borrifando as velas, vagalhões em cordilheiras, rolavam incessantes na vastidão do oceano.

VIRGILIO VARZEA

(*Continúa*)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

DOS ESTADOS UNIDOS

VIII

NEWPORT

— Como assim ? Nunca esteve em Newport ? Não póde então avaliar o que seja : uma terra encantada, a realização daquelles contos de fadas que fizeram as delicias da nossa meninice. Chego de lá, bem que me arrependa do passeio. A exhibição da riqueza é monstruosa ali, e quanto a mim, não posso levar á paciencia que uns possuam todos os gozos, e outros apenas tenham todas as privações. Similhante impressão tortura-me os nervos e põe-me doente.

Quem assim falava-me não era, como parecerá á primeira vista, um anarchista raivoso, nem mesmo um socialista doutrinario de fria exaltação, mas um digno funccionario da Republica. Palestravamos na *piazza* de um hotel de Block Island, batida pelo ar salitroso do oceano que a nossos pés se desenrolava numa immensa massa azul ferrete, sobre a qual a lua reflectia-se suave e discreta, menos brilhante do que os olhos incisivos e ardentes do meu interlocutor. Este typo de americano não é comtudo vulgar. No geral, elles não sentem inveja nem rancor, antes mostram um determinado

---

Veja a *Revista* de 15 de julho, agosto, setembro, 1 de outubro, 1 e 15 de novembro e 15 de dezembro de 1896.

orgulho nacional dos seus *multi-millionaires*. Preferem-nos talvez, em todo o caso dispensam-lhes mais consideração ainda do que aos seus grandes estadistas e aos seus genios militares. Elles são os seus heróes, os seus conquistadores, os representantes mais acabados e genuinos da sua extraordinaria civilização industrial. As joias de Mrs. Vanderbilt ou de Mrs. Bradley Martin são commummente citadas com um desvanecimento igual ao do hespanhol descrevendo as collecções historicas da America. As vivendas sumptuosas de Mr. Astor ou de Mr. Gölet são mencionadas com a prosapia de um francez referindo-se a Versailles oú a Fontainebleau. Tudo isso constitue na verdade uma affirmação de riqueza e de poder que presuppõe esforços herculeos, e nada existe de mais bello nem de mais moral do que a recompensa do trabalho, a qual deve ser-lhe proporcionada.

Representando os grandes argentarios o elemento dominante da vida nacional, não admira que os jornaes americanos acompanhem tão miudamente as suas acções. Não ha dia em que a imprensa não registre um gesto de Mr. Kockefeller ou um piscar de olhos de Mr. Vanderbilt. Os pimpolhos destas casas ricas (fallecem os adjectivos para qualifical-as, e por isso temos de voltar ao mais simples) são tratados pelos seus compatriotas com o mimo dos antigos morgadinhos no meio dos dependentes da casa senhorial que encarnavam. Parecem filhos da nação em vez de filhos de seus pais, e tanta e tão simples ternura collectiva chega a evocar as tocantes melodias da *Filha do Regimento*, que as complicadas instrumentações wagnerianas pareciam ter enxotado.

Uma vez deparei no *Herald* com esta epigraphe — Consuelo em Windsor. Pensei que se tratasse de alguma cantora ou dançarina hespanhola, uma rival da *bella Otero*, que a rainha Victoria tivesse tido a curiosidade de ouvir ou vêr. Lendo porém o texto do telegramma que se seguia á epigraphe, vi que tratava-se de uma visita feita á soberana da Gran Bretanha pela muito illustre duqueza de Marlborough (Consuelo Vanderbilt). O leitor americano não se enganaria como eu. Já sabe que não ha, para o paiz, outra *Consuelo* sinão aquella, a filha do novo Creso cujos milhões projectam-se em uma luz scintillante sobre o brazão do vencedor de Malplaquet.

Acerca desta mesma dama, que está no seu estado interessante, acaba o *World* de communicar aos seus leitores, no typo maior dos seus caixotins, que acha-se *attended like a queen*, isto é,

que a rodeiam os primeiros medicos da real camara. O paiz respirou.

Tambem o joven Cornelius Vanderbilt, que o anno passado casara-se contra a vontade paterna, acaba de reconciliar-se com a familia por occasião do nascimento do seu primeiro filho, e tal reconciliação fez mais barulho na imprensa americana do que a do Kaiser com Bismarck.

O paiz sentiu todo uma impressão de allivio.

Newport é, como todos sabem o viveiro principal desses magnificos rebentos de exportação.

Encontrando-me quasi defronte, em Block Island, nada me era mais facil do que atravessar para o continente, e a forte sensação experimentada pelo digno funccionario da Republica e tão amargamente traduzida acabou de decidir-me ao passeio. Tomei um dos vapores que fazem o serviço diario entre as duas praias, um desses typicos vapores americanos de immensas rodas e duas ou tres ordens de camarotes acima do convez, pesados e espaçosos como uma náu portugueza da carreira da India, posto que não possuindo a suprema elegancia das suas amplas velas e da sua emmaranhada cordagem. Menos de duas horas depois saltava em terra, depois de ter atravessado uma verdadeira esquadra de yachts de recreio ancorados no porto, brancos e airosos como um bando de gaivotas, com os seus tombadilhos cuidadosamente esfregados, os seus metaes polidos e reluzentes como espelhos, as suas accommodações luxuosas veladas por cortinas de cassa e de seda. Dentro em pouco verificava que o digno funccionario da Republica descrevera tão sómente a realidade.

Newport é com effeito uma terra de encantos. Creio que em parte alguma do mundo concentra-se em tão pequeno espaço uma tão prodigiosa florescencia de luxo. Succedem-se sem interrupção as residencias nos mais variados estylos, admiraveis todas, imitando esta um palacio florentino, daquella architectura robusta e arisca que Thiers tambem chamou a architectura das guerras civis; copiando outras um gracioso castello francez da época de Luiz XIII, com as suas torresinhas esguias, as suas columnetas delicadas, as suas frontarias esculpidas; assemelhando-se uma terceira a um mosteiro hespanhol com a sua disposição quadrangular, as suas janellas singelamente rasgadas nas paredes lisas, os seus alpendres

cortando o azul do horizonte com a linha rustica dos seus pilares. Aqui levanta-se um *chalet* suisso revestido de hera; acolá uma *farm* ingleza rodeada de campos de fresca relva onde pastam nedias vaccas; mais além um grandioso palacio da Renascença surgindo entre macissos de flores lindissimas, entre as quaes as hortensias mais formosas que tenho contemplado. Ha um passeio chamado o *Cliffs walk*, que se estende por tres milhas ao longo do mar, dominando-o do alto, e onde vêm terminar sem muros nem grades que os interceptem os soberbos jardins e humidas alfombras de relva daquellas casas. Não existe ahi uma só nota que desmanche ou attenue a impressão incomparavel de opulencia e de fascinação fornecida por esse espectaculo, no qual o oceano—é dizer tudo — mais parece entrar como um comparsa do que como protogonista, contribuindo para o triumpho da plutocracia americana.

Os *multi milionaires* constituem a aristocracia desta democracia, aristocracia pela situação culminante que occupam na hierarchia social do paiz onde existe menos hierarchia, e tambem pelo influxo que delles recebe toda a vida publica. Já uma vez referi-me, falando da sociedade americana, á acção que sobre ella exerce a Europa, inspirando-lhe não só a cultura e refinamento que a sua civilização muito nova não poderia produzir como inoculando-lhe o que num certo sentido póde chamar-se os defeitos ou senões das velhas civilizações. Nenhum mais palpavel do que essa á primeira vista estranha preoccupação do nascimento, numa terra habitada por descendentes em grande maioria de pobres emigrantes e cujos *representative mens*, si não são homens que edificaram elles mesmos a sua fortuna, são filhos ou netos, nunca mais, de individuos que subiram da indigencia á opulencia.

As relações porém creadas na boa sociedade do velho mundo, os laços de familia contraidos com esta, levam muitos americanos a pretender filiar sua ascendencia num tronco fidalgo ou pelo menos de burguezia reputada. Sujeitos ha em Nova-York e outras cidades cujo meio de vida aliás rendoso, consiste em fabricar genealogias (*pedigrees*) para ricaços que desejam applicar um pouco do seu thesouro a dourar e pratear o fundo de um escudo de armas. E é tão geral, tão admittida, esta preoccupação que no proprio Capitolio de Albany, onde funcciona o Congresso do Estado de Nova-York, acabam de ser talhados na pedra da frontaria os brazões de varios governadores

que a elles têm ou imaginam ter direito. Entre similhantes favorecidos do nascimento acham-se o ex-presidente Cleveland e um Mr. Flower, que já ouvi num comicio e cuja figura de vendelhão abastado é inteiramente o contrario do que se pode conceber por distincção nativa.

Supponha-se que durante o Imperio, no Brazil, algum presidente mais dado a assumptos heraldicos do que a generalidade dos nossos compatriotas tivesse se lembrado de mandar esculpir na fachada do palacio do governo de Pernambuco os brazões de muitos e verdadeiros aristocratas, de nascimento e de maneiras, que ahi residiram officialmente, do marquez do Recife, do conde da Boa-Vista, do visconde de Camaragibe, por exemplo. Como não se levantaria a opinião, como não flagellaria a imprensa esse presidente que assim pretendia enxertar numa terra democratica a planta parasita da fidalguia hereditaria ?

De resto, si não possue muita nobreza propria, a plutocracia americana está adquirindo-a... pelas allianças. As americanas ricas sabem de cór o Almanak de Gotha e conhecem todos os partidos vantajosos da Europa: vantajosos, no seu dizer, são os que alliam um velho nome a uma figura decente. E' incalculavel o numero de nobres francezes, de principes italianos, de simples baronetes britannicos (com respeito aos inglezes é que ellas são menos exigentes de titulos) casados com americanas. De ordinario superior aos pais e irmãos, isto é, aos homens da sua nacionalidade, pois que dispoz de mais ocio e meios de cultivar sua intelligencia, ambiciosa, audaz e dominadora, a mulher americana está exercendo sobre a sociedade européa uma acção consideravel que a literatura de imaginação já anda estudando ha tempo e que reflecte-se com bastante nitidez em sua actual producção.

E' mister entretanto observar que a preoccupação do nascimento não confina-se ao circulo mundano dos americanos, nem representa um puro snobismo derivado da convivencia européa. Possue em sua generalidade uma significação mais elevada, formando uma das muitas faces dessa tendencia para o melhor, desse anhelo de progresso que pulsa nas veias da população norte-americana e que a tem conservado á distancia do abastardamento resultante dos cruzamentos com raças inferiores. Procura-se conservar pura a raça branca, e mesmo entre esta exerce-se uma certa selecção consciente

na qual entram como factores o vigor physico e a limpeza de origem. Por isso a raça americana vinga e prospéra num meio cujas condições eram indubitavelmente inferiores ás nossas, em vez de definhar physicamente e atrophiar-se moralmente. Por isso todo o paiz exhala esse perfume de adiantamento que o torna tão sympathico á emigração dos outros continentes, e desperta nelle o appetite de expansão civilizadora que os povos menos aptos ou preparados para a luta invejam e denigrem como meras fantasias de conquista e ambições de mando.

Aqui olha-se muito para traz para procurar tradições e incitamento, e olha-se mais que tudo para o futnro como encerrando com toda a certeza a plena maturação dos destinos nacionaes. Não se busca porém no achincalhamento de tudo quanto representa o passado a illusão do modernismo e a apparencia do progresso. Um povo póde existir sem nobreza de sangue, póde ser grande sem brazões de familias, é verdade, mas o prurido por um lado quasi ridiculo de procural-o denuncia por outro lado a vontade de contar gente com ascendencia illustre a saber, com exemplos proprios de fortaleza e de gloria, com estimulos para o grande e para o bom. Encarado nesta luz, o sestro das genealogias assume um feitio sympathico e revelador do caracter americano.

A ternura pelo passado, que a frequencia dos monumentos europeus apenas serve para augmentar, tão pouco indica simples vangloria de *parvenus* que podem accumular thesouros de arte e roubar aos seus primitivos possuidores as joias do antigo engenho: indica pelo contrario o amor em si de taes productos e a necessidade espiritual de ir procural-os nas fontes de onde corre a sua cultura. Abriu-se ha poucos dias em Boston um hotel intitulado *Touraine*, que é em algumas escadarias e salões e em muitos detalhes da ornamentação a reproducção do castello de Blois, famoso tanto na historia politica como na historia artistica da França. A flôr de liz da antiga realeza predomina como motivo de decoração desde os lustres até o serviço de mesa.

Estive presente no dia da abertura e vi magotes de gente desfilarem pelos corredores e apartamentos. Pois não era absolutamente com a impertinencia com que alguns republicanos imaginam que deve ser tratado tudo quanto data de antes da Revolução, mas sim com respeito e emoção, que os visitantes mais illustrados

olhavam para aquelle conhecido symbolo de uma monarchia decaida. Os ignorantes mostravam apenas o desejo sincero de conhecer-lhe a significação e importancia.

Uma senhora de idade sentada ao meu lado na bibliotheca, folheava com impaciencia a obra de Guizot e mostrava viva curiosidade de conhecer certas particularidades historicas relativas ao castello de Blois ao tempo dos Valois, que pude explicar-lhe pela fama, com tão grande contentamento seu que declarou-me ingenuamente que não dormiria descançada aquella noite, si não tivesse podido verificar a exactidão das suas idéas. A flôr de liz não assustava aquella filha do Massachusetts, da communidade que foi o berço da democracia americana. Ella sabia perfeitamente que o profundo liberalismo das instituições da sua patria e o sentimento de verdadeira igualdade que prevalece nos costumes nacionaes não são de modo algum incompativeis com a veneração do que foi outr'ora grande, do que já correspondeu precisamente ás necessidades do desenvolvimento humano, do que contém tanto ou mais gloria do que o presente, bem que este já careça de novas condições de existencia e de novos moldes de adaptação. Uma nação só póde aspirar ao poder quando chega a possuir e revelar uma tamanha confiança na estabilidade dos seus fundamentos e na perfeita continuidade do caminhar da sociedade humana.

OLIVEIRA LIMA

A SOCIEDADE COMO ORGANISMO

(*Continuação*)

A reunião dos homens em sociedade é expontanea como a dos elementos organicos para a formação do organismo individual. Tomando-se, porém, os dois organismos, reconhece-se que « a natureza composta de um differe profundamente da indivisivel constituição do outro. O primeiro (o social) sendo formado de elementos independentes, separaveis, cujo isolamento não destroe immediatamente a existencia, não comporta, apezar da similhança fundamental, uma inteira analogia com o segundo, onde nada póde subsistir a parte. E' preciso, pois, saber, em geral, restringir uma tal comparação para que, em lugar de luminosas indicações, ella não permitta viciosos confrontos. (Augusto Comte, *Polit. Posit.* tom. II.) O organismo social se nos apresenta assim, collectivo em sua natureza, individual em suas funcções. Toda força social tem por condição intrinseca o concurso, comquanto representada sempre por orgãos individuaes. A existencia da Sociedade assenta na divisão dos officios, e na convergencia dos esforços. [1] Esta noção fundamental inclue o pensamento, ao mesmo tempo, de sociedade e de governo. O progresso, que desenvolve a ordem, assim enunciada, não se define pela passagem do homogeneo para o heterogeneo, applicação do principio da divisão do trabalho, concernente a separação dos esforços industriaes, qual a concebeu a metaphysica economista. Si a unidade

---

Veja a *Revista* de 1 de outubro.

[1] Principio de Aristoteles, segundo A. Comte.

fundamenta a ordem na natureza viva, a evolução refere-se ao desenvolvimento desta unidade. A separação, sem augmento do concurso, importaria em destruir as condições fundamentaes do proprio organismo.

O facto que na serie dos seres zoologicos se nos depara simultaneamente, observamos, resultado de uma contemplação mais profunda, na continuidade sociologica. A differenciação progressiva dos orgãos e das funcções é acompanhada de uma harmonia crescente, de modo que cada elemento sinta, mais completa, a reacção do conjunto. As condições harmonicas de nossa natureza individual e collectiva se firmam assim cada vez melhor. Guiado pela continuidade, o homem se agita em meio da Soliedariedade, mais livre e mais submisso, e onde elle se torna sempre mais affeito, ao conselho do que ao commando; mais accessivel ao governo intellectual e moral. E' que a evolução aperfeiçoa essa submissão voluntaria. Basta contemplar a serie animal, e se vê esta expansão affectiva revelar-se nos seres superiores, até o mais digno, no qual é mais intensa. E, dest'arte, se nos antolha mais subjectiva a disposição hierarchica dos animaes. O dom, que melhor distingue dentre todas a nossa especie, segundo A. Comte, é o affecto. Para comprehender o pensamento do philosopho, pondere-se com elle que as faculdades elementares de animalidade surgem a par de novas fatalidades vegetativas, que a dominam: a necessidade, para alimento, de seres, que hajam vivido, *vegetal* ou *animal*.

Todo o animal, fazendo assim selecção maior no meio, precisa, sentindo e apprehendendo o que lhe convem, de dirigir a conducta; donde, uma certa dose de intelligencia. Entretanto, esta existencia superior já, á qual o exterior fornece, alem do alimento, relações, as que permittem aggremiações, contém em seu proprio seio os germens da vida social. Estes, porém, começam de brotar mediante a separação dos sexos, quando um esboço de subordinação mais nobre, unindo dois entes, desenha-se no fundo do quadro tosco da conservação. Mas, um novo pendor vem dignificar a funcção procreadora no amor aos productos, ou *instincto materno*, cujas reacções accordam emoções mais ternas. E, assim, se vai enobrecendo cada vez mais a natureza animal, ao despontar encantador dos mais bellos instinctos. Desse modo, ao passo que a intelligencia é, desde

o inicio, despertada, o verdadeiro sentimento, os impulsos elevados da alma, os que conciliam a dignidade com a submissão; a dependencia com a liberdade, se desvendam em animaes superiores. Cada especie, tenderia assim para uma expansão collectiva, si não fôra a sociabilidade preponderante do homem. E a Sociedade, tomando no ser supremo da serie essa subordinação, que nobilita, fal-a progredir, através das gerações, que se succedem. O organismo social traduz-se assim numa como idealização do organismo individual, impellindo-o para um aperfeiçoamento sem termo. E' futil e vão pretender estudar uma tão complicada structura, unica em seu modo de ser, mediante os seres infimos da escala biologica; structura esta que, na melhor disposição logica, comporta o parallelo com o organismo individual, o mais completo da hierarchia. Compete-nos agora, ao concluir este artigo, apreciar as consequencias a que induzem alguns dos trechos de Herbert Spencer. Quanto a nós, descortina-se um acervo de futilidades nessa pretensa sociologia, montada em anecdotas, colhidas no mundo dos seres mais baixos da zoologia.

E, para muitos espiritos, a Biologia ainda constitue um tecido dessas curiosidades. Para taes materialistas, o protozoario absorve o homem. Não foi debalde que, já na antiguidade (e quer nos parecer que o proprio Hyppocrates) dizia-se: que os grandes animaes desconfiem dos pequenos. E a invasão tem sido de todos os lados: Biologia, Sociologia... e talvez em Moral.

Annunciando as differenças entre os dois organismos, diz Spencer que a Sociedade não tem fórma especifica exterior. Esta distincção, porem, não tem valor para o escriptor inglez, attendendo-se que os seres inferiores da Zoologia têm fórmas pouco determinadas. Pode-se julgar da importancia desta proposição, pensando-se na differença, que já assignalámos: *que o organismo social é formado de elemento separado*.

« Comquanto o tecido vivo de que se compõe o organismo individual forme uma massa continua, os elementos vivos duma sociedade não a formam, mas são mais ou menos dispersos sobre alguma parte da superficie da terra. »

Esta differença, porém, extingue-se, para o escriptor, mediante o exame dos factos; e é curioso o modo, como Spencer resolve o problema. Elle faz notar que, nos seres inferiores, as unidades são

dispersas numa substancia *inerte*, que apenas merece de ser chamada viva, no sentido mais completo da palavra: ex: o protococus. — Pois bem: a Sociedade é assim, pensa o escriptor inglez.

« Convém lembrar, continúa, que, mesmo que os *homens*, compondo a Sociedade, sejam *physicamente separados*, mesmo dispersos, é verdade que a superficie, em que se encontram espalhados, não é despida da vida; é coberta dessa vida inferior, a qual lhe fornece sua *subsistencia*.

A *vegetação*, que cobrê a terra dum paiz, torna possivel a vida animal, e á custa de productos animaes e vegetaes é que uma sociedade se póde manter em uma região. Donde se infere que é preciso considerar os membros dum corpo politico, não como separados por um espaço vasio, mas como espalhados em um espaço occupado por uma vida de ordem inferior. E' mister que admittamos em nossa idéa de um organismo social, toda esta existencia organica inferior da qual dependem a existencia humana, e, por conseguinte, a existencia social. »

Toda esta citação evidencia a anarchia, que vai no espirito do philosopho, a menos que aceitemol-a a laia dum mero confronto literario. E' mister ainda lembrar que toda a noção de vitalidade, quer no dominio biologico, quer no sociologico, importa no dualismo, organismo e meio, contra o qual attenta o trecho de Spencer. Já elle uma vez fôra perturbado, quando Cl. Bernard, no afan de innovar, creou um pretenso meio contido ou interno. A Sociologia, pela sua maior complexidade, requer, mais ainda do que a Biologia, a concepção nitida dessa dualidade. Entre o organismo, animal ou social e o planeta, se exerce uma actividade commum: Acção e Reacção entre o ser e o meio. Esta actividade statica, que representa a existencia, suppõe, portanto, uma structura determinada, e um meio conveniente.

Eis aqui como este duplo pensamento impõe-se não só na comprehensão da structura, mas tambem na apreciação da existencia.

Toda a sociedade, por infima que seja, tende a aguentar-se na fixidez maior do mundo que nos cerca, o qual lhe fornece provisões e instrumentos.

Como conceber que a substancia vegetal, que cobre a Terra esteja para o organismo social, assim como, para o animal, a substancia, em que mergulham as unidades anatomicas ?!

E, visto, que todos os animaes estão esparsos no vegetal, de onde colhem a subsistencia, teriam assim um immenso organismo, dispersos todos elles em uma substancia de vitalidade inferior. Porque, a materia vegetal liga os animaes, do mesmo modo que une os homens. Verdade é que o meio tende a apertar mais ou menos os laços entre os homens, animando-os a uma maior ou menor cooperação. Comquanto de origem interna, resultante de disposições cerebraes, a sociabilidade soffre a reacção das fatalidades exteriores, as quaes fornecem o alimento, estimulando e regulando a nossa actividade. E deste modo, philosopho que é, Spencer estraga logo no limiar da Sciencia o que esta de mais claro tem fundado.

« Peregrinando de differença em differença, diz ainda o escriptor: a terceira consiste na seguinte, que si os elementos ultimos dum organismo individual são geralmente fixos em suas posições relativas; os do organismo social são capazes de se dislocarem dum para outro lugar. A differença, porém, é menor do que se poderia suppor, pois, si os cidadãos são moveis emquanto homens, elles são fixos na qualidade de representantes duma funcção publica. »

A fixidez deveria caber aqui ao elemento material da sociedade. Meditando um pouco sobre a contradicção, que implica este confronto, Spencer se teria posto de sobre aviso contra uma tão absurda similhança. Porque, aceitando mesmo a sua hypothese, ahi estariam os vagabundos a perturbarem o parallelo; e os parasitas, dos quaes dizia o poeta:

Venuto al mondo, sol per far letame —

E para estes, não existe a fixidez civica, de que falla o escriptor inglez.

A quarta differença, a mais importante no conceito do autor, consiste em que no corpo do animal um só tecido especial é dotado de sensibilidade; ao passo que, na Sociedade, todos os membros são dotados desta faculdade. Esta differença, porém, desapparece pensando-se que só nas fórmas mais organizadas da animalidade é que a sensibilidade torna-se apanagio duma classe de elementos vitaes; nas fórmas inferiores, ella diffunde-se pelo organismo

todo. «E não devemos esquecer, continúa Spencer, que as sociedades não deixam de apresentar differenciações deste genero. Comquanto as unidades da communhão sejam todas sensiveis, ellas o são em grau mui desigual.[1] As classes laboriosas, menos susceptiveis como intelligencia e emoção do que o resto, são sobretudo infinitamente menos do que as classes da mais alta cultura intellectual.» Perde-se aqui a distincção entre a *sensibilidade* propriamente, e o *sentimento*.

A sensibilidade é uma propriedade commum á animalidade; emquanto que o sentimento, saindo dos pendores grosseiros, é apanagio dos seres superiores da serie.

O organismo social compõe-se de entes dotados de sensibilidade e de sentimento, em seu mais alto grau, o qual se amplia pela evolução da especie. A emotividade refere-se a um phenomeno moral ou sentimental.

Não nos parece, tambem, que seja real a differenciação das classes sociaes, quanto ao maior ou menor grau da emotividade, como dispõe Spencer. A que genero da *emotividade* elle se refere?

A cultura isolada do espirito ou da intelligencia, desenvolve a personalidade, hypertrophiando a vaidade, como bem demonstram hoje as classes theoricas; ao contrario, as classes laboriosas são as que melhor podem affazer-se ás emoções sympathicas, sentindo melhor a cooperação humana.

E qual a razão porque, pergunta-se ao philosopho, os que se repoltreiam no trabalho assiduo destas classes, esquecidos do concurso, sustentando a luta pela vida, a distincção dos fracos pelos fortes, serão mais susceptiveis de emoção sympathica do que aquelles que, confundindo-se nos proprios esforços, sentem mais intimamente os irmãos na luta? E sabemos o quanto esta actividade cooperativa reage no desenvolvimento da vida affectiva, nos afastando cada vez mais, do egoismo inicial, quanto nos exime de um vão quietismo.

Proseguindo em seus parallelos, affirma Spencer «que as primeiras sociedades humanas revelam-se nos seres da escala zoologica, taes como as sociedades de monadas, ou de cellulas, onde a unica dependencia mutua é a que resulta da união mecanica: não

---

[1] Note-se que as *unidades* já são as classes.

encontramos ahi analogias com as primeiras phases das sociedades humanas? Nas raças inferiores, como sejam os Bushmen, nós não achamos sinão um começo de aggregação, as vezes de familias isoladas ou de duas ou tres familias errantes ao acaso ». Nesta analyse, já o philosopho inglez esbarra-se com a familia, como termo extremo da decomposição do organismo social. E é tanto mais notavel este modo de ver, quanto temos visto que Spencer compraz-se sempre em decompor a sociedade em individuos. A familia constitue, de facto, o elemento anatomico do organismo social. Compol-o de individuos equivale a reduzir o organismo individual a reunião de moleculas, quando em sua actividade normal, não é assim que elle é. Qnalquer systema, diz A. Comte, só póde ser formado de elementos similhantes a elle, sendo apenas menores. O organismo social não póde ser reduzido sinão á grupos mais resumidos, contendo todos os elementos de uma collectividade mais vasta, numa intensidade relativa. Poder-se-ia então comparar um estado social qualquer com esta *união mecanica*, que liga os seres inferiores da escala? Qualquer sociedade humana, insignificante que seja, revela-se superior a dos animaes elevados da série. Toda a ordem está contida neste embryão, da qual a evolução é apenas uma modificação isenta de uma *creação* qualquer.

E é isto mesmo que resai do proprio dominio biologico, em que o desenvolvimento exprime uma modificação na intensidade da structura. Todo o progresso repousa por toda a parte, na associação da *constancia* com a *variedade*, a qual se contém na propria noção de lei.

Qualquer destes dous attributos da ordem universal se destaca mais ou menos intenso, si contemplamos uma ou outra das secções desta ordem: a *inorganica*, ou a *organica*. As variações do mundo, porém, só se convertem em progresso, quando systematizadas por um ser superior. Este, ou o ser vivo, altera o *meio*, pelos alimentos que nelle haure, e os productos, que nelle derrama. Mas, a modificação exterior, corresponde a do proprio ser, que tende a adaptar-se á sua situação. O homem é o que resume esta dupla actividade, supportando mais intensamente as fatalidades externas, e agindo, em limites mais extensos sobre ellas. E' assim que elle condensa em seu proprio melhoramento através de todas as existencias inferiores, o conjunto das alterações secundarias, que a ordem póde

comportar. Fóra deste relativismo, apaga-se a noção de progresso. Sente-se, portanto ao contemplar o espectaculo universal, que a linha da evolução passa entre dois escolhos: a *immobilidade* e a *desordem*. E a razão humana, arrimada longo tempo, em sancções ficticias, só poude harmonizar em evidente demonstração, a estabilidade com o movimento, quando o espirito systematico, elevando-se á synthese historica, resumiu-a no luminoso conceito:

O progresso é o desenvolvimento da ordem.

Pudemos, a luz de taes principios, julgar do que ainda a respeito aventa Spencer.

« Não ha entre os Bushmen divisão de trabalho, sinão entre sexos; e o unico auxilio mutuo só existe para o ataque e a defeza ». A divisão do trabalho entre sexos, no topico citado parece concernir á separação biologica; ora, nós sabemos que, socialmente, é tambem real a separação dos officios. Abstraindo das funcções materiaes, a acção feminina e affectuosa do conselho, faz-se sentir, mesmo através da condição inferior da mulher, sobre a energia activa. Quanto ao ataque e á defeza, importam numa cooperação, numa convergencia de esforços. Deste concurso, surge o orgão da convergencia, ou o governo. As differenciações, quanto a idade, dão a preeminencia intellectual ao velho, fonte do sacerdocio. E' uma sociedade organizada, a qual não é licito comparar com uma colonia de monadas; mui longe de ser um grupo *« não differenciado de individuos. »*

Para terminar, apreciemos mais alguns parallelos de Herbert Spencer. Ha interessantes, no tocante ao apparelho circulatorio.

O globulo do sangue, por exemplo, se assemelha, a moeda corrente; as arterias e veias, os caminhos de ferro. Quanto ao globulo, diz Spencer, que, *não sendo consumido na nutrição*, é comparavel á moeda, que serve apenas de intermediario.

O modo de pensar aqui sobre o globulo sanguineo póde provocar um protesto da Biologia. A cellula do sangue não póde deixar de ser consumida na nutrição; como toda materia organizada, ella está subordinada á lei da renovação organica.

O globulo do sangue dá-nos a substancia albuminoide num grau elevado de organização, e, no movimento geral da nutrição, elle é naturalmente aproveitado, incorporando-se aos tecidos, para nutril-os morre representando talvez o seu papel mais importante. Em

evolução identica á do apparelho nervoso animal, apparece um analogo no organismo social, desde os ganglios, até a medulla e cerebro. Apreciando as analogias, através da historia, fala-nos Spencer dos nucleos feudaes na média idade, de cuja fusão nasceram as grandes nacionalidades, nada, porém, nos diz de Roma, deste animal, que cresceu tanto, para depois fragmentar-se. Ao que parece, não encontrou analogo na escala zoologica. A Inglaterra, segundo quer Spencer, é dotada, nas camaras do Parlamento, de funcções analogas, ás que exerce, num vertebrado, a massa cerebral.

Rejeitando aqui a série de confronto, que Spencer se compraz em tecer entre o cerebro e a Camara dos Communs; os ganglios nervosos, e a realeza, etc., limitamo-nos a deixar em evidencia que nesse vertebrado, a Inglaterra, antes mesmo de conter um systema de vasos, compativel com o seu grau de animalidade, já era provido de cerebro. Inda mais: este communica com a peripheria pelos nervos, que na Sociedade são os fios electricos, dos quaes alguns, que seguem os caminhos de ferro, representam os do Grande Sympathico (*vaso motores*). E quão longe estava a Inglaterra dessas innovações, quando ainda bem cedo definia-se a separação das duas camaras do Parlamento. [1] E seria conveniente, para maior clareza nossa, perguntar ao philosopho inglez, quaes seriam na animalidade os correspondentes da navegação aerea, ou maritima; dos fios telephonicos, etc., etc. Ficará talvez tão ardua tarefa aos continuadores de H. Spencer. O que não nos é dado descortinar em tão acanhada sociologia é nem siquer o bom senso decantado do inglez, e tão louvado pelos adeptos de Herbert Spencer.

Perde-se a noção de progresso, reduzida assim a humanidade a nucleos discontinuos, qual aos da série hierarchica dos entes biologicos. Fica assim a Inglaterra, por ex.: qual um *vertebrado*, completo, comquanto alterado na ordem do surto successivo de seus elementos diversos. O phenomeno da continuidade humana reverte no das transformações destes animaes, cuja evolução traduz-se então no dogma metaphysico do *materialismo evolucionista*.

---

[1] V. Henry Allen, *Europa na Idade Média*, tomo III.

E' apanagio da sociedade augmentar no tempo, pelo accumulo subjectivo dos esforços successivos dos seus membros; e daqui surge uma nova distincção capital entre os dois organismos, porque o biologico cresce apenas pelo predominio da absorpção sobre a exhalação. Comquanto lhe seja permittido desenvolver-se tambem por esta dupla troca no espaço, a massa humana avoluma-se na subjectividade, e contra ella quebram-se os tentamens retrogrados do presente. E ás reliquias deixadas nos corações e nos espiritos pelas gerações que passam, prendem os reformadores ás suas creações, como a uma ancora, que lhes dá a resistencia contra os embates da onda subjectiva.

DR. PAULA LOPES

ASPECTOS DA ITALIA

A CAMPANHA—OS CASTELLOS ROMANOS

A Campanha, ao cair da noite, ou em dia nevoento e escuro, offerece a imagem mais pungente da melancolia de uma alma para sempre devastada. A linha horizontal, monotona, sem curvas, sem altos nem baixos, tem algo solemne e grave, que fórça o espirito a concentrar-se; assim é no mar, assim no deserto. Aqui, nesta planicie enorme, varrida pelas procellas dos seculos mais tormentosos, crestada pelos ardores da canicula e pelo fogo das más paixões, talada durante millenios pelas patas dos cavallos e rolar das machinas de guerra — aqui se respira, mais penetrante talvez que em nenhum outro ponto da terra, a tristeza das gerações mortas e das calamidades irreparaveis. Si no Sahara, entre os cómoros movediços nos assalta a lembrança das caravanas obscuras que a areia candente sepultou, si no oceano « tanto mais calmo na superficie quanto mais revolto no fundo », se nos representam á imaginação naufragios tetricos, tragicas lutas do homem fragil com o elemento invencivel — numa arena historica tão vasta como esta, tão carregada de memorias e de tumulos, impõe-se-nos ao pensamento a recordação de lutas ainda mais terriveis, de naufragios ainda mais espantosos, em que foram factores os odios humanos, que nenhum cyclone iguala em violencia, e nenhuma syrte em perfidia.

Certo, daquellas pelejas formidaveis saiu a pouco e pouco, por disposição providencial, a obra civilizadora do mundo moderno mas o theatro em que taes dramas se passaram, ficou reduzido a

---

Veja a *Revista* de 15 de setembro e 15 de outubro.

um ermo esteril, e nem o decurso do tempo nem o esforço de muitas gerações successivas puderam mais tirar-lhe o seu aspecto de solemne melancolia.

Si alguma riqueza agricola havia ainda na Campanha ao findar da época imperial, foram-na rapidamente destruindo, sem esperança de remedio, as hordas barbaras de diversas raças que, arremessando-se sobre Roma tantas vezes durante seculos e seculos, abriram nesta planura as suas tendas de combate. Onde esses guerreiros hirsutos e torvos dormiam uma noite, como onde, segundo a legenda pisava o cavallo de Attila, a herva não se atrevia mais a brotar. Depois, quando domados ou convertidos os inimigos exteriores, Roma readquiriu a sua autonomia politica, os partidos, com furia insensata, se incumbiram de continuar o trabalho dos barbaros, e sob os auspicios dos chefes de facção principiaram as emprezas aventurosas dos salteadores que se reuniam em bandos compactos, e dominavam toda a região zombando de governos e de exercitos.

De facto, o *banditismo* (*brigantaggio*) começou por ser um recurso de opposição e de guerra civil. Assim delle se valeram para as suas rivalidades os Colonnas e os Orsinis no triste pontificado de Alexandre VI; e d'ahi por diante, essas tropas de vagabundos tomaram o habito de assalariar-se ás ordens dos potentados que por ambição ou despeito entendiam tomar armas contra os Papas. Essa circumstancia tornava os bandidos particularmente difficeis de subjugar, e aos olhos do povo os revestia de um prestigio, odioso mas real, que não teriam exercendo a rapina por conta propria. Graças ás illustres allianças que os distinguiam, elles deixavam de ser vulgares ladrões de estrada, roubando na sombra, com medo da policia e da força, eram sequazes de grandes senhores, defendiam casas fidalgas, tinham privilegios, e talvez, *ideaes politicos*. Despojavam os viajantes e os proprietarios, não occultamente, com cautela, como os salteadores communs, mas sem rebuços, ás escancaras, gravando a gente dos arredores com uma especie de contribuição de guerra; e, si assassinavam os incautos pelas encruzilhadas, que fazer? era porque isso convinha ao interesse dos amos, e ao triumpho dos seus *principios*. Comprehende-se que de tal modo o horrivel mister de que viviam não fosse desprezado pelo povo ingenuo, cuja fantasia ardente emprestava encantos e mysterios poeticos á existencia aventurosa daquelles homens sempre revoltados contra a lei e contra a

sociedade. Por isso, *prendere la machia*—ir para o matto —ou, mais claramente, seguir o officio de bandido, era a coisa mais frequente naquelle tempo, até para rapazes de boa familia. Si um desses tinha velhas questões com as autoridades, ou receiava a perseguição de um poderoso, ou era infeliz nos amores, ou premeditava vingança contra um rival, ou sómente gostava mais de andar a solta que de trabalhar e obedecer, a Campanha lhe offerecia a sua vastidão, as quadrilhas de *briganti* a sua fraternidade, e a pilhagem os seus bastos proventos. Muitos julgariam porventura tão honrado o officio como qualquer outro, á similhança daquelle salteador montanhez que o barão Taylor encontrou na Hespanha em fim do seculo passado; era elle commensal assiduo do alcaide da villa proxima, a quem presenteava com vinhos finos, e perguntando-se-lhe que profissão escolheria para seu filho, respondia com orgulho: A minha, senhor, pois então?

O implacavel Sixto V, monarcha de pulso e caracter, exterminou em pouco tempo a maioria dos bandidos, e constrangeu os restantes a fugir dos seus Estados; mas, morto elle, após cinco annos de reinado, a Campanha repovoou-se da mesma gente. Isso foi em 1590. Quantos seculos tiveram de passar, em alternativas de revolta e submissão fingida, até surgir outro homem de tempera rija, que destruisse radicalmente o *brigantaggio*? Foi o que fez o cardeal Benvenuti, ministro de Leão XII, em 1826; e de então para cá, aquella *instituição* desappareceu.

Mas tão longa successão de incendios, de saques, de morticinios tornara impossivel para sempre uma cultura systematica da Campanha; e demais a natureza do terreno não favorecia a producção. O unico meio, dizem, de conseguil-a seria dividir o solo numa infinidade de pequenos lotes e entregal-os a familias de lavradores; ora o methodo empregado foi sempre o opposto; aqui se vêem immensas propriedades, quasi tudo pastagens, dirigidas pelos *mercanti di campagna*, casta de homens que pelos costumes singelos se assemelham aos aldeões, e pelo dominio exercido sobre uma multidão de dependentes se aproximam dos senhores feudaes. Alem disso, a *malaria* (tão antiga que já os Romanos pagãos na época dos reis adoravam o deus da peste, *Februus*) atemoriza toda a gente, e afasta mesmo os que com algum esforço poderiam aqui fazer fortuna. Eis o

que explica o nenhum exito das tentativas dos Papas e do governo italiano nesse sentido.

Pelo lado pittoresco, aliás, a Campanha está muito melhor assim. Roma, contornada por esse deserto, tem a magestade que convem ás suas tradições. Tão santa como Jerusalem, e mais santa que Mecca, ella deve ter ao redor de si a mesma solidão arida e silenciosa em que assentam as duas cidades mysticas...

Comtudo, pequenos trechos risonhos contrastam com a aspereza do conjunto. Taes são as visinhanças dos caminhos de ferro, principalmente do que ha entre Roma e Frascati, estrada que eu percorro quasi todos os dias. Ahi, quando o sol brilha gloriosamente, ha muito em que alegrar a vista. As ruinas vestem-se de folhagem fresca; heras tenazes se enroscam nellas, e, si as saudades rôxas parecem pôr-lhes o luto da velhice abandonada, as papoulas rubras enfeitam-nas, adereçam-nas com um brio quasi petulante de juventude. Casas novas e muito brancas apparecem entre a espessura dos pomares; grandes plantações se estendem, alastrando manchas de um verde sadio e forte na amplidão ruiva da Campanha; milhoaes sacodem ao vento as suas hastes e espigas, de folhas rijas como laminas de aço; vinhas cuidadosamente alinhadas como os caféeiros nas nossas fazendas, promettem colheita feliz, e os cachos côr de ambar e côr de amethysta acabam de amadurecer á sombra dos pampanos nas hortas, por onde a caseira próvida vai e vem, abrigada a cabeça por um lenço azul e encarnado, crescem os frescos legumes, regados pela agua do pequeno poço, onde a nora ringe tão sonoramente. A' beira da estrada, oliveiras mostram as suas ramagens prateadas, pecegueiros ostentam os seus frutos de um carmim intenso e velludoso; moitas de rosas, de crysanthemos, de gyrasóes crescem nos jardins; e pelos prados fóra, nas bordas dos barrancos, nas margens dos riachos, cobrem tudo nas tufas de felpa alvadia, subtil e resistente, que são como as cans desta terra veneravel, cansada de heroismos e de sacrificios.

Ao longe, no fundo do quadro, projectam-se em curvas harmoniosas os montes Albanos e Tusculanos, e nelles alvejam os celebres *Castellos*, outr'ora solares de familias potentes e prepotentes, hoje asylos pacificos de villegiatura no verão. Um delles,

o mais alto, é Rocca di Papa, o melhor de todos, pois é aquelle em que mais sinceramente se faz vida de campo; é tambem o que, através das idades, mais intacto tem conservado o aspecto primitivo. Aqui é que eu vim buscar tranquillidade e repouso, fóra das agitações mundanas. Quem vê a distancia a aldeia secular, com as suas casas escuras dispostas caprichosamente no flanco da montanha, coroada pela vetusta fortaleza, tem a perfeita idéa de um burgo medieval, agrupado ameaçadoramente em torno da sua praça de guerra. Quasi sempre no outomno, e ás vezes mesmo no estio, veus espessos de nevoa, subindo dos valles visinhos, envolvem completamente a povoação.

Sobre a origem da aldeia e do seu nome, sabios como Nibly, Piazzo e Raggi muito disputaram, mas taes controversias só podem ter para nós um interesse de curiosidade relativa e passageira; o lugar é que merece ser conhecido, por que é encantador menos pelas obras humanas, que pelas maravilhas naturaes.

As casas da aldeia são geralmente humildes, como humilde é a pobre gente que nellas habita, com pouco aceio e nenhum conforto; as ruas, curtas, estreitas, tortuosas, ingremes, mostrando bem a sua antiguidade, enredam-se em verdadeiro labyrintho; ora se encontra um como pateo de poucos metros que se diria fechado por todos os lados, e de que por fim se descobre a saida, um becco escuro que duas pessoas não podem atravessar sinão cosendo-se com os muros; ora se sobe uma longa escadinha de pedra, que passa por baixo de um arco, e termina de repente, sem se saber por que, á beira de um precipicio; ou se vai por uma ladeira quasi perpendicular, que parece conduzir directamente ao céu, e apenas conduz a um rédil de cabras, a uma velha cavallariça, a um amplo deposito de feno...

A simplicidade dos eostumes é tal, que dá a impressão do inverosimil, a tão pouca distancia de Roma. Estes montanhezes são ingenuos e rudes como barbaros do X seculo. Eis um phenomeno social que devéras me assòmbra; daqui se divisa Roma, a educadora dos paizes modernos; como é que o espirito da grande Metropole, conseguindo atravessar mares e cordilheiras, não chegou até cá? E' verdade que a estrada de ferro pára em Frascati; mas uma hora mais de diligencia é tamanho abysmo, que a civilização não o possa transpor?

Entretanto innumeras familias aristocraticas e ricas da capital vêm passar o verão em Rocca di Papa. Pois só no vestuario dos naturaes começam ellas a exercer uma influencia aliás funesta, não por que a gente daqui mude espontaneamente o seu modo de trajar mas por que a pobreza aceita roupas velhas sem discutir-lhes o feitio. As mulheres idosas são as unicas que usam ainda o antigo vestuario tão pittoresco; as novas quasi todas cobrem-se com as saias e os corpinhos que lhes dão as criadas das marquezas e condessas. E é tão ridiculo um corpo de camponeza mettido em tafularias da cidade!

Coisa que se não conhece aqui são os tratamentos de complicada cortezia que tornam difficil e ás vezes incommodo o trato das salas e das repartições burocraticas — Excellencia, senhoria, mercê — são palavras exoticas em Rocca di Papa. O *tu* latino reina com soberania incontestada. O mais miseravel dos mendigos, a mais debil das crianças não têm outro modo de dirigir-se ao mais soberbo e enfatuado millionario. Assim falou de certo este povo a Pio IX quando este aqui esteve em 1867; assim falaria ao Rei Humberto si elle se lembrasse de apparecer por estas alturas. Por isso estes homens andrajosos têm um ar de altivez serena, como si fossem heroes vencidos ou fidalgos arruinados... E entretanto, si se acercam do estrangeiro, é de ordinario para enternecer-lhe a caridade e arrancar-lhe do bolso uma esmola.

Em muitos pontos da Italia a mendicidade nas classes baixas é um habito e um vicio; são inexgotaveis os estratagemas empregados para assediar e render a generosidade dos inexperientes. Mas sobretudo nestes lugarejos decadentes ninguem dá um passo sem ser assaltado por supplicas choresas, e pela narração de soffrimentos, ah! quasi sempre, muito reaes!

Por que a Miseria, a Miseria negra, nua, faminta e chagosa fixou aqui uma das suas moradas predilectas. Quem passa horas apenas em Rocca di Papa, quem só conhece a praça grande com os seus hoteis e predios nobres, a do mercado com o movimento alegre do commercio ao redor da fonte toda ornada de musgos, de margaridas e dhalias, e o passeio elegante do Tufo, aberto em pleno bosque cercado de *villas* deliciosas, sempre animado por valentes cavalleiros e amazonas esbeltas, sempre percorrido a trote largo pelas carruagens particulares, quem só isso vê não sabe o que se

esconde de pobreza, de dôr e de gemidos na velha aldeia da montanha.

E' preciso andar por viellas escusas, penetrar em trapeiras lobregas, sem luz, sem ar, com um cheiro nauseante de mofo e pannos velhos, acostumar os olhos, como as corujas, a ver nas trevas, e o ouvido a decifrar em frases de confuso dialecto, cortadas de soluços e prantos, a historia dos mais cruciantes infortunios.

Não ha talvez em toda Rocca di Papa trinta familias medianamente abastadas. Os homens, na maioria lavradores ou lenhadores, levam parte do anno sem trabalho, salvo um ou outro de mais habilidade ; alguns possuem uns palmos de vinha ou de trigal que os ajuda a ir vivendo, mas as chuvas do anno passado estragaram completamente as sementeiras, e não foi possivel tirarem um vintem de toda a plantação, ficando alem disso em divida com o municipio, que se mostra, ao que me dizem, de uma dureza tyrannica vexando com impostos á população, sem lhe melhorar a sorte em coisa alguma. Outra causa sabida de indigencia é o decidido apego que muitos destes homens têm á vadiação ; quantos, robustos, válidos, recusam absolutamente mover uma palha, preferem ao honesto esforço a vergonha de estender a mão aos transeuntes ou de aceitar no proximo convento dos Trinitarios a sopa que os bons frades offerecem aos necessitados ! nos dias em que lhes falham as rendas da caridade, vão para a casa de mau humor e as mulheres é que pagam !

Isto é o que nós vemos na boa estação ; que será no inverno, quando a neve attinge aqui um metro de altura, e os ventos desencadeados abalam até os aliceres esta casaria tosca ! Nos paizes quentes não se conhece a verdadeira miseria ; a natureza é prodiga, e o proprio sol auxilia a nutrição. A fome e o frio é que fazem juntos uma liga mortal. Para tratar de perto esta gente esfarrapada e immunda cumpre vencer sem duvida muitas repugnancias ; mas o que anima affrontal-as é a doçura de semear o bem, de associar o proprio coração aos corações queridos nessa obra de misericordia...

Entretanto, a escassez da alimentação, a falta de hygiene, a ausencia do mais elementar conforto não impedem que esta raça se desenvolva e se multiplique com audaciosa fecundidade ; prova de que a especie humana, ao menos quando está perto da natureza,

de que a civilização nos afasta, consegue vingar a despeito das mais duras condições physicas. Vêem-se aqui magnificos anciãos de barbas patriarchaes, rapazes vigorosos e ageis, lindissimas mulheres, e sobretudo, crianças divinas.

Ha dias, encontramos pelo caminho do Tufo uma das meninas mais angelicaes que existem no mundo. Tornavamos do nosso habitual passeio da tarde; e ella appareceu diante de nós, modesta, ignorante de si mesmo, trajando um vestidinho remendado, calçando uns sapatos rôtos; tão deslumbrante, tão perfeita era a sua formosura, que nos fez parar como em extasis. Não cuideis que fosse uma flor do campo, uma flor de simplicidade rude; era flor de jardim ou de estufas, flor de nobreza e cultura, que não esperavamos achar neste lugarejo selvatico. Que feições delicadas e puras sob a aureola dos cabellos finos, louros e ondeados! que meigos olhos de um azul raro, escuro, quasi roxo, olhos de violeta dolente! que sorriso bom na boca breve, como a de uma pastora elegante de Watteau! Emquanto a interrogavamos, encantados ainda com a suavidade das suas maneiras, vinham-me á memoria reminiscencias dessas antigas chronicas, em que se narra como um principe, andando á caça pelas montanhas, teve de dormir na choupana de um zagal, e para distrahir-se segundo a um principe convinha, seduziu-lhe a filha; e como, desses amores de uma noite, nasceu uma bella menina, cujos traços, gostos e instinctos, em nada accordavam com os das outras meninas da aldeia; crescendo, não lhe aprazia lidar com a roca e o fuso, magoavam-lhe o corpo as camisas de linho grosso, doiam-lhe os pés nos tamancos rusticos, desagradavam-lhe todos os noivos que a pretendiam; assim, foi definhando, definhando, e morreu de um mal estranho, a nostalgia dos palacios reaes em que nunca entrara... Mas aqui o caso é outro; a linda Petronilla (é o seu nome) tem tanto prazer em levar o feno perfumado ás suas caras ovelhas!...

E por que invejaria ella pompas e festas da côrte, si nada ha nos salões dourados tão rico e esplendido como a paisagem que ella vê todos os dias e que é o meio mais propicio á sua formosura? Aqui a natureza domina, mas não aterra o espirito. A sua grandeza tem toques suaves como o semblante de uma rainha poderosa e amavel. Com razão denominam Rocca di Papa a Suissa italiana. Criado entre a opulencia sem par de nossas montanhas e

florestas, eu suppunha ter visto todas as variedades possiveis de paizagem; pois ainda não vira esta, ou antes, só a vira em gravuras e paineis de artistas europeus.

Cansado da cidade e dos deveres que ella impõe, asylei-me nesta solidão e achei-me logo tão bem, que não quizera deixal-a por muito tempo. A poucos passos de casa, abre-nos seus recessos rumorosos e aromaes um vastissimo bosque de castanheiros, de álamos, de ôlmos e de carvalhos. Profundo, denso, recolhido como um templo e uma Thebaida, elle se estende por duas ou tres leguas até alem de Ariccia e Albano, subindo montes, descendo ao reconcavo dos valles remotos. Uma estrada larga e igual o corta de um extremo a outro; e della os olhos se espraiam pela amplidão de um panorama em que a mão de Deus parece ter reunido as linhas ideaes da harmonia e da magestade. O espaço que se abrange é immenso; não encurtam o horizonte cristas altas e abruptas de serrania; ha sómente collinas e pequenos morros, em cujas molles curvas a vista se recreia e dilata; vinhas, olivaes, campos de milho, de trigo e de linho viçam até muito longe; ahi está a riqueza desta gente simples, riqueza tão fragil que basta uma noite de graniso ou geada para a aniquilar; casaes solitarios, trechos de aldeia nascente branquejam entre o arvoredo verde-escuro. De um lado, o bello lago tranquillo de Albano brilha ao sol como uma lamina de prata polida; nesse espelho se reflecte a cidade antiga de Castel-Gandolfo, com o secular palacio onde os pontifices costumavam veranear; mais longe, o mar fecha o quadro, como um leito de esmeralda, onde o sol, ao deitar-se, espalha mil outras pedras preciosas. Do lado opposto, vê-se a Campanha deserta; e no meio daquelle enorme tapete cinzento, Roma alveja distante, ora com relevos nitidos, ora envolta em um sendal de brumas; e sobre multidão compacta dos edificios, como soberano e tutor vigilante, se ergue o templo colossal de S. Pedro, coroado pela mais admiravel cupola do mundo... Juntai a esta paizagem classica e suggestiva a limpidez intensamente azul do céu italiano, tão puro sem nuvens nos dias longos do estio, e dizei-me si isto não é um paraiso!

Que horas de enlevo tranquillo e delicioso passamos dentro do bosque! Ha aqui, sob a copa de um roble centenario, um banco rustico onde vimos conversar e ler, sem que nada ouse perturbar-nos.

Nunca pudemos apreciar tão bem certas paginas dos poetas bucolicos, dos que souberam amar e celebrar a natureza immortal. A's vezes, fechamos o livro, ou o livro se fecha por si, e cai no chão; e então deixamo-nos ficar horas esquecidas em contemplação muda, em absoluto quietismo, ouvindo chilrear os passaros, olhando os jogos de luz e sombra que matisam a folhagem. Da mata nos vem perfumes de violetas sylvestres; cyclamens roseos, papoulas vermelhas, taraxacos amarellos, pintalgam a verdura fresca do musgo e da relva; morangos encarnados, similhantes a bicos de seios virginaes, se dilatam ao pé dos trevos e das samambaias; de quando em quando vamos colhel-os. Borboletas brancas aos pares poisam cá e lá, sobem, descem, gyram, osculando-se a cada momento; lagartixas finas e douradas se aquecem ao sol, e fogem de repente si ouvem o minimo ruido. Passa um camponio velho, de cara raspada adormecido ao chôto regular de seu jumento; passa uma aldeana idosa, curva, desfiando as contas do rosario; passam rebanhos immensos de cabras, guiadas pelos pastores rudes, deixando no ar um forte cheiro almiscarado; passam grupos de rapazes e moças elegantes da cidade, conversando e rindo á ultima moda; passa um frade trinitario, de alva cogula, distribuindo benção e imagens ás crianças que vão ao seu encontro beijar-lhe a mão...

Mas tudo isso passa apenas para animar o quadro, sem nos cortar o fio aureo dos sonhos, sem nos interromper o caro isolamento. Sabeis o que é o isolamento em plena felicidade? E' a maior delicia da terra...

MAGALHÃES DE AZEREDO

(*Continúa*)

O SR. EÇA DE QUEIROZ

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA

(*Continuação*)

III

E' este o mesmo homem que encontra na abundancia do seu coração as delicadezas mais requintadas do temperamento espiritualista, a elevação religiosa do amor casto, os sentimentos mais leaes da amizade, os gritos mais dilacerantes da compaixão, os mais desesperados clamores da Justiça violada. O poeta das ligações carnaes e casuaes é-o tambem das intimidades legitimas e reune ás brutalidades de um couraceiro as ternuras de uma mulher nervosa. Ouso mesmo dizer que esta segunda fórma é a mais importante da sua sensibilidade. A tensão anciosa e como que dolorosa da sua alma, que o não abandona nem mesmo em frente do prazer sensual e da belleza plastica, indica que elle não é um verdadeiro pagão, capaz de encontrar a completa satisfação dos seus instinctos no exercicio da força e no contentamento dos desejos. Mesmo a sua excessiva sensibilidade o exclue da ventura considerada como uma equação entre o desejo e a posse. Ha alguma coisa de inquieto, de não saciado em toda a sua obra e que ora se manifesta por uma

---

Veja a *Revista* de 15 de outubro e 15 de novembro.

resignação cheia de tédio, ora faz explosão pelas derradeiras palavras do desprezo e da colera. Succede que este grande poeta é não só um sensualista como tambem um espiritualista e que, tendo virado metade da sua alma para as alegrias da vida, vira a outra metade para as melancolias do ideal.

E' ainda nos seus primeiros escriptos que encontramos a mais frizante prova do que dizemos. Duas coisas se notam nos folhetins da *Gazeta de Portugal*: o grito de jubilo de um coração novo ao contacto das coisas e o lamento desesperado da alma que as confronta com as idéas. E esta é a ultima nota que predomina. Todos estes folhetins são odes e sobretudo satyras. Ha-as furiosas, mal disfarçadas sob as vestes da fantasia, contra a chateza contemporanea, contra a ausencia de ideal, contra o desprezo da alma, contra as indifferenças do egoismo, contra as crueldades do fanatismo, contra a maldade e a inepcia humanas. Para que nada lhe tolha a liberdade, o poeta faz exprimir os seus sentimentos pelas coisas inanimadas e dá ás suas fantasias a fórma apologal. Aqui é a historia de um milhafre que, mettido num nicho de templo derrocado arremeça a mais violenta das diatribes contra o mundo moderno, o seu amor á letra, o seu odio ao espirito. Além é a supplica desesperada do *lume*, que recorda os serviços prestados ao homem, nos inicios da cultura, afugentando as fêras, espancando os terrores, forjando as armas, cozendo os alimentos, enchéndo de alegria a quente intimidade do lar, e que pede, em paga de tantos beneficios, que o não empreguem nas obras da violencia e da iniquidade acendendo as chammas dos combates e as fogueiras dos supplicios. E a mais bella de todas, essas *Memorias de uma forca*, pesadelo cortado de idyllios, dignos pela factura e pela idéa de um grande poeta inspirado e creador. E' preciso lêl-o para ver como a imaginação artistica sabe arrancar de um tronco rude e informe uma historia commovente até ás lagrimas e dar á fantasia inverosimil os accentos de uma desgraça real. Nesse mesmo *Mandarim*, obra-prima de paganismo carnal e cruel, os ais do espiritualismo angustiado não escasseiam. Por duas vezes, a dez annos de distancia, elle fala nessa aurora espiritual que após as noites de peccado rompe na alma do debochado. E essa aurora espiritual espalha a sua dolente claridade em vinte passagens da sua obra. E ella que envolve como um nimbo essa figura divina da condessa

do *Mysterio*, que elle quiz pôr, num contraste forte, ao lado da sua ruidosa hespanhola. Contemple-se esse doce vulto de fidalga apaixonada, creada como uma flor rara na estufa do luxo e cujos nervos de grande dama aceitam a ventura como coisa natural, e exigem o amor como um alimento, attente-se nas delicadezas infinitas e no penetrante carinho em que o poeta a envolve toda, e ver-se-á que na alma delle ha lugar não só para os impetos da paixão como tambem para os requintes da ternura. Carmen e a condessa se completam. O poeta quiz mostrar que no seu coração havia bastante calor para crear uma mulher e bastante finura para pintar uma senhora. Seria preciso remontar até ás heroinas de Garrett para encontrar uma irman á condessa do *Mysterio*. Ella possue o mesmo encanto, uma fragilidade e um mimo igual, um avelludado d'alma similhante. Como as outras ella é a filha de um grande artista homem do mundo, capaz de ligar a perfeita elegancia á extrema força, e de mostrar a palpitação das entranhas sob a macieza dos setins.

Porque na alma deste poeta, que os affirmativos podem qualificar de sceptico, e os tolos chamam cynico, ha uma fonte verde de lagrimas em torno da qual se abrem suavemente as violetas do amor casto e os lyrios da piedade. Foi um punhado desses lyrios e violetas que elle espargiu numa das suas fantasias de adolescente, o extranho conto intitulado *O Sr. Diabo*. E' a historia de um amor allemão, a um luar de ballata, sob uma clara varanda cheia de pombas, junto a um Christo ensanguentado. Não conheço nada mais repassado de uncção, de penetrante espiritualismo, do que este dialogo de duas almas que se confundem num olhar. Immaterial e ineffavel, quasi religioso á força de abnegação, o magnifico sentimento se exhala em palavras fortes e meigas, que partem do coração fazendo-o palpitar com um rythmo tão solemne como a oscillação dos thuribulos. E em torno deste amor se agrupam todas as coisas boas e puras, exaltando-o e o santificando. « Por eu entrar no teu coração não tires nada delle, não ? Tens lá a fé de Jesus e a saudade de tua mãi: damo-nos todos bem lá dentro, contemplando o interior do teu olhar como um céu constellado ». Nem uma vez o grito do desejo se faz ouvir, imperioso e faminto. E' uma adoração silenciosa como o vôo das grandes aves. A sua expressão natural são as lagrimas, a sua maior voluptuosidade a communhão das

dôres. « O que eu quero de ti? As tuas penas. Quando chorares vem a mim. Farei a alma em farrapos para te enxugar os olhos. » O esquecimento absoluto de si mesmo, a humildade ardente e a cegueira voluntaria, a imperfeição alheia exaltada até ao ideal e tomada como pretexto da perfeição propria, eis as consequencias do amor nos temperamentos espiritualistas. E são as extremas palavras do amor espiritualista que se ouvem quando a virgem bem-amada murmura:

« Olha, eu sou como um campo. Tenho arvores e relvas. O que ha em mim de maternidade é arvore para te cobrir, o que ha em mim de paixão é relva para tu pisares. » Levada a este extremo a paixão descamba no mysticismo. A alma attribue a uma creatura limitada as perfeições proprias e o culto tributado ao Ser Infinito e o amor se confunde com a religião. Depressa o poeta transpõe essa distancia, e o Jusel do poema diz: « Casemo-nos no coração de Jesus. Dá-me essa agulheta que te prende o cabello. Será a nossa estola. » E com a ponta da agulheta grava no peito branco do Crucificado as duas iniciaes bem juntas. O Redemptor misericordioso deixa que lhe façam mais esta chaga.

Esta capacidade e este amor das emoções finas e quasi dolorosas á força de delicadeza, junto ao gosto sensual da fórma e da côr que já indicámos, explica um lado pouco notado do seu temperamento literario, quero dizer o seu catholicismo. E quando falo do seu catholicismo não me refiro ás suas crenças religiosas e tão somente ás idiosyncrasias da sua imaginação e sensibilidade. Debaixo deste ponto de vista o sentimento catholico inspira artistas que combatem o christianismo como outros que o professam. Elle apparece tão vivo nas imprecações hereticas do Anti-Christo como nas expansões theologicas do Sr. Camillo. E' elle que anima alguns dos mais bellos sonetos do Sr. Anthero do Quental, como algumas das mais fortes composições das *Miragens Seculares*. Encontrar-se-iam expressões delle em um grande numero de documentos da nossa literatura comtemporanea. E não admira, porque a maneira de sentir persiste, mesmo quando as crenças se renovaram, e é mais facil mudar de opinião que de imaginação. A do nosso escriptor se deleita na representação das scenas evangelicas e a sua sensibilidade affecta as emoções e as expressões correspondentes. Não é curioso ver um grande escriptor moderno, considerado justamente

como um dos representantes mais avançados do pensamento emancipado, occupar-se duas vezes, a vinte annos de distancia, em narrar a Paixão? Elle conservou dos tempos da sua infancia o amor entranhado do Christo e não se pejou nunca de o confessar e é por estas palavras que termina essa viva confidencia intitulada *Carta a Carlos Mayer*: «Num dia de tristeza e de frio eu quiz fazer uma romaria saudosa áquelles tempos distantes em que viviamos numa noite de ideaes e de desejos allumiados pelos astros Shakespeare, Dante, Rabelais, S. João, Göthe, Cervantes, e tendo sempre na alma aquella ternura luminosa que vinha de uma aurora serena, clara, immensa, purificadora e consoladora—Jesus Christo!» E é a morte de Jesus que elle conta por esse tempo. E' preciso ler esse escripto para medir a intensidade de amor que lhe ficou na alma por aquelle que desde a infancia se acostumara a chamar o seu Redemptor e o seu Christo. Com que ternura elle o descreve e o acompanha só se imagina lendo-o.

Mas em parte nenhuma o sentimento catholico se apresenta mais forte do que na *Reliquia*. O seu violento odio pela grosseira idolatria, pelo fetichismo inintelligente, pela ingenua impiedade da devoção interesseira são outros tantos indicios significativos. Um indifferente não tem destas coleras. Nem, sobretudo, destes accentos de amor. Porque através dos labios dos personagens imaginarios sóa fortemente a voz dos sentimentos pessoaes. Jamais a adoração do Crucificado encontrou iguaes expressões de piedade apaixonada? «Em Galiléa, que é bem fertil, bem verde, quando elle falava era como se corresse uma fonte de leite em terra de fome e seccura: até a luz parecia um bem maior! As aguas no lago de Tiberiade, amansavam para o escutar, e aos olhos das crianças que o rodeavam subia a gravidade de uma fé já madura...» E' o devasso D. Raposo, bacharel e ignorante, carnal e banal, ou o grande poeta catholico da *Reliquia* que exhala este grito da alma afflicta e arrependida: «E ao mesmo tempo, mais do que treme a folha num aspero vento, tremia minha alma num terror sombrio—o terror do servo negligente diante do amo justo! Estava eu bastante purificado... para affrontar a face fulgurante do meu Deus?... Ai de mim! Quantos domingos, nesses tempos carnaes em que a Adelia, sol da minha vida, me esperava na travessa dos Caldas, fumando e em camisa—não maldissera eu a lentidão das Missas e a

monotonia dos Septenarios! E sendo assim do craneo á sola dos pés uma crosta de peccado, como poderia meu corpo não tombar, já reprobo, já tisnado, quando os dois globos dos olhos do Senhor como duas metades do céu, se voltassem vagarosamente para mim?... »

Mais fortes são as palavras que seguem; é preciso dizel-as lentamente, com um accento concentrado e penetrado. E não são expressões exigidas pela logica dos caracteres. Caracteres não os ha na *Religião*. D. Raposo Topsius, a devota Patrocinio e os outros são caricaturas, e as caricaturas não são obra do espirito analytico, são productos da imaginação lyrica. Estes vultos burlescos ou fantasticos não têm a responsabilidade das palavras que proferem, nem a imputação dos sentimentos que se lhes attribuem. Não são retratos, são rotulos. E é um canto do seu coração que o poeta mostra, quando escreve esta pagina onde o catholicismo realista e apaixonado da Peninsula fulgura como num sacrario: « Mas ver *Jesus!* Ver como eram os seus cabellos, que pregas fazia a sua tunica, e o que acontecia na terra quando os seus labios se abriam!... Para além desses eirados onde as mulheres atiravam grão ás pombas: numa dessas ruas donde me chegava claro e cantado o prégão dos vendedores... ia passando talvez nesse temeroso instante... Jesus, meu Salvador, com uma corda amarrada nas mãos. A lenta aragem que balançava na janella o ramo de madresilva, e lhe avivava o aroma, acabava talvez de roçar a fronte do meu Deus, já ensanguentada de espinhos! Era só empurrar aquella porta de cedro, atravessar o pateo onde gemia a mó do moinho domestico,— e logo, na rua eu poderia *ver* presente e corporeo o meu Senhor Jesus tão realmente e tão bem como o viram S. João e S. Matheus. Seguiria a sua sacra sombra no muro branco — onde cairia tambem a minha sombra. Na mesma poeira que as minhas solas pisassem—beijaria a pégada ainda quente dos seus pés! E abafando com ambas as mãos o barulho do meu coração, — eu poderia surprehender, saido da sua bocca ineffavel, um ai, um soluço, um queixume, uma promessa! »

Este sentimento catholico attinge o seu cumulo na scena terrivel do Calvario. O seu gosto da sensação aspera, da pungente voluptuosidade do soffrimento encontra no espectaculo do supplicio uma excitação adequada. E ao mesmo tempo a adoração do Redemptor acha na historia da sua morte um thema de penetrante poesia, leda

repassada de lagrimas. Para se comprehender esta pagina estranha, illustre documento da continuidade ethnica e da herança persistente, seria preciso remontar até aos homens do seculo XVI, que nas télas sombrias e nos autos sacramentaes vasavam a piedade violenta e sincera das suas almas. Para escrevel-a é preciso ser do sangue dos mysticos, de uma raça acostumada á palpitação lithurgica que com soluços e torcimentos de mãos, tiritando de terror e de amor se afundou na meditação dolorosa da Paixão. O Sr. Oliveira Martins lembrou os pintores hespanhoes a proposito da *Reliquia*. Com effeito, não é esta uma téla de Ribera, realista e atroz?: « Então, ancioso, ergui os olhos... Ergui os olhos para a cruz mais alta, cravada com cunhas numa fenda da rocha. O Rabbi agonizava. E aquelle corpo que não era de marfim, nem de prata, e que arquejava, vivo, quente, atado e pregado a um madeiro, com um panno velho na cinta, um travessão passado entre as pernas — encheu-me de terror e de espanto... O sangue que manchara a madeira nova, ennegrecia-lhe as mãos, coalhava em torno aos cravos: os pés quasi tocavam o chão, amarrados numa grossa corda, roxos e torcidos de dôr. A cabeça, ora escurecida por uma onda de sangue, ora mais livida que um marmore, rolava de um hombro a outro docemente, e por entre os cabellos emmaranhados, que o suor empastava, os olhos esmoreciam, sumidos, apagados — parecendo levar com a sua luz para sempre toda a luz e toda a esperança da Terra....»

Leia-se ainda a tocante historia do pedreiro de Nain que vendia medalhas no Templo e a quem, num rapto de colera, Jesus expulsara com os mais vendilhões. Pobre, com uma filha viuva e doente e as filhas da sua filha a sustentar, gravava em pequenas pedras representações de coisas sagradas que vendia á piedade dos fieis. Jesus, indignado, o varrera do lugar santo, e, choroso, o pobre contava as miserias do desvalido e a fome das criancinhas. E D. Raposo, escutando-o sentia os olhos se lhe arrazarem de lagrimas. « Bati no peito, desesperado. E a minha angustia toda era por Jesus ignorar esta desgraça, que, na violencia do seu espiritualismo, suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente creado, como a chuva benefica, por vezes, fazendo nascer a sementeira, quebra e mata uma flôr isolada. » E com uma delicadeza rara, das que só occorrem ao coração fino dos que amam, ajunta: « Então, para

que não houvesse nada imperfeito na sua vida, nem della ficasse uma queixa na terra, — paguei a divida de Jesus (assim seu Pai me perdoe a minha!), atirando para o saião do velho moedas consideraveis, drachmas, crysos gregos de Philippe, aureos romanos de Augusto, até a uma grossa peça da Cyrenaica, que eu estimava... »

Eis os sentimentos a que elle attinge quando lhe tocam as fibras intimas da alma. Não obedeciam a uma piedade mais fervente as mulheres santas, que enxugavam com os cabellos os pés cançados do Redemptor.

MONIZ BARRETO

(Continúa)

ESTUDOS DEMOGRAPHICOS[1]

NUPCIALIDADE NO DISTRICTO FEDERAL

O casamento tem por effeito a constituição regular da familia. D'ahi a sua importancia sob o ponto de vista demographico, influindo beneficamente sobre a hygiene social quer physica quer moralmente.

Todos os demographistas fazem a apologia do casamento como poderoso modificador da sociedade. Entre elles, o celebre demographo francez Luiz Adolpho Bertillon é um dos seus mais fervorosos sectarios. No seu artigo intitulado *Mariage*, inserto no dicciornario de Dechambre[2] assim se exprime: « Na frase de Cabanis si ainda fosse preciso provar a poderosa influencia da vida moral sobre a saude physica, certamente a mortalidade tão diminuta do homem casado comparada com a do viuvo, pelo menos dupla, daria

---

[1] Em nosso primeiro artigo, sobre *a população do Districto Federal*, houve erros de algarismo que convém rectificar:

Na pag. 336 do 65º fasciculo, onde se lê: Por conseguinte, desprezando a enorme fracção de 55.769, não se poderá de modo algum julgar exagerada a cifra de 750.000 almas, em que calculamos a população do Districto Federal— leia-se: Por conseguinte, desprezando a enorme fracção de 5.769 etc...

Na pag. 337 do mesmo fasciculo, na 16ª linha, em vez de 517.200 habitantes, deve-se ler: 638.960 habitantes. Na mesma pagina, linha 18ª, onde se lê: E' ate inferior ao que obtivemos, em 1895, sómente para a população urbana, avaliada em 600.000 almas, desprezando a não pequena fracção de 28.960 habitantes — leia-se: E' quasi identico ao que obtivemos, em 1895, sómente para a população urbana, avaliada em 600.000 almas, desprezando a não pequena fracção de 6.964 habitantes.

[2] *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Medicales — Mariage* — pags. 69 e 77.

uma explendida prova. » Logo depois acrescenta : « Quantas razões ha para que a sociedade faça do casamento o dever supremo ou talvez mesmo uma condição necessaria do cidadão! Não deve o adulto á familia o que elle tem de melhor a vida, a educação, a virtude, a instrucção e muitas vezes uma parte da fortuna, do credito e mesmo da honorabilidade? Si, entretanto, elle se recusa a constituir por sua vez uma familia, conservando-se celibatario, não ha ahi um devedor que, de firme proposito, recusa pagar o que recebeu, constitue-se insolvavel e faz bancarrota para com a sociedade?

« Exceptuo apenas os dois casos seguintes:

« 1.° Os invalidos e doentes do corpo e do espirito, assim como todos aquelles a quem persegue a fatalidade de alguma herança morbida;

« 2.° O muito pequeno numero de celibatos fecundos; uns fecundos em grandes obras (taes como os Newton, Pascal, Kant); outros menos eminentes, que se parecem casados com o trabalho incessante, algumas vezes sobrehumano, que os absorve completamente; estes têm provado por seus longos e uteis labores a legitimidade do seu contrato. Uns e outros pagaram a sua divida. Ainda, porém, nestes casos, é de crer que, convenientemente casados, a maior parte delles teriam sido mais felizes e completos.

« Fóra disto, salvo o caso da suprema miseria ou da suprema elevação, não ha lugar util e honrado na sociedade sinão para o esposo e para o pai de familia. Por uma feliz harmonia, o que assegura a felicidade individual é tambem a obra do bem publico. Quanto ao celibatario que não é um anjo nem um bruto, mas simplesmente homem, já demonstramos e affirmamos, em conclusão, que sua existencia constitue um perigo social, que os costumes devem ao menos assignalar á suspeita publica e que o Estado deve tender sem cessar a diminuir em vez de animar por meio de subsidios. »

Textualmente reproduzimos as palavras do sabio demographista, para mostrar quanto é partidario do casamento como elemento efficaz do bem estar da communhão social.

Entre os jurisconsultos e sociologos não é menos commum esta salutar opinião. No prefacio de uma obra de direito, [1] escripta

---

[1] Troplong, *Contrat de Mariage.*—Tomo I. Prefacio.

por notavel jurisconsulto francez, ha a seguinte frase que exprime bem a vantajosa necessidade desse acto da vida civil: «O homem não nasceu para viver só. A solidão pesa sobre seu coração, que tem necessidade de amar e ser amado. Para sair desse isolamento, elle não póde ter companhia mais honesta, mais consoladora, mais favorecida pelas bençãos divinas do que o casamento. — *Ne que aliud probis quam ex matrimonio solatium*, diz Tacito.»

A influencia benefica do matrimonio, difficultando o suicidio, a alienação mental, o crime e a mortalidade, é salientada pelos hygienistas e moralistas.

Do que fica dito, é facil concluir que o estudo do casamento é de intuitiva relevancia sob o aspecto demographico, havendo portanto vantagem em salientar os resultados a que chegamos pelo exame das cifras que nos offerece a nupcialidade do Districto Federal.

Examinando em geral e em detalhe os algarismos fornecidos pela estatistica, vejamos as conclusões que é possivel tirar do estudo da nupcialidade do Rio de Janeiro.

Na capital fluminense é fraca a nupcialidade comparada com a de outras cidades estrangeiras. No anno de 1895, por exemplo foi apenas em todo o Districto Federal de 3.001 casamentos, o que corresponde ao coefficente de 4.00 casamentos por mil habitantes. Esta proporção sendo muito inferior a de outras capitaes estrangeiras, convém indagar os motivos capazes de explical-a.

Appellar para as deficiencias do registro civil, como succede a proposito dos nascimentos, em que as lacunas nas inscripções são numerosas e palpaveis, não explica nem justifica a exiguidade do total dos casamentos; por quanto, não é provavel haver omissões notaveis neste particular, desde que para constituir familia legitima, é natural a preoccupação que tem os contrahentes de cercar o matrimonio com todas as formalidades legaes. Só o fanatismo religioso de alguns e a ignorancia de outros, em seu proprio prejuizo, seriam capazes de prejudicar o registro civil, uma vez que a lei não reconhece como validos os casamentos despidos das formalidades exigidas pelo direito civil. O maior numero de lacunas na inscripção dos nascimentos refere-se principalmente aos filhos illegitimos, originados por assim dizer sem

a preoccupação de observar os preceitos legaes da constituição regular da familia.

A crise economica, que nos afflige e entorpece o progresso do nosso paiz nestes ultimos tempos, explica de alguma sorte a fraqueza numerica dos casamentos na cidade do Rio de Janeiro. E' facto averiguado que depois das guerras civis e perturbações economicas, em consequencia da elevação do preço dos generos de primeira necessidade e da difficuldade do trabalho para alcançar os meios de subsistencia, a nupcialidade diminue. Este argumento, porém, não é sufficiente para elucidar completamente a questão, por isso que, anteriormente á crise economica e á guerra civil, cujos effeitos estamos ainda soffrendo, já era fraca a cifra da nupcialidade na capital fluminense. Devemos, por tanto, appellar para outros motivos que melhor expliquem a nossa restricta nupcialidade.

Por via de regra no Brazil a mulher não se dedica ao commercio nem ás industrias, auxiliando apenas o marido na economia domestica e no encargo da criação dos filhos. Por isso, o casamento nas classes mais favorecidas traz grandes onus ao chefe da familia, o qual tem a exclusiva obrigação de prover a despeza da casa e á educação dos filhos com os recursos que puder obter do seu trabalho, dando-se por muito feliz em merecer a estima da sua esposa e os carinhos do lar domestico.

Por outro lado, os filhos em geral pouco auxiliam, havendo da parte dos pais quasi sempre a excessiva preoccupação de educal-os para as profissões liberaes, que exigem de ordinario grandes sacrificios pecuniarios.

Demais, á similhança do que diz A. Martinez succeder em Buenos Aires, no Rio de Janeiro a carreira do funccionalismo publico é geralmente a preferida como meio de ganhar a subsistencia, qualquer que seja a classe social do individuo, qualquer que seja o seu grau de cultura intellectual e qualquer que seja a sua posição e preparo technico ou profissional. Todo o Brazileiro deseja ser empregado publico. Medicos, advogados, engenheiros, pharmaceuticos, professores, literatos, artistas, etc., ambicionam os cargos publicos, com sério prejuizo na prosperidade da sua fortuna e renda almejando apenas o bem estar momentaneo, isto é, o certo de preferencia ao duvidoso. Ora ninguem póde contestar que essa carreira

é ingrata. Jamais compensou sacrificios de qualquer natureza. A ninguem enriqueceu licita e honestamente.

Alberto Martinez, em seu excellente annuario de estatistica de 1895, estudando comparativamente o grau de fecundidade da mulher argentina com o das mulheres de outras nações, affirma outrosim a escassa nupcialidade da argentina. Justifica o facto appellando para a mania dos empregos publicos, que de ordinario não offerecem as vantagens e os meios necessarios para constituir familia. Essa fraca nupcialidade da mulher argentina é supprida, porém, pelo forte contingente da matrimonialidade entre o elemento estrangeiro, principalmente da colonia italiana, que hoje representa quasi a maioria dos habitantes de Buenos Aires, contribuindo de modo evidente para a prosperidade e crescimento physiologico da sua população.

Do estudo comparativo, que faz Martinez, a respeito da fecundidade dos casamentos segundo as diversas nacionalidades, prova-se o inferior grau de fecundidade da mulher argentina, demonstrando este facto a decadencia do elemento nacional. Entre nós não succede o mesmo. A mulher brazileira é geralmente fecunda. Todavia, é incontestavel a insignificancia do numero dos casamentos na capital fluminense.

Si é verdade que num paiz novo como o nosso onde não ha ainda industrias florescentes e que luta com sérios embaraços para desenvolver as suas fontes de riqueza, é de alguma sorte justificavel a fraqueza da nupcialidade em contraste com o poder fecundante dos seus habitantes; não é menos verdade, comtudo, que a exagerada preferencia pelos cargos publicos não tem sido alheia a esses resultados. Esta perniciosa preferencia, afastando da esphera mais larga do desenvolvimento nacional obreiros robustos de actividade e intelligencia, forçosamente ha de contribuir para privar a nossa nacionalidade de factores poderosos do seu progresso, perdidos ou despreoccupados nas malhas estreitas do funccionalismo publico. Neste, vultos eminentes têm sobresaido, prestando valiosos serviços ao paiz. Mas raros foram os que tiveram como recompensa a fortuna e o bem estar, exclusivamente conseguidos no serviço da nação. Com menos intelligencia e mais facilidade não poucos foram os que lograram melhores resultados em outros ramos da actividade humana.

No que deixamos escripto, parece-nos, se encontrará talvez a razão da exiguidade dos casamentos em nossa cidade, sem duvida uma das mais importantes da America pelos seus dotes e riquezas naturaes.

—

Não conhecendo, segundo um recenseamento bem organizado, o numero dos casados no Rio de Janeiro, descriminado conforme as nacionalidades, estado civil anterior e profissões, não podemos vantajosamente apreciar bem os detalhes da cifra da nupcialidade no Districto Federal. Apenas nos limitaremos a ligeira analyse dos algarismos fornecidos pelas estatisticas que organizamos relativamente á nupcialidade nas suas principaes especies.

Sob o ponto de vista demographico este estudo não é dos mais perfeitos. Desperta, todavia, algum interesse, razão pela qual vamos enumerar os resultados que pudemos colher.

No anno de 1895, segundo as idades, foram as seguintes as porcentagens dos casamentos no Districto Federal :

Idades	Porcentagens
Menores de 15 annos	0.00
De 15 a 19 »	3.16
» 20 » 24 »	33.85
» 25 » 29 »	28.36
» 30 » 34 »	15.63
» 35 » 39 »	7.76
» 40 » 44 »	5.20
» 45 » 49 »	2.43
» 50 » 54 »	1.90
» 55 » 59 »	0.87
» mais de 60 »	0.80
Idade ignorada	0.04
	100.00

Ignorando a proporção censitaria das diversas idades nos dois sexos relativamente ao estado civil seria temeraria qualquer proposição avançada neste sentido. Como é natural e com toda a probabilidade de acerto póde-se affirmar, comtudo, segundo demonstram as porcentagens, ser dos 20 aos 29 annos, que ordinariamente é mais accentuado o contingente dos casamentos

No tocante ao estado civil anterior, foram as porcentagens dos casamentos no Districto Federal as seguintes:

Estado Civil	Porcentagens
Solteiros com solteiras	85.20
» » viuvas	5.83
Viuvos » solteiras	6.90
» » viuvas	2.07
	100.00

Na falta dos elementos necessarios, isto é, não conhecendo qual o numero dos solteiros e viuvos recenseados, perde inteiramente de valor, sob o aspecto demographico, qualquer apreciação baseada nas porcentagens offerecidas pelos casamentos nesses dois estados civis.

Entretanto, segundo Jacques Bertillon, em todos os paizes onde esta pesquiza se faz, verifica-se o seguinte: « A nupcialidade dos viuvos é, em todas as idades, duas ou tres vezes maior que a dos solteiros. A vida conjugal parece ser tão agradavel que uma vez experimentada, não é mais possivel prescindir della.

« A grande nupcialidade dos viuvos se explica ainda pelo facto de que, casando, já haviam demonstrado pelas suas inclinações, estado de fortuna e profissão estarem dispostos para o matrimonio. A morte da primeira mulher deixou subsistir esta aptidão para o casamento, que não se demoram em satisfazer. Não sabemos si a existencia dos filhos favorece ou prejudica a conclusão de um segundo casamento, parece-nos, entretanto, que ella contribue tanto no viuvo como na viuva para os impellir á um segundo matrimonio.»

Em relação aos divorciados, Jacques Bertillon pensa que a nupcialidade depende da idade, sendo menor que a dos solteiros quando jovens e muito mais elevada a medida que a idade avança. Acima dos 40 annos a nupcialidade dos divorciados é mesmo superior a dos viuvos.

Relativamente ás viuvas e ás divorciadas estas leis são mais ou menos analogas. Em referencia ao assumpto, J. Bertillon faz ainda a seguinte consideração que não deixa de ter alguma importancia e certa dóse de philosophia: «As viuvas se casam de novo com muito menos pressa que os viuvos; parecem ter mais que o homens a religião da saudade. As mulheres divorciadas tornam-se

a casar menos promptamente que os viuvos, é verdade, porém muito mais depressa que as viuvas. »

No que diz respeito a nacionalidade dos que contrairam o matrimonio, são as seguintes, no Districto Federal, as respectivas porcentagens.

Nacionalidades			Porcentagens
Brazileiros	com	Brazileiros	55.28
»	»	estrangeiros	2.67
Estrangeiros	»	Brazileiros	18.16
»	»	estrangeiros	23.89
			100.00

Embora não conheçamos os dados censitarios referentes ao assumpto em questão, podemos, entretanto, affirmar que no Rio de Janeiro é o elemento nacional que fornece o principal contingente como se verifica a simples vista da respectiva porcentagem. Por emquanto o elemento estrangeiro, entre nós não tem favorecido o crescimento vegetativo da nossa população. Pela falta de acclimação, avolumando a mortalidade da nossa cidade, com excepção dos Portuguezes, poucos se fixam no paiz constituindo familia. E' insignificante o cruzamento dos Brazileiros com os estrangeiros, o que sensivelmente tem prejudicado o progresso da nossa nacionalidade.

Relativamente ás profissões, os casamentos do Districto Federal apresentam as seguintes porcentagens :

Profissões	Porcentagens
Commerciantes	30.32
Profissões liberaes	4.57
Artistas	20.16
Operarios	19.59
Funccionarios Publicos	10.96
Maritimos	1.37
Militares	5.06
Lavradores	4.47
Capitalistas	0.70
Sem profissão declarada	2.80
	100.00

Ainda por falta de esclarecimentos censitarios exactos das diversas profissões, muito pouco é possivel dizer a respeito deste assumpto.

A classe dos commerciantes muito importante no Rio de Janeiro, sendo em geral a mais favorecida, embora talvez não seja a mais numerosa, é a que offerece maior porcentagem de casamentos. Por outro lado, si bem que bastante consideravel a classe dos funccionarios publicos, é todavia diminuta a sua porcentagem de nupcialidade, figurando muito abaixo dos correspondentes aos casamentos dos commerciantes, artistas e operarios.

Nas profissões liberaes é extraordinariamente baixa a porcentagem dos casamentos. Sendo bem notavel, por influencia da educação peculiar á nossa terra, o numero dos profissionaes existentes no Rio de Janeiro e sendo a classe dos diplomados, por condições especiaes, a que deveria mais favorecer o matrimonio, é entretanto patente a deficiencia dos consorcios indicada pela respectiva porcentagem de nupcialidade.

Em relação ás circumscripções civis foram as seguintes as porcentagens dos casamentos nas diversas pretorias do Districto Federal:

Pretorias	Porcentagens
Candelaria	0.47
Santa Rita	12.49
Sacramento	7.60
S. José	5.90
Santo Antonio	5.90
Gloria	7.56
Lagôa	5.20
Gavea	1.23
Sant'Anna	13.13
Espirito-Santo	6.40
S. Christovão	5.56
Engenho-Velho	7.50
Engenho-Novo	7.13
Inhaúma	3.80
Irajá	2.43
Ilha do Governador	0.37
Paquetá	0.27
Jacarepaguá	1.40
Guaratiba	1.40
Santa Cruz	1.16
Campo Grande	3.10

[illegible]

[illegible]

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]

[illegible]

Só a cidade de Recife apresenta um coefficiente mais baixo do que o da cidade do Rio de Janeiro. Convém, entretanto, acrescentar que é muito exagerada a cifra em que foi orçada a população da cidade do Recife, cifra esta extraida do *Annuario Demographico* daquella cidade, relativo ao anno de 1895. Si reduzirmos essa cifra a um algarismo mais razoavel e mais verdadeiro, isto é, 150.000 habitantes, acharemos um coefficiente quasi identico ao da capital fluminense.

As variações annuaes da nupcialidade, natalidade e mortalidade estão sujeitas a leis mais ou menos determinadas.

E' facto averiguado em diversos paizes que todas as calamidades publicas, tornando a vida mais cara, isto é, mais difficil de obter os meios de subsistencia, são acompanhadas immediatamente dos phenomenos seguintes: augmento da mortalidade; diminuição da nupcialidade e diminuição da natalidade.

Si, ao contrario, ha grandes safras e desenvolvem-se novas industrias, trazendo como resultado a diminuição do preço dos viveres, a mortalidade diminue; a nupcialidade augmenta e a natalidade tambem se eleva.

Entretanto, acrescenta Bertillon, depois de uma intensa calamidade publica, a natalidade e a nupcialidade se elevam e a mortalidade diminue, sem haver necessidade da reducção no preço dos viveres.

Si analysarmos as estatisticas da nupcialidade e da natalidade da cidade do Rio de Janeiro e consultarmos os diagrammas respectivos nestes ultimos annos, verificaremos graphica e numericamente representadas estas leis no periodo correspondente de 1893 a 1895.

A influencia da guerra civil, iniciada em setembro de 1893 e terminada em março de 1894, e a da crise economica que lhe succedeu são patentes nas variações mensaes e annuaes dessas especies demographicas.

Quanto á mortalidade, conforme já tivemos occasião de dizer, a regra não póde ser applicada com igual vantagem, porquanto o acrescimo ou diminuição da cifra mortuaria depende de factores especiaes, como sejam a febre amarella e a variola, que assumem nas suas diversas manifestações epidemicas caracter mais ou menos devastador.

BULHÕES CARVALHO

VERSOS

I

AMIGOS!

Amigos!... Quantos... quantos tive
Nos bellos tempos! Mas, depois,
Foi começar fatal declive
Permaneceram tres, ou dois.

Não me lastimo. Na amizade,
Como no amor, o coração
Reduz a um ponto a immensidade,
Num ser confina a multidão.

O sentimento, si é completo,
Concentra e apura o seu calor,
Si dividia em roda o affecto
Só pet'las deu, não deu a flôr.

Em cada braço um companheiro...
Para que mais?! Nem ha lugar...
— Basta, no trauso derradeiro,
Ter duas mãos para apertar!

II

LIVROS

De livros mil vivo cercado,
Dias e noites passo a lêr,
Mas, francamente, o resultado
Coisa não é de agradecer.

Nenhum me dá paz e conforto,
Nenhum me diz si eu, amanhan,
Vivo estarei, ou si, já morto,
Terá cessado o meu afan.

Que é que afinal sabeis ao certo
Sobre das almas o tropel?!
— Do vosso cume vê-se perto,
Chatas montanhas de papel.

Para que tanto orgulho fôfo?!
— Tendes a mesma pequenez,
A estreita sorte, o humilde estôfo
Do ser mesquinho que vos fez.

Cada vez mais debalde avulta
Vossa maré... Tudo invadis,
Mas não tornais quem vos consulta
Nem menos mau, nem mais feliz.

Que um cataclysmo vos destrúa,
Mal não fará... Sem o sentir,
Serena a Vida continúa:
— Lutar, soffrer, sonhar, mentir...

AFFONSO CELSO

REVISTA DAS REVISTAS

(Deutsche Rundschau. — *A força e a fraqueza da Turquia.* — Barão de Goltz).

A Turquia é um paiz bem pouco conhecido e com certeza um dos que têm sido com maior crueza calumniados, principalmente pela opinião liberal européa.

Ha erro e por ventura grave injustiça nessa condemnação. Os homens que melhor conhecem o imperio turco sem encobrir-lhe as fraquezas, não podem furtar-se ao panegyrico das suas mais eminentes qualidades. Tal é o caso de um Bambéry, que passa por ser o homem mais entendido no assumpto [1], e de um proprio politico turco, inimigo do seu governo, o patriota Murad Bey, que vive hoje exilado em Genebra e ainda agora o do Barão de Goltz cujas opiniões estamos a resumir e cuja autoridade não póde ser posta em duvida, tendo elle vivido lá esses ultimos quatorze annos, no meio do espirito nacional, occupado na educação do exercito e na reorganização das escolas militares da Turquia.

Diz o Barão de Goltz no seu estylo imaginoso, colorido e vivaz que a opinião geral dos jornalistas, dos politicos e dos povos europeus são a respeito da Turquia um perpetuo e lamentavel equivoco.

Discute-se levianamente a vantagem de occupar esse ou aquelle ponto do imperio ottomano como se tratasse de uma facil expedição colonial às terras barbaras da Africa. O patriotismo ottomano parece-lhes que é coisa que não existe ou é uma bagatella insignificante; o da grande

---

1 V. ultimos artigos de Bambéry: *Turkische Reformen und die Gefahr eines Weltkrieges* — *Cosmopolis*, março, abril e maio de 1897. De Goltz diz delle — *der vorzügliche Kenner des Orients*.

vitalidade da Turquia nem siquer se cogita. Basta a esse respeito dizer que ella é definida pela sarcastica expressão do «Homem doente» — que se tornou proverbial. Entretanto o *c'est fini de la Turquie* não é uma frase que seja recebida como o *finis Poloniæ* com o protesto isolado e unico, ainda que formidavel, de um Kosciuszko. A questão é mais séria.

Nas escolas nós aprendemos que a Turquia é uma categoria geographica fabulosa, que não é um povo, que é antes um agglomerado espurio, sem estirpe, uma horda com o seu Fernandez Cortez na frente que fazia a conquista e a guerra, nada tendo a perder e tendo tudo a ganhar.

Não é esse em geral o sentimento commum? Não é esse o modo de conceber o *Crescente de ouro* como o resto de um acampamento que perdeu a nostalgia da patria e ficou ahi invernado no campo de batalha?

Mas a verdade decididamente não póde ser essa.

Ao parecer do Barão de Goltz a Turquia passou, ha mais de seculo por uma transformação radical e fecunda. Foi um povo conquistador que se vai transformando num povo de cultura, segundo o typo das nações asiaticas. Durante tres seculos, Gregos, Turcomanos, Lases, Kurdos e Anatolios e Armenios fundiram-se nesse mixto ethnico bastante homogeneo hoje para formar um espirito politico de solidariedade, substancia essencial de um povo.

O facto de que desde o seculo XVII a Turquia se desaggrega é uma illusão perigosa para o occidente. Tal dissolução não é uma affecção morbida nem contamina a vida interna da Turquia. E' o processo historico mesmo da formação dos estados, tal como o observamos em muitos dos paizes que ora diagnosticam a pretendida agonia do Turco.

E é facil esclarecel-o. No principio, os Turcos avidos e conquistadores expandiram-se por irreprimivel impulso proprio além das suas fronteiras. Os seus vizinhos eram incommodos; Slavos e Hungaros formavam-lhe ao redor delles, um circulo de desassocego o perigos. A necessidade de conservar livres os proprios movimentos foi que determinou essa conquista que levou os Turcos ás portas de Vienna e ao sul da Russia.

Esse phenomeno observa-se na historia de todos os povos fortes ou singulares. O islamismo do Turco impedia-lhe que tivesse bons vizinhos (que eram todos christãos) e dava-lhe impulso para rechassal-os de qualquer aproximação eventual. Foi assim que a Turquia cresceu até o centro da Europa sem levar a sementeira da população turcomana que deixou-se ficar no Mediterraneo.

Coisa igual succedeu á França. Quando pelas suas idéas revolucionarias se viu evitada, ameaçada ou odiada de toda a Europa, o napoleonismo pode-se dizer que a salvou alargando-lhe as fronteiras além

das naturaes, creando um vacuo exterior e propicio para garantir immeriarmente, e com tranquilidade, a consolidação das idéas radicaes ao menos no que ellas tinham de razoavel. Essa expansão peripherica, feita por assim dizer de tegumentos secundarios, permitte ao organismo uma vida visceral e medullar mais intensa, sem perturbações até que o cerne da vida intima amadureça, se forme e prolifique. Então as expansões conquistadoras caem, as fronteiras excessivas reduzem-se e o povo já adulto reconhece o limite verdadeiro do seu territorio.

E' por isso que taes desaggregações longe de affectar a individualidade da nação favorece o seu desenvolvimento substancial, verdadeiro e intimo. Que diriam os publicistas de hoje si um politico turco taxasse de «homem doente» a viril Inglaterra que entretanto outr'ora já poz o pé no continente e dominou até o Loire, recolhendo-se depois á sua ilha materna? Da Scandinavia que já possuiu e perdeu as provincias do Baltico? E da França tantas vezes a inundar os paizes rhedrinhos e tantas vezes á voltar ao alveo proprio?

Não nos dá esse espectaculo a imagem exacta de uma torrente que as intemperies fazem sair provisoriamente das suas margens para voltar ao alveo agora mais profundo e desempedido?

E' assim, diz o Barão de Goltz, que se deve entender essa pretendida desaggregação da Turquia. Os principados danubianos (como já outr'ora a Hungria) a Bósnia, a Servia e outros, não eram nem podiam ser territorios ottomanicos. Nem pela raça, nem pela lingua, nem pelas tradições e ideaes.

Passou-lhe a éra conquistadora e de transbordamento, quando a éra das nacionalidades se impoz. E essa é a sua força actual. E ao contrario, certa fraqueza actual consiste justamente em que a Turquia é mesmo hoje em excesso grande de mais para os seus poucos recursos. E' ella com os seus soldados osmanicos que garante enormes territorios da Syria e da Arabia, sob climas mortiferos. Esse imposto de sangue pago pelas levas turcomanas nem sequer pode ser avaliado pelos sacrificios militares que por exemplo os Allemães acham tão duros em sua patria.

A Turquia parece reproduzir a historia da antiga Macedonia; como ella venceu pelo habil uso das grandes massas militares e da phalange, como ella trasbordou accidentalmente uma vez com Alexandre até os desertos da Asia interior ou da Europa central; como ella, depois de Alexandre e da conquista, reentrou nos seus limites normaes.

Mas a grande questão, qualquer que seja o modo porque se interpretem essas continuas perdas da Turquia, é que a vitalidade do imperio osmanico é extraordinaria e nada lhe presagia o desapparecimento proximo.

Quando rebentou a ultima guerra turco-russa, assignalou-se o fim do crescente e todos o viram imperterrito permanecer. Ha pouco, massacres, tumultos, conspirações pareciam despedaçar-lhe as entranhas e sobre isto a catastrophe financeira se antevia certa. Para cumulo, surge a guerra grega; em poucas horas á voz do Califa acorrem as legiões e em poucos dias celebrou-se a victoria. Tudo isso fez emmudecer um pouco os presagios dos pensadores levianos.

A anecdota que Murad Bey conta do grão-vizir Fuad Pachá é um exemplo e uma lição. Esse grão-vizir, homem de estado celebre pelo seu sarcasmo estava uma vez muito silencioso num circulo de diplomatas estrangeiros, e ahi falava-se a cerca dos recursos e forças das differentes potencias. Como alguem lhe perguntasse qual era a potencia, numa guerra geral européa, no seu parecer, a mais forte no momento decisivo, respondeu sorrindo tranquillamente: — « Eu creio que é a Turquia; porque secularmente vós outros lá fóra e nós outros cá dentro trabalhamos para a ruina della e ainda não acabamos a tarefa. »

Essa resposta algo cynica na boca de um estadista é entretanto um juizo difficil de ser contestado e traduz bem essa vitalidade que os Turcos parecem ter herdado dos seus precursores byzantinos.

Si nos seus tumultos internos o Turcomano alcoranista prevalecer, a Turquia será o mais proeminente de todos os povos islamistas. Não é em vão que o Mahdi tem um diplomata junto á Sublime Porta e o Industan musulmano aproxima os seus destinos aos do sultão europeu. Então a victoria sobre o dragão infiel poderá ser muito mais trabalhosa do que se pensa.

João Ribeiro

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

A ESCOLA AO AR LIVRE

Os alumnos da *Escola ao ar livre* dirigida pelo illustre paizagista brazileiro Sr. Parreiras fizeram agora a exposição annual dos seus trabalhos. Ninguem poderá negar que não seja essa exposição um bello e nobre esforço, desajudado da protecção official e tendo contra si (ou tendo tido pelo menos) a inevitavel malignidade de alguns artistas *academicos*. Ainda assim, o caso é de felicitar-se ao eximio paizagista e aos seus aproveitados discipulos. Cerca de sessenta trabalhos foram expostos, dos Srs. Dr. Catanheda, Alberto Silva, Sylvio Moreira e de uma graciosa amadora a Exma. Sra. D. Hortencia Goulart que tem apenas quatro mezes de estudo e já revela um talento extraordinario.

E' difficil fazer a critica desses trabalhos que se caracterizam todos por uma uniformidade que maior não se poderia conceber. Todos os alumnos do Sr. Parreiras vêem com identica impressão a natureza :—a mesma tonalidade excessivamente fria domina todas as composições. Essa impressão significa naturalmente que nenhum delles ainda possue individualidade propria, o que sem ser uma qualidade, é entretanto a qualidade commum de todos os que principiam.

Seria igualmente sobremaneira difficil destacar ou assignalar um ou outro estudo. Desses trabalhos dois ou tres são os mais acabados e perfeitos, e são do Sr. Catanheda, o alumno mais antigo. Um *Estudo para quadro* e uma paizagem de *Barra Mansa* devem-se contar entre os melhores trabalhos apresentados pelo Sr. Alberto Silva, um poeta de merito bem notavel, que se passou de armas e bagagens á pintura.

O Sr. Sylvio Freire apresenta igualmente lindos trabalhos ; — um *Estudo para quadro* e uma marinha *Praia Vermelha* (aliás praia das Flechas) de Nyteroi, são, por exemplo, muito abonadores do seu talento artistico.

E' preciso notar que esses moços, pelo menos os dois ultimos, não têm sequer um anno de regular aprendizado e entretanto ninguem dirá que elles fizeram mal em apresentar-se tão precipitadamente ao publico. Ao contrario, o nivel da educação artistica do Rio de Janeiro permitte acital-os como artistas razoaveis e pelo muito de real que promettem dentro de pouco tempo.

Com um curso mais completo e que se não limitasse a *paizagem* (o tudo que por uma falsa orientação chamada nova (!) foi excluido da Escola de Bellas Artes, a modesta Escola ao ar livre poderia impor-se, tão a estima como já se impõe, mas á admiração do publico. E' o que desejamos a esse bello tentamen.

MOLOCH

Era o tempo de secca, pelos fins de agosto. Fumaceira azulenta envolvendo os montes, sóes vermelhos ao amanhecer, violetas á hora do crepusculo, e um calor incommodo atravessado por baforadas suffocantes, como de queimadas perto, o mal-estar das brumas quentes dos tropicos.

Por pouco que se trabalhasse durante o dia, no serão da *prosa* costumada havia quasi silencio agora. A mesma fadiga que quebrava os corpos para a acção tolhia as linguas para a palestra. Frases raras, espaçadas, entreabrindo a porta a scismas vagas, ensaiando conversas sem assumpto, passavam como um vôo na sombra, deixando no minuto seguinte a sub-memoria apenas, a realidade indefinivel de musica imaginada em sonho.

E não se pensava: sentia-se, rememorava-se. Nos braços fatigados um retorcimento de musculos evocava o bonito laço jogado a um boisinho vermelho no Campo Grande e o esticão da mula voltando na espora, fazendo praça ao outro laçador; nas pupillas dilatadas na escuridão um clarão nervoso, reflexo da aza tremula de algum morcego que volita, de folha de palmeira que apanha a luz de uma estrella ou a phosphorescencia de um vagalume errante, seria o vôo de garças brancas que se levantou da beirada verde á barulhada dos cavalleiros atravessando o rio logo de manhanzinha. E a repercussão, que fica na cabeça, das longas galopadas do dia de lida marcava a cadencia na memoria do ultimo sapateado na festa do capitão.

Em tudo isto nada de preciso; era como si a Noite entrasse com o ar quente pela alma a dentro e cortasse de sombra a clareza e o destino dos pensamentos em formação. Uma inquietação vaga, no emtanto: a expectação de coisas que se não devem esperar...

Naquella noite pelas sete horas ouvia-se até a mansa voz do mar ao longe rolando na praia, suspirando, resommando longamente. Um peão sentenciou:

— A agua do mar 'stá fria. A secca vai adiante.

E outro commentou:

— Deus nos guarde! Os pastos já são só palha secca. Uma fagulha que venha accesa entre o cinzeiro que vôa das queimadas lá para dentro, e o campo vai-se embora.

Caiu de novo o silencio, como uma noite maior na noite escura. Uma coruja que uivava calou-se. Um tropel de cavallo muito longe abafou-se na volta do caminho. Só ficaram os rumores imaginosos do silencio, deformados por interpretações do ouvido hallucinantes: suspiros profundos, quasi gemidos, como de orgãos soando nas alturas; notas perdidas de cantos que a memoria recompõe; frases quasi inteiras moduladas num sussurro suave da aria cantada a menos de meia voz, a cochichar baixinho, mas afinada como a imaginação sabe afinar pela harmonia interior; cadencias jovinas de castanholas começadas pelas folhas seccas rolando no chão duro do terreiro; um curto e como indeciso chocalhar de guizos de *esperança* alvoraçada ao bafejar da aragem e, apagada, esmorecida, parecendo vir de leguas de distancia, exhalação sonora, colhida na aza preguiçosa do vento, uma longa e plangente nota de cantiga de amor ou de trompa entoando na solidão o lamento impreciso da Melancolia.

Deitado sobre uma esteira ao longo da escada e com a nuca apoiada no ultimo degrau eu cansava os olhos procurando no céu fuliginoso o lugar das estrellas costumadas. Depois fechava-os, para melhor sentir no rosto, ou morno ou refrescante, o halito amor[illegible] da Noite soberana. E era como um morrer suave, um go[illegible] pasmo, essa imbibição voluptuosa pelo quasi esquecimento [illegible] pela sombra aquietante; era, com a diminuição da [illegible] seira das coisas, um enternecimento por tudo [illegible] queria bem, que até então não percebe[illegible]

amantissima, pela vida daquelles peões e tropeiros, homens de outra lida, meus companheiros por uns tempos, meus irmãos por origens e destino, meus irmãos pelo sentir talvez, pelo desconhecido enchendo a tréva e fazendo palpitar com a sagrada oppressão o meu corpo joven, forte, elastico, em que o sangue corria com o impeto tranquillo de uma caudal serena, dando-me pela intuição da força disponivel o orgulho de viver. Depois eram uns eclipses ineffaveis da energia, alternancias de receios infundados com accessos de confiança que nada justifica, minutos em que nem tormentos do passado, nem anciedade do futuro, nada me vinha enturvar as claridades da alma capaz de sentir a vida intensa e pura, a essencia das coisas desprendida dellas, a realidade fóra da materialidade do facto, capaz de entender a physionomia moral dos seres de menor vida, na contemplação quasi divinatoria do Universo, e logo, no abaixamento dos vôos vertiginosos, a attracção, o pavor divino dos abysmos devoradores. Hyperesthesia, persentimento, presentimento — o maximum da tensão. Uma arcada mais forte me estalaria as cordas.

As palmas dos coqueiros sussurraram, a encosta dos alecrins bravos clareou um pouco, e o vento do nordeste começou a soprar, mas frouxamente e sem frescura.

Por traz do Mato Grande surgiu uma nuvem avermelhada, parecendo reflectir um clarão.

— Será *o* fogo? indaguei.

— Qual fogo, Nhosinho?

Não respondi. A minha pergunta completava uma creação imaginaria de incendio colossal, as chammas invadindo toda a atmosphera, e nós vivendo entre ellas como salamandras contentes, rabeantes, infatigaveis — suggestão da tepidez do ar, da seccura das matas e dos campos, dos receios de incendio, e tambem de estar deitado muito tempo na mesma posição.

Um cavalleiro, que vinha subindo o morro, bateu a cancella do terreiro e, chegando-se, deu as boas noites. Era o Chico Lopes, que mesmo antes de se apeiar noticiou:

— O fogo *já* pegou no mato da Fazenda Velha.

De um salto puz-me em pé.

— Vamos ver João Pedro?

E corremos a encilhar os animaes.

Dez minutos depois estavamos abaixo da ladeira e metiamos os cavallos num meio golope de sustentar. De lá de cima a voz do Chico Lopes recommendou :

— Pela restinga, Nhosinho ! Por dentro já não se passa...

Deixamos a estrada a léste e tomámos o atalho para o sul. A nuvem, que tinha crescido e occupava agora grande parte do céu, nos clareava o caminho com o reflexo do incendio. Ao avistar a lagoa tive um estremeção : nos lugares livres da sombra dos morros, a oeste e para o mar, ella parecia suja de sangue, do sangue daquella batalha, cujo estrondo já nos chegava indistinctamente aos ouvidos.

— O fogo vem berrando, disse o camarada. Do Sambaquy se ha de ver.

Demos redea aos cavallos. Sobre o chão elastico, humido e sempre coberto da herva miuda da beira dagua, as oito patas de ferro do Castanho e do Anum cadenciaram o galope que embriaga. Junta á quasi sem-razão da nossa sortida, começada na excitação de um primeiro impulso e ao fantastico do scenario illuminado pelo clarão vermelho, aquella corrida veloz e silenciosa acabava de me desvairar. Puz-me fóra de mim, para me encarnar em cavalleiro heroico de legenda. E estribando-me forte, a musculatura preparada para o mando dos nervos excitados, os joelhos como tenazes, apertando o arção, o tronco erecto um pouco para a frente, todo em peito e cabeça, queixo cerrado e olhos fixos, respirando curto, experimentei a rara sensação do primeiro movimento de uma aggressão prolongado. A imaginação deformando e multiplicando sons e visões fazia-me sentir a arrancada de um esquadrão me acompanhando.

Corri, corremos não sei quanto tempo : passámos o Sambaquy, costeámos a lagoa a léste, transpuzemos o vallado do Fundão e, afrouxando o passo, subimos a lombada, para ganhar o caminho da terra firme. De baixo já as arvores mostravam as grimpas tocadas de purpura, de carmim, de ouro candente, da reverberação do fogo proximo. No alto o cavallo estacou de repente, com as orelhas fitas e sacudimentos de espanto, querendo recuar. A luz cegava. O que se via primeiro era só fumo e sombra. Depois a avançada do fogo, sinuosa e deslumbrante, como uma maravilhosa franja viva que arrastasse sobre a terra o manto da treva infinita. No céu entre

os turbilhões de fumo desappareciam as estrellas. Os lugares de faxina abundante se conheciam pelo alteiamento subito, quasi explosivo, da chamma clara e viva. Grandes fagulhas arrebatadas pela tiragem do incendio abatiam-se em elegantes parabolas, ateiando novos fócos mais longe. A cem passos de nós um gramado resequido ardia rapidamente aos arrancos caprichosos do fogo cujas linguas fuzilantes pareciam lamber a terra, encarniçando-se, numa ancia devoradora. Pelo grotão escuro do Palmital a labareda rugidora se estendia, como uma cachoeira que subisse, ardente e furiosa, divina de espanto. Para o horisonte ao norte, os vultos sombrios dos montes escorrendo em brazidos sanguinolentos eram como os cadaveres de desmedidos elephantes carbonizados. E além, além seriam negrumes mortuarios, solidões pavorosas, a desolação da passagem devastadora do Elemento...

O meu cavallo atirou-se num salto para o lado: vi um vulto de animal que fugia. Outros ramalhavam na espessura. Filhotes de passarinhos piavam. E uns silvos curtos, que se ouviam entre a crepitação do incendio como o tinir de crystaes se quebrando, seriam as cobras ou a lenha verde chiando. Mas, refrescando o vento attraido pelo brazeiro immenso, a roncaria do mar de fogo dominou em breve e absorveu os rumores secundarios. De envolta com as baforadas asphyxiantes vinham ondas de aromas singulares, perfumes exquisitos, innaturaes, lembrando outros scenarios, exhalando-se daquella infernal caçoula ás lufadas alternas de frescas flores dos campos com resinas inebriantes ou emanações animaes, mais quentes, mais pesadas ainda.

Eu entontecia, como entre a fumarada dos altares o levita antigo. Já olhava sem ver, já me sentia perdido, fascinado pelo elemento destruidor. Invadiu-me o espanto que determina a adoração. Uma contracção horrivel estreitou-me o Intus, esmagou-me, triturou-me, humilhou-me, o calafrio supremo quebrou-me as resistencias para a morte. Vi um clarão immenso rodear-me, ouvi como de muito longe a voz de João Pedro, gritando, espavorido:

— Estamos cercados! Pela vargem, emquanto é tempo, á toda!...

Larguei as redeas, levei as mãos á cabeça e me abandonando á disparada do cavallo, com um grito de mateiro na derrubada, logo mudado em ulular de louco, grito de terror, grito de alegria, hurrah

modulado em lamento, ferindo-me a garganta resequida, grito que se não solta duas vezes, deixei-me tragar pela estrada feita em guela de chamma, a bocca esfomeada de Moloch.

Quando apanharam o cavallo d'ahi a meia legua, ainda eu estava dobrado sobre a sella e tinha as mãos crispadas á volta do pescoço e a cabeça collada ás crinas chamuscadas do cavallo. Dos cantos da bocca convulsa escorria-me a espuma ensanguentada. Os olhos tinham olhado. E a visão terrifica os extinguira.

DOMICIO DA GAMA

O SR. EÇA DE QUEIROZ

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA

(Conclusão)

IV

A sensibilidade extrema combinada com o dom da effusão explica uma parte da sua obra: a que tem o cunho da espontaneidade. Mas da Natureza que lhe deu a capacidade das emoções intensas e multiplas succede que este escriptor recebeu tambem a aptidão para as fazer reflectir no espelho da consciencia e para as desliar sob o escalpello da analyse. E é por este duplo poder de ser impressionado e de trabalhar as proprias impressões que Eça de Queiroz póde ajuntar ás improvizações brilhantes da sua mocidade e ás poderosas fantasias da sua maturidade essas narrações subtis, calculadas, ricas de pormenores uteis, em que a paixão só se mostra o necessario para dar o contagio da crença e que, enriquecendo o conhecimento das coisas portuguezas com vistas penetrantes e exactas, fez entrar na literatura portugueza o romance experimental moderno.

Tres livros de um valor quasi igual, mas notaveis por diversos titulos assignalam a sua passagem por este campo da literatura

---

Veja a *Revista* de 15 de outubro, 15 de novembro e 1 de dezembro.

de reflexão. Primeiro em data, mas levado duas vezes á forja e completamente refundido na sua mais recente fórma, o *Crime do Padre Amaro* é talvez o mais notavel dos tres, a considerarmos a quantidade e subtileza das observações adduzidas. Mas a sêde de perfeição e a teimosa accumulação de materiaes novos, que levou o romancista a duplicar as dimensões do primitivo esboço, retirou-lhe aquella forte unidade propria das obras cuja concepção e execução se confundem num acto indivisivel e das quaes se póde dizer que foram geradas no mesmo lugar em que foram desejadas. A mão que reuniu os documentos não soube imprimir-lhes o movimento. A narração padece com o excesso de soliloquios e de quadros de genero. Camada a camada a mole enorme se foi accumulando e por fim a obra range nos eixos sob a carga dos factos. — Esbelto de fórmas, agil de pés, mostrando o vigor dos musculos sob o lustre da pelle, similhante a um cavallo de corridas ou a um cão de caça, o *Primo Basilio* arrebata pela travação do drama em que os actos saem dos caracteres para juntos voltarem aos caracteres na roda viva da Vida, e todos se precipitam para o desenlace final e comparecem na somma total. — Livro de maturidade, flor de outono gostosa como um fruto, historia do coração sumptuosa e dolorosa, burilada e rica como um crucifixo de marfim e ouro, o romance dos *Maias* ficará pelo vigor e mestria da mão que traçou os quadros, construiu os caracteres, fiou e teceu a acção e vestiu tudo com o manto magico de uma prosa sem tradição nem rival em toda a literatura portugueza; mas o seu encanto particular provirá da formosura patricia dos personagens e dos ambientes onde repousam os olhos cansados da brutalidade e trivialidade das scenas plebéas ou burguezas e tambem do acrescimo de valor esthetico que dá ás obras de arte a elevação moral das creações apresentadas. Esse livro terá mostrado que si o autor não esgotou o campo do coração humano, nem reproduziu todos os aspectos da sociedade portugueza, tinha com tudo na sua imaginação de artista bastante flexibilidade para representar as manifestações mais diversas do caracter e as situações mais distantes da Vida.

Por estes tres livros Eça de Queiroz renovou e até certo ponto fundou o romance portuguez. — As narrações de Herculano, lyricas pela violencia emocional dos caracteres simplificados, epicas

pela grandeza desmedida das éras evocadas, são incursões de um grande poeta em terreno improprio ás correrias da paixão, sob céus avessos a miragens.— Temperamento literario de vigor raro e seguramente um dos grandes nomes da literatura portugueza, Camillo pegou na velha novella hespanhola e vasou-lhe dentro as suas confidencias e os seus ideaes. Mas a mesma estreiteza de espirito que o encerrou num cyclo restricto de situações, o limitou a um curto repertorio de personagens, impediu que elle encarasse as situações da vida com olhos de philosopho e destrinçasse a urdidura das almas com mãos de analysta.— Não tendo nos olhos o estonteamento da visão, nem sentindo nas mãos o tremor da paixão, Julio Diniz poude observar e descrever com verdade aspectos da vida e contornos de almas a que uma sensibilidade delicada e vibrante dava interesse e commoção. A sua convivencia com escriptores inglezes, psychologos por educação e gosto, levou o mesmo a entremeiar as suas narrações de commentarios em que a sériação dos pensamentos e as metamorphoses dos sentimentos eram objecto de observações exactas e finas. Incapaz, porém, de grandeza pela mediocridade dos seus talentos e dos seus desejos, excluido, pela pusilanimidade da sua imaginação, da pintura da realidade crúa e feia, encerrado num optimismo de convenção e numa especie de snobismo de felicidade burgueza e usando, além de tudo, de uma lingua desleixada e pobre, a sua importancia é secundaria. Os seus romances são quadros amaveis em que sobre um fundo verosimil se movem figuras plausiveis, mas a timidez e as lacunas da pintura impedem que sejam considerados como reproducções cabaes da Vida humana.

Com Eça de Queiroz o romance portuguez entra na vereda da experiencia e se mantém dentro della. A inspiração é canalizada. A intrepidez da invenção é subordinada á lucidez da critica. O narrador sabe o que quer e onde vai. Certamente a seiva antiga gira ainda nas veias do seu genio ; é ella que nutre o *Mandarim* e a *Reliquia*. Mas a sensibilidade é transferida do autor para os objectos e, distribuida com tento, serve para fabricar almas. Uma transposição habil conduz do lyrismo ao drama. A variedade de paixões do poeta tem por medida a cifra da população do romance. Mas — o que a expontaneidade isolada não daria — os personagens obedecem a

uma coherencia interna e a mão que os distribuiu e por assim dizer os plantou ao longo da historia os não abandona um só instante. D'ahi resulta que esses livros ganham em ser relidos. A' oitava ou decima leitura o effeito é surprendente. O olhar abrange de um relance as origens e as consequencias dos actos, assiste á genese das paixões, segue as metamorphoses delicadas pelas quaes as almas amoldam ás circumstancias, comprehende as influencias pelas quaes o temperamento e o meio physico modificam o ser moral, e mede emfim o alcance de certas frases que na sua concisão sublime são o escorço de uma alma e o resumo de cem paginas de analyses. — Quando se tem feito isto para toda a obra do romancista chega-se á convicção de que se está diante de uma nova especie literaria e que o escriptor que a transplantou para a lingua portugueza conseguiu, pela alliança do talento com o trabalho obstinado, dotar as letras patrias de obras dignas de se compararem com as correspondentes nas literaturas estrangeiras.

O que, ó pois, esse moderno romance de analyse, e em que consiste a perfeição da sua belleza? E' uma pintura do homem real na plenitude da sua natureza sob as influencias do ambiente social e physico em que se contém. Resposta breve, que na sua concisão abrange um mundo e que se desdobra num mundo sob o commentario do critico.

Com effeito, esta primeira pergunta nos conduz a uma outra: o que é o homem? Todos os resultados da investigação moderna levam a consideral-o como um animal, munido de orgãos, e desempenhando funcções. Entre esses orgãos existe um eminente — o encephalo e entre essas funcções avulta uma illustre entre todas — a Intelligencia. Vista de dentro, pelo olhar da Consciencia, a Intelligencia nos apparece como um novello de sensações actuaes e de residuos de sensações passadas, differentes de natureza e de origem: visuaes, auditivas, musculares, visceraes; associadas em séries segundo leis conhecidas e compostas em grupos segundo leis que se investigam constituindo pelas suas distincções a variedade das vocações e dos talentos, ellas mesmas não inertes, porém activas, acompanhadas por seu cortejo de emoções e tendendo todas para um final de acção. Concepção paradoxal e profunda, que afastando o Eu do campo da Sciencia e arruinando a velha doutrina das

faculdades da Alma, leva a considerar esta como um novello de imagens e um fóco de impulsões. [1]

A primeira consequencia deste ponto de vista é que os interiores de alma podem ser descriptos. A nossa vida cerebral resolve-se em séries de imagens analogas áquellas que occupam os nossos sonhos quando sonhamos vêr um cavallo ou uma arvore. Ora, essas imagens podem ser pintadas exactamente como os objectos que ellas representam.

O romance moderno realizou essa reforma e Flaubert, o iniciador deste movimento que poz a obra literaria ao corrente dos progressos da sciencia do espirito, usou para tal fim da lingua pitoresca dos romanticos: o verbo collorido que servira a Chateaubriand para reproduzir a apparição das florestas americanas e a Victor Hugo para copiar o vulto da Cathedral medieva foi empregado pelo analysta normando para dizer as recordações de uma burgueza de provincia ou as hallucinações de um solitario da Thebaida.

Nos livros do romancista portuguez os processos do mestre foram seguidos com destreza e bom exito. Em vinte passagens das suas narrações Eça de Queiroz nos mostra a téla interior dos seus personagens e o kaleidoscopio encerrado entre as paredes de um craneo. — Amelia, na noite em que o parocho chega, não podendo conciliar o somno, vê resurgir aos pedaços o seu passado; os padres que conhecera em criança, o mestre de piano esguio com luvas de lan, a praia da Vieira, espalmada, com barracas de lona, e os banhistas fumando sobre esteiras. Luiza, desesperando de achar os seiscentos mil réis do resgate das cartas roubadas, devaneia refugiar-se num convento, e vê como por um stereoscopio a fachada pacata de um mosteiro de provincia, com os tectos baixos, as paredes caiadas faiscando ao sol, o pateo calçado de uma pedra miudinha, as mulas do almocreve sacudindo as moscas e nos corredores frescos, chalrando, freiras gordinhas de olho negro. Esta preponderancia

---

[1] A doutrina do Espirito considerada como um systema de representações renovou a Psychologia desde Herbart. A classificação das Intelligencias segundo a especie das imagens preponderantes foi applicada por Taine á critica das obras literarias e por Charcot á clinica das molestias mentaes. Para o conjunto da doutrina vêr os dois livros de Bain: *Senses and Intellect* e *Emotions and the Will*.

uma coherencia interna e a mão que os distribuiu e por assim dizer os plantou ao longo da historia os não abandona um só instante. D'ahi resulta que esses livros ganham em ser relidos. A' oitava ou decima leitura o effeito é surprendente. O olhar abrange de um relance as origens e as consequencias dos actos, assiste á genese das paixões, segue as metamorphoses delicadas pelas quaes as almas amoldam ás circumstancias, comprehende as influencias pelas quaes o temperamento e o meio physico modificam o ser moral, e mede emfim o alcance de certas frases que na sua concisão sublime são o escorço de uma alma e o resumo de cem paginas de analyses. — Quando se tem feito isto para toda a obra do romancista chega-se á convicção de que se está diante de uma nova especie literaria e que o escriptor que a transplantou para a lingua portugueza conseguiu, pela alliança do talento com o trabalho obstinado, dotar as letras patrias de obras dignas de se compararem com as correspondentes nas literaturas estrangeiras.

O que, é pois, esse moderno romance de analyse, e em que consiste a perfeição da sua belleza? E' uma pintura do homem real na plenitude da sua natureza sob as influencias do ambiente social e physico em que se contém. Resposta breve, que na sua concisão abrange um mundo e que se desdobra num mundo sob o commentario do critico.

Com effeito, esta primeira pergunta nos conduz a uma outra: o que é o homem? Todos os resultados da investigação moderna levam a consideral-o como um animal, munido de orgãos, e desempenhando funcções. Entre esses orgãos existe um eminente — o encephalo e entre essas funcções avulta uma illustre entre todas — a Intelligencia. Vista de dentro, pelo olhar da Consciencia, a Intelligencia nos apparece como um novello de sensações actuaes e de residuos de sensações passadas, differentes de natureza e de origem, visuaes, auditivas, musculares, visceraes; associadas em séries segundo leis conhecidas e compostas em grupos segundo leis que se investigam constituindo pelas suas distincções a variedade das vocações e dos talentos, ellas mesmas não inertes, porém activas, acompanhadas por seu cortejo de emoções e tendendo todas para um final de acção. Concepção paradoxal e profunda, que afastando o Eu do campo da Sciencia e arruinando a velha doutrina das

faculdades da Alma, leva a considerar esta como um novello de imagens e um fóco de impulsões. [1]

A primeira consequencia deste ponto de vista é que os interiores de alma podem ser descriptos. A nossa vida cerebral resolve-se em séries de imagens analogas áquellas que occupam os nossos sonhos quando sonhamos vêr um cavallo ou uma arvore. Ora, essas imagens podem ser pintadas exactamente como os objectos que ellas representam.

O romance moderno realizou essa reforma e Flaubert, o iniciador deste movimento que poz a obra literaria ao corrente dos progressos da sciencia do espirito, usou para tal fim da lingua pitoresca dos romanticos: o verbo collorido que servira a Chateaubriand para reproduzir a apparição das florestas americanas e a Victor Hugo para copiar o vulto da Cathedral medieva foi empregado pelo analysta normando para dizer as recordações de uma burgueza de provincia ou as hallucinações de um solitario da Thebaida.

Nos livros do romancista portuguez os processos do mestre foram seguidos com destreza e bom exito. Em vinte passagens das suas narrações Eça de Queiroz nos mostra a téla interior dos seus personagens e o kaleidoscopio encerrado entre as paredes de um craneo. — Amelia, na noite em que o parocho chega, não podendo conciliar o somno, vê resurgir aos pedaços o seu passado ; os padres que conhecera em criança, o mestre de piano esguio com luvas de lan, a praia da Vieira, espalmada, com barracas de lona, e os banhistas fumando sobre esteiras. Luiza, desesperando de achar os seiscentos mil réis do resgate das cartas roubadas, devancia refugiar-se num convento, e vê como por um stereoscopio a fachada pacata de um mosteiro de provincia, com os tectos baixos, as paredes caiadas faiscando ao sol, o pateo calçado de uma pedra miudinha, as mulas do almocreve sacudindo as moscas e nos corredores frescos, chalr[illegible] freiras gordinhas de olho negro. Esta preponderancia

[illegible] considerada como um systema de representa- [illegible] art. A classificação das Intelligencias [illegible] rantes foi applicada por Taine á cri- [illegible] clinica das molestias mentaes. Para [illegible] os de Bain : *Senses and Intellect* e

das imagens, nomeadamente das imagens visuaes na vida interior do espirito chega ás vezes a parecer exagerada. Como o seu mestre Flaubert, elle póde ser accusado de ter simplificado a infinita variedade das naturezas mentaes, de ter considerado a imaginação physica como o verdadeiro molde da actividade do espirito, de, por preoccupação de escola ou precipitada generalização da experiencia propria, ter attribuido a todas as creaturas humanas aquella faculdade particular que condiciona o pintor, o general e o geometra. Mas mesmo aqui elle póde invocar attenuantes, observar que a grande maioria dos homens vive da vida natural, isto é, sensual, que só a uma minoria pouco numerosa a leitura e o raciocinio criam uma consciencia menos colorida e, por assim dizer, abstracta, que é sobretudo á psychologia feminina que são dedicados os melhores trechos da sua analyse, e que, como observa Galton, a imaginação physica prepondera nas mulheres.

Com as representações elle dá as resoluções. Elle completa a pintura com a mecanica e ajunta a indicação das idéas a explicação dos actos. E neste ponto, como no precedente, o romancista acompanha a evolução do romance e a sua innovação é um progresso.

Com effeito, no espirito ao lado das imagens ha as impulsões. O homem não registra sómente a impressão das coisas, mas reage tambem sob a acção dellas. A Consciencia é museu e quartel ao mesmo tempo. Cada determinação decisiva ou mesmo subalterna da vontade resulta da collaboração dos antecedentes efficazes e das circumstancias adjacentes. Cada palavra ou gesto que os labios proferem ou as mãos fazem representa o derradeiro termo de uma longa série de precedentes, determinantes.....

.....

G. Moniz Barreto

EM VIAGEM

(*Continuação*)

V

A 23, pela madrugada, o pampeiro amainou. O vento soprava ainda do quadrante sul, mas sem intensidade, muito fino, cortante. O mar abonançava pouco a pouco. E as vagas dobravam, já meio lisas, sem rebentação.

Eram sete horas da manhan, uma manhan radiante, de pleno sol a bordo. O céu, no alto, estava de um azul fresco, límpido, lavado. Fazia intenso frio, em cima, no convez gelado durante a noite. Não havia um passageiro no tombadilho. Apenas os marinheiros, em vestes de lan e grossas botas, moviam-se para todos os lados, na faina da manobra.

Nesse instante, o Nielsen, à ré, junto ao homem do leme, mandava largar joanetes e sôbres, com uma voz volumosa e rouca, as mãos enterradas nos bolsos do espesso jaquetão de panno-piloto, a gola levantada em redor do pescoço, um gorro da Patagonia, metido até as orelhas.

Lá acima, quasi no galope dos mastaréus, em perenne oscillação, os moços nos estribos em seio, curvos sobre as vergas — largavam; emquanto, em baixo, os marinheiros alavam braços.

Veja a *Revista* de 1 de dezembro.

O brigue corria agora com prôa de sudoeste, porque o Nielsen, afinal, resolvera arribar á Buenos Aires, a refrescar da viagem que de Santa Martha para o sul tinha sido uma lastima. O bravo embarcadiço jamais conhecera um inverno tão feio, naquella costa. Depois que se encarreirara para o Pacifico— havia uns seis annos— era verdadeiramente a primeira vez que apanhava tamanhos temporaes, ventos, sempre pela prôa, molestia a bordo, o diabo...

Estava, pois, resolvido a vender o carregamento em Buenos Aires e tomar depois, d'ahi, qualquer frete para o Chile; mesmo para descançar a companha, totalmente exhausta da trabalhosa viagem.

Havia mais de quinze dias que aquelles rudes homens robustos não dormiam nem comiam socegadamente, em luta continua com a borrasca. E' verdade que o barometro subia indicando bom tempo d'ali por diante. Talvez pudesse ainda realizar a viagem perfeitamente, assim que o vento se chamasse de todo ao norte, e viesse a montar o cabo de Horn em principios de julho... Mas não devia expôr mais a maruja aos rigores e ás inconstancias desse inverno horroroso, que começara de assignalar-se, logo no começo, por vendavaes seguidos. Mesmo porque, em similhantes paragens, com o barometro alto as tempestades caiam, ás vezes, inopinadamente, subvertendo tudo!

— Não! não podia proseguir, concluira.

Por isso mandou largar panno aproveitando o vento. Estava muito amarado; comtudo, contava entrar em Buenos Aires no outro dia, pela manhan.

O navio ia agora a um largo, sobre as ondas alegres, esplendidamente malhadas de sol...

VI

A mesa do almoço, nesse dia de mar chão, como no principio da viagem, esteve cercada de passageiros numerosos.

D. Oswaldo divertia a todos, radiante, muito feliz, na alegria da arribada. Mas dirigia-se constantemente, borbulhante de graça, ás irmans Anna e Sophia Bauer, que estavam a seu lado — duas

moças teuto-brazileiras, que haviam perdido o pai das febres, em S. Francisco, e que iam com a mãi, para a companhia de um irmão, negociante no Chile. Delgadas e niveas, com seus vestidos afogados de luto, silenciosas e puritanas, apenas sorrindo levemente, ás vezes, lembravam bem duas virgens de marfim, ou duas Imagens sagradas e mediévas, nalguma igreja gothica da Germania.

Uns allemães de Joinville, indo a negocio ao Pacifico, e que durante o temporal não se tinham despegado, um instante, dos beliches — regavam largamente a refeição á cerveja, desforrando-se com bravura da abstinencia a que os condemnara o enjôo.

Uma familia de S. Francisco, pela primeira vez vinha á mesa muito satisfeita, risonha e já mais rija, com a proximidade da terra. O marido, a mulher e as filhas tinham um ar desfallecido, os labios brancos. Só os pequenos, dois rapazinhos—um de cinco, outro de sete annos — negruchos, enfezados, magrinhos, traquinavam pela camara, desde a saida da barra.

O Dr. Barroso, que ultimamente já não enjoava, habituando-se ao mar, um medico que abandonara a clinica pela politica e o commercio, proprietario e socio de uma grande companhia em Itajahy — parolava fluentemente, e com humorismo, a proposito de tudo, desmanchando-se em gestos, no seu cacoête de bahiano, a rir-se muito, com bellos dentes alvos, a boca larga e rubra, em beiços grossos, africanos. Era muito calvo, a pelle marron-claro, olhos a faiscarem, papudos e concupiscentes, sob os oculos de ouro. Politico apaixonado e nervoso, ex-deputado provincial em Santa Catharina, no tempo do imperio, vivia em renhidas discussões sobre fórmas de governo com D. Oswaldo. E, em certas noites, ao chá, no doce conforto da camara, tinha « pégas » medonhos com o chileno, relativamente á vida interna e administrativa das republicas sul-americanas. Mas não se excedia jámais, sempre polido e gentil, sem vozeirão ou notas asperas, como um perfeito gentleman. Dizia-se ainda monarchista, elogiando calorosamente o ex-imperador, chamando-o de magnanimo, illustre, sabio : « o primeiro monarcha do mundo, que as velhas nações da Europa veneravam ! » No fundo, porém, sentia grande sympathia pela Republica, e si falava, era unicamente por despeito, porquanto os republicanos historicos que estavam na direcção do Estado,

rodeavam-se de muitos adherentes da antiga politica local, entre os quaes alguns de seus correligionarios e amigos, e o abandonavam acintosamente, deixando-o no ostracismo. Isto feria-o de modo doloroso e intimo, sobretudo agora que já estava « encarreirado » para as altas posições da politica, tendo occupado — não havia ainda um anno — o cargo de presidente da provincia, exercendo-o interinamente, durante dois mezes, como 1º vice-presidente que fôra.

O Dr. Barroso era uma verdadeira vocação para a musica, e, em menino, na Bahia, tocava tão bem clarineta, que se tornára extraordinariamente querido nas rodas em familia, conquistando fama de « criança prodigio ». Foi por isso que o pai, um velho alfaiate, tocador de violão, mas bem relacionado na melhor sociedade, e, todo dado á politica, pensou, a principio, em o mandar ao Rio estudar musica, fazendo-o depois seguir para a Italia, a vêr se conseguia fazer delle « um Carlos Gomes bahiano », como dizia. Contava para tal com o auxilio de altos personagens seus amigos, e particularmente com um compadre, chefe conservador de prestigio da familia S. Lourenço, que lhe promettera arranjar uma pensão de D. Pedro II. Mas o pai morreu dentro em pouco, sem realizar a sua idéa, e o rapaz, depois de muitos incidentes, entrou a estudar medicina. Formou-se aos 26 annos, numa penuria constante, e, após o fallecimento da mãi, deixou a Bahia, atirando-se para o sul, ao acaso, em busca de futuro. Fixou-se então em Itajahy, uma pequena cidade sem medicos, na terra catharinense. Abriu consultorio e fez-se conhecido, obtendo, em poucos mezes, grandes sympathias e clinica. Casou rico. E, no segundo anno de domicilio ali, muito estimado e com um nome feito, começou a politicar. Tempos depois meteu-se no commercio; e ali ia de viagem para o Chile, aonde continuamente o levavam negocios.

Ondina, ainda com uma vaga melancolia nos olhos verdes e humidos de saxonia, resto das apprehensões annevoadas e tristes em que andara o seu coração nas duas ultimas semanas, no mar alto, com a molestia do piloto — gorgeava alegremente junto aos pais, voltando-se de vez em quando, num esplendor de sorrisos, com uma grande elegancia de thorax, para o medico, que graceiava, galanteava, chamando-a de Walkiria, Princeza do Norte, Visão dos Nicbelung...

A uma das cabeceiras, o joven piloto, já com o aspecto rijo bastante jovial, o rosto menos tostado pelo sol do tombadilho, cheio do prazer radiante e ruidoso de um deus pagão, moço e vigoroso, contava vivamente e com amplos gestos decisivos, a um dos filhos do Nielsen, o Melwille, a historia dos *Dragões marinhos*. O menino finava-se de riso, derreado em seus braços, numa infinita expansão, todo carminado por um rico sangue de seis annos, sangue de fortes raças heroicas, que os ventos salitrosos do mar purificavam e temperavam, tonificando-o com iôdo e fios de luz dourada. Ao lado, as irmanzinhas mais novas, vestidas de flanella escarlate, rosadas e louras como *babies* inglezas, eram servidas paternalmente por um dos allemans mais idosos, cujos olhos, claros e pequenos, na face oleosa e prospera, vertendo sangue, tinham uma expressão enternecida, trabalhados pela cerveja. A' outra cabeceira, o capitão, o ar athletico e repousado de leão intemerato, palrava interessadamente, com outros allemans, sobre as Republicas do Prata.

O almoço terminou ás 11 horas, no meio da calma relativa do oceano. E como os passageiros, muito bem dispostos e num grande bom-humor, rompessem a pedir musica, para se festejar a arribada, D. Oswaldo correu á *cabine*, em busca do violino, seguindo-o o Dr. Barroso, num alvoroço.

D'ahi a instantes voltaram ambos, subindo a escada apressadamente, ás risadas, porque a rabeca de D. Oswaldo, com o alacre estouvamento delle, quando em enthusiasmo, batera em baixo contra uma das columnas, quasi despedaçando a caixa.

Todos os aguardavam com interesse, as moças como os homens, collocados em volta do piano, nos bancos de velludo das mesas ou nos sofás das amuradas.

Ondina sentou-se então á banquinha, e, abrindo a tampa do teclado e erguendo a pequenina estante de sarrafinhos cruzados, pregados a taxas douradas, accommodava a musica que tirara de sobre o armario, acamando-a levemente com os seus dedos claros, onde um rubim faiscava.

Emquanto isso, o Dr. Barroso e o outro, de pé a um lado, afinavam os instrumentos, em sons leves de clarineta e em curtos *pizzicatos*.

E, d'ahi a momentos, começava o concerto, com a linda walsa de Metra — *A Vaga*.

VII

Nessa tarde extremamente limpida e dourada, navios de toda a ordem cruzavam, entrando e saindo o estuario do Prata.

Eram *steamers* collossaes, inglezes, allemans, italianos e francezes, indo para todos os rumos com grossos pennachos de fumaça, perdendo-se pela pôpa fóra; pequenos paquetes da linha costeira do Brazil; hiates, brigues, lúgars e galeras, de todas as nações do orbe, coalhando os mares de ouro da America Austral, com as largas velas alvas.

Nas amuradas, á ré, os passageiros de bordo, debruçados, viam passar a frota cosmopolita, representando grande numero de paizes, sobre o oceano sem raias. E esse espectaculo admiravel de marinha universal, foi um entretenimento para todos, que olhavam satisfeitamente a multidão immensa daquelles cascos cheios de vida, a percorrerem familiarmente o mundo, com um mando soberano nos mares, como outr'ora, em visita ás suas terras, faziam os senhores feudaes.

Ao cerrar-se a noite, quando chegavam as primeiras estrellas, muito acesas e rutilas no céu invernal, manchas claras moviam-se ainda vagamente, aqui e ali, sobre as ondas escuras, como um bando fantastico de albatrozes brancos, vogando incertos nas aguas.

O vento estava pelo nordeste, em todo o convez resfriava-se.

Os passageiros principiaram a descer pouco a pouco, com as carnes vergastadas dentro dos sobretudos de inverno. Só D. Oswaldo, muito agazalhado num grosso casacão de pelles do Alaska, ficara a passear na tolda, pelo lado de bombordo, para «mirar» os grandes pharóes, que já se avistavam na costa, ao sul, piscando as grandes palpebras luminosas, jorrando clarões astraes e pondo faixas de ouro nas vagas.

Ondina tambem, como toda a moça de origem norte-européa, não se abalava com o frio, sentada sobre a meia-laranja, envolta numa pelliça da Russia, forrada com arminhos da raposa polar, manto luxuoso e carissimo, presente régio do pai. Junto a ella, o moço piloto, que entrara de quarto, narrava-lhe interessantes

historias de viagens, á claridade verde do pharol de boreste, preso á enxarcia, na borda. Pela tolda uma vaga melancolia errava, penetrando os corações.

A' proa, alguns marinheiros, com a vida carregada de nostalgia, cantavam ao som dolente de uma guitarra, que se fundia tristemente ao gemer do vento na cordoalha. Era uma velha canção que dizia, num rhythmo monotono e cançado, a tormentosa vida do homem do mar. E tudo findava nella, trabalhos e dores, amarguras e saudades, tendo como recompensa suprema os braços adoraveis da mulher:

E os marujos em seus lares,
Abraçando as mãis e esposas,
Não se lembram mais dos ventos
Nem das ondas tormentosas.

O norte aguentava-se fresco, e o brigue, com a sua marcha de oito milhas e meia, despejava caminho, penetrando o immenso estuario.

O rapaz e a moça, muito achegados, em confidencias intimas, ouviam distinctamente as vozes saudosas e apaixonadas dos marinheiros passarem no ar sentimentalmente, em notas grossas e asperas, desprendendo-se de gargantas masculas. E entreolhavam-se, enlevados...

A oeste, um clarão frio, esmaiado, como uma faixa de luz electrica, ia lentamente surgindo da linha negra do horizonte. E, de repente, a lua, subindo da muralha á *fusain* de nuvens, accumuladas sobre o littoral, mostrou parte do disco além, branco e fulgurante como um zimborio de gelo. Subitas claridades lacteas envolveram tudo, banhando o convez, as velas brancas e os mastros. Riscava, agora, estensamente a superficie escura das ondas, uma galaxia de crystal, vindo quebrar-se, em luminosos *plissés* de nickel, de encontro ao bojo do costado. Embarcações fugiam ao longe, saudosamente, com os pannos muito caiados ao luar. Pesava um vasto silencio melancolico de mar e céu, apenas cortado pelo ranger monotono das vergas e o siflar continuo e vago do vento.

VIII

Ao deixar o quarto, nessa noite, Carlos Valle estava muito pensativo. Durante as longas horas passadas com Ondina, num enlaçamento traspassado de voluptuosidade e desejos, revelara-lhe uma paixão que verdadeiramente não tinha, e, numa arrebatação, promettera-lhe casamento.

A moça ficara logo satisfeitissima, com uma palpitação, uma onda de sangue na face, e, silenciosamente, pela primeira vez, ali mesmo na tolda, junto ao homem do leme, num enlevo e ingenuidade amorosa, cobriu-lhe o rosto de beijos. Elle retribuiu-lhos docemente, com uma flamma viva nos olhos... Ao descerem ao tombadilho, oscularam-se ainda uma vez. Depois, á porta da camara, ao despedir-se, ella agarrou-lhe as mãos, dizendo-lhe segredeiramente, a voz nervosa, hesitante :

— Então você me peça, Carlos... você me peça amanhan...

E desappareceu, com um leve rumor, na escassa illuminação da camara, totalmente deserta áquella hora avançada da noite.

O rapaz voltou ao catavento, a esperar o Nielsen que o tinha de render. Parara um instante na borda, reflectindo mudamente no compromisso em que caira, num desses accessos de ternura e volupia tão communs no maritimo. E, perplexo, as idéas meio baralhadas sob a responsabilidade tomada, olhava o céu somnambulamente.

O disco amplo do mar arqueava-se em torno, grandioso e soturno, onde cordões faiscantes abriam-se, na rebentação espumosa. O vento, que ia escasseando para a madrugada, punha agora, nos cabos, um som doce de casuarina. No alto, o luar de inverno, muito limpido, de cal.

Carlos então, apoiado á amurada, pôz-se a contemplar tristemente a luz argentea da lua e o largo oceano, barreado de *mafiles*. Uma saudade dolorosa e vaga, como a claridade que o envolvia, penetrava o seu espirito e o seu coração de um sopro frio, que, á maneira da brisa sacudindo as folhas seccas, despertava-lhe as recordações.

E a idéa muito viva daquella que verdadeiramente adorava, e que lá estava em Hespanha a espera delle, torturava-o, ferindo-o em pleno peito. A imaginação reproduzia-lhe nitidamente todo o seu viver dos ultimos tempos em Barcelona, nos amplos vagares da Escola Nautica, e as deliciosas semanas passadas no *pueblo* de Caldetas, em casa do velho Maristany junto á amada querida, Dolores, flôr de belleza e de graça, dourada pelo sol da Catalunha. Era uma limpida, adoravel creatura essa menina, desabrochando nos seus quinze annos primaveris: morena, de um moreno doce e peninsular, fascinava pelos olhos negros a arderem com toda a claridade solar da Iberia, sob os longos cilios de velludo: labios deliciosamente talhados, frescos e humidos como a pôlpa dos morangos; cabellos pretos, reluzentes, torrenciaes, derramando-se pelo dorso e fluindo em bastos crespos sobre a fronte pura de virgem; o collo turgido, alto, forte, admiravel, de onde saiam os seios, arredondando-se sob o corpete como dois frutos capitosos. Tinha uma linha nobre, superior, artistica e descendia, pela mãi, velha formosura de remontada origem aragoneza, de priscas estirpes augustas. Medrada á beira d'agua, numa linda enseada, um ninho littoral, feliz e cheio de verdura, onde o Mediterraneo adormece, azul e placido, junto á areia branca das praias, experimentava uma nervosa, singular affeição pelo mar. Amava os navios, tinha a fascinação das viagens; e a sua cabecinha arrebatada de castellan medieval, fantasiava ambiciosamente uma constante habitação a bordo, no oceano, em meio de todas as sensações, numa vida original e desigual. Em criança percorrera com os pais varios paizes da Europa e da Asia, e estivera na Havana e nas Philippinas. Mas fôra isso aos dez annos, e nada gosara. Depois o velho D. Juan Maristany, antigo capitão e armador de navios, procurara o interior, a Nova-Castella, onde se fixara para educal-a e ao irmão que estudava em Madrid. E, cinco annos depois, de novo se installara na sua bella propriedade de Caldetas, onde Dolores entrara a sentir com vehemencia o indomito amor do mar. Ali um só desejo intumescia o peito fantasioso da catalan, e era poder unir um dia o seu destino ao de um maritimo. Fôra assim que se apaixonara por Carlos, na doçura e na intimidade de uma longa convivencia, recusando a mão illustre de um fidalgo guipuscoano, singular rapaz, celebrizado pelos seus oito duellos complicadissimos, sua elegancia de *sportman*, e suas façanhas de caçador

de ursos nos Altos Pyrinéos. Carlos correspondera desde logo, com igual impulso á paixão de Dolores, não se tirando jamais de ao pé della, em casa, nos theatros e nos clubs. Era como se fossem noivos. Os pais, apezar de filha unica, exclusivo objecto de todo seu affecto, de toda a sua ternura e adoração, por estimarem profundamente o rapaz, a quem tratavam como filho, em tudo consentiam, desejando mesmo que se viessem a casar.

Um dia, no ultimo anno dos estudos de Carlos, D. Juan Maristany e a esposa, deixaram-nos ir sós á Mallorca, á uma festa em casa de um parente chegado. A viagem era quasi de um dia, e partiram por uma madrugada de ouro, trefegos e venturosos, no encanto de junho em toda a Hespanha oriental, á maneira de dois noivos felizes que vão gozar longe o seu noivado. Voltaram na outra semana, numa tarde cinzeira em que sobreviera um temporal ao largo. Tiveram logo de abandonar a tolda, que o mar innundava quando os vagalhões batiam de través, para se irem refugiar no camarote, onde ella, num temor, e nervosa como uma criança, estivera a noite inteira em seus braços... Só desembarcaram no outro dia pela manhan, porquanto o vapor custara muito a romper o mar, atrazando a viagem. Saltaram alegres, recordando a travessia excellente da ida, com o Mediterraneo em bonança; os horrores da volta, sobre grandes vagas; a semana irrequieta e esplendida das festas em Palma; a pequena excursão a certos pontos da ilha, como Martacor, Santa Maria e Inca, a aldeia dos montes; e o *pic-nic* á Cabréra, em meio ás rochas escalvadas, depois da pitoresca visita ás ruinas dos templos phenicios de Astarte e de Baal-Moloch... D'ahi por diante, Dolores mostrara-se ainda mais louca por elle. E ao concluir o curso de nautica, já esquecido da terra natal, com uma lembrança quasi extincta da Ondina e da capital catharinense, para onde deixara de escrever logo após os primeiros seis mezes de ausencia — nem pensava mais em sair da Hespanha, quando foi suprendido, como por uma pancada subita, por um telegramma do pai, participando-lhe a morte da mãi e chamando-o á pressa ao Brazil. Ante o despacho lutuoso, ficou a principio atordoado, a duvidar da verdade; mas, virando e revirando o papel entre as mãos, a lel-o e relel-o com ancia, convenceu-se afinal, prorompendo em pranto, a exclamar mansamente e como resignado com a desgraça pungente: —« Pobre mãi! pobre mãi! » Dolores, junto delle, arrebatou-lhe o

telegramma, e, muito afflicta e nervosa, foi cair desfallecida num pequeno divan. Maristany e a esposa acudiram immediatamente, a saber o que fôra. Carlos narrou-lhes tudo, e recolheu-se ao seu quarto, a pensar na partida, tão cruel nesse instante para o seu coração. Dias depois, abandonava Caldetas, tomando passagem num paquete costeiro para Barcelona. Foi numa quinta-feira de dezembro — e no outro dia, pela tarde, já se achava installado na 1ª classe de um *steamer* da linha de Marselha, o *L'Amérique du Sud*. Durante os primeiros dias, viveu a bordo isolado de toda a alegre e ruidosa camaradagem, segregado de tudo, em um recanto deserto da tolda, a olhar, cheio de dolorosas saudades, a amplidão do oceano e o lado luminoso do céu por onde se afundara a Hespanha... A Dolores fôra o seu primeiro amor de homem! Estimara, amara mesmo a Ondina, mas como se ama uma irman, quasi com um desses amores fraternaes, sem violencia e suaves da puericia, e que um dia desapparecem sem se saber como, com o crescimento e os annos. Mas a outra não: amara-a profundamente, virilmente, como um leão...

E, com o espirito abatido, esmagado ao peso das recordações, sentia-se tomado de uma grande angustia, como na tarde em que deixara a Hespanha. Agora, sob a oppressora promessa que vinha de fazer a Ondina, é que a Dolores, já como que perdida para a sua affeição, lhe apparecia ali, num ideal esplendor de belleza, aureolada pela nostalgia e a distancia. De resto, o que mais o torturava era a certeza do «estado em que a deixara» ao partir. E seu peito abria-se, sob esse pensamento cruel, como atravessado por um gume algido. Lembrara-se de ter recebido a bordo, ainda em Barcelona, uma carta della, tão cheia de fé ingenua, na esperança de que elle voltasse, que ficara desalentado...

Esmiuçava tudo com um dolorimento agridoce, soffrendo e gozando, enterrado naquellas faltas que o laceravam como espinhos agudos. Recordava-se de tudo vivamente: dos terrores della ao sentir-se quasi mãi, das frases confusas e loucas com que lhe communicava esse facto, chorando, conhecendo-se deshonrada, cheia de soffrimento e vergonha. Era horrivel, Santo Deus!...

Mas o capitão surgiu de repente no tombadilho, falando-lhe com a voz ainda rouca de somno:

— Então, ha alguma novidade? Quantas milhas andámos?...

O Carlos Valle aproximou-se, e, depois de informal-o minuciosamente sobre as ultimas quatro horas de marcha, meteu-se no camarim. Ahi, quasi sem se despir, atirou-se ao beliche exhausto e num grande desanimo.

IX

D'ahi a dois dias, num alvorecer nublado, entrava-se em Buenos-Aires. Os passageiros, alegres, correram ácima ao convez ainda alagado da baldeação.

O dia, pardacento, gelava. Sobre as aguas, em volta, cascos altos fluctuavam, em manchas negras informes, envoltos na bruma invernal, a cordoalha esbatida, apparecendo em trechos vagos no ar empastado, como uma immensa têa de aranha rasgada. A cidade estava toda velada: aqui e ali, muito longe, se desenhava uma torre, a fachada de um palacio...

A' prôa do brigue, havia um grande movimento, na faina da amarração. O Nielsen dava ordens com um enorme vozeirão, preoccupado com os navios em roda, emquanto o piloto mandava safar o ferro, as amarras... De repente, houve um rolar sonoro de élos e um forte mergulho n'agua. Fundeava-se.

Os marinheiros acudiram em seguida á meia-nau, a largar o bote pequeno, que estava dentro da lancha, sobre as escotilhas. Cabos de laborar rojavam agora pelo convez, num safa-safa perito: e o esguio escaler, guindado nas talhas ou turcos, então torcidos para dentro, foi, em rapida reviravolta, lançado fóra, no mar. E logo, um moço desceu a botar o tapete, calar as forquetas e desengatar as talhas.

A visita, porém, demorava.

Pelas 9 horas o sol jorrou, louro e quente, rompendo o manto brumal. E subitamente, a New-York do Sul, a grande capital do Prata, o coração da Argentina, desvendava-se a todos, clara e plana, de marmore. No vasto ancoradouro, navios de vela, *steamers*, pequenas goletas e rebocadores, em agglomeração extraordinaria, destacavam, no céu nitido e azul, as grossas chaminés e altas cruzes dos mastros.

Os passageiros, em alegre algazarra, olhavam a terra e os barcos, debruçados da borda. Mais á ré, Ondina conversava risonhamente com Carlos, sentados ambos á gaiúta. E D. Oswaldo, ao portaló, falava enthusiasticamente com o Dr. Barroso sobre o Brazil e seus immensos Estados, aos quaes augurava um futuro admiravel em toda a America Meridional, comparando a capital brazileira á capital do Prata, e collocando a primeira em grau maior de adiantamento e superioridade. O bahiano, sorrindo com os seus dentes alvos, arregaçando-lhe a face larga e obesa, roseada pelo frio, satisfeito com aquella arribada, que lhe permittia ir passar deliciosos dias em terra—retorquia-lhe jovialmente, muito fraternal, virgulando as frases descançadas a gargalhadas, com a sua voz ciciosa e cheia de ss.

Os allemans de Joinville, altos e espadaúdos nos grossos *bismarks* de panno claro, a golla erguida, tomavam seguidamente cognac, á amurada de pé. As irmans Bauer, finas como duas galgas, alvas e louras na alpaca negra das vestes, formavam com a mãi, mais a pôpa, um grupo triste e discreto. Sentada em linha num banco, junto á meia laranja, a familia de S. Francisco, amarella e fraca, tremia enrolada nos chales desbotados de lan. O pai, ao lado, o rosto chupado, o cavaignac maltratado da viagem, tinha um olhar de desalento, puxando continuos escarros. As crianças, magrinhas e vivas, esvoaçavam por toda a tolda, a trinar como andorinhas. A mulher do Nielsen, aos balaustres, muito rosada, e com as mãos erguidas á altura dos olhos, binoculizava a cidade. O filho, forte e intrepido, como um Hercules infante, brincava com o terra-nova, procurando firmar as grossas patas pelludas do cão no alto corrimão da borda, gritando-lhe:

— Eh! *Golfinho!* Hip!

Marinheiros, á prôa, estendiam roupa em cima do castello e nos patarrazes do béque.

A visita chegou, quando todos iam já para o almoço.

Então o chileno, o Dr. Barroso e os allemans, não querendo esperar mais, mandaram atracar o bote de bordo que estava a largar, pois desesperavam por um largo repasto em terra para se desforrarem opiparamente dos vinte e oito dias de « salame » no mar.

Mas antes de pôr o pé no escaler, D. Oswaldo foi até á camara lembrar ao capitão que estavam a 24 de junho, dia de

S. João, e que, conforme se combinara lá fóra arranjaria, á noite um pequeno concerto. Prometteu voltar pela tarde, com alguns amigos e familias conhecidas. E correu a todos com gentileza, risonho e serviçal, offerecendo-se para «lo que quizessem de tierra» O Dr. Barroso acompanhava-o nos offerecimentos, como um bom camarada.

Os allemans, hirtos e seccos, indifferentes ás amabilidades latinas, egoistas e duros como homens de negocios, que eram, já haviam embarcado sem se despedirem.

Os dois desceram então apressados, voltando-se ainda para a porta da camara, as mãos erguidas em adeuses, por entre repetidos «até logo!»

VIRGILIO VARZEA

(*Continúa*)

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

DOS ESTADOS UNIDOS

BOSTON

Boston foi e póde dizer-se sem receio que ainda é a terra da intelligencia americana, a sua Athenas. Nova York, na sua qualidade de metropole de Leste, como centro commercial mais importante e em relações mais frequentes, faceis e rapidas com o Velho Mundo, póde possuir as casas editoras mais conhecidas e mais operosas. Chicago, a metropole do Oeste, com o seu prodigioso desenvolvimento, póde achar que lhe não bastam as glorias do trigo e do toucinho e querer rivalizar com Nova York no aprimorado das publicações.

Boston não deixa por isso de ser em sua maior placidez, em sua feição quasi unica nos Estados Unidos de cidade velha, com ruas acanhadas e casas antiquadas, a metropole do pensamento nacional. A sua livraria é a mais opulenta do paiz como valor de collecções e escolha das edições, achando-se demais alojada no mais bello edificio de Boston. As suas escolas são proverbiaes pelo conforto e efficiencia. O seu collegio de Harvard, com o seu ar vetusto de universidade ingleza, suas construcções disseminadas por toda a villa de Cambridge, seu mixto de tradicionalismo e modernismo, é a primeira entre as muitas Academias que florescem em todo o territorio da Confederação.

Veja a *Revista* de 15 de julho, agosto, setembro, 1 de outubro, 1 e 15 de novembro, 15 de dezembro de 1896 e 1 de dezembro de 1897.

A instrucção chegou a converter-se numa febre na Nova Inglaterra [1]. Mercê da relativa pobreza do solo, da plethora da industria e sobretudo das facilidades do ensino, quasi toda a gente deseja aprender, a mór parte dos rapazes pretendem ser *formados*. Nos collegios abundam os estudantes pobres que durante o verão trabalham em profissões manuaes para no inverno pagarem suas pensões e cursarem as aulas. No hotel de Block Island em que passei as semanas de maior calor, o serviço de mesa era todo feito por *college boys*: o criado que me servia era um terceiro annista de engenharia, o chefe dos criados acabára o seu curso de direito, e o gerente era um intelligente bacharel em philosophia, que continuava a aprofundar seus conhecimentos, a estudar para doutorar-se e obter alguma cadeira em alguma das outras universidades, sempre dispostas a receber nas suas congregações os doutores de Harvard. Para o Americano não existe trabalho deshonroso: deshonrosa é apenas a preguiça. Servindo nos hoteis de verão, não só esses valentes rapazes apuram algum dinheiro, já das gorgetas dadas pelos hospedes, já das collectas feitas no jogo de *Vase-Vall* e nos concertos vocaes e instrumentaes com que enchem os longos serões do campo, como têm o que elles chamam o seu *good time*, divertindo-se, respirando bom ar, tomando seus banhos de mar, refazendo as forças para o inverno.

Suas difficuldades de vida não cessarão comtudo com a terminação dos cursos. A vida entra nos Estados Unidos a ter suas asperezas para quaesquer profissões liberaes. Encontram-se já medicos sem clinica, engenheiros sem obras, advogados sem causas, padres sem pé de altar, na Nova Inglaterra especialmente, a classica terra americana, a patria dos *yankees*. Não que a estes falte energia ou iniciativa.

O yankée, producto de um meio de luta pela existencia, passa justamente por ser o Americano de mais prompta percepção commercial, descobrindo mais depressa num negocio as suas vantagens possiveis e manipulando-o com mais destreza, sangue frio e felicidade.

---

[1] Por esse nome entendem-se os seis estados de Maine, Vermont, Massachusetts, New Hampshire, Connecticut e Rhode Island.

Desembarcado da mãi patria com pouquissimos recursos e muita vontade de ganhar a vida, o colono britannico deparava na Nova Inglaterra com uma terra parecida com a que deixára não só no clima e na paizagem variada, como na escassez dos recursos. Não offerecendo o sub-sólo minas a explorar, as actividades concentraram-se na agricultura e na industria, vindo esta a predominar porque as numerosas correntes de agua facilmente aproveitaveis como motoras dos moinhos, avantajavam-se aos terrenos arenosos e especialmente aos campos pedregosos, posto que ferteis de baixo da rija couraça granitica que o periodo glaciario deixou como recordação da sua passagem [1].

Os proventos da agricultura, particularmente nestas condições são lentos e custosos, e o colono, adestrado e fortalecido pela contenda, lançou-se portanto com maior coragem ao elemento movediço que se lhe estendia em frente da costa, povoada de enseadas. As condições desfavoraveis á agricultura eram pelo contrario essenciaes ás pescarias. Os abundantes abrolhos e seixos desse mar formam um ambiente adequado á vida animal, ao bacalháu por exemplo, cuja exportação tornou-se um dos melhores negocios da Nova Inglaterra, offerecendo além de tudo as florestas madeiras apropriadas á construcção de navios, fundamento da marinha mercante dos Estados Unidos, tão florescente até 1860 e que a guerra da Seccessão e a exploração do Oeste fizeram decair enormemente.

Verdade é que em compensação, o pasmoso desenvolvimento interno e um feroz proteccionismo aduaneiro promoveram o progresso das industrias nacionaes, convertendo os Estados Unidos na mais poderosa nação manufactureira do globo, empregando em 1890 mais de 6 milhões de dollars de capital e um exercito de perto de 5 milhões de operarios com um lucro liquido annual de 4 billiões de dollars. [2] As manufacturas dos Estados Unidos que no anno anterior do rompimento da guerra civil subiram apenas a 392 milhões de libras esterlinas, isto é, 185 milhões menos que as do Reino Unido, subiram em 1888, segundo as estatisticas de

---

[1] N. S. Shaler, *Environment and man in New England*, na N. American Review de junho 1896.

[2] Joseph P. Smith, *Trade relations in America*, no Bulletin of the Bureau of American Republics de agosto 1897.

sir Michael G. Mulhall, a 1443 milhões, isto é, a 623 milhões mais que no do Reino Unido e a 860 milhões mais que as da França.

A secção leste do paiz é a sua secção eminentemente fabril, e mais que tudo a Nova Inglaterra. Tambem em parte alguma dos Estados Unidos o meio physico e o homem estavam mais de accôrdo para promoverem o adiantamento industrial. Pela acção do periodo glaciario, nota o escriptor da *North American Review* já citado, a superficie da terra cobriu-se ahi de um deposito profundo de materia muito porosa, dando uma corrente firme e continua aos rios, cuja velocidade necessaria para pôr em movimento os engenhos, augmenta pela elevação do terreno. A irregularidade do curso desses hios dá por outro lado origem a depressões, que foram lagos e são roje alagados, retardando o caminhar das aguas para o mar, distribuindo o producto das chuvas de um modo gradual e constante e offerecendo a vantagem de poderem ser facilmente convertidos em açudes ou reservatorios. O homem vinha da Inglaterra, patria da energia e da perseverança, e não encontrava para amollecer estas qualidades terras de facil cultura como a Virginia ou Maryland, onde a grande propriedade exigia logo a introducção dos negros, transformando o colono rude no apathico senhor de escravos.

O Inglez ficou ali mais Inglez, isto é, conservou mais a primitiva feição nacional, aguçando-a pela especialização do trabalho, effeito de cada um explorar livremente o seu campo de actividade, tratando de libertal-o da rotina. O que mais fere o viajante americano no estrangeiro é o predominio da rotina. Lembro-me que no *Innocents abroad*, Mark Twain despeja parte do seu *humour* sobre os portuguezes da ilha do Fayal que lavram hoje a terra do mesmo modo que os seus tataravós. Nos Estados Unidos, paiz de expedientes na frase de um autor, cada dia inventa-se um novo processo de trabalho, uma nova machina de producção, e por este traço distingue-se principalmente o *Yankee*. As descobertas mecanicas da America do Norte são por metade devidas aos filhos da Nova Inglaterra, e é tal a dose do seu engenho e inventiva, que a extrema differenciação do trabalho lhe não rouba a elasticidade, a aptidão para qualquer ramo de actividade, feição adquirida no tempo em que accumulavam as industrias na luta pela vida. Diz com razão o Sr. Shaler que si a manufactura do algodão no sul ajuntar-se, como está parecendo, á sua producção, isto é, si o sul tornar-se por inteiro

agricola e fabril a um tempo, a vida industrial da Nova Inglaterra não periclitará: transformar-se-á.

Ao Americano como individuo não repugna absolutamente mudar de profissão, assim como não repugna ás communidades mudar de caracteristico. Si, por exemplo, esgotar-se uma mina que provocou a aggremiação de milhares de trabalhadores, esta villa deixará promptamente de ser mineira para tornar-se fabril, para ensaiar qualquer especie de manufactura: não se dispersarão miseraveis os seus habitantes, incapazes de nova orientação e de novos esforços. Não sendo o local apropriado para outro fim sinão o mineiro, irão acampar alem, num lugar conveniente, fazendo surgir dentre as florestas ou sobre a planicie uma dessas cidades americanas edificadas num abrir e fechar d'olhos, que fazem o pasmo dos outros paizes e que um incendio ou um furacão destroe com igual facilidade. Não se imagina como entre nós que tal zona ha de fornecer fatalmente assucar e tal outra café. Produzirá este ou aquelle genero si as condições continuarem a ser-lhe favoravel e vantajosos os resultados: quando não passa-se logo a outra cultura mais remuneradora.

É claro que o Americano herdou do Inglez preciosos predicados de raça; logrou porém desenvolvel-os e aperfeiçoal-os num meio favoravel como o da Nova Inglaterra. Refiro-me, não tanto ao meio physico, que mais impelliria o colono para a preservação do typo ancestral, como ao meio social, resultado da orientação collectiva e da adaptação a ella dos individuos mais aptos, numa continua renovação e num aperfeiçoamento qual o dos districtos manufactureiros e da beira-mar. Na propria Nova Inglaterra existe naturalmente funda separação mental entre a população movediça e progressiva desses districtos e as communidades agricolas mais afastadas, sedentarias de necessidades facilmente satisfeitas, de intelligencia menos prompta e espirito menos vivo.

Boston não se orgulha porém sómente de ser o centro espiritual de similhante região em que as capacidades agrupam-se livremente para determinadas direcções de trabalho, fazendo brotar o adiantamento da harmonia dos motivos. Orgulha-se tambem das suas tradições historicas que inflammam o patriotismo americano, emprestando a alta temperatura necessaria a esse cadinho formidavel em que se fundem tantas variedades da raça branca. Em Boston deu-se o primeiro encontro entre o povo e os soldados do

rei Jorge; ahi passou-se o conhecido episodio do lançamento ao mar de um carregamento de chá, tributado sem consenso dos contribuintes: ahi, a sombra dum olmo que ainda estende verdes os seus galhos rugosos, passou o general Washington revista ás tropas de que tomára o commando para defender os direitos e depois a independencia da colonia, nos seus arredores finalmente, em Bunker Hill, onde hoje ergue-se um monumento cuja primeira pedra foi collocada por Lafayette ao som da palavra eloquente de Daniel Zebster, feriu-se a primeira e mais sangrenta batalha dessa longa campanha em que a constancia obrou ainda mais prodigios do que o valor.

De outra coisa ainda Boston se desvanece com razão, e é do seu admiravel systema de parques que envolve a cidade numa graciosa faixa de verdura, com a qual casam-se as aguas glaucas do Charles River. São quatorze mil geiras cobertas de arvores, relva e lagos onde os estudiosos, os artifices e os politiqueiros vêm servar o bom ar oxygenado num ambiente risonho e festivo, ganhando forças para as suas investigações, suas fadigas e suas velhacadas. Porque Boston tambem tem politiqueiros e portanto *jobs*. Verdade é que, para salvaguarda do seu credito, os Americanos costumam pôr quasi todas as ladroeiras publicas, assim como põem todas as calinadas, á conta dos pobres Irlandezes. Num livro recente [1], que é a compilação de cartas interessantissimas escriptas para o *Daily Mail* por occasião da ultima campanha presidencial, conta G. W. Steevens que no curso de uma palestra sobre a inferioridade do negro e as inconveniencias da sua qualificação eleitoral, exclamou um sulista dirigindo-se a um bostoniano — Porventura gostariam vocês que, em Boston, uma ralé sem bens nem educação, á qual por força mesmo da historia da sua raça, faltam honestidade, honra, sobriedade e castidade, estivesse em posição de taxar vossa propriedade, disperdiçar vosso dinheiro, arruinar vossa administração? —Mas pelo amor de Deus, meu amigo, respondeu o outro, é exactamente o que nos acontece em Boston com os Irlandezes.

OLIVEIRA LIMA

---

1 *The land of the Dollar.*

VERSOS

III

ALMA VARIA

Uma só alma?! Que engano!
Muitas almas todos têm:
Muda-se a alma de anno em anno,
Morrem umas, outras vêm.

Tive uma alma côr de arminho,
Pura assim nunca se viu,
Mas essa alma... Passarinho,
Bateu as azas, fugiu.

Tive uma alma ardente e bella,
Como o sol jámais brilhou,
Mas essa alma... Pobre vela,
Zuniu um vento e a apagou.

Hoje, esta alma que me habita,
Donde veiu?... Quem m'a deu?
— E' como estranha visita,
Mais velha e triste do que eu!

IV

A CONFIANÇA

Sem ti, a mente se afunda,
Despojada de alicerces;
Feliz daquelle em que exerces
Tua ascendencia fecunda!

De quem te adopta por guia
Quão segura a directriz!
Sim! — Feliz o que confia,
Feliz, tres vezes feliz!

Mas, como o vidro, és frangivel,
Não raro, a um gesto, a uma frase,
De chofre, vai-se-te a base
Cáes, e, depois... é terrivel.

O vidro quebrado córta
A mão que incauta o apertou...
Oh! como a confiança morta,
Coração, te retalhou!

Tudo fallacia e chimera...
— Tem talvez sorte bemdita
Esse que em nada acredita,
Nada esperou, nada espera...

Villa Petiote. — Petropolis.

AFFONSO CELSO

ASPECTOS DA ITALIA

A CAMPANHA — OS CASTELLOS ROMANOS

(*Conclusão*)

Toda esta região, por leguas e leguas em torno, é historica, opulenta de reminiscencias gloriosas, e de reliquias suggestivas. As lendas e as chronicas, as imagens literarias, as scenas classicas, com que nos alimentaram o espirito desde a infancia, adquirem aqui o relevo e o movimento da vida real. A pouca distancia de Rocca di Papa, estão os Campos de Annibal, onde uma lenda provavelmente falsa, pretende que assentou suas tendas o guerreiro carthaginez, na sua celebre expedição contra Roma. E' certo, entretanto, que essa lenda foi transmittida de geração em geração até hoje; nem a desconhecem os simples e rudes pegureiros que ali passam os seus dias e as suas noites com as cabras, as ovelhas e os cães de gado. Coisa extraordinaria realmente, pois maior obstaculo que se encontra nas excursões por estes sitios é a ignorancia crassa do povo acerca dos feitos e dos heróes, cuja fama anda na memoria de todas as gentes. Os grandes nomes apparecem muitas vezes na conversação; ouvireis facilmente estes lavradores e tropeiros falar de Cesar e de Vespasiano, de Cicero e de Ovidio, de Lucullo e de

---

Veja a *Revista* de 15 de setembro, 15 de outubro e 1 de dezembro.

Scipião; mas é com uma inconsciencia grotesca, que provoca o riso. Assim si quizerdes descobrir numa igreja um quadro de mestre ou saber onde assentam os restos de um templo, de um circo, de um amphitheatro, cumpre que vos façais acompanhar por um archeologo sério (e nem sempre é possivel encontral-o), porque os melhores livros não bastam para orientar o viajante através destes prados e bosques, e um guia pago só servirá para impingir fabulas pedantescas de sua invenção.

Si se tem a rara fortuna de travar relações com sabios como os dois irmãos Giovanni e Michele De Rossi, profundamente instruidos em geologia e em antiguidades, nada se perde dos monumentos que ali estão espalhados por estes sitios, nem das phases porque passou este solo em sua formação, nem das curiosidades mineralogicas que offerece ao estudo. Mesmo, porém, sem taes mestres qualquer homem de bem póde sentir a belleza do Monte Cavo, que, de uma altura de quasi mil metros sobre o nivel do mar, domina as veigas, os valles, os outeiros circumstantes. Alugam-se jumentos em Rocca di Papa, e em meia hora de lenta subida, por entre matas, sob uma abobada cerrada de folhagens, chega-se ao cimo, onde fica o observatorio meteorologico, fundado pelo celebre jesuita padre Secchi. Um vento fresco e aspero varre continuamente o cimo do Monte Cavo; e quem está affeito a um ar mais calmo, e tem nervos debeis, soffre nelles o choque desses rudes sopros. Mas a paizagem é ampla e tranquilla, doce e grave, propicia ao espirito contemplativo dos monges que habitaram outr'ora estes ermos. A vista alcança todos os burgos e povoados vizinhos, toda a planicie do Tibre coroado por uma cadeia de collinas, e estende-se até os mais altos picos da Sardenha, e até as saphiras liquidas do Mediterraneo. Eu gostaria de entrar em pormenores sobre as descobertas archeologicas dos illustres irmãos De Rossi, que, por meio de escavações neste solo, foram remontando até ás idades da pedra lascada e da pedra polida. O assumpto seria interessante, mas exigiria longo capitulo, e daria a este artigo um caracter de erudição que elle não pretende ter.

Descendo outra vez até Rocca di Papa, e seguindo a estrada real, vemos a capella do *Tuffi caduto*, dedicada á Mãi de Deus. Uma lenda piedosa se liga á sua origem. Conta-se que um viajante caminhando por estreito atalho da floresta, viu desprender-se de

um barranco proximo um enorme rochedo que o ia esmagar; em tanto perigo invocou o nome de Nossa Senhora; de subito, o penhasco se immobilizou, contra todas as leis do equilibrio. O viajante, reconhecido, erigiu então ahi essa capella, que existe desde 1590. O altar-mór é formado pela mesma pedra, onde artista mais devoto que habil esculpiu a imagem de Maria com Jesus nos braços. A pequenina praça que rodeia a igrejinha, é o sitio preferido pelos villegiantes; ahi se reunem todos, de manhan e á tarde; os homens á vontade nos seus ternos de flanella, as moças tão graciosas nos seus vestidos claros e leves de verão, juntam-se em grupos, lêm os jornaes, commentam as noticias do dia, fazem a chronica mundana; velhos solitarios fumam melancolicamente, sob a copa dos frexos e das nogueiras; inglezas coradas, resguardadas do sol por grandes chapéus de palha pintam aquarellas mais ou menos insipidas; e outras se limitam a respirar com delicias o ar embalsamado e a admirar os lagos vizinhos de Albano e de Nemi. Toda a gente da aldeia (salvo algum rapaz que aprendeu o scepticismo nas tavernas de Roma) vem ao menos uma vez por dia rezar á Virgem do Tufo. O culto da *Madonna* neste paiz tem uma poesia especial. Ella é a amiga, a protectora, a Mãi invisivel mas sempre presente e solicita, a quem se recorre em todos os apertos e se pede qualquer coisa com familiaridade absoluta. Nas estradas do campo, como nas ruas das maiores cidades, a cada passo se nos deparam nichos com a effigie bemdita, e muitas vezes com uma ou duas lampadas perennemente acêsas. As controversias religiosas e os esforços da philosophia moderna não conseguiram atacar esse ponto intimo da crença; e porque atacal-o, si na certeza do auxilio sobrenatural acha arrimo e consolo este povo que merecia ser mais feliz?

Do Tufo, passando em frente ao mosteiro dos Trinitarios proseguimos através da floresta que se torna cada vez mais espessa e pitoresca até Ariccia, em certos trechos dir-se-ia mata virgem da America, tão pujantes são os troncos, tão densa a folhagem, tão variado o concerto dos passaros. Em Ariccia entra-se por uma ponte magnifica; o architecto Bertoline a construiu, e inaugurou-a Pio IX em 1853. A tradicção remonta a éras longinquas a origem desta povoação hoje destruida, cujos fastos são aliás illustres. Fundou-a, contam, Archelao Seculo 1360 annos antes de Christo; foi ella uma das que constituiram a liga latina

contra Tarquinio o Soberbo, que mandou seu filho Arente a submettel-a, mas inutilmente, pois a guerra contra Roma prolongou-se até a celebre batalha do lago Regillo. Amiga de Roma depois disso, e de novo contra Roma alliando-se a outras, foi vencida com ellas, e tiveram todas de aceitar a *cidadania*. Mais tarde, Mario a devastou por ter ella seguido a facção de Scylla, devastaram-na em outra época os barbaros de Alarico e os de Genserico; e na idade média Ariccia teve a mesma sorte que todas as povoações deste genero, pertencendo ora a um senhor feudal, ora a outro, hoje defensora, amanhan adversaria do Papa, victoriosa aqui, ali derrotada. Historia longa, e afóra alguns episodios, pouco interessante. Raros vestigios da antiguidade ha tambem em Ariccia; apenas uns restos dos muros de Appio Claudio e a *cella* do famoso templo de Diana, descoberto por Antonio Nibby em 1817.

Perto fica Albano, cidade edificada nos terrenos de uma sumptuosa *villa* do imperador Domiciano; essa *villa*, de cujas magnificencias não podemos hoje ter idéa, abrangia o espaço occupado antes pelas duas outras de Clodio e de Pompeu. Nas excavações se encontraram ahi esculpturas preciosas, como uma Minerva de marmore branco, um Satyro de granito vermelho do Egypto, um baixo-relevo com a luta de Romulo e Remo pela posse de Roma. Este sitio de amenidade encantadora, onde a alma se sente inclinada pela doçura do ar e da paizagem á doçura dos affectos, foi infamado outr'ora pelas brutalidades e cruezas do indigno irmão de Tito. Ahi convocou elle o Senado para consultal-o sobre o melhor modo de cozinhar um robalo; ali fez enterrar viva a vestal Cornelia, injustamente accusada de haver quebrado o seu voto de castidade perpetua; e outras innumeras victimas immolou na sua sêde de sangue e abominações, entremeando as hecatombes com festas gymnasticas e literarias, em que vís poetas daquelle tempo cantavam os louvores do tyranno. Hoje as villas Barberini, Altieri e Doria nos offerecem largas aléas, frescas sombras, doce murmurio de fontes; mas o luxo fabuloso dos antigos desappareceu, e, em compensação tambem as suas iniquidades. Assim, entregue a si, a natureza é mais suggestiva; comprehendo bem que em Albano, no jardim do proximo convento dos capuchinhos, passasse horas deliciosas o melancolico Zimermann, autor do famoso livro sobre a *Influencia moral da solidão*.

Vale a pena ver a cathedral, primitivamente edificada por Constantino, e restaurada no seculo IX por Leão III, a igreja da *Madonna della Rotonda*, que foi outr'ora templo consagrado a Minerva, e a de S. Pedro que assenta sobre as ruinas das Thermas de Domiciano.

Vamos, porém, continuando o nosso caminho para Nemi, onde as violetas e os morangos vicejam até o inverno nas margens do lago sereno e azul. E' o que dizem os versos singelos de Maccari:

Torna col vago aprile
Insiem con le viole
La fragola gentile.
.....
Allor su gli orli estremi
Di fragole rossegia
Il laghetto de Nemi
One dalla sua reggia
Venia in età lontana
A bagnarsi Diana...

Mas outros carmes muito mais fortes que os dessa simples musa pastoril immortalizaram os encantos de Nemi. Ovidio nas *Metamorphoses* conta a lenda da nympha Egeria, que, consternada pela morte de seu esposo Numa Pompilio, refugiou-se ali, no bosque sagrado de Diana, e com os seus lamentos perturbava o culto da Deusa. As outras nymphas tentaram, mas em vão, consolal-a; então Diana a transformou numa fonte que ainda hoje existe. Agora, pobre Egeria! os teus prantos são utilizados pelas lavadeiras...

Lord Byron, o inquieto peregrino, andou tambem por esta selva; o seu estro iracundo e rebelde emprestou cores violentas a esta paizagem suavissima; tanto é verdade que a retina transforma, segundo o temperamento de cada um, as imagens que a impressiona. O lago tão placido, que para um poeta como Virgilio teria a segurança de um seio materno, comparou-o o pessimista inglez a uma fria e perfida serpente adormecida...

Sombrio castello baronal domina Nemi, que o celebre escriptor Enéas Sylvio, pontifice sob o nome de Pio II, chamava mansão das Musas e das Nymphas. Pertence hoje ao principe Orsini, depois de ter pertencido aos Colonnas, aos Frangipanis e aos Braschis. Basta

ver-lhe a torre redonda, as setteiras estreitas, a grossura das muralhas, o conjunto severo e minaz para comprehender a desconfiança reciproca e a rivalidade continua, em que viviam as familias fidalgas na idade média. Uma mulher, criada velha, filha de velhos criados da casa, entregue á sua vigilancia na ausencia dos donos, acompanhou-nos pelos compridos e estreitos corredores que dão frio á alma; fez-nos ver a sala do throno, os retratos dos papas e cardeaes da familia, e as collecções de armas e panoplias que enchem varias quadras; apezar do estado pacifico a que se acha reduzido o castello — simples residencia de estio — aquellas lanças, aquellas couraças, aquellas espadas, aquelles arcabuzes dão idéa das scenas que ali se passaram.

Muitos outros lugares se devem visitar nos arredores; o Lanuvio, famoso nos annaes romanos, que se chama hoje cidade Lavinia, Castel, Gandolfo, que desde Urbano VIII foi sitio predilecto de villegiatura dos papas, Palagguolo construido sobre as ruinas de Alba-Longa, fundada por Ascanio, filho de Enéas, e tão cantada na Eneida. Marino com o palacio dos Colonnas, Grottaferrata com a veneravel Abbadia onde se encontram as magnificas pinturas do Dominichino que representam a vida de São Nilo, Gengano, cujo vinho é generoso como o de Marino, cujas mulheres são as mais bellas destas terras, Tusculo, com os restos de um antigo amphitheatro, Frascati, com as tres grandes villas Grazioli, Aldobrandini e Borghese. Frascati é, pelo seu conforto, pelos seus recursos, pela proximidade de Roma, o ponto mais procurado pela gente da moda para descansar no verão; a meu ver, tem demasiadas etiquetas de cidade; parece um arrabalde da capital; eu prefiro Rocca di Papa com toda a sua simplicidade primitiva.

As memorias historicas que illustram esses lugares, e as obras de arte que nelles se têm descoberto mereciam um livro; Oreste Raggi, que já tive occasião de citar, escreveu-o com solida erudição e elegantissimo estylo; e esse volume é companheiro indispensavel para quem vem aos Castellos Romanos.

Em vão busquei dias a fio a villa Tusculana tão amada por Cicero, seu feliz proprietario, que ali compoz muitos dos seus livros immortaes. Não ha dessa residencia celebre o minimo vestigio, nem a situação exacta se lhe conhece mais, a despeito da polemica travada entre archeologos como o jesuita Zuggeri e os basilios

Cardoni e Sciommari. Os clodianos já em vida do grande orador a tinham damnificado uma vez por paixão politica; e depois de morto elle, quem sabe as mil vicissitudes porque passou a sua cara villa! Cicero, que ali vinha descansar das lutas partidarias, onde tanto consumia a alma demasiado sensivel, e consolar-se de desenganos e traições, dando-se inteiramente ao estudo, a adornara com luxo e gosto; na sua correspondencia com Attico, talvez o seu melhor amigo, o millionario famoso que lhe geria a fortuna periclitante sempre, e o livrava dos frequentes apertos pecuniarios, se allude muitas vezes a bustos peuteticos, a *hermes* de Mercurio e Minerva, a estatuas de Musas, e sobretudo áquella Hermathenà que Cicero tão especialmente prezava: *Hermathena tua mevalde delectat* — escrevia elle. Adquirira pinturas e relevos, mandara levantar porticos marmoreos, erigira até uma Academia em honra de Platão, um Lyceu em memoria de Aristoteles, e na frescura dessas *aulas*, construidas entre arvoredo cerrado e hortos de rosas, passava as horas calmosas, em doutas conversações com philosophos e literatos, tanto romanos como gregos. Que delicia seria para mim evocar-lhe a figura imperecedora, á sombra dos bosques que elle amara! Justamente uma das minhas tarefas predilectas tem sido agora tratal-o mais ao perto, relendo-lhe as obras e confrontando as varias opiniões formuladas a seu respeito por alguns historiadores, devotos férvidos uns, outros acerbos inimigos. Cicero ganha em ser conhecido; á admiração, classica mas não convencional que eu lhe votava desde o curso de latinidade, se junta cada dia mais uma sympathia profunda, e um respeito bem merecido. Em summa, é elle um dos mais captivantes typos humanos que a antiguidade nos offerece; os seus defeitos, que põem tanta gente em furor, não se devem attribuir, como os de muitos seus contemporaneos, a perversidade de animo ou corrupção de instinctos, mas a certa fraqueza delicada e amavel, que bem se lhe deve perdoar em attenção ás eminentes qualidades de espirito e de caracter com que a resgata.

A perfeição absoluta não pertence a este mundo; e é tambem tão alheia, tão opposta á natureza humana, que mereceria piedade, não inveja, o monstro divino que a possuisse, destinado por esse dote fatal a viver incomprehendido e a morrer abandonado... Os advogados da moral intransigente, para deprimir a Cicero, oppõem-lhe Catão; Cicero, mais intelligente que elle — e melhor

talvez no fundo — não podia de certo praticar aquella virtude estreita, aggressiva, perpetuamente irritada, que nascia de uma alliança estranha da atrabilis com a myopia doutrinaria, e que, desejando transformar os factos e as pessoas pelas normas de uma logica puramente individual, offendia toda a gente sem melhorar ninguem. Muitos Catões têm existido desde então, e todos igualmente estereis...

Ao menos aquelle foi coherente, e, não podendo como pagão, encerrar-se num claustro, deu a prova suprema da sua incompatibilidade com o universo real, suicidando-se... Cicero não era menos virtuoso que elle, afinal de contas; mas via o mundo com olhos mais lucidos, percebia que o interesse da propria honestidade é tornar-se accessivel, cortez, branda e sympathica, sabia sorrir, sabia desculpar, sabia mesmo dissimular quando havia necessidade disso... Catão exclamava no seu discurso contra Catilina: «Eu que nunca me perdoaria a minima falta, poderia ser indulgente com os vicios de outrem?» Todo elle está nessa frase. Catão é talvez mais romano da velha rocha; mas Cicero é mais moderno, e por isso nós o comprehendemos melhor...

Outros, os apologistas da acção triumphante, oppõem-lhe Cesar; entre os dois ha muitos pontos de contacto, como houve por largo tempo vinculos de affecto que a politica só lentamente poude quebrar de todo; ambos são nobres e eleitos espiritos, escriptores de summo engenho, oradores de magnifica eloquencia, amigos das artes e da sociedade elegante; ambos exerceram a magistratura suprema do Estado, e tiveram, é certo que em diversa escala, um periodo de influencia decisiva na vida nacional... Sómente, Cicero venceu por dias, e Cesar por annos; Cicero salvou ephemeramente a Republica, e Cesar matou-a, fundando o Imperio; Cicero foi assassinado por sicarios em nome da tyrannia, e Cesar por conspiradores em nome da liberdade... Sem duvida, comparando a obra politica de Cicero e a de Cesar, vê-se como a do primeiro é passageira e improficua, embora pura, e como a do segundo, embora desonesta, é forte e duradoura. Isso quer dizer que a Cicero, moralmente superior a Cesar, faltaram as excepcionaes qualidades praticas com que este aniquilou todos os obstaculos e chegou á realização completa dos seus sonhos. Não falemos das que, si bem significativas, provinham só de circumstancias exteriores ao genio de ambos; Cesar

era general e Cicero simples advogado, Cesar era riquissimo e Cicero abastado apenas, Cesar vinha de nobre estirpe — até affirmava, elle sceptico acabado, descender dos amores de Venus com Enéas! — e Cicero, que só o merito excepcional elevara tanto, pertencia a uma familia recente de cavalleiros (*equites*). Taes differenças de situação, todavia, concorreram grandemente para as differenças de destinos.

Mas os proprios temperamentos divergiam muito. Cumpre reconhecer que entre os dois Cesar era o homem verdadeiramente dotado para a politica; Cicero era antes de tudo e sobretudo um literato, um artista, mais preoccupado com a belleza da fórma que com a realidade da acção, mais interessado pelo valor abstracto das idéas que pelas suas applicações positivas e praticas. Tinha actividade e zelo pelos negocios publicos; na sua correspondencia, nas suas conversações, occupava-se delles continuamente; proconsul na Cilicia, revelou-se excellente administrador, tão laborioso como probo. Provou tambem que sabia ser energico em occasiões criticas; quando Roma inteira tremia a um gesto de Sylla, Cicero, então rapaz imberbe, estreou-se no Forum dizendo com ironia cortante as mais duras verdades ao Liberto Crysogono, favorito omnipotente, e através delle, ao mesmo dictador; consul, ameaçadas tão terrivelmente as instituições pelo conluio de Catilina, foi o unico magistrado talvez o unico cidadão, que, no meio da covardia geral, ousou arrostar a anarchia. Alguns historiadores, na sua systematica antipathia contra Cicero, chegam a ser contradictorios para poder censural-o em tudo; por exemplo, o illustre Oliveira Martins, nutrindo contra elle uma genuina aversão pessoal, depois de reprochar-lhe fundadamente as suas habituaes hesitações, verbera tambem, com manifesta incoherencia, o seu rigor extremo naquella funesta conjuntura. Não hesita em dizer que Cicero, «*com uns assassinatos*, dissipara o medo,» por que elle mandou estrangular Lentulo, Cethego e outros complices de Catilina. *Assassinatos*? Isso é julgar pelo criterio do nosso tempo factos de uma época bem diversa. Ainda hoje, apezar do Christianismo, apezar das doutrinas liberaes, revoluções e governos, em não poucos paizes seguem desgraçadamente esse horrivel costume; citem-se, entre tantos outros casos, os Bourbons em Napoles e os Hespanhoes em Cuba...

Naquelle momento, em Roma, a clemencia não era facil, nem possivel porventura; e Cicero, embora mais humano do ordinario

que os seus coevos, se viu obrigado a uma repressão cruel, pois se tratava não de inimigos particulares, mas de inimigos publicos. De resto, a interpretação psychologica de Oliveira Martins, tão extraordinariamente lucida e profunda acerca de outros vultos historicos, me parece de todo falha em relação a Cicero...

Este prestou á boa causa serviços que não podem ser negados sem injustiça, embora muitas vezes a intenção fosse melhor que a inspiração. E' que no seu temperamento desigual a força intima se revelava por assomos rapidos, e não por essa continuidade perseverante de iniciativa e resistencia que foi a grande arma de Cesar. O estado mais constante do seu caracter era a irresolução; elle analysava, aprofundava demasiado os acontecimentos, e tal methodo, applicado a dois partidos extremos, que disputam o poder por todos os meios, levam ao convencimento de que nenhum tem inteiramente razão. Além disso Cicero era moderado, jurista, defensor da legalidade, e em periodos de irremediavel revolução social pensar assim é votar-se de antemão á derrota. Posto entre a aristocracia arrogante que confiscara as magistraturas em seu proveito, e a furiosa demagogia que ameaçava destruir tudo, elle, com sincero desejo de acertar, tentou organizar o partido dos *optimates*, o partido do meio-termo composto de gente seria e pacifica; ahi encontrou apoio para vencer a Catilina durante o seu consulado; enganou-se, porém, suppondo que as classes conservadoras, tendo-o ajudado a salvar a ordem, que representava para ellas a segurança da propriedade, o ajudariam tambem a salvar a liberdade, que não lhes tocava tão directamente nos capitaes.

Apaixonado pela gloria, vaidoso e avido de popularidade, illudiu-se — mas quem não se illudiria em taes circumstancias? — quando ao voltar do exilio, Roma, ou antes a Italia inteira o acolheu em triumpho como o mais illustre dos seus filhos. Suppoz consagrada a victoria dos seus principios, inaugurada uma êra de concordia e equidade... Declarado o antagonismo entre Cesar e Pompeu, era natural que elle ficasse indeciso algum tempo; a principio, viu ali unicamente a rivalidade de duas ambições; sendo seus amigos ambos os contendores, elle podia talvez conservar-se neutro; depois percebeu que o debate interessava essencialmente a Republica; e si esta tinha motivos sobejos para desconfiar de Cesar, não os tinha bastantes por outro lado para entregar-se a Pompeu. A

tantos seculos de distancia, e considerando a luta em conjunto, a escolha parece obvia; mas quando se estudam os pormenores, as duvidas renascem, e comprehende-se que para os contemporaneos fossem muito mais graves. Pompeu, com toda a sua magestade theatral, com as suas frases retumbantes e as suas promessas fantasticas, era uma figura secundaria, inferior ás responsabilidades do seu destino, assás similhante ao moderno general Boulanger, foi derrotado por isso, mas si vencesse, não seria talvez de estranhar que aspirasse á corôa de rei... Cicero lhe conhecia bem as debilidades, e do pobre conceito em que o tinha proveiu de certo a relativa tibieza com que o seguiu. Mas a presença dos chefes republicanos no campo de Pompeu o forçou a ir tambem para lá; e foi precisamente convencido de que se ligava a uma causa perdida sem remedio.

Depois de Pharsalia, Cicero ainda se aproximou de Cesar: os que o condemnam por isso não devem esquecer que Bruto fez o mesmo, fez mais ainda, aceitando do dictador dignidades publicas, acompanhando-o na conquista da Asia. Provavelmente um e outro *adheriram* ao novo governo por patriotismo; pois Cesar começou por uma ampla amnistia, perdoando os seus adversarios e buscando attrair a si o partido republicano. Cicero esperava ainda que, depois de consolidar o principio da autoridade, elle porventura restabeleceria em todo seu vigor as antigas instituições; illusão pueril que não abona de certo o estadista, mas justifica o homem... Bruto a partilhou, de resto. Mas como não enganaria Cesar a esses dois ingenuos, que fundavam o seu procedimento sobre *motivos moraes*? Elle só adoptava as medidas do interesse proprio; fortuna e a gloria, não as deveu menos ao seu estupendo cynismo que á sua intelligencia genial. Entretanto Cicero soube — prodigio de engenho! — viver com dignidade sob o jugo do absolutismo. O seu *Catão*, apotheose do velho democrata intransigente, foi um acto de coragem; Cesar podia bem desterrar o autor, ou encerral-o no soturno carcere Mamertino; mas quiz mostrar que mesmo no poder, se prezava de literato e homem de espirito. — Os ataques feitos pela penna — disse só pela penna devem rebater-se. E escreveu o *Anti-Catão*. Por outro lado, o orador insigne, recebido com affecto e enthusiasmo na alta sociedade romana, mantinha em toda a parte a mais nobre independencia de linguagem acerca do dictador e dos seus actos; crivava-o

por vezes de finos epigrammas, que Cesar, com tolerancia de amigo e *dilettante* era o primeiro a applaudir. Ora, nas épocas de oppressão, rir francamente a custa do governo é a maior das audacias. Quanto ao celebre discurso no Senado em homenagem a César [1], concedo que, a despeito das suas bellezas classicas, seria preferivel que nunca Cicero o pronunciasse; mas são injustos os que ahi vêm apenas lisonjas; ha tambem advertencias, ha tambem conselhos e alguns de uma altivez quasi rude. O orador diz austeramente ao chefe do Estado: « tu tens feito bastante para grangear a admiração dos homens; mas não para merecer-lhes os elogios. » E acrescenta: « A Republica não póde ficar como está. » As duas frases combinadas, e outras muitas do discurso, explicam as intenções com que elle falava. Cesar se mostrara clemente como ninguem até então, e revelava propositos cada dia mais conciliadores: sem duvida elles tendiam a consolidar a sua propria autoridade; mas Cicero os acreditava inspirados pelo desejo de levar a patria, por meio da liberdade, ao antigo esplendor. Elle proprio o declarava numa carta a Sulpicio, referindo-se a sessão em que proferira o discurso *pro Marcello*: « Aquelle dia me pareceu tão bello, que eu cuidei assistir ao renascimento da Republica. » Não era um dever prestar todo o seu apoio a essa obra honesta? A prova dos seus rectos designios é que, pouco a pouco, á medida que Cesar se foi desmascarando, Cicero por seu turno se foi afastando delle. Por fim, não lhe poupando acerbos sarcasmos, quasi o insultava. As palavras pronunciadas no dia em que o Senado fez collocar a estatua de Cesar junto á dos antigos monarchas, não contêm uma allusão, e talvez um estimulo ao regicidio? « Alegra-me bem — exclamou elle — ver Cesar tão perto de Romulo! » tambem, depois que Bruto e Cassio apunhalaram o despota, Cicero os animou com o seu prestigio, os guiou com a sua experiencia, dando-lhes a coragem e a prudencia que lhes faltavam. Sómente todos os esforços eram inuteis. A Republica estava morta, e Roma definitivamente votada a servidão. — E comtudo — objectarão — elle se poz logo ao lado de Octavio! Sim foi um erro, um erro fatal, mas a sua boa fé ainda nisso é incontestavel. Havia outro recurso contra Antonio, que elle julgava o maior inimigo da patria? Visionario incuravel, Cicero se deixou ainda uma

[1] Pro Marcello.

vez embair pela falsa doçura, pela humildade hypocrita do moço ambicioso, que lhe implorava a protecção, que lhe dava o nome de pai. Elle ingenuamente o suppunha mandado pelos Deuses para esmagar a tyrannia personificada em Antonio; demais, como Octavio era ainda quasi um menino, lisongeava-se de poder assumir para com elle a posição de tutor... Eis uma dessas illusões de velho, que desnorteam o espirito mais lucido; mas ainda no nosso seculo não houve quem confiasse a Republica Franceza a Luiz Napoleão? As cartas de Cicero a Bruto demonstram a sua perfeita sinceridade. Bruto, entretanto, lhe respondia severamente: «E' ao successor de um tyranno, e não ao destruidor da tyrannia, qne se pedem garantias para os que bem serviram a Republica!» O desenlace dessa penosa situação não tardou muito. Octavio, reconciliando-se com Antonio, se apressou a entregar-lhe a victima illustre que o vingativo soldado anciava possuir. A bella e corajosa morte de Cicero o purificou de todos os seus erros. Não foi elle que tremeu diante dos sicarios, foram estes que tiveram de recuar, fulminados pelo olhar tranquillo e frio com que o grande romano os desafiou. O proprio Tito Livio que não o estimava testemunha que elle soube «morrer como um homem». Por muitos que tenham sido os seus defeitos na vida publica, não será demasia aceitarmos o juizo imparcial de Augusto, que, com remorso, confessava mais tarde: «Cicero era um homem de bem que amava devéras o seu paiz.» De resto, o estadista não é o que mais nos interessa nelle; o que nos encanta ainda, e encantará para todo o sempre a quantos respeitam e prezam os summos labores da intelligencia, é o orador eloquente e perfeito, que unia aos rasgos vibrantes da improvização a harmonia classica da fórma, é o vulgarizador eximio, e original por vezes, da philosophia grega, é o typo mais completo de *homem de letras* que a antiguidade creou (porque Virgilio e Horacio são já nimiamente aulicos), é tambem o homem de espirito e de coração, cujo trato tinha tantas e tão finas delicias que se sente quasi um pezar pessoal de não o ter conhecido...

E' por esses motivos todos que eu lastimo não encontrar a formosa *Villa Tusculana*, onde ao menos acharia alguma coisa de Cicero...

Mas aqui vale a pena passear só por passear; os caminhos são bons, as matas deliciosas e assás seguras, salvo, de vez em quando algum bandido que se contenta com levar o relogio e umas poucas liras em troca do susto...

Em outubro finda a boa estação; aproxima-se o outomno com as suas rajadas frias, que assustam os ninhos e desnudam os troncos.

Já no fundo dos bosques onde vou ainda passar as melhores horas de dia, os cantos das aves raream, e ouvem-se em vez delles os fremitos lastimosos dos castanheiros e dos pinheiraes. Dir-se-ia que a floresta soffre e geme, como aquellas arvores de humana origem que Dante viu no Inferno, e que gottejavam sangue quando se lhes arrancava um galho. Empallidecem as cores vivas da primavera e do verão; cheios estão os caminhos de folhas amarellas e seccas, que estalam sob os pés dos passeantes. Poucos são elles agora; a gente da cidade retira-se; as *villas* ficam desertas e fechadas.

Só os pobres camponezes permanecem aqui; e os miseraveis vêm crescer a sua miseria á medida que o frio recrudesce. A neve e a fome, que tristeza cruel!...

MAGALHÃES DE AZEREDO

REVISTA SCIENTIFICA

SUMMARIO. — O cyclone de 20 de outubro. As estrellas cadentes de 13-14 de novembro. Os papagaios em meteorologia. Serviço meteorologico do Brazil.

Os verdadeiros cyclones, como os ha no Oceano Atlantico do Norte, ou nos mares indicos, são felizmente rarissimos nas costas do Brazil. E', por essa razão, digno de ser assignalado, um violento temporal, com todos os caracteristicos do cyclone, que manifestou-se não longe do Rio da Prata, no dia 20 de outubro proximo passado.

Devido á gentileza de um dos officiaes do cruzador inglez *Retribution*, que acaba de nos enviar uma nota redigida por um dos officiaes embarcados no *Basilisk*, um dos navios da divisão naval ingleza, que foi apanhado pela tormenta, podemos fornecer alguns dados interessantes sobre este phenomeno, o qual não póde ser confundido nem com o tão conhecido pampeiro nem tão pouco com um Sueste, vulgarmente denominado *carpinteiro*.

A tempestade começou ao meio-dia de 19 de outubro, baixando rapidamente o barometro e augmentando gradualmente o vento que, soprando, a principio, do quadrante N. E., passou successivamente pelo N., N. W., W., até o S. W. isto é, mudando a direcção do vento, em sentido contrario ao do movimento dos ponteiros de um relogio.

A's 11 h. 40 m. d. m. de 20, a força do vento chegou a seu maximo, tendo desde a vespera, no espaço de 24 hs., baixado o barometro de cerca de uma pollegada, ou 25,4 millimetros. Segundo o Sr. W. C. Strickland, a quem se devem estes dados, o navio achava-se então perto do centro do movimento cyclonico. No observatorio de Colon, em Montevidéo, ás 9 h. 30 m. d. m. o barometro desceu até 731, m/m 28 e a velocidade maxima do vento attingiu a 126 kilometros por hora, ou cerca de 35 metros por segundo, *na media*, o que é, na verdade, extraordinario.

Para dar idéa da intensidade do vento, basta dizer que o navio, navegando com pressão sufficiente para vencer 10 milhas por hora, fez apenas 13 milhas em 4 horas.

O sentido da mudança do vento, que acima mencionámos, isto é, contrario ao do movimento dos ponteiros de um relogio, que se registrou a bordo do *Basilisk*, indica que elle achava-se do lado perigoso do phenomeno. Para aquelles que não estiverem familiarizados com os movimentos cyclonicos, lembraremos aqui, que estes phenomenos são caracterizados por dois movimentos, um de rotação e outro de translação.

No hemispherio austral o movimento de rotação effectua-se no sentido dos ponteiros de um relogio. Todavia, os dois movimentos combinados, o de rotação e o de translação, modificam o sentido segundo o qual muda a cada instante a direcção do vento para um determinado ponto, quer em terra firme, quer a bordo de um navio.

O sentido, porém, desta mudança, é que indica ao marinheiro, de modo seguro, a sua posição em relação á trajectoria percorrida pelo centro da perturbação cyclonica, o que, para elle, tem uma importancia capital.

De facto, conforme este sentido, o marinheiro pratico saberá, a cada instante, não só a direcção em que se acha o centro do cyclone, de que deve procurar afastar-se, como tambem, a sua situação em relação á trajectoria, si á direita desta, que é o lado manejavel, si á esquerda, que é o lado perigoso.

Porque motivo, perguntará o leitor, é um lado menos perigoso do que o outro? A resposta é facil. De um lado, a força total do vento é representada pela *differença* das velocidades de translação e de rotação, e do outro lado ella é a *somma*.

As leis que regem os movimentos cyclonicos são hoje felizmente conhecidas com extrema segurança. Uma dellas e a principal, conhecida pelo nome de quem primeiro a formulou: o meteorologista hollandez Buys Ballot, é notavel pela sua simplicidade, e serve para se conhecer a direcção em que se acha o centro do cyclone.

Eis esta lei: collocar-se de maneira a olhar para o lado donde sopra o vento; então, o braço *esquerdo* estendido perpendicularmente sobre a direcção do vento aponta para o centro. Isto, no hemispherio austral; no hemispherio boreal, deve-se estender o braço *direito*.

Os effeitos, felizmente, já sensivelmente attenuados desse cyclone deixaram-se sentir ao longo da nossa costa. Assim, lembramo-nos de ter notado a violencia da resaca nos dias 20, 21 e subsequente 22 de outubro na entrada da barra do Rio de Janeiro, arrebentando as ondas por cima das muralhas das fortalezas de Santa Cruz e da Lage.

O diagramma do barographo registrador accusou tambem uma baixa da pressão atmospherica de cerca de 15 millimetros em dois dias e nota-se que ás 6 1/2 da tarde do dia 20, houve uma baixa instantanea de cerca de 2 millimetros.

∴

A chuva de estrellas cadentes annunciada para 13-14 de Novembro foi para muitos uma verdadeira decepção, que foi levada em conta a algum erro de calculo por parte dos astronomos. Podemos asseverar que tal erro de calculo não se deu.

O que houve foi por parte do publico imperfeita comprehensão das condições em que devia dar-se o phenomeno. A decepção, porém, tinha sua razão de ser, á vista dos artigos de C. Flammarion, que, com o seu costumado estylo de poeta, descreveu a annunciada chuva de estrellas sob umas cores tão seductoras, que, na verdade, a não se realizar era o caso de attribuir o mallogro a algum engano.

Como, porém, já tivemos occasião de dizel-o alhures, é necessario compenetrar-se das circumstancias que caracterizam este phenomeno.

Segundo um estudo muito completo, do astronomo Denning, publicado na Revista Ingleza « *The Observatory* » vê-se que o maximo do phenomeno dura apenas 4 a 5 horas, sendo antes e depois de pouca importancia. Para presenciar, pois, o phenomeno, em toda a sua intensidade, é indispensavel que o pequeno periodo de tempo durante o qual elle se manifesta, se produza durante a noite. Ora, segundo o Sr. Denning este maximo, em 1897, tinha lugar entre 10 h. e 2 h. do dia 14, em tempo de Greenwich, ou 7 h a 11 h da manhan em tempo do Rio, isto é, em pleno dia.

Quanto mais, porém, estivesse o observador para Oéste, tanto mais cedo (em tempo local) devia ter lugar o maximo. Por exemplo, na costa occidental da America do Norte, na California, ali devia ter se produzido entre 2 e 6 h. da manhan, ou em plena noite. Aguardemos, pois, as noticias que d'ahi não devem tardar em nos chegar, para adquirirmos a certeza de que a chuva de estrellas deu-se, e que não houve, como se disse erro ou engano por parte dos astronomos.

Em 1898, sempre segundo o Sr. Denning, o maximo terá lugar do meio-dia até 5 h. da tarde do dia 14, em tempo do Rio, portanto invisivel. Em 1899, porém, elle terá lugar entre 7 1/2 e meia-noite (t. m. do Rio). Infelizmente, a lua estará então quasi cheia, o que constitue outra circumstancia pouco favoravel.

Em summa, a chuva de estrellas de 13-14 de Novembro, que se produz em épocas periodicas, com intervallos de cerca de 33 1/2 annos, tem sido verificada varias vezes: por Humboldt e Bompland, em Cumana,

na noite de 11-12 de novembro de 1799; por Olmsted, em New-Haven (E. U. da America), a 12-13 de novembro de 1833; finalmente, em toda a Europa occidental, de 13-14 de novembro de 1866. Nesta noite, no observatorio de Greenwich, contaram-se

de 9 h á meia-noite	—	193	estrellas cadentes.
de meia-noite á 1 h	—	2032	» »
de 1 h ás 2 h.....	—	4860	» »
de 2 h ás 5 h.....	—	1400	» »

Já vê o leitor que a predicção tinha seu fundamento. Verdade é que, sendo o *maximo maximorum* de 33 em 33 annos, e tendo sido o ultimo em 1866, o de agora terá lugar em 1899, embora o enxame de estrellas ache-se espalhado sobre uma certa estensão de sua orbita, de modo que dois ou tres annos antes e outro tanto depois de 1899, deve ser notado o phenomeno, com mais ou menos intensidade. E' o que levou o Sr. Denning a examinar as condições com que elle devia se produzir no periodo que se estende desde 1896 até 1905.

∴

E' incontestavel que o emprego dos *papagaios*, com a fórma adoptada ultimamente nos E. U. da America do Norte, e dos balões-sondas, tem aberto um vastissimo campo de investigações scientificas, no que diz respeito ás condições meteorologicas das altas camadas da atmosphera, outr'ora pouco ou nada exploradas, a não ser accidentalmente, uma ou outra vez, nas ascenções aerostaticas.

A maior altitude attingida até hoje por esses papagaios, deu-se no dia 19 de setembro p.p. no observatorio de Blue-Hill, cujo director o Sr. L. Rotch, é o promotor desses interessantes estudos.

Soltou-se o papagaio ao meio dia e durante cerca de 5 horas conservou-se a 1500 metros acima do observatorio. Pouco depois de 4 horas subiu até 2860 metros, altura determinada trigonometricamente e verificada pelas indicações do barometro registrador que levava o papagaio. Foram necessarias mais de 2 horas para chamar á terra o apparelho e enrolar os 6500 m. de cabo que o segurava.

No ponto culminante da ascenção a temperatura do ar era de 3° á embaixo ella era de 17°,2, seja uma diminuição de 14° para 2860 m, ou cerca de 1 grau por 200 metros.

A humidade variou com a altitude, mas irregularmente. Assim sendo de 60 °/o embaixo, foi augmentando até 1200 m. de altitude, onde se manteve geralmente o cumulos, para depois diminuir e crescer de novo até quasi

a saturação (100 %) na altitude de 2000 metros, onde permanecem os altocumulos. A 2860 metros, ponto culminante da ascenção, o grau hydrometico desceu a 20 %.

***

O observatorio do Rio de Janeiro, de accôrdo com a repartição geral dos telegraphos, e com autorização do governo, pretende iniciar de 1 de janeiro de 1898 em diante um serviço meteorologico, fazendo-se nas diversas estações as observações no mesmo instante physico, ou na mesma hora de um meridiano qualquer, para o qual se adopta o meio-dia de Greenwich; ou 9 h. 7 m. da manhan do Rio.

A hora local, em cada lugar será pois igual a 9 h.7 m. *mais ou menos* a differença de longitude em tempo com o Rio, conforme o lugar estiver a Leste ou a Oeste desta capital. Onde houver linha telegraphica, as observações serão transmittidas diariamente por telegramma dirigido ao observatorio. Com este fim, mandamos imprimir um codigo para transmissão dos telegrammas meteorologicos, de facilimo emprego, bem como tabellas apropriadas para o registro das observações. As directorias de companhias, engenhos centraes, emprezas, etc., ou mesmo simples amadores que quizerem coadjuvar-nos na realização deste serviço de incontestavel utilidade publica, poderão se dirigir ao observatorio do Rio de Janeiro, afim de obter todas as necessarias informações a respeito, bem como sobre o material scientifico necessario, sua installação, etc.

Serão fornecidos exemplares do codigo, das tabellas e do *Annuario*, contendo todos os dados necessarios para o calculo e a reducção das observações.

***

Sabe o leitor quanto gastam os E. U. da America do Norte com o serviço meteorologico? Pois, a verba votada para o corrente exercicio é de 883772 dollars ou mais de 6000 contos de réis ao cambio de hoje! Acharão talvez que é gastar muito dinheiro para um serviço cuja utilidade pratica não salta aos olhos de todos. Entretanto, em um paiz como os E. U. da America, com um desenvolvimento extraordinario, quer na industria como na lavoura, os prejuizos que se poupam annualmente, graças ao systema das previsões do tempo feitas com 1 a 3 dias de antecedencia são incalculaveis e largamente compensados por aquella verba que o congresso vota annualmente.

L. Cruls

BIBLIOGRAPHIA

119. — **Registro Civil de 1894 — Directoria Geral de Estatistica.** — Rio de Janeiro, 1897, in-fol. 439 pag. (*).

Sob o titulo — *Registro Civil de 1894* — abrangendo o estudo estatistico dos nascimentos, casamentos e obitos no Brazil durante aquelle anno, a Directoria Geral de Estatistica acaba de publicar um importante volume. Nitidamente impressa, esta obra contem mais de 400 paginas, repletas todas de quadros estatisticos, em geral bem combinados e conscienciosamente organizados. Alem de methodicas, as estatisticas parecem revelar a necessaria probidade, imprescindivel em trabalhos similhantes e da qual depende todo o valor de taes publicações. Assim, felizmente foi bem diversa a impressão que nos causou este ultimo trabalho da repartição de Estatistica, da que tivemos com a primeira publicação da mesma fonte, relativa ao recenseamento feito em 1890. Esse recenseamento, tardiamente dado á publicidade, não correspondera absolutamente á expectativa geral, havendo poucos que acreditem na veracidade das suas informações. Todavia, seja-nos permittido dizer, para uma repartição official exclusivamente encarregada da estatistica geral da Republica, o actual trabalho não exprime com certeza notavel adiantamento neste ramo dos serviços publicos. E' verdade que, entre nós, não é possivel por ora exigir muito no tocante á estatistica. Aos que se acham incumbidos desta tarefa faltam quasi completamente os recursos precisos e não pequenos são os embaraços com que lutam para conseguir fazer alguma coisa. Não é só a indifferença do povo no cumprimento dos deveres civicos que difficulta o aperfeiçoamento da estatistica no Brazil, é tambem a incuria e o deleixo dos funccionarios incumbidos de fornecer os elementos precisos e indispensaveis. E' principalmente a falta de fiscalização por parte dos poderes constituidos que mais concorre para que os maus servidores da nação perturbem o progresso do paiz. E', emfim, o proprio governo que não se preoccupa seriamente com certa ordem de serviços publicos.

Para provar o que acabamos de referir, basta transcrever o que diz o illustre e digno director da repartição de Estatistica no prefacio do livro de que nos occupamos: « As lacunas indicadas pelos asteristicos, na lista de municipios e districtos, chamarão, estou certo, a attenção dos governadores e presidentes de estados e mais autoridades competentes, que por ali reconhecerão a inutilidade da maior parte dos cartorios de registro.

(*) Por equivoco saiu com o n. 97 em vez de 118 a bibliographia do livro do Sr. Valentim Magalhães pelo Sr. Silvio Romero publicada no Seculo, 70

«A insufficiencia da verba determinou a retirada do prelo da segunda parte do registro civil de 1894, constituida pelo estudo detalhado dos nascimentos, casamentos e obitos por municipios e districtos.

«Estes originaes, como os do anno 1895, que já se acham concluidos, ficarão, com os dos annos subsequentes, a disposição dos estudiosos, nesta repartição, pela impossibilidade de serem dados á publicidade.

«Aproveito a opportunidade para fazer um appello a todos a quem incumbe o fornecimento de dados estatisticos, para que os futuros trabalhos possam sair mais completos; e aos Poderes Publicos da Republica, para que dotem a Directoria Geral de Estatistica com uma legislação que tire da situação precaria em que se acha o serviço do Registro Civil.»

Para demonstrar com algarismos o modo deficiente porque se executa o registro civil, em referencia ao obituario, nas 13 pretorias urbanas da Capital Federal, nada mais eloquente podemos offerecer do que a comparação dos resultados obtidos pela Directoria de Estatistica, lançando mão dos elementos colhidos no registro civil, com os alcançados pela estatistica demographica da repartição sanitaria, servindo-se dos dados completos fornecidos pela Santa Casa de Misericordia, que tem como é sabido o monopolio dos enterros nesta cidade.

Em 1894, segundo a Directoria Geral de Estatistica, foi de 18251 a cifra total dos obitos em todo o Districto Federal, exclusão feita dos nascidos mortos. Segundo a estatistica sanitaria, no anno de 1894, só nas 13 pretorias urbanas, o numero dos obitos attingiu, excluindo os nascidos mortos, á 18167. Differença para menos de 84 obitos apenas. Entretanto nas 7 pretorias suburbanas accusa o trabalho da Directoria de Estatistica excluidos ainda os nascidos mortos, nada menos de 2015 obitos. Estes, juntos aos 18167 indicados pela estatistica organizada pela repartição sanitaria, elevariam no Districto Federal o obituario ao algarismo de 20182, cifra muito superior a 18251 obitos, alcançada pela Directoria de Estatistica nas 21 pretorias da Capital Federal.

No que diz respeito aos nascimentos, cujas estatisticas em ambas as citadas repartições baseam-se nos esclarecimentos ministrados pelo registro civil, é digno de reparo que sensiveis divergencias resultem da comparação dos seus resultados. Segundo a Directoria de Estatistica, as 13 pretorias urbanas accusam o total de 12516 nascimentos, excluidos os nascidos mortos; segundo a estatistica demographo-sanitaria, os nascimentos, excluidos os nascidos mortos, attingem, em 1894, a somma de 12431. Em relação aos nascidos mortos a differença é mais notavel ainda: 658 nascidos mortos segundo a repartição de estatistica e 1054 segundo a repartição sanitaria. Esta differença explica-se, porém, pelas informações incompletas fornecidas á Directoria de Estatistica pelo registro civil; em quanto que sobre este particular a Santa Casa de Misericordia ministrara ao Instituto Sanitario informações completas. Fica tambem por esse facto demonstrado o modo pouco escrupuloso com que os officiaes do registro civil fornecem esclarecimentos discordantes ás diversas repartições.

No tocante aos casamentos, emfim, sendo mais exacto o registro civil e menos trabalhoso o encargo de fornecer as informações, nota-se mais seriedade na confecção e remessa dos dados estatisticos. A Directoria de Estatistica accusa nas 13 pretorias urbanas 2475 casamentos e o relatorio do Instituto Sanitario de 1894 apresenta a cifra de 2472, isto é a pequena differença de 3 casamentos.

Si não fôra a difficuldade, para não dizer impossibilidade, de executar regularmente os trabalhos de estatistica em nosso paiz, seria justo exigir da repartição encarregada desse serviço a publicação de obras mais importantes e completas. Assim, não seria demais que todos os annos

essa repartição publicasse um annuario geral de estatistica, abrangendo diversas especies, como os que se publicam em outros partes do mundo, devendo sinão exceder ao menos igualar aos dos nossos adiantados vizinhos das republicas Argentina e do Uruguay. Alem disso, não era tambem demasiado que de 5 em 5 annos fizesse o recenseamento da população, base essencial de ordinario para os trabalhos estatisticos de qualquer natureza e principal fim da sua creação como estabelecimento auxiliar dos serviços publicos nacionaes.

Entretanto, creada a Directoria Geral de Estatistica em 1890, depois da publicação do censo feito por ella nesse anno e dado á publicidade, em 1895, deficiente e fantastico como se tem affirmado, já é alguma coisa o apparecimento de um trabalho consciencioso como o que acaba de ser publicado.

Sem querer entrar na analyse minuciosa do livro do qual damos simples noticia, lembrariamos comtudo a conveniencia da modificação de seu formato, que não é dos demais commodos nem dos geralmente preferidos.

Outrosim julgamos de vantagem, á similhança dos annuarios argentinos, a reducção dos quadros estatisticos, simplificando o mais possivel as combinações, de modo a facilitar a consulta e evitar a confusão e obscuridade nos resultados indicados pela tabella estatistica. Assim, por exemplo, no livro que nos occupa a attenção, os nascidos mortos figuram numa das columnas da estatistica dos nascimentos, considerados sob varios aspectos, sem que entretanto exista uma nota explicativa que indique si esta columna é uma descriminação do total geral dos nascimentos, indicado na ultima columna, como se dá com as demais subdivisões, ou si deve ser considerada completamente independente, referindo-se todas as outras sómente aos esclarecimentos sobre recemnascidos vivos. Foi isso que concluimos do quadro, sem comtudo poder negar a possibilidade da hypothese contraria. D'ahi resulta a utilidade de simplificar as combinações, de maneira a evitar toda e qualquer confusão.

A proposito da redacção de um quadro estatistico, ensina Jacques Bertillon: [1] «Todo o quadro numerico deve ter um *titulo* bem claro afim de fazer conhecer quaes são as unidades que nelle são apuradas. Este titulo deve, tanto quanto possivel, começar por estas palavras: «Numeros de... ».

«Um quadro estatistico *à simple entrée* se compõe de um certo numero de rubricas, das quaes cada uma define um só numero. O quadro *à double entrée* é um pouco mais complicado. Compõe-se de certo numero de filas de algarismos, cada uma definida por uma rubrica inscripta á esquerda da linha, na *margem*. Estas fileiras de algarismos são divididas em columnas, cada uma definida por sua rubrica inscripta no alto da columna; esta ultima rubrica tem o nome de *entête*.»

Resumindo o mesmo assumpto á pag. 86, accrescenta: «Citamos varios exemplos de quadros estatisticos. Vimos que as rubricas as mais claras á primeira vista têm muitas vezes necessidade de uma explicação, que faça bem interpretar quaes sejam as categorias de factos nellas comprehendidos.»

Seria tambem conveniente, nas obras da especie que nos occupa, que se poupasse aos leitores a interpretação das diversas estatisticas, precedendo-a de um estudo analytico sobre os seus diversos algarismos. E' isto o que tambem aconselha J. Bertillon, na sua obra já citada, á pag. 79, a proposito dos documentos estatisticos *annuaes, quinquennaes* e

---

[1] Cours de Statistique Administrative, pag. 50.

decenaes: « São estes geralmente os documentos estatisticos os mais importantes e os mais instructivos. Elles se devem compôr das partes seguintes: « *A — Uma introducção* em que o estatistico deve consagrar o mais serio cuidado e na qual elle compara os algarismos entre si, de modo a fazer sobresair o seu interesse.... ».

A resumida apreciação dos quadros geraes feita pelo intelligente e habil auxiliar da Directoria de Estatistica, o Sr. Hilario Peixoto, comquanto demonstre as suas notaveis habilitações technicas, não é sufficiente para a completa elucidação do assumpto. Sem duvida alguma não só pela sua competencia e reconhecida illustração, como ainda pela posição que occupa de director da Repartição de Estatistica, deveria caber essa tarefa ao Dr. Mendes da Rocha, que certamente a desempenharia com vantagem, revelando as suas habilitações e conhecimentos technicos sobre a especialidade que dirige.

Sem louvar muito nem desmerecer demais, julgamos ter feito uma summaria noticia do recente livro publicado pela Directoria Geral de Estatistica. Desejando seriamente o progresso da estatistica no Brazil, não quizemos deixar de patentear a agradavel impressão que nos causou o actual trabalho sobre o registro civil de 1894. Conscienciosamente organizado, revela da parte dos seus dignos autores louvavel preoccupação em contribuir para o seu aperfeiçoamento. Que continuem a desenvolver este ramo dos serviços publicos entre nós, aperfeiçoando-o cada vez mais, é o que ardentemente desejamos, promettendo da nossa parte não poupar applausos nem animações. — B. C.

120.— **Primicias**, de Carvalho Aranha; Typ. de Hennies Irmãos, S. Paulo, 1897

E' este um desses volumesitos de versos que tão copiosamente saem dos prelos nacionaes, trazendo-nos os primeiros arroubos de intelligencias que, por um impulso proprio da nossa indole, encetam poetando a carreira das letras e não raro ficam nesse primeiro movimento. Felizmente, algo de harmonioso e inspirado nos deparam os versos do Sr. C. A. Sente-se bem a cada instante a inexperiencia do autor no manejo da estrophe, e a ingenuidade de expressão trai frequentemente os assomos de um estro ainda não sufficientemente emplumado para alar-se num voejar seguro.

Mas é com sympathia que se folheia este livrinho espontaneo e sincero a despeito de alguns arremedos do jogo complicado da fórma parnasiana. Por vezes o Sr. C. A. imprime com felicidade emoções que se transmittem ao leitor em sua simples e despretenciosa eloquencia. Na *Symphonia* e *No mez das Flores*, por exemplo, a emotividade do poeta irrompe lucidamente da estrophe de um delicioso acabamento. Resumindo as nossas impressões, diremos que ha no A. uma bella promessa para cujo cumprimento não lhe falta talento mas simplesmente experiencia e estudo. — A. S.

Pelo Futuro por Alcides Maya, Porto Alegre, 1897, XXI—113 pags.

E' a primeira obra de moço amoroso das letras e enthusiasta, e, para critico, talvez enthusiasta demais. Porque *Pelo Futuro* é um livro de critica literaria e social, cuja qualidade dominante nos parece ser um ardor sincero, um ruidoso enthusiasmo literario, que por força prejudica a serenidade dos juizes e apreciações, e o seu valor portanto.

A Ilha de Sebastião pelo Dr. H. von Ihering, S. Paulo, 1897, 171 pags. e 1 mappa.

Excellente contribuição, publicada no 2º vol. da *Revista do Museu Paulista*, para a geographia e zoologia daquella ilha do littoral de São Paulo.

O Ensino Agricola em Minas pelo Dr. Henrique Gorceix, Ouro Preto, 1897, 156 pags.

Relatorio apresentado ao governo do Estado pelo A. como inspector geral desse ensino ali.

* Juristas Philosophos por Clovis Bevilaqua, Bahia, José Luiz da Fonseca Magalhães, editor, 1897, XII — 143 pags.

* Myrtos por Themistocles Machado, 1892-1895, Ceará, 1897 XIV, 113 pags.

Phantasia por Candido de Oliveira Fortes, Porto Alegre, 1897, 112 pags.

* Tentação por Adolpho Caminha, Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Laemmert & C., 1896, 271 pags.

O Ensino publico primario, em França, Hespanha e Portugal, pela professora Leopoldina Tavares Portocarrero, Rio de Janeiro, 1896, in-8º, 284 pags.

Relatorio apresentado á directoria da instrucção publica municipal.

L'État de Espirito-Santo por Alvaro Castello — Son budget — Sa dette extérieure — Son chemin de fer du Sud — Situation tendue—Remèdes, Paris, 1897, 30 pags. e 1 carta.

Album de Caliban, Laemmert & C., Rio de Janeiro, S. Paulo e Recife, 1897 ns. 1, 2 e 3.

* Pelo Amor! poema dramatico em 2 actos por Coelho Netto, Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1897, in-8º 62 pags.

Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado por Clovis Bevilaqua, José Luiz da Fonseca Magalhães, editor, Bahia, 1897, in-8º, III, 295 pags.

Da primeira edição deste livro do operoso professor do Recife, occupou-se longamente nesta *Revista* o nosso collaborador Sr. Sousa Bandeira. A esse estudo se refere o A. no seu *Prefacio*, com palavras que revêem a distincção do seu espirito. Esta nova edição, devida ao infatigavel e já benemerito editor Sr. Fonseca Magalhães, da Bahia, á nitidão typographica, reune melhorias de ordem intrinseca que a tornam muito recommendavel.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

Royat é uma estação balnearia franceza, onde esteve ultimamente o nosso presado amigo e collaborador, Sr. Magalhães de Azeredo. A Italia, sobre que elle tem escripto aqui na *Revista*, em toda a parte lhe surge, pois ha ainda ruinas romanas em Royat, thermas contemporaneas de Augusto. Ontras bellezas antigas e novas, religiosas e leigas, d'ali e dos arredores ajudam as saudades do nosso amigo no cultivo das letras brazileiras, prosa e verso; o seu livro das *Procellarias* está prompto. Recentemente, houve ali uma festa em beneficio das irmans de caridade que dirigem um asylo de incuraveis. Este triste nome de incuraveis é feito para inspirar todas as piedades. Magalhães de Azeredo compoz uns bellos versos que me enviou confidencialmente, come faz com outros escriptos seus. Quero entretanto, ser indiscreto imprimindo-os aqui por excepção neste recanto da *Revista*, onde os versos só entram pela mão da noticia bibliographica. Os versos foram recitados por pessoa cara ao nosso amigo. MACHADO DE ASSIS.

SAINT FRANÇOIS D'ASSISE

A MA TRES-CHÉRE AMIE MME. A. DE HEIVENDAHL

Ces vers, noble Amie au cœur séduisant,
Je peux vous les offrir sans crainte.
Je pensais dans mon âme, en les faisant:
Un Saint sera compris par une Sainte.

I

Un matin, Saint François, comme il faisait souvent,
Sortant au point du jour de son pauvre couvent,
Se promenait pensif à travers la campagne.
La Méditation, chaste et noble compagne,
D'un essor magnifique emportant son esprit,
Vers les hauteurs du ciel ou la Vérité luit,

Lui faisait voir aussi les choses de la terre.
Car ce contemplatif pieux, ce moine austère
Comprenait la nature et ses charmes touchants,
Goûtait la poésie et sa grâce et ses chants,
Nourrissant en son cœur, plein encore de jeunesse,
Une bonté suave, une intime tendresse
Pour tout ce qui respire et vit—triste ou joyeux,
Parlant à notre oreille ou brillant à nos yeux...
Palpitante toujours d'émotion profonde,
Son âme reflétait l'âme immense du monde.
— Arbres, bêtes et gens — l'aigle et le papillon,
La couleuvre fuyante et l'agile grillon
Le lion et l'agneau, la nocturne chouette
Qui dans l'obscurité se traîne, et l'alouette
Qu'inspire le soleil : les lys et les roseaux
Se pliant sous le vent terrible au bord des eaux ;
La lune d'argent pur, le nuage qui passe
Rapide, sans laisser une ombre dans l'espace ;
Tous, bons ou malfaisants, révoltés ou soumis,
Tous étaient ses amis, et même plus qu'amis...
— Frères ! sœurs ! — disait-il. Car ces êtres sans nombre,
Comme l'homme sont nés du même néant sombre,
Et, ne méprisant rien, Dieu, le Père éternel,
Les confond tous dans un amour universel !

Ce jour là, par les monts blancs de neige, l'Ascète
Marchait paisiblement d'une allure distraite,
Tout en faisant des vers d'un lyrisme sans fiel ;
Il levait par moments son regard vers le ciel,
Pour y chercher ses sœurs, les lointaines étoiles ;
Le brouillard les avait couvertes de ses voiles.
Victimes du verglas, ses sœurs, les fraîches fleurs,
Ne s'ouvraient déjà plus sous la rosée en pleurs.
Depuis longtemps ses sœurs, les noires hirondelles,
Qui pendant tout l'été lui restèrent fidèles,
Craignant le souffle rude et cinglant de l'hiver,
Vers un plus doux climat, vers un pays plus vert,
En groupes tapageurs étaient déjà parties.
Ni même plus, venant des désertes prairies,
Ses bons frères les loups, aux détours du chemin,
Ne s'approchaient de lui pour lui lécher la main.

II

Mais que voit-il soudain, là-bas, près d'un vieux tremble
Dépouillé ? C'est quelqu'un qui gémit et qui tremble...
Un mendiant malade et maigre à faire peur,
Hagard, comme frappé d'une morne stupeur.
Saint François court déjà. La charité l'invite
A son œuvre d'amour ; il faut aller bien vite !

— Mon frère, qu'as-tu donc ? demande-t-il — J'ai faim !
J'ai soif ! — Bois de ce vin et mange de ce pain !
(Il en portait dans ses lointaines promenades
Pour tous les besoigneux de ces tristes peuplades.)
— Es-tu content ? Mais non ! tu dois encor souffrir...
L'air est si glacial ! tu n'as pour te couvrir
Que ces haillons affreux, rongés de pourriture
L'hiver, l'hiver pour toi — quelle horrible torture !
Il se tait un instant, comme en revant... Après,
Il lui dit à mi-vois : Ecoute ! Je voudrais,
Pratiquant les leçons du Christ et des Apôtres,
Te donner mon manteau ; j'en ai donné bien d'autres !
Mais quand je fais cela, l'on me gronde au couvent,
On me gronde bien fort, tel qu'un petit enfant,
Qui jeterait pour rien son or par la fenêtre.
Notre père gardien, dont je dois reconnaître
L'autorité, me l'a vivement défendu...
Il n'est donc qu'un moyen... Voyons ! c'est entendu...
Si tu prends mon manteau, je te laisserai faire.
Je ne manquerai point à la règle sévère
Et tu seras sauvé ! — Vite, le mendiant,
Suivant le bon conseil à la lettre, et riant,
Lui vola ses habit ; et puis, mangeant sa croûte
S'enfuit, l'abandonnant demi-nu sur la route.

Joignant ses chastes mains, que Dieu sanctifia
Des stygmates sanglants, le moine s'écria :
Jesus ! j'ai trouvé mieux que mes sœurs les étoiles,
Que le brouillard avait couvertes de ses voiles :
Et mieux encore que mes sœurs les fraîches fleurs,
Qui s'ouvraient au printemps sous la rosée en pleurs ;

Et mieux encore que mes sœurs les hirondelles,
Qui pendant tous l'été me restèrent fidèles...
J'ai trouvé ce chrétien — brebis de ton troupeau —
Pour lui donner mon pain, mon vin et mon manteau.
Tressaillant de bonheur en son âme ravie,
Il s'en va... Quels sont ils, les sentiers de sa vie ?
Qui sait ? J'ignore tout de lui, jusqu'à son nom...
C'est un frère inconnu... Pouvais-je dire non ?

Et comme il retournait à sa pauvre demeure,
Le bon père gardien qui depuis près d'une heure,
L'attendait à la porte et grelottait de froid,
Lui dit : Homme de Dieu, viens, viens sous notre toit,
Abriter la splendeur de ta vertu sublime !
Ta noble charité nous guide et nous ranime,
Un ange du seigneur m'en a tout révélé...
Mais tu dois avoir froid ; tu dois être gelé !

Alors il répondit humblement : O mon frère !
Tu trouves qu'il fait froid ? Moi, j'ai chaud, au contraire ;
Car, fort comme la foudre et doux comme le vin,
Dans mon sang, dans mes os, flambe l'amour divin !

INDICE DO TOMO XII

Outubro a Dezembro de 1897

Pags.

Assombramento, por Affonso Arinos . . . . . 5 e 86
A Sociedade como organismo, pelo Dr. Paula Lopes . . . . . 13 e 275
A Escola dos Maridos, traducção de Arthur Azevedo . . . 23 e 145
Historia do Direito Nacional, por Sylvio Romêro 43
O Sr. Eça de Queiroz, por G. Moniz Barreto. . . 65, 211, 295 e 327
A Primeira Missão Brazileira á China, pelo Vice Almirante Arthur Jaceguay . . . . . 74, 169 e 193
Aspectos da Italia, por Magalhães de Azeredo. . 100, 181, 285 e 355
Esthetica de Poë, por Araripe Junior. 107
A Loucura Epidemica de Canudos, pelo Dr. Nina Rodrigues . . . 129
A Lepra no Brazil, pelo Dr. Carlos Seidl 219
Ossa Mea, poesia, por Alphonsus de Guimaraens. 227
Artistas Doutro Tempo, Domingos Santinelli, por Escragnolle Doria 231
As Cegonhas no Brazil, por Emilio A. Goldi 238
Em Viagem, por Virgilio Varzea. . . . . 257 e 333
Primeiras Impressões dos Estados Unidos — Newport, Boston, por Oliveira Lima . . . . . 268 e 347
Estudos Demographicos — Nupcialidade no Districto Federal, pelo Dr. Bulhões Carvalho 313
Versos — Amigos, Livros, Alma Varia e a Confiança, por Affonso Celso . . . . . 314 e 353
Moloch, por Domicio da Gama 321

PAGS.

REVISTA DAS REVISTAS — DECADENCIA DA POESIA, por Mario de Alencar, 52 — INFLUXO DO ESPIRITO ALLEMÃO SOBRE A LITERATURA FRANCEZA, 188 — A FORÇA E A FRAGUEZA DA TURQUIA, por João Ribeiro. 316

REVISTA SCIENTIFICA, por L. Cruls . . . . . 124, 245 e 369

BIBLIOGRAPHIA : Silva Ramos, *A Choupana das Rosas*, por Garcia Redondo, 60 ; — Orville Derby, *Der streitige Golddistrikt von Brazilianisch Guyana*, pelo Dr. Friedrich Katzer, 62 ; — Sylvio Roméro, *A Literatura Brazileira*, por Valentim Magalhães, 251 ; — Dr. Bulhões Carvalho, *Registro Civil de 1894*, 374 ; — Antonio Salles, *Primicias*, de Carvalho Aranha 377

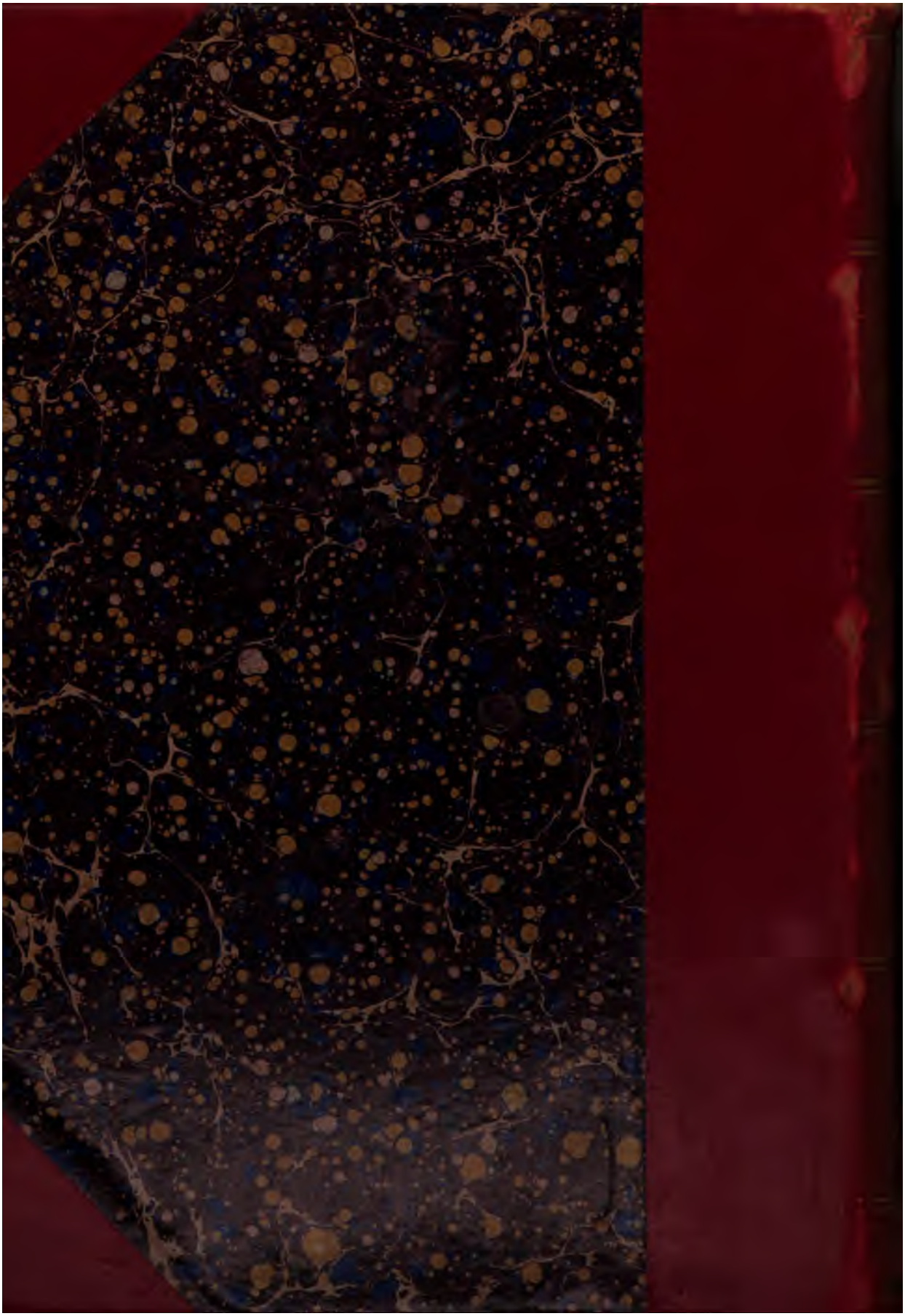
NOTAS E OBSERVAÇÕES, *Ainda um juizo sobre o Visconde do Rio Grande*, pelo Dr. Graciano de Azambuja, 64 ; *Saint François d'Assise*, por Magalhães d'Azeredo 379

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES 320

LIVROS E FOLHETOS . . . . . 62 e 377

STANFORD UNIVERSITY LIBRARY

To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below.

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 691

325043